

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS HUMANAS: SOCIOLOGIA E POLÍTICA**

***“A ENTREVISTA DE SURVEY COMO INTERAÇÃO SOCIAL:
atitudes e posição na estrutura social dos respondentes como fatores
explicativos da susceptibilidade aos efeitos nas respostas”
(VOLUME I)***

Maria Aparecida Machado Pereira

**Belo Horizonte
2010**

Maria Aparecida Machado Pereira

***“A ENTREVISTA DE SURVEY COMO INTERAÇÃO SOCIAL:
atitudes e posição na estrutura social dos respondentes como fatores
explicativos da susceptibilidade aos efeitos nas respostas”***

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências Humanas.

Área de Concentração: Sociologia

Orientadora: Profa. Dra. Solange de Deus Simões

Belo Horizonte

2010



Universidade Federal de Minas Gerais
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS HUMANAS: SOCIOLOGIA E POLÍTICA
Av. Antônio Carlos, 6627 – Caixa Postal 253 - Cidade Universitária - Pampulha
31270-901 - Belo Horizonte – MG / e-mail: doutsop@fafich.ufmg.br
hp: www.fafich.ufmg.br/doutsop - FONE/FAX: (31) 3409-5029

ATA DA DEFESA DE Tese DE DOUTORADO DO CURSO DE CIÊNCIAS HUMANAS: SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE MARIA APARECIDA MACHADO PEREIRA (Matrícula Nº. 2002201654)

Aos 19 (dezenove) dias do mês de fevereiro do ano de 2010 (dois mil e dez), às 14:00 (quatorze) horas, no Auditório Prof. Baesse F-4059, 4º (quarto) andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, reuniu-se a Comissão Examinadora da tese intitulada: "**A ENTREVISTA E SURVEY COMO INTERAÇÃO SOCIAL: atitudes e posição na estrutura social dos respondentes como fatores explicativos da susceptibilidade aos efeitos nas respostas**" - Área de Concentração: Sociologia, elaborada pela aluna **Maria Aparecida Machado Pereira**. A Comissão Examinadora foi composta pelos Professores Doutores **Solange de Deus Simões (Orientadora) – Eastern Michigan University; Antônio Augusto Pereira Prates – FAFICH/UFMG; Neuma Figueiredo de Aguiar – (Profa. Emérita – UFMG); Henrique Carlos de Oliveira Castro – UnB e Márcio Ferreira de Souza - UFU**. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Solange de Deus Simões, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulares do Trabalho Final, passou a palavra a Doutoranda Maria Aparecida Machado Pereira para apresentação de sua Tese. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da doutoranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Tese por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente a candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou-se a presente Ata que será assinada por todos os membros da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 2010.

Profa. Dra. Solange de Deus Simões

Profa. Dra. Neuma Figueiredo de Aguiar

Prof. Dr. Antonio Augusto Pereira Prates

Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza

Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira Castro

À Laura e Giuliana

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que, de alguma maneira, me apoiaram na realização desta tese.

Primeiramente, gostaria de registrar aqui o incentivo inicial do professor Antônio Luis Paixão (*in memoriam*) para que eu ingressasse na pós-graduação. Um grande mestre que me influenciou no gosto por teoria sociológica.

À minha orientadora, Solange Simões, agradeço pela oportunidade de trabalhar com as pesquisas de *survey* no contexto acadêmico através das quais pude desenvolver os meus domínios no uso desse método e aprofundar meus conhecimentos teóricos. Esta tese foi possível graças a sua especialidade em metodologia de *survey* que concretizou um modelo de pesquisa, através do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG, que está atento ao rigor metodológico da construção dos seus instrumentos, além de abrir outras portas para eu pudesse desenvolver meus estudos e minhas investigações.

A professora Neuma Aguiar, então coordenadora do Curso de Metodologia Quantitativa em Ciências Humanas (MQ), da Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte e do Centro de Pesquisa Quantitativa em Ciências Sociais (CEPEQCS) pelo apoio nessa trajetória de estudo e investigação, pela participação na banca de qualificação do meu projeto de pesquisa, pela oportunidade de ser a supervisora geral das pesquisas e pela confiança depositada no meu trabalho.

Ao professor Antônio Augusto Prates Pereira, atual coordenador do CEPEQCS, pela participação na minha banca de qualificação do projeto de pesquisa e pelos textos doados a mim que ele trouxe do *Summer Program* da Universidade de Michigan (alguns deles foram utilizados neste trabalho).

Dedico um agradecimento ao Departamento de Sociologia e Antropologia e ao Departamento de Ciência Política da UFMG, representados pelos professores que acreditaram no meu trabalho e na minha seriedade.

Agradeço às pessoas que me apoiaram na aplicação das ferramentas estatísticas utilizadas neste trabalho como o Arnaldo Mont'Alvão, o professor Emílio Suyama, o professor Jorge Alexandre Neves e Mário Piscoya Díaz.

Sou grata aos meus colegas e parceiros no CEPEQCS: Márcio de Souza, Adriana Caciquinho, Rivana Alves, Ângela Coutinho, Regina Moreira, Claudinéia Coura, Rodrigo Fernandes, também Arnaldo Mont'Alvão, e tantos outros que passaram por lá que contribuíram para garantir a qualidade dos nossos trabalhos de pesquisas.

Agradeço especialmente ao Márcio pela interlocução sociológica.

E também especialmente à Ângela como grande amiga de todas as horas.

Às minhas amigas sociólogas, do tempo da graduação, Ruth e Wanja, agradeço às conversas incentivadoras para trilhar esta jornada.

Agradeço a Dora Bragança pelo apoio.

Agradeço a secretaria do doutorado Ana Lúcia das Mercês e a revisora Rosângela Lopes.

Também agradeço à Vânia, Claudinéia e Dalva que cuidaram de maneira especial das minhas filhas.

O meu grande agradecimento à minha família que foi o suporte fundamental para esta jornada: pai, mãe, irmãs, cunhada, sobrinhos (as), sogro e sogra. Especialmente agradeço ao Dalmo pelo apoio incondicional e por tudo que ele significou nessa trajetória.

Às minhas filhas Laura e Giuliana eu dedico este trabalho, como se fosse possível preencher as minhas ausências ao me entregar a ele.

RESUMO

O presente estudo parte das contribuições à metodologia de *survey*, trazidas pelos aspectos cognitivos, para o entendimento da produção dos chamados efeitos nas respostas a partir do questionário padronizado. A idéia de efeitos nas respostas significa que parte do que medimos pode ser efeito da maneira pela qual formulamos as perguntas do questionário, acarretando diferentes resultados nas respostas. Esse campo de estudo gerou uma importante produção de dados baseados nos experimentos chamados *split-ballots* que utiliza amostragens probabilísticas, nas quais o total da amostra é dividido em duas subamostras, garantindo condições idênticas, possibilitando a generalização dos resultados, cuja variação é explicada pelas diferentes formulações de perguntas, terminologias, ordem das perguntas, dentre outros.

Esse estudo busca analisar as condições sociais pelas quais os respondentes de questionários se tornam susceptíveis aos chamados *efeitos nas respostas* a partir do entendimento da entrevista de *survey* como uma *interação social*, numa perspectiva sociológica. As bases empíricas são: a “Pesquisa Mundial sobre Meio Ambiente” (GOES, 2001) e a “Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte” (PRMBH, 2002), vinculadas ao Departamento de Sociologia e Antropologia. Os tipos de experimentos analisados foram: 1) as opções de respostas – oferecer ou não o “Não Sei” - e 2) a seqüência das perguntas – o contexto da pergunta.

As características sociais significativas dizem respeito a determinadas *disposições* ou *atitudes* em relação ao objeto abordado, como a *atenção às notícias sobre o meio ambiente* que se apresentam mais significativas que o *interesse pela questão ambiental*, tal como se destaca nos estudos anteriores; e a *situação biográfica ou posição na estrutura social*, como o *capital cultural*, as *experiências/práticas sociais* e a *socialização* que se apresentaram mais significativas em relação às outras dimensões como o contexto-ambiente e o capital econômico.

A identificação dessas características sociais e suas diferentes relações com os tipos de efeitos nas respostas são importantes para a elaboração do questionário, assim como para a interpretação dos dados. Conhecendo o público alvo da pesquisa pretendida e os possíveis esquemas interpretativos utilizados pelos respondentes a partir da relação entre os conteúdos e as situações de perguntas (formatos, redação, contexto) podemos aperfeiçoar o questionário ou, pelo menos, ter consciência das limitações de cada medida em termos da sua validade e confiabilidade. O conhecimento dessas condições nos coloca atentos à vigilância epistemológica, ao exercício de sempre buscar as possíveis fontes de produção de efeitos nas respostas.

Palavras-chave: aspectos cognitivos da metodologia de *survey*, construção de questionários, interação social, efeitos nas respostas.

ABSTRACT

This study draws on the contributions to survey methodology of the study of the cognitive aspects involved in the production of answers to a standardized questionnaire, the so called response effects. The notion of responses effects posits that part of what we measure with a survey questionnaire can be the effect of the way we design the questions, leading to different response results. This field of study has generated a significant production of data based on *split-ballots* experiments, which use probability samples divided into two subsamples, ensuring identical conditions, and allowing for inferential analysis. The response effects are produced by variations in question wording, format, and question order among others factors.

This study seeks to analyze the social conditions related to how questionnaires respondents become susceptible to response effects. The point of departure is the understanding - from a sociological perspective - of the *survey* interview as a *social interaction*. The data used in this investigation came from the GLOBAL ENVIRONMENTAL SURVEY (GOES, 2001) and the BELO HORIZONTE AREA SURVEY (PRMBH, 2002). The types of experiments analyzed were: 1) responses options – offering or not the “don’t know” alternative (as a semi-filter) - and 2) question order or the question context.

The relevant social traits concern the respondents’ specific attitudes in relation to the object of study, and their biographical/background situation or position in the social structure such as social capital, experience/social behavior and socialization, which turned out to be more significant when compared to other dimensions such as the environmental context and economic capital. The identification of these social traits and their relations to types of response effects are relevant for questionnaire design and data interpretation as well.

Knowing the research target audience and the possible interpretative schemes used by the respondents, and drawing on the relationship between the questions’ contents and situations (formats, writing, context), this study raises issues of validity and reliability of measures used in survey questionnaires. The knowledge of these conditions should give rise to a continuous epistemological vigilance, and the search for the various factors producing response effects.

Keywords: cognitive aspects of survey methodology, questionnaires design, social interactions, response effects.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Experimentos sobre o efeito de ordem das perguntas 1948 e 1980 sobre repórteres comunistas e americanos.....	163
Tabela 2 - Efeito da ordem das perguntas sobre repórteres comunistas e americanos por escolaridade	164
Tabela 3 - Uso de energia nos EUA e Desenvolvimento econômico da floresta amazônica - “Assunto interno” <i>versus</i> “Acordos internacionais”	167
Tabela 4 - Diferença absoluta entre as versões A e B para as respostas: “Um assunto interno” e “Tratada em acordos internacionais”	167
Tabela 5 - Diferença percentual entre as versões A e B para as respostas: “Um assunto interno” e “Tratada em acordos internacionais”	168
Tabela 6 - As decisões sobre o uso de energia nos EUA e sobre o corte de madeira e o desenvolvimento econômico da floresta tropical brasileira - DAS e BH	170
Tabela 7 - Teste de proporção entre a Versão A e Versão B do experimento sobre seqüência das perguntas – GOES Minas Gerais/2001	171
Tabela 8 - Uso de energia nos EUA e Desenvolvimento econômico da floresta amazônica - Respostas na categoria “Não sei” (NS) e Não respondeu” (NR)	173
Tabela 9 - Grau de interesse pelas questões ambientais	177
Tabela 10 - Grau de atenção às notícias sobre meio ambiente	178
Tabela 11 - Importância da política partidária pró-ambiental para o voto.....	179
Tabela 12 - Ordenação das Prioridades do Governo - Meio ambiente	180
Tabela 13 - Crença na eficácia do comportamento pró-ambiental	181
Tabela 14 - Apoio as políticas públicas pró-ambientais.....	182
Tabela 15 - Grau de escolaridade do entrevistado	184
Tabela 16 - Como obtém informação ou as notícias sobre o meio ambiente	185
Tabela 17 - Conhecimento sobre as questões ambientais	186
Tabela 18 - Pertencimento a grupos ou organizações civis	187
Tabela 19 - Ações adotadas em relação a algum problema local, estadual ou nacional.....	189
Tabela 20 - Escolhas ambientalmente corretas.....	190
Tabela 21 - Hábitos de consumo	191
Tabela 22 - Tipo/Tamanho da cidade	192
Tabela 23 - Frequência de atividades junto à natureza na infância	193
Tabela 24 - Situações de degradação ambiental nas proximidades do domicílio.....	195
Tabela 25 - Renda familiar	196
Tabela 26 - Propriedade da moradia	197
Tabela 27 - Sistema de esgoto	197
Tabela 28 - Número de bens.....	197
Tabela 29 - Posse de bens	198
Tabela 30 - Modelo “Uso de energia EUA - Acordos internacionais - Versão A: EUA-Brasil”	202
Tabela 31 - Modelo “Uso de energia EUA - Acordos internacionais - Versão B: Brasil-EUA”	204
Tabela 32 - Modelo “Uso de energia EUA – Assunto interno - Versão A: EUA-Brasil”	205
Tabela 33 - Modelo “Uso de energia EUA – Assunto interno - Versão B: Brasil-EUA”	207

Tabela 34 - Modelo “Floresta amazônica – Acordos internacionais - Versão A: EUA-Brasil”	212
Tabela 35 - Modelo “Floresta amazônica – Acordos internacionais - Versão B:..... Brasil-EUA”	214
Tabela 36 - Modelo “Floresta amazônica – Assunto interno - Versão B: Brasil-EUA”	216
Tabela 37 - Modelo “Floresta amazônica – Assuntos internos - Versão B: Brasil-EUA”	218
Tabela 38 - Avaliação do Orçamento Participativo PRMBH/2002 - Versão A e B	239
Tabela 39 - Avaliação do Orçamento Participativo – Diferença de pontos percentuais entre o “NS” espontâneo e o “NS” oferecido PRMBH/2002	240
Tabela 40 - Teste de proporção entre a Versão A e Versão B do experimento sobre oferecer ou não o “Não sei” – PRMBH/2002	241
Tabela 41 - Avaliação do Orçamento Participativo PRMBH/2002 – Somatório de NS e “Continua igual” - Versão A e B	244
Tabela 42 - Avaliação do Orçamento Participativo PRMBH/2002 – Somatório de “Aumentou” e “Diminuiu” – Versão A e B	246
Quadro 6 – Lista de variáveis independentes disponíveis/utilizadas no questionário da PRMBH/2002	248
Tabela 43 - Grau de escolaridade do entrevistado	249
Tabela 44 - Grau de escolaridade da mãe.....	250
Tabela 45 - Frequência de leitura de livros e/ou revistas	251
Tabela 46 - Frequência de leitura de jornal	251
Tabela 47 - Frequência com que se informa sobre política	252
Tabela 48 - Associativismo e Participação	253
Tabela 49 - Ação política.....	253
Tabela 50 - Participação em reuniões do OP	254
Tabela 51 - Renda familiar	255
Tabela 52 - Número de banheiros.....	255
Tabela 53 - Estado de conservação do domicílio	255
Tabela 54 - Tipo de piso.....	256
Tabela 55 - Número de cômodos.....	256
Tabela 56 - Número de moradores	256
Tabela 57 - Número de bens domésticos	257
Tabela 58 - Modelo Versão A – Poder da população de decidir sobre obras na cidade - “NS espontâneo”.....	260
Tabela 59 - Modelo Versão B – Poder da população de decidir sobre obras na cidade - “NS oferecido”	261
Tabela 60 - Modelo Versão A – Prestação de contas da prefeitura junto à população - “NS espontâneo”.....	262
Tabela 61 - Modelo Versão B – Prestação de contas da prefeitura junto à população - “NS oferecido”	263
Tabela 62 - Modelo Versão A – Atenção às demanda populares - “NS espontâneo”	264
Tabela 63 - Modelo Versão B – Atenção às demanda populares - “NS oferecido”	265
Tabela 64 - Modelo Versão A – Poder dos vereadores - “NS espontâneo”	266
Tabela 65 - Modelo Versão B – Poder dos vereadores - “NS oferecido”	267

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões e aspectos explicativos dos efeitos nas respostas	129
Quadro 2 – Lista de variáveis independentes disponíveis/utilizadas no questionário do GOES-MG/2001	175
Quadro 3 – Resumo: Variáveis explicativas dos efeitos nas respostas – seqüência de perguntas – e os resultados significativos, e seus incrementos em percentual, para “Uso de energia nos EUA - acordos internacionais” e “assunto interno” - versão A e B.	209
Quadro 4 – Resumo: Variáveis explicativas dos efeitos nas respostas – seqüência de perguntas – e os resultados significativos, e seus incrementos em percentual, para “Floresta amazônica/Brasil - acordos internacionais” e “assunto interno - versão A e B.	220
Quadro 5 – Resumo: Variáveis explicativas dos efeitos nas respostas – seqüência de perguntas – e os resultados significativos, e seus incrementos em percentual, para “Floresta amazônica/Brasil - acordos internacionais” e “assunto interno - versão A e B.	227
Quadro 6 - Variáveis independentes disponíveis/utilizadas no questionário da PRMBH/2002.....	250
Quadro 7 - Variáveis explicativas dos efeitos nas respostas – oferecer ou não o “NS” – e os resultados significativos, e seus incrementos em percentual, para cada tipo de resposta considerada nos modelos de análise.....	270

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	16
1.1. Objetivo e justificativa	20
1.2. Apresentação da estrutura da tese	21
2. CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO NA METODOLOGIA DE <i>SURVEY</i>	25
2.1. Apresentação	26
2.2. A arte de fazer perguntas: em direção à padronização e ao compartilhamento de significados	27
2.3. Sobre metodologia de elaboração do questionário para <i>survey</i> no Brasil	34
2.4. As principais críticas aos pressupostos da elaboração do questionário	45
2.5. Replicando às críticas com novos desafios	51
3. CAPÍTULO II - OS ASPECTOS COGNITIVOS DA METODOLOGIA DE <i>SURVEY</i>	57
3.1. Apresentação	57
3.2. O princípio da padronização da entrevista de <i>survey</i>	58
3.3. A entrevista de <i>survey</i> como “conversação” ou como “interação social”	61
3.4. A entrevista de <i>survey</i> como tarefas cognitivas	66
4. CAPÍTULO III - CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA PARA UMA COMPREENSÃO DA ENTREVISTA DE <i>SURVEY</i> COMO INTERAÇÃO SOCIAL: “PESQUISADOR”-“QUESTIONÁRIO” VERSUS “ENTREVISTADO”-“RESPONDENTE”	71
4.1. Apresentação	71
4.2. A construção dos significados na interação social: “Pesquisador”-“Questionário” versus “Entrevistado” - “Respondente”	73
4.3. Atitudes, situação biográfica, e a posição na estrutura social dos respondentes	91
5. CAPÍTULO IV - AS DIMENSÕES EXPLICATIVAS DOS EFEITOS NAS RESPOSTAS	107
5.1. Apresentação	107
5.2. A escolaridade como principal variável explicativa dos efeitos nas respostas - Habilidade Cognitiva	108
5.3. Outras variáveis explicativas dos efeitos nas repostas	112
5.4. A dimensão atitudinal na explicação dos efeitos nas respostas	115
5.5. As dimensões explicativas dos efeitos nas respostas a partir de uma abordagem sociológica	123
6. CAPÍTULO V - O CONTEXTO DE PESQUISA	131
6.1. Apresentação	131
6.2. O contexto institucional e as propostas de pesquisa.....	132
6.3. GOES	133
6.4. PRMBH	138
6.5. O plano amostral.....	141
6.5.1. O plano amostral do GOES	141

6.5.2. O plano amostral da PRMBH.....	144
6.5.3. Instrumentos de pré-teste do questionário	147
7. CAPÍTULO VI - ANÁLISE DE DADOS.....	153
7.1. Apresentação	153
7.2. Hipóteses	153
7.3. Metodologia.....	154
7.4. GOES.....	159
7.4.1. Considerações teóricas e metodológicas sobre os efeitos contextuais – sequência das perguntas	159
7.4.2. O experimento no GOES: Efeito contextual - sequência das perguntas	164
7.4.3. As variáveis explicativas (independentes) disponíveis/utilizadas do questionário do GOES-MG/2001.....	174
7.4.3.1. Disposições ou atitudes em relação ao objeto	176
7.4.3.2. Capital cultural.....	183
7.4.3.3. Capital Social	186
7.4.3.4. Experiências / Práticas sociais.....	187
7.4.3.5. Socialização	192
7.4.3.6. Contexto/ambiente	193
7.4.3.7. Capital econômico.....	195
7.4.4. Análise dos resultados: Efeito contextual - sequência das perguntas – e as condições sociais dos respondentes susceptíveis aos efeitos nas respostas.....	198
7.4.4.1. “Uso de energia nos EUA” para versão A e B	201
7.4.4.2. Uso da floresta amazônica/Brasil para as versões A e B	211
7.4.5. Conclusões	222
7.5. PRMBH	232
7.5.1. Considerações teóricas e metodológicas sobre os efeitos ao oferecer ou não o “Não sei”	232
7.5.2. O experimento na PRMBH/2002: Oferecer ou não o “Não Sei”	236
7.5.3. As variáveis explicativas (independentes) disponíveis no questionário da PRMBH/2002	246
7.5.3.1. Capital cultural.....	248
7.5.3.2. Capital social	252
7.5.3.3. Experiências/Práticas sociais.....	253
7.5.3.4. Capital Econômico	254
7.5.4. Análise dos resultados: Oferecer ou não o “Não sei” e as condições sociais dos respondentes susceptíveis aos efeitos nas respostas	257
7.5.5. Conclusões	270
8. CONCLUSÕES FINAIS.....	275
9. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	282

Um problema fundamental em sociologia é que aquilo que sabemos do comportamento social (e mesmo da generalidade dos fenômenos sociais) depende dos métodos usados para estudá-lo, enquanto que os métodos para estudá-lo dependem do que sabemos do comportamento social.

(Derek Phillips)

1. APRESENTAÇÃO

Este estudo é fruto da minha trajetória profissional e acadêmica, pois após concluir minha graduação em ciências sociais fui viver a experiência de trabalhar no mercado profissional de pesquisas de opinião¹ e, simultaneamente, ingressei-me no mestrado em sociologia pela UFMG. Na pós-graduação tive oportunidade de trabalhar com pesquisas no departamento de sociologia e ciência política que utilizavam a metodologia de *survey*. No decorrer dessa minha trajetória, eu me deparava com uma caracterização de duas “culturas” de aplicação dos métodos e técnicas para a produção de dados quantitativos: a acadêmica e a dos institutos de pesquisa de opinião.

Certamente essas duas “culturas” ou modelos estão intimamente ligados nos seus fundamentos e se desenvolveram lado a lado, com usos diferenciados, mas intercambiáveis. Os profissionais com formação acadêmica foram desenvolver pesquisas para o Estado e para instituições ou organizações da sociedade civil, além de, muitas vezes, utilizarem-nas para embasar a produção do conhecimento sociológico².

A clássica contraposição entre os procedimentos e os objetivos de cada uma dessas “culturas” – pesquisa de opinião versus *survey* acadêmico – despertou meu interesse pela busca de uma maior compreensão sobre a natureza das diferenças que estavam no âmbito metodológico. De uma maneira geral, esse tipo de experiência entre os setores acadêmico e estatal/sociedade civil, e a contraposição entre os procedimentos e os objetivos de cada uma dessas “culturas” ou modelos de

¹ Área de atuação no período de 1989 a 2000: Coordenação de pesquisa de opinião, políticas institucionais, mercado, sócio-econômica, política e eleitoral. Planejamento e supervisão de pesquisas quantitativas, grupos focais, entrevistas em profundidade e coleta de dados secundários. Elaboração de projetos, planejamento e previsão de custos. Cursos de treinamento de equipe de campo e de supervisão. Elaboração de questionários e roteiros de entrevista. Coordenação de equipe de campo. Coordenação de processamento de dados. Análise de dados e relatórios. Principais empresas e instituições: Sensus Data World - Pesquisa & Consultoria, SEBRAE-MG, FIEMG, APAE-MG, dentre outras.

² Dentre alguns dos exemplos desse tipo de experiência, pode-se citar a pesquisa nacional de opinião sobre “O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável” (1992, 1997, 2001), coordenada pelo Ministério do Meio Ambiente e o instituto ISER, através da pesquisadora Samyra Crespo, e realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatísticas – IBOPE.

pesquisa social, também fazem parte do contexto internacional e mesmo da sociologia nas suas origens quando, por exemplo, Weber desenvolveu pesquisas para o setor industrial na Alemanha no início do século XX. Certamente, também existem diferenças significativas entre o contexto internacional e o contexto brasileiro que, em parte, serão abordadas neste trabalho (mais especificamente no capítulo 1).

A experiência nas pesquisas do departamento de sociologia e antropologia e o acesso ao campo de estudo da metodologia de *survey* foram fundamentais para que eu pudesse delimitar o meu objeto de estudo. A experiência propriamente dita com os projetos de pesquisa acadêmica, especialmente o Global Environmental Survey (GOES) e a Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PRMBH, 2002, 2005, 2008)³, propiciou-me uma maior intimidade com os processos de realização do *survey*, assim como um quadro de referência teórico-metodológica desse método que problematiza a sua aplicação. O meu papel nestas pesquisas como supervisora foi o de dar suporte à coordenação na concepção, no planejamento e na execução da pesquisa em todas as suas etapas: planejamento da amostra, elaboração dos instrumentos de coleta de dados, pré-teste, cursos de treinamento de equipe, trabalho de campo, revisão da codificação e processamento dos dados. Nesse contexto, pude aplicar minhas experiências com pesquisa e conhecer os mais recentes estudos sobre os problemas envolvidos na realização do *survey*. Dentre os diversos aspectos do *survey*, como a amostragem, a coleta dos dados e a análise, me interessei especialmente pelo processo de elaboração do instrumento de coleta de dados – o questionário.

A considerar minhas experiências e meu conhecimento do campo de estudo da metodologia de *survey* pude compreender que tanto a pesquisa de opinião quanto os projetos acadêmicos se deparam com a necessidade de avançar no

³ Outros projetos acadêmicos importantes: Pré-teste internacional do GOES (Departamento de Sociologia e Antropologia/UFMG, Solange Simões, 1995-6), *GOES Decision Markers* (Departamento de Sociologia e Antropologia/UFMG, Solange Simões, 1996), *Usos do Tempo* (Departamento de Sociologia e Antropologia/UFMG, Neuma Aguiar, 2001), *Marca D'água* (UnB, Rebecca Abers, 2003-4), *A Categoria Profissional dos Médicos: Fatores condicionantes de sua atração e fixação na Atenção Primária à Saúde em Minas Gerais* (Observatório de Recursos Humanos em Saúde/CEDEPLAR/UFMG, Ignez Perpétuo, 2007), *Mudança Institucional e Cultura Política* (Departamento de Ciência Política/UFMG, Mário Fuks, 2008-9), *Estudo de Prevalência das Hepatites Virais em Minas Gerais* (Departamento de Epidemiologia, Faculdade de Medicina/UFMG, 2009), dentre outros.

conhecimento da metodologia de *survey* para melhor utilizar suas potencialidades e, ao mesmo tempo, conhecer as implicações de seus limites para o conhecimento propriamente sociológico. Bourdieu (1973) já apontava a necessidade de uma vigilância epistemológica para os princípios da entrevista como levantamento de dados – e a produção da opinião – criticando, principalmente, as pesquisas de opinião pública planejadas nos moldes empiricistas que, desprovidas de fundamentação teórica e metodológica, tomam para si o *status* de pesquisa científica. Desta maneira, a vigilância epistemológica de Bourdieu enfatiza a problematização também no momento da observação empírica na sua dimensão social. A idéia de vigilância epistemológica fundamentou meu interesse em aprofundar nos estudos e investigação crítica do processo de elaboração do questionário, sendo este o principal instrumento de coleta de dados no *survey*.

No Brasil, nas últimas décadas, já foi destacada a deficiência em metodologia quantitativa nas ciências sociais (W. REIS, 1991; AGUIAR *et al.*, 2004; SIMÕES, PEREIRA, 2007). W. Reis (1991) apontou o caráter descritivo e jornalístico das teses e artigos acadêmicos produzidos no país e, em contra partida, refere-se à metodologia de *survey* como um modelo exemplar (e com uma função pedagógica) da lógica científica nas ciências sociais. W. Reis ainda destaca a lógica de estruturação analítica - a análise multivariada do *survey* - como um instrumento extremamente útil de treinamento lógico em si. W. Reis acredita que o treinamento nesta técnica possa propiciar uma melhor capacitação para lidar com os problemas da articulação entre teoria e trabalho empírico. Simões e Pereira (2007) mostraram a necessidade de um maior rigor metodológico, utilizando técnicas mais avançadas de pré-teste para gerar informações que possam contribuir para a elaboração de medidas mais válidas e confiáveis, e, pensando, especificamente, no contexto da pesquisa social brasileira.

Respondendo a este diagnóstico, no final dos anos 90, o Programa de Metodologia Quantitativa em Ciências Humanas (do Departamento de Sociologia e Antropologia juntamente com o Departamento de Ciência Política da UFMG) numa iniciativa pioneira no Brasil intensificou o aperfeiçoamento em metodologia quantitativa e, em especial, na metodologia de *survey* (AGUIAR *et al.*, 2004). Tal contexto institucional de organização de cursos e produção de pesquisas representa

um importante marco para as ciências sociais, pois nele formam-se profissionais de instituições públicas, alunos de pós-graduação e professores de universidades de todo o Brasil.

Esse contexto acadêmico foi uma condição *sine qua non* para que eu pudesse trabalhar as minhas preocupações e interesse de estudo e acessar bases de dados empíricos, tomando por referência a literatura que problematiza e organiza teórica e empiricamente a elaboração do questionário aplicado ao *survey*. Essa literatura se coloca no paradigma representado pelos *aspectos cognitivos da metodologia de survey*. Nos últimos 30 anos, as referências aos chamados *erros de medidas* no *survey* foram além do paradigma estatístico, que focaliza as *conseqüências* dos erros nas estimativas dos dados, abrindo espaço para um novo paradigma baseado em um modelo das ciências humanas (psicologia social, comunicação, sociologia, ciência política, epistemologia) que focaliza as *causas* dos chamados *erros de medidas* (TOURANGEAU, 2003). Esses paradigmas são complementares e tornam a metodologia de *survey* em um campo de estudo interdisciplinar.

Assim, a minha proposta de estudo está situada dentro desse novo paradigma, nas ciências humanas, para o qual procuro contribuir teórica e metodologicamente com a problematização da elaboração do questionário - destacando a sua dimensão social - e com o conhecimento necessário para a busca de redução dos erros de medidas, os quais, nesse novo paradigma, são denominados *efeitos nas respostas*. Na idéia de *efeitos nas respostas* está implícito que *parte do que medimos pode ser efeito da maneira pela qual coletamos os dados*, e, mais especificamente, *pela maneira pela qual formulamos as perguntas do questionário, acarretando, por conseqüência, em diferentes maneiras de dar respostas, ou seja, a diferentes resultados das respostas* (SIMÕES, PEREIRA, 2007). A preocupação com a formulação das perguntas inclui as terminologias utilizadas, a ordem em que as perguntas foram feitas, o formato da pergunta e respostas apresentadas, dentre outros aspectos. Para compreender esses *efeitos nas respostas*, esse novo paradigma se sustenta na verificação rigorosa através de métodos e técnicas avançados de avaliação do questionário em pré-testes e em experimentos como os que serão utilizados neste estudo. Tal paradigma também se

sustenta em um campo teórico fundamentado principalmente pela psicologia social, para o qual procuro trazer contribuições através de uma abordagem sociológica que possa adicionar elementos conceituais, nesse campo interdisciplinar, para avançar no conhecimento sobre os efeitos nas repostas. Esse conhecimento é fundamental para que possamos produzir dados mais válidos e confiáveis quanto possível, mas também ter consciência dos limites que fazem parte da natureza metodológica do *survey* e sua ponderação para a interpretação dos dados.

1.1. Objetivo e justificativa

A proposta da tese, de maneira mais geral, é apresentar elementos conceituais e metodológicos que possam contribuir com a compreensão do processo de elaboração do instrumento mais utilizado na coleta de dados de *survey* – o questionário. Especificamente, o que se procura é identificar as condições pelas quais os respondentes de questionários se tornam susceptíveis aos chamados *efeitos nas repostas* a partir do entendimento da entrevista de *survey* como uma *interação social* numa perspectiva sociológica.

Este estudo se baseia nas contribuições teóricas de diferentes disciplinas como a psicologia social, a psicolingüística, a comunicação social e a metodologia *survey*. Os chamados aspectos cognitivos da metodologia de *survey* tratam dos problemas envolvidos na produção das repostas a partir de um questionário padronizado. Esse campo de estudo gerou uma importante produção de dados analisados sob o aspecto dos efeitos produzidos nos resultados a partir dos formatos, redação ou ordem das perguntas.

Na literatura de referência, também são identificadas as características dos respondentes susceptíveis aos efeitos nas repostas, mas essas ainda deixam lacunas do ponto de vista teórico e da investigação empírica. Dessa maneira, a proposta desse trabalho é contribuir com o estudo sobre as condições pelos quais os respondentes se tornam susceptíveis aos efeitos nas repostas, a partir de uma perspectiva sociológica, ao aprofundar o conhecimento sobre os elementos

envolvidos na entrevista, entendida enquanto uma interação social, e as suas condições estruturantes. Esse estudo procura organizar o campo teórico para uma interpretação sociológica das condições que levam aos efeitos nas repostas. Além disso, procuro apresentar possíveis relações entre as posições sociais dos respondentes e a susceptibilidade aos efeitos nas respostas estatisticamente testadas, baseadas nos experimentos chamados *split-ballots*, os quais serão apresentados no capítulo de análise de dados.

A relevância deste estudo pode ser considerada sob vários aspectos. Primeiramente, por realizar uma reflexão metodológica sobre as medidas utilizadas no *survey*, a partir dos resultados dos experimentos *split ballots* que verificam os efeitos nas respostas decorrentes dos diferentes formatos das perguntas. Em segundo lugar, por destacar a relevância de se tomar a coleta de dados – o questionário padronizado - como objeto de análise sociológica, como uma situação de interação. Em terceiro lugar, por destacar a importância de se identificar e compreender as características dos respondentes susceptíveis aos efeitos nas respostas, ou as variáveis explicativas dos efeitos nas respostas. E, por último, disponibilizar essas informações como recursos que poderão ser utilizados na avaliação das implicações para a elaboração do questionário de *survey*, principalmente, no contexto de pesquisa do Brasil.

1.2. Apresentação da estrutura da tese

Este trabalho está dividido em, inicialmente, uma *Apresentação* geral da proposta (contexto geral da proposta, objetivos e justificativa e uma apresentação resumida da estrutura da tese), seis capítulos de desenvolvimento, e as conclusões finais.

No Capítulo 1 – *Considerações Metodológicas e Epistemológicas sobre o Desenvolvimento da Elaboração do Questionário na Metodologia de Survey* -, procurarei destacar algumas referências metodológicas históricas sobre a elaboração do questionário de *survey*, relacionadas aos pressupostos assumidos na

sua concepção e no seu uso na pesquisa social, e que são significativas para a compreensão do atual estágio do seu desenvolvimento. Algumas considerações também serão feitas sobre a aplicação da metodologia de survey e da pesquisa de opinião pública no Brasil, na qual serão destacadas as experiências sobre a elaboração e avaliação do questionário no contexto de pesquisa brasileiro. Além disso, buscarei destacar as principais críticas à metodologia de elaboração de questionário e a adequação desta aos objetivos científicos. Em resposta a estas críticas, procurei retomar uma discussão metodológica fundamental para qualquer natureza de pesquisa: 1) a congruência entre teoria e dados empíricos (ou a validade e confiabilidade das medidas), e, principalmente, 2) as condições do levantamento de dados empíricos e suas implicações para a interpretação dos dados.

No Capítulo 2 – *Os Aspectos Cognitivos da Metodologia de Survey* -, buscarei apresentar a compreensão sobre os aspectos cognitivos envolvidos no processo de elaboração das perguntas, por parte do pesquisador, e da produção das respostas, por parte do entrevistado (respondente), fazendo uso de um conjunto de abordagens teóricas e metodológicas. As idéias centrais para o processo de elaboração das perguntas abordadas neste capítulo são: a necessária padronização das perguntas e respostas para garantir o compartilhamento de significados entre pesquisador e respondentes, a entrevista de *survey* como conversação ou como interação social, e como uma série de tarefas cognitivas para a compreensão das perguntas e a produção das repostas.

No Capítulo 3 - *Contribuições da Sociologia para uma Compreensão da Entrevista de Survey como Interação Social: “Pesquisador”-“Questionário” Versus “Entrevistado”-“Respondente”* -, o propósito é apresentar uma perspectiva sociológica sobre a entrevista de survey como interação social e apontar as condições sociais pelas quais os respondentes de um questionário se tornam susceptíveis aos formatos das perguntas e aos efeitos nas repostas como consequência. O ponto de partida é compreender a entrevista do survey como uma situação de interação social, focalizando dois atores: o pesquisador, representado pelo questionário e o entrevistado (respondente). A situação de entrevista do survey utiliza elementos específicos trazidos na linguagem e na estrutura do questionário

que são disponibilizados ao respondente. A seqüência de perguntas e as opções de respostas oferecidas ou não - como o “Não sei (NS)” – são importantes recursos desta linguagem especializada utilizados na construção do significado pretendido pelo pesquisador. Diante dessa situação de entrevista do survey, o respondente utiliza-se também de seus próprios recursos, dentre os quais nos interessa aqueles adquiridos socialmente para produzir sua resposta: informação, conhecimento, experiências, percepções sobre o objeto abordado, dentre outros. Para refletir sobre a noção de interação social aplicada à situação de entrevista de survey, utilizarei o paradigma fenomenológico, representada por Schutz, além de destacar outros importantes autores da sociologia interpretativa como Garfinkel, Zimmerman, Cicourel, e Goffman. A abordagem teórica a partir de Giddens, Elias e Bourdieu foi utilizada para identificar as condições sociais (estruturais) pelas quais os respondentes se tornam susceptíveis aos efeitos nas respostas.

No Capítulo 4 – *As Dimensões Explicativas dos Efeitos nas Respostas* -, buscarei organizar as condições pelas quais os respondentes tornam-se susceptíveis aos chamados efeitos nas respostas já abordados pelo campo de estudo da metodologia de *survey*, que se dá em torno das características sóciodemográficas, como sexo e idade; mas principalmente em torno da posição dos indivíduos quanto a sua escolaridade, além de outras dimensões de natureza mais atitudinais como interesse, informação e conhecimento sobre o assunto abordado. Cabe destacar que os estudos que utilizam a dimensão atitudinal para explicar os efeitos nas respostas aplicam os conceitos de “cristalização da atitude” e “força da atitude” a partir de uma abordagem da psicologia social. E, por último, procurarei identificar as possíveis variáveis explicativas das condições pelas quais os respondentes tornam-se susceptíveis aos chamados efeitos nas respostas me orientado pelo recorte teórico apresentado e pelos dados disponíveis a partir das pesquisas PRMBH e GOES.

No capítulo 5 – *O Contexto de Pesquisa* -, apresentarei o contexto institucional e as propostas das pesquisas utilizadas neste estudo, assim como os seus respectivos planos amostrais. As pesquisas que este estudo utiliza são tipicamente *surveys* e se intitulam “Pesquisa Mundial sobre Meio Ambiente” (Global Environmental Survey - GOES, 2001) e “Pesquisa da Região Metropolitana de Belo

Horizonte” (PRMBH, 2002) ambas vinculadas ao Departamento de Sociologia e Antropologia e ao Departamento de Ciência Política. As duas pesquisas tratam de temáticas distintas, mas foram desenvolvidas com as mesmas preocupações metodológicas: a validade e a confiabilidade dos dados. Também neste capítulo apresentarei os instrumentos de pré-teste de avaliação dos questionários nas respectivas pesquisas. Ao abordar os aspectos cognitivos da metodologia de *survey* passamos a compreender que, além do pré-teste do questionário realizado de maneira tradicional, são necessários instrumentos e técnicas específicas que possam identificar mais profundamente os problemas do questionário. Os pressupostos das regras de conversação, da interação social, e das tarefas cognitivas para produção da resposta possibilitaram o desenvolvimento de estratégias de pré-teste mais específicas para detectar os problemas na elaboração do questionário que acarretam efeitos nas respostas.

No Capítulo 6 – *Análise de Dados* -, destacarei inicialmente as hipóteses levantadas para este estudo e a metodologia utilizada para o desenho experimental tipo *split ballot* e para o tipo de análise multivariada dos dados. Em seguida, para as respectivas pesquisas utilizadas neste estudo, apresentarei primeiramente as considerações teóricas e metodológicas sobre as situações de perguntas analisadas nos experimentos - 1) as opções de respostas – oferecer ou não o “Não Sei” - e 2) a seqüência das perguntas – o contexto da pergunta. Na seqüência, darei ênfase à concepção dos experimentos das respectivas situações de perguntas nas pesquisas PRMBH e GOES e seus resultados preliminares. Posteriormente, descreverei as variáveis explicativas dos efeitos nas respostas (as características sociais dos respondentes) disponíveis e selecionados a partir dos questionários respectivos. E, por último, apresentarei os resultados significativos a partir dos modelos de análise propostos para cada experimento. Buscarei também interpretar os significados dos efeitos em cada situação de pergunta e a relação destes com as características sociais dos respondentes.

E, nas *Conclusões Finais*, procurei apontar o alcance dos resultados deste trabalho e suas contribuições para a metodologia de *survey* e alguns apontamentos sobre possíveis avanços a partir do que foi produzido.

2. CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO NA METODOLOGIA DE *SURVEY*

2.1. Apresentação

Neste capítulo pretende-se apresentar algumas referências metodológicas sobre a *elaboração do questionário* na metodologia de *survey* que são significativas para a compreensão do atual estágio do seu desenvolvimento. Essas referências estão relacionadas aos pressupostos assumidos na concepção e no uso do questionário, bem como estão relacionados a importantes críticas de caráter epistemológico sobre a validade dos procedimentos advindos do questionário para a produção de conhecimento científico.

Na história do uso do *survey* na pesquisa sociológica Catherine Marsh (1982) destaca a importância de se compreender o desenvolvimento de dois aspectos que fundamentam a metodologia de *survey*: a coleta do dado e a análise multivariada. Embora ambos os aspectos possam ser abordados separadamente, certamente o desenvolvimento dos mesmos mantém relações estreitas. Para a finalidade a que se propõe o presente estudo, faz-se necessário destacar somente aqueles aspectos relacionados diretamente a elaboração do questionário como instrumento de coleta de dados de *survey*. Este tratamento em separado do instrumento de coleta de dados vem culminar na perspectiva do paradigma dos aspectos cognitivos da metodologia de *survey* tal como foi apresentado por Tourangeau (2003), focalizando as causas dos chamados *efeitos nas respostas*.

Algumas críticas à metodologia de *survey* também serão contempladas neste capítulo, destacando àquelas relacionadas aos pressupostos da elaboração do questionário. Respondendo a tais críticas, serão apresentadas argumentações e referências que fundamentam o atual campo de conhecimento para a validação do questionário de *survey*, e que colocam novos dilemas e desafios envolvidos nessa metodologia.

2.2. A arte de fazer perguntas: em direção à padronização e ao compartilhamento de significados

As primeiras referências às técnicas e métodos de quantificação podem ser encontradas na antiguidade, quando os governantes já se preocupavam com contagem e descrição dos seus súditos, prática que se identificaria hoje com o censo da população. No decorrer dos séculos XVII, XVIII e até o século XIX, as referências às técnicas e métodos de quantificação correspondem ao período em que o capitalismo promoveu grandes modificações na estrutura das sociedades, o que proporcionou a preocupação com o crescimento da população nas grandes cidades, onde estariam as bases para o desenvolvimento do *survey* (MARSH, 1982; LAZARSELD, 1993)

Na história do *survey*, Marsh (1982) se refere à origem da investigação social sistemática na Europa, ainda nos séculos XVII e XVIII, cuja concepção enfatizava a idéia de “contagem dos fatos”, ou ainda como “informações estatísticas” identificadas com um interesse utilitarista na “cura das condições sociais patológicas”, mas também como “denúncia das condições miseráveis geradas pela industrialização”. Marsh se refere ainda à “aritmética política” associada aos nomes de Graunt e Petty, como uma primeira tentativa de uma ciência social sistemática na Inglaterra, e ao primeiro “estudo sociográfico” de Zeisel com uma detalhada descrição da pobreza da população, acreditando, como reformador, que os estudos da população proporcionariam maior racionalidade governamental (MARSH, 1982, p.10-12). Estas características de “informação estatística”, “denúncia das condições de pobreza” e “racionalidade governamental” vão se repetir de outras formas na história do *survey* e na pesquisa sociológica.

Nas obras dos autores clássicos da sociologia - Marx, Weber e Durkheim – é possível identificar algumas dessas características. Durkheim é um dos representantes clássico na utilização de dados estatísticos; enquanto Marx e Weber são representantes clássicos na utilização propriamente de questionários para levantamento de dados primários.

Durkheim utilizou as estatísticas para sustentar a idéia de “fatos sociais”. O autor obstinadamente procurou estabelecer *As Regras do Método Sociológico* (1895), ao tomar os “fatos como coisas”, como condição fundamental da existência da sociologia como ciência, estabelecendo os cânones do método científico (DURKHEIM, 1974). Para Durkheim a ruptura epistemológica obedece a dois princípios básicos: o princípio da não consciência e o princípio do primado das relações sociais. O primeiro princípio estabelece que o sentido das ações sociais não pode ser investigado a partir das interações ou motivações dos agentes que as realizam, mas no sistema global das relações sociais. O princípio do primado das relações sociais se explica por outros fatores sociais e não por fatores individuais (psicológicos) ou naturais (da natureza humana ou outra). Na sua obra *O Suicídio* (1897), Durkheim utilizou-se das estatísticas oficiais procurando demonstrar que atos aparentemente individuais seriam explicados por causas sociais (DURKHEIM, 1982).

O levantamento de dados através do questionário fez parte do esforço de Marx e Engles para descrever as difíceis condições de vida dos trabalhadores ingleses no decorrer da fase de industrialização, associado-as a uma teorização sobre o modo de produção capitalista embasada nas informações da situação concreta da classe operária. Ao mesmo tempo, os referidos autores realizaram críticas ao conhecimento teórico disponível e ao levantamento de informação sobre a classe operária disponíveis nos meios oficiais (parlamento, comissões de higiene, etc). E por fim, ambos destacavam a importância política das perguntas do questionário ao declarar a intenção de publicação dos resultados na *Revue Socialiste* em prol do movimento revolucionário (MARX, 1880).

O questionário de Marx de 1880 reúne 100 perguntas e, embora declare ao respondente para que este não se sinta obrigado a responder a todas as perguntas, solicita que suas respostas sejam “mais amplas e detalhadas possíveis” e informa que essas posteriormente serão classificadas. O que caracteriza as perguntas de Marx são a complexidade e abrangência demandadas, assim como a existência de mais de uma informação em uma só pergunta, em *perguntas abertas* tais como as perguntas:

59) Você observou que, ao lhe pagarem com atraso, obrigam-no, frequentemente, a recorrer à casa de penhores na qual você deve depositar uma taxa de juros alta e despojar-se de coisas que lhe são necessárias? Você observou que isso o obriga a individuar-se junto aos comerciantes e a tornar-se devedor deles? Conhece casos em que operários perderam seus salários por causa da falência ou da bancarrota de seus patrões?

76) Estabeleça um paralelo entre os preços dos artigos que você produz ou dos serviços que você presta e o preço de seu trabalho.

99) Na sua profissão existem fábricas nas quais a retribuição dos operários é paga parte com o nome de salário e parte com o de uma pretensa participação nos lucros? Compare as quantias recebidas por estes operários com as quantias recebidas por outros operários, em fábricas onde não existe nenhuma pretensa participação nos lucros. Faça a lista das obrigações às quais estes operários estão submetidos. Eles podem fazer greves, etc? É possível para eles serem algo mais do que humildes servidores de seus patrões? (MARX, 1880, In: THIOLENT, 1985, p.249-256. Veja questionário no Anexo A, Volume II).

O exemplo de Marx, até aquele momento, remete a duas características do questionário utilizado, como coleta de dados, que merecem destaque: a seleção daqueles que seriam entrevistados e a própria formulação das perguntas no questionário. De um lado, a definição da unidade de coleta dos dados; o respondente deveria ser uma espécie de “informante” que conhecia a “realidade”, que tivesse condições para responder às perguntas e assim suas respostas eram confiáveis segundo os objetivos da pesquisa. Esta perspectiva caracterizou aquele momento histórico do *survey* quando ainda não havia uma noção de amostragem estatística para representar um determinado universo. De outro lado, a concepção das perguntas e sua redação não revelavam uma preocupação com as questões de significados, clareza, relevância etc. (MARSH, 1982, p.18-19). Enfim, a ausência de preocupação com a perspectiva do respondente, a compreensão e interpretação, bem como a falta de preocupação com o processo de produção de respostas por parte deste.

Weber também utilizou o questionário como instrumento de levantamento de dados, ainda no final do século XIX (1890). Paul Lazarsfeld (1993) destacou a experiência de Weber em vários momentos de vida profissional caracterizada: pelos vínculos desta atividade de pesquisa relacionada às demandas empresariais; pela própria preocupação de Weber com as conseqüências políticas dos dados produzidos; pelas considerações críticas metodológicas quanto à definição do respondente em contraposição à idéia de informante; pela preocupação com a

dimensão subjetiva (atitudinal) da perspectiva do respondente; pela preocupação com o uso de tipologias como estratégia de classificação das respostas para a análise de dados; e pela natureza probabilística de certos tipos de significados das ações sociais (das relações sociais) efetivamente ocorrerem (LAZARFELD, 1993, p.283-296).

A experiência de Weber representava já o início das preocupações de natureza metodológica, destacando aqui aquelas relacionadas à coleta do dado e a elaboração do questionário, como a definição do respondente, a dimensão subjetiva (atitudinal) da perspectiva do respondente (embora não tenha formulado claramente como variável analítica), e as estratégias de classificação das respostas e análise de dados. Apesar disso, as perguntas formuladas por Weber também são do tipo *abertas* e muito abrangentes, como no questionário sobre a relação entre empregados e empregadores:

3) As relações entre empregados e empregadores são patriarcais? Ou seja, cuidado de um lado e lealdade de outro? O que os empregados dizem sobre seus empregadores, sobre oficiais de estado e o capataz? Que tipo de punição é aplicada em caso de baixo desempenho, punição física é aplicada? Multas? Dedução de salário?" (*Verein*, 1891, In: LAZARFELD, 1993, p.285-291).

4) "As relações patriarcais ainda prevalecem, no melhor sentido da palavra, como um cuidado paterno de um lado e o apego leal do outro? A disciplina está ficando frouxa? Quebra de contrato? Os latifundiários levam em conta o empregado ou eles não se importam com quem estão lidando? Que maneira de punição é mais comum?"

20) "O que o deprime mais, os baixos salários ou o fato de que você ser tão dependente do seu empregador, o que faz com que você tenha poucas perspectivas de avançar na vida, que você não tem nada a oferecer a seus filhos?"

25) "Você vai a floresta com frequência? O que você pensa quando você deita sobre a grama e tudo a sua volta é silencioso e tranquilo?" (*Ministers study*, 1893, In: LAZARFELD, 1993, p.285-291).

A mudança de concepção em relação ao respondente e a formulação das perguntas, juntamente com o desenvolvimento de novas técnicas de análise dados⁴, deram novos rumos à pesquisa de *survey*. No início do século XX foram introduzidas algumas importantes mudanças na perspectiva quanto à estruturação do questionário, tendo em vista a entrevista direta (o “indivíduo” respondente), a padronização da redação das perguntas e a pré-codificação das respostas com o objetivo de definir e padronizar os conceitos utilizados; como a própria definição de pobreza tão investigada até então (MARSH, 1982, p.19-27).

Tais atividades de pesquisa do final do século XIX e início do século XX marcam o desenvolvimento da pesquisa social, que paralelamente culminaria com a chamada pesquisa de opinião demandada pelo estabelecimento do *welfare state* e a intervenção regular dos governantes na mudança de vida dos seus cidadãos. A partir da década de 30 a utilização da pesquisa social ou de opinião se consolidou como um importante instrumento da burocracia racional, no sentido de produzir informações para serem transformadas em programas de reformas sociais. Além dessa utilização, a pesquisa de mercado também impulsionou esta atividade de pesquisa a se consolidar como um importante instrumento de racionalização das ações, substituindo sua unidade de informação do “cidadão” para o “consumidor” (MARSH, 1982).

⁴ Lazarsfeld (1993) e Marsh (1982) destacam a importância do desenvolvimento da análise multivariada e o avanço das tecnologias de processamento de dados, ao longo do século XX, para o desenvolvimento e consolidação da padronização e pré-codificação do questionário. Junto a esse processo também foi fundamental a idéia de uma amostragem no *survey*, que teve sua área específica de desenvolvimento da amostragem probabilística (a partir da teoria estatística), também impulsionado pela necessidade de controle de qualidade técnica na indústria.

A partir da década de 40, importantes debates na pesquisa acadêmica foram iniciados em direção à padronização da redação e das perguntas do questionário para o levantamento de dados. Uma importante controvérsia era explicitada: a padronização das perguntas versus a entrevista “em profundidade”. Lazarsfeld (1944) foi uma referência nesse debate ao apontar a centralidade da padronização das perguntas para o tipo de pesquisa que caracterizava o *survey*, no sentido da busca por padronização do significado das perguntas⁵. O próprio Lazarsfeld (1993) destacou a importância dos institutos de pesquisa de opinião, governamental e propriamente acadêmico nos Estados Unidos, a partir daquele momento, para o desenvolvimento da metodologia de *survey* e o compromisso com a busca da padronização de significados das perguntas do questionário⁶.

A padronização das perguntas do questionário também apontava questões sobre os procedimentos do entrevistador na condução da entrevista. Deveria o entrevistador ser um conhecedor do assunto abordado, mantendo uma conversação esclarecedora e usando o questionário apenas como guia; ou deveria o entrevistador

⁵ Até a década de 60, nas universidades americanas, se destacaram Samuel A. Stouffer e Paul F. Lazarsfeld, principalmente por se tornarem pioneiros na sofisticação da análise de *survey*. Lazarsfeld deu centralidade à questão da lógica da análise, uma complexa elaboração e explicação da associação de variáveis e da causalidade, enfatizando a significação teórica do levantamento de dados. Esta abordagem também foi desenvolvida por Hyman, *Survey Design and Analysis* (1955), e Rosemberg, *The Logical of Survey Analysis* (1968). Particularmente as contribuições de Lazarsfeld apoiaram-se no desenvolvimento tecnológico dos equipamentos eletrônicos de processamento de dados (primeiramente os perfuradores e separadores de cartões e depois os computadores) que aconteceu concomitante à carreira de Lazarsfeld, para execução dos procedimentos da lógica da análise de *survey* (através do “modelo de elaboração”). Além disso, Lazarsfeld foi responsável pela criação de um dos primeiros centros permanentes de pesquisas utilizando o método de *survey* que absorvia e treinava os cientistas sociais, começando com a organização do *Bureau for Applied Social Research*, na Universidade de Columbia (MARSH, 1982).

⁶ O trabalho do *U. S. Bureau of Census* trouxe contribuições sobre desenhos de amostras em *survey*. As empresas comerciais de pesquisa de opinião (organizadas por George Gallup, Elmo Roper, Louis Harris, e outros) nas áreas de marketing de produtos e pesquisas políticas, utilizando-se da experimentação com métodos de amostragem, redação das perguntas e técnicas de coleta de dados. E outros centros de pesquisas vindos depois como *Survey Research Center*, na Universidade da Califórnia e Berkeley; o *National Opinion Research Center*, da Universidade de Chicago; o *Institute For Social Research*, da Universidade de Michigan; o *Survey Research Center*, na Universidade da Califórnia e Los Angeles; e o *Survey Research Laboratory*, da Universidade de Wisconsin. Também é importante destacar o importante papel desempenhado pelas associações profissionais ao veicular o debate sobre a utilização do método de *survey*, e ao promover discussões sobre as novas técnicas e as novas descobertas empíricas. As associações reúnem setores diferentes; o acadêmico, o comercial e o governamental, como a *American Social Science Association*, desde 1870, e *American Journal of Sociology*, desde 1893. Além de outros como *American Sociological Association*, a *American Political Science Association*, a *American Marketing Association*, a *American Association for Public Opinion Research* (AAPOR) e a *Public Opinion Quarterly* (LAZARSELD, 1993).

não necessariamente ser um conhecedor do assunto abordado, responsável por conduzir a entrevista usando técnicas padronizadas na aplicação de questionários em grande escala (BEATTY, 1995)? A opção pela entrevista padronizada implicava em outras questões como o treinamento do entrevistador para a condução dos procedimentos envolvidos na relação entrevistador/entrevistado e as solicitações de esclarecimentos de ambas as partes. Para responder a tais preocupações, em 1959, o *Survey Research Center* (SRC) da Universidade de Michigan produziu o *Manual for Interviewers* sobre a padronização do comportamento do entrevistador, impulsionando o investimento na utilização e no estudo dos procedimentos da entrevista padronizada.

O debate se intensificava em torno da maior padronização do questionário – ainda que utilizassem perguntas abertas no questionário de *survey* – e os problemas metodológicos decorrentes dessa padronização eram colocados como desafios para os defensores da validade do *survey* como método de pesquisa. Na década 50, Payne com sua publicação *The Art of Asking Questions* (1951), representou a preocupação com a elaboração das questões e a construção do questionário baseando-se não só na experiência e intuição, mas também em evidências obtidas através da observação sistemática.

Na década de 70, se consolidava a experimentação sobre as variações nas respostas decorrentes do formato, redação ou ordem das perguntas. Àquela época um grande volume de experimentos foi produzido sobre os chamados *efeitos de respostas* e as implicações destes nos resultados do *survey*. O resultado desta produção, já no início da década de 80, foi a obra clássica de Schuman e Presser (1981) – *Question and Answer in Attitudes Surveys: experiments on question form, wording and context* –, na qual os autores buscaram, na experimentação (*split ballot*), medidas rigorosas para apontar os efeitos do formato das questões, redação ou ordem das perguntas na produção das respostas.

Na década de 80, à preocupação com os *efeitos nas respostas* juntava-se a colaboração dos psicólogos sociais e os psicolinguistas que buscaram o entendimento do processo de elaboração das respostas por parte do entrevistado na sua dimensão cognitiva e como interação social (SUDMAN, *et al.*, 1996). Eventos

como *I Advanced Research Seminar on Cognitive Aspects of Survey Methodology* (CASM) ocorrido em 1983, e o *CASM II Seminar*, realizado em 1997, foram importantes para consolidar os trabalhos e desenvolver as bases teóricas da teoria cognitiva aplicada à metodologia de *survey* (SIRKEN, *et al.*, 1999).

O desdobramento da compreensão teórica sobre os *efeitos nas respostas decorrentes do modo padronizado de fazer perguntas* apontava uma necessidade de se buscar maior atenção quanto à elaboração do questionário e sua avaliação antecipada, como o uso do pré-teste; através de novas técnicas como a entrevista cognitiva, a codificação do comportamento, e os experimentos de *split ballots* que buscam avaliar probabilisticamente a consequência da variação do formato, da redação ou da ordem das perguntas nos resultados obtidos (BEATTY, 1995; SHUMAN, PRESSER, 1981).

Essas referências ao uso e desenvolvimento do questionário, enquanto instrumento de coleta de dados a serem quantificados, são importantes para se ter a dimensão das possibilidades do método e a perspectiva de que há muito ainda a ser investigado para responder aos seus desafios colocados na atualidade.

2.3. Sobre a metodologia de elaboração do questionário para o *survey* no Brasil

Não poderia deixar de abordar o uso da metodologia de *survey* e da pesquisa de opinião pública no Brasil, mas farei isso numa perspectiva mais geral para situar, mais especificamente, *a aplicação da metodologia de elaboração do questionário para o survey no Brasil*.

Octávio Ianni (1989), em sua *Sociologia da Sociologia*, colocou em discussão o contexto da produção da sociologia (e da ciência política) brasileira (e da América Latina) a partir da transferência de teorias e metodologias dos centros científicos de maior “prestígio acadêmico” de origem européia e americana. Segundo o autor as relações com os centros científicos europeus e americanos não devem ser tomadas

como negativas. Estas relações, embora possam ter aspectos negativos, são necessárias e devem ser aprofundadas. Certamente, as condições dessas relações devem ser discutidas preservando a liberdade intelectual e o caráter crítico próprio do pensamento científico.

Os “modelos” metodológicos quantitativos das pesquisas dos cientistas sociais europeus e americanos foram adotados no Brasil, embora, muitas vezes, assimilados parcialmente ou sem reelaboração crítica (IANNI, 1989).

Nos anos 50 e 60 essa transferência da metodologia quantitativa começa a acontecer através das experiências dos cientistas sociais brasileiros em seus cursos de pós-graduação na Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLASCO), situada no Chile, e depois em universidades dos Estados Unidos. W Reis (2004) relata a experiência de alunos do curso de sociologia e política da UFMG referindo-se especialmente ao problema do método. W Reis menciona importantes nomes da ciência social de Minas Gerais e do Brasil, como Simon Schwartzman, Antônio Octávio Cintra, Vilmar Farias e Maria Hermínia Tavares de Almeida (e inclusive ele próprio) que passaram pela FLASCO e nela foram influenciados pelos novos conteúdos, orientações e perspectivas, principalmente, norte-americana que se centrava na articulação entre trabalho teórico e referência empírica enfatizando o treinamento em metodologia. W. Reis destaca a experiência com o sociólogo norueguês Johan Galtung, que além do seu trabalho teórico tinha um importante conhecimento em metodologia de *survey*. W Reis refere-se à importância dessas experiências não somente para Minas Gerais, mas também para o Brasil que, a partir de Minas, buscou-se o debate com os mais renomados cientistas sociais do Brasil como Octávio Ianni, Francisco Weffort, Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti, dentre outros. Também essas experiências contribuíram com a implantação de cursos de pós-graduação com orientação metodológica preocupada com o rigor do tratamento sistemático dos dados articulados a reflexão teórica.

Juntamente com a sociologia, a ciência política teve um papel importante na aplicação da metodologia de *survey* no Brasil. No processo de democratização da sociedade brasileira, a partir dos anos 80, a articulação entre estado e sociedade se colocava como uma questão teórica e prática crucial para a ciência política. As

pesquisas sobre o comportamento político, eleições, e opinião pública ganharam centralidade, ao mesmo tempo, no cenário sócio-político e no cenário acadêmico brasileiro. Assim como na sociedade americana e na europeia, a combinação entre o trabalho intelectual e as lideranças na administração pública se desenvolveu com relações estreitas (LAZARSFELD, 1993). Os institutos de pesquisa acadêmicos foram criados e também se multiplicaram as empresas de pesquisa mercadológica e de opinião. Diante disso, o próprio papel da pesquisa de opinião no processo de consolidação da democracia no Brasil tornou-se objeto de análise (ECHEGARAY, 2001).

Na atualidade, a aplicação da metodologia de *survey* tem sido amplamente utilizada também nas diversas temáticas da sociologia, da demografia, e tantas outras, além da ciência política. O levantamento empírico se intensificou nas últimas décadas, o que possibilita que seja encontrada uma grande produção de informações quantitativas disponíveis em bancos de dados, como o CIS (Consórcio de Informações Sociais), o CESOP (Centro de Estudos de Opinião Pública); e publicações, como a revista *Opinião Pública*. A Revista representa um importante veículo especializado que se propõe a analisar dados de *survey*, principalmente a partir da ciência política, que refletem as principais questões da atualidade. As temáticas giram em torno da pesquisa eleitoral, representação política, mídia e opinião pública, democracia na América Latina, dentre outras.

Não caberia aqui um levantamento geral sobre a utilização do *survey* no Brasil. Mas, pensando especificamente no que está relacionado ao objeto desse estudo, quanto ao entendimento sobre a variação nos formatos, redação, sequência da pergunta e os *efeitos nas respostas*, é importante ressaltar que ainda não havia ocorrido no Brasil uma aplicação desse campo de conhecimento, embora já consolidado em grandes centros acadêmicos internacionais. Certamente, os pesquisadores envolvidos com a aplicação do *survey* no Brasil se propõem a tratar das questões metodológicas envolvidas, mas não com o alcance que os chamados aspectos cognitivos da metodologia de *survey* podem proporcionar. Nessa condição, alguns poucos exemplos podem ser relatados para ilustrar a tentativa de problematizar, mais especificamente, a variação nos resultados de determinadas perguntas de *survey*. Dois artigos da Revista do CESOP, *Opinião Pública*,

ensaiaram uma abordagem metodológica, sobre as variações na elaboração das medidas de *survey* e o contexto do questionário (seqüência de perguntas), respectivamente: “Podemos confiar nas medidas de confiança?”, de Susanne Lundäsen⁷ (2002), e “O efeito do contexto e posição da pergunta no questionário sobre o resultado da medição”, de Alberto Carlos Almeida⁸ (2002).

O primeiro artigo, “Podemos confiar nas medidas de confiança?”, de Susanne Lundäsen (2002) apresenta referências teóricas sobre a construção e o significado da medida de confiança generalizada para os estudos sobre cultura política e capital social e as diferentes formulações de sua medida em estudos americanos⁹. Uma das medidas apresentadas é um estudo experimental produzido para o *American General Social Survey* (GSS, 1983) no qual há as seguintes formulações: “Você acha que se pode confiar nas pessoas?” E “falando em geral, você diria que se pode confiar na maioria das pessoas, ou ao que é preciso muita cautela ao tratar com os outros?” A primeira formulação da pergunta resultou em 57% de entrevistados que disseram “sim”, 40% disseram “não”, e 3% disseram “Não sei”. A segunda formulação da pergunta resultou em 36,5% dos entrevistados disseram “pode-se confiar na maioria das pessoas”, 59,2% disseram “É preciso ter muito cuidado cautela”, e 4,3% disseram “Não sei”. O experimento sugere uma inversão na tendência da maioria das respostas nas diferentes formulações. Outras formulações apresentadas, não experimentais, sugeriram uma tendência de declaração de “É preciso ter muito cuidado”. A primeira formulação do NORC (1978) é: “Algumas pessoas dizem que se pode confiar na maioria das pessoas. Outras dizem que ter muita cautela ao tratar com as pessoas. O que você acha disso?”. E a outra formulação também do GSS (1978): “Falando em geral, você diria que se pode confiar na maioria das pessoas ou que é preciso muita cautela ao tratar com os outros?”. Respectivamente o percentual de respostas para a primeira e segunda formulação foi de 51% e 55,7% para “É preciso ter muito cuidado”¹⁰.

⁷ Da Mid Sweden University College e Åbo Akademi University, Finlândia.

⁸ Atualmente Diretor do Instituto Análise.

⁹ Outros trabalhos que analisaram criticamente o conceito de confiança: Bruno Pinheiro Wanderley Reis. Capital social e confiança. Revista de Sociologia e Política, Curitiba. Vol. 21, p. 35-49, Nov. 2003. João Feres Jr. e José Eisenberg, Dormindo com o inimigo: uma crítica analítica do conceito de confiança. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro:, Vol. 49, no.3, 2006. p. 457-481.

¹⁰ O uso dos dois termos nas perguntas e suas respostas, “é preciso ter muita cautela” e “é preciso ter muito cuidado” foi assim utilizado no artigo referido.

Embora Lundäsen tenha buscado fazer apontamentos conceituais sobre o que a medida se propõe (do ponto de vista da validade do construto) e da confiabilidade da medida, a mesma não coloca em discussão elementos teóricos sobre o mecanismo que produzem as variações dos resultados. A apresentação dos resultados se restringe à verificação empírica das diferenças percentuais das respostas para cada tipo de formulação, que seria a etapa mais descritiva. O mesmo acontece no segundo artigo “O efeito do contexto e posição da pergunta no questionário sobre o resultado da medição”, de Alberto Carlos Almeida (2002). Embora o autor busque analisar dados de pesquisas brasileiras, ele não apresenta as explicações teóricas sobre as diferenças nos resultados a partir da variação da ordem das perguntas.

Em *Erros nas pesquisas eleitorais e de opinião* Almeida (2009) propõe destacar os chamados erros não amostrais, principalmente os erros decorrentes do tipo de medida utilizada no *survey* ou nas pesquisas de opinião. Além de procurar explicações sobre as diferenças entre os resultados das pesquisas eleitorais e os resultados das urnas, o autor procura tratar também dos erros decorrentes “da posição da pergunta no questionário” e das variações nas opções de respostas apresentadas.

Para analisar a discrepância entre os resultados das pesquisas eleitorais e os resultados das votações Almeida (2009, p.31-60) analisa 562 pesquisas eleitorais (publicadas em jornais) comparando-se aos respectivos resultados eleitorais, no período entre 1986 e 2002¹¹. Com a análise da discrepância entre as pesquisas e os votos – independente da margem de erro amostral considerada – o autor observa certos padrões dos resultados como a subestimar os “votos brancos e nulos” (49% das pesquisas), assim como os votos do segundo colocado nas urnas (50% das pesquisas), e superestimar os votos do primeiro colocado nas urnas (65% das pesquisas consideradas). O autor identifica a maior discrepância desses resultados nos estados e nos municípios onde o nível de escolaridade é mais baixo, levando-o à conclusão de que as pessoas de mais baixa escolaridade tendem a declarar seu voto em pesquisas eleitorais ao primeiro colocado nas próprias pesquisas eleitorais.

¹¹ Não há descrição das amostras no livro referido.

Além disso, a discrepância é menor para os cargos de presidente e prefeito e maior para os cargos de senador e governador. Também comparando primeiro e segundo turno a discrepância é menor no segundo turno, assim como nas chamadas pesquisas de “boca de urna”.

Almeida (2009), ao comparar as discrepâncias através dos anos, observa que estas diminuíram de 22% para 15% a partir do momento em que a informatização foi totalmente implantada. A conclusão do autor é a de que tal diminuição se deu em função da informatização do voto, da implantação da urna eletrônica nas eleições brasileiras. A interpretação do autor é de que a urna eletrônica - e a “colinha” com o número do candidato - foi um mecanismo que facilitou o registro do voto, antes em papel e caneta, o que dava margens a erros de transcrição de nomes ou números dos candidatos na cédula eleitoral. Essa condição anterior atingiria principalmente os eleitores com maior dificuldade na escrita, ou seja, os de mais baixa escolaridade. Além disso, o autor destaca o impacto da informatização no registro do voto quanto a redução dos “votos brancos e nulos”, pois, com ela, estes se encontram mais fortemente relacionados à baixa escolaridade. Até 1994, ainda quando o voto era no papel, 19% dos “votos brancos e nulos” estavam relacionados à baixa escolaridade. Em 2002, depois da urna eletrônica, 46% dos “votos brancos e nulos” estavam relacionados com a baixa escolaridade. Estaria aí a explicação para a redução dos erros das pesquisas eleitorais.

Não deixam de serem importantes os dados e as conclusões apresentados por Almeida. No entanto, cabe ressaltar a necessidade de se rever a problemática relacionada às discrepâncias dos resultados entre as pesquisas eleitorais e o voto propriamente dito, já que o autor considerou tais discrepâncias como um “erro de medida”, como uma decorrência das diferentes maneiras de registro das informações na situação de pesquisa e no voto, seja na cédula eleitoral seja no voto eletrônico. De qualquer maneira, essas diferenças ainda permanecem entre a declaração de voto para um questionário de pesquisa eleitoral e o registro do voto na urna eletrônica. Ambos são processos e situações diferenciadas que envolvem mecanismos diferenciados relacionados aos aspectos cognitivos e à situação de interação para a produção das respostas e o voto em si.

A fim de se chegar a uma identificação do impacto das variações na ordem das perguntas no questionário e nas formulações das perguntas e opções de respostas, Almeida (2002; 2009, p.61-78) analisa dados de pesquisas produzidas pelo DataUff-Ceap e DataUff-Iuperj.

Para analisar a ordem das perguntas, Almeida seleciona duas pesquisas diferentes, com conteúdos diferentes, para comparar a posição de perguntas semelhante utilizadas em ambas as pesquisas. Uma mesma pergunta, na perspectiva do autor, sobre a memória do voto em Benedita da Silva obteve resultados diferentes decorrentes dos diferentes posicionamentos da pergunta no questionário e das diferentes temáticas abordadas antes da mesma pergunta. Benedita da Silva é uma política muito conhecida da cidade do Rio de Janeiro eleita como vereadora, deputada federal, vice-governadora e senadora, além de ter concorrido ao cargo de prefeita do mesmo município. Outra informação muito importante envolvida na questão é que, de uma maneira geral, Benedita da Silva seria classificada (vista) como “preta” (tal como categoria utilizada pelo IBGE).

Do ponto de vista da possibilidade de comparar as duas pesquisas Almeida apresenta as semelhanças de aspectos como a mesma população (Município do Rio de Janeiro), o tamanho da amostra (entre 400 e 500 casos), o tipo de amostra (ambas probabilísticas)¹², a técnica de entrevista (domiciliar, face-a-face), a duração da entrevista (em torno de 1 hora), o número de perguntas (entre 210 e 310), e o período de realização das entrevistas (mesmo ano: 2000). Tendo aproximado essas condições, o autor analisa os resultados da variação das respostas tomando como variável explicativa as diferentes temáticas abordadas e a posição da pergunta no questionário. A pesquisa realizada pelo DataUff-Ceap tem como temática as relações raciais e a pesquisa realizada pelo DataUff-Iuperj tem como temática o comportamento político eleitoral; respectivamente as perguntas são as seguintes: “O Sr(a) já votou alguma vez em Benedita da Silva?” e “Agora vou dizer o nome de alguns políticos, e gostaria que o Sr(a) me dissesse se já votou alguma vez neles. O(A) Sr(a) já votou alguma vez na Benedita da Silva?”.

¹² Não há maiores informações sobre as amostras no livro referido.

O resultado para cada uma das pesquisas é bastante diferente. Na primeira pesquisa do DataUff-Ceap - dentro da temática sobre relações raciais racial – 40% responderam “sim” e 20% responderam “não”. Na segunda pesquisa DataUff-luperj – dentro da temática de comportamento político – 20% responderam “sim” e 78% responderam “não”. O autor também analisa os resultados por variáveis de autoclassificação racial e escolaridade. Para as diferentes categorias de ambas as variáveis, existe um padrão nos resultados na direção da tendência global, ou seja, em qualquer categoria mais pessoas responderam que votaram em Benedita da Silva na pesquisa que trata da temática sobre relações raciais (DataUff-Ceap) do que na pesquisa que trata da temática sobre comportamento político (DataUff-luperj). Entretanto, a diferença (percentual) entre as mesmas categorias nas variáveis raça-cor e escolaridade, comparando as duas pesquisas, é possível observar a mesma tendência só que mais acentuada entre aqueles com escolaridade mais baixa e aqueles autoclassificados como “brancos”.

A hipótese explicativa do autor sobre a variação dos resultados está na resposta socialmente desejável dos entrevistados, ativada pelo contexto do questionário (seqüência de perguntas) ao fazer perguntas sobre preconceito racial que antecipavam à pergunta sobre o voto em Benedita da Silva.

Também para testar o efeito da ordem das perguntas Almeida (2009, p.79-95) analisa dados produzidos pelo modelo experimentais tipo *split ballot*. Neste experimento o autor aborda perguntas sobre o *status* de diferentes profissões como um porteiro e um médico. O objetivo foi medir o tratamento diferenciado segundo os diferentes *status* ocupacionais, a partir das mesmas situações abordadas para um porteiro e um médico, dentre elas: “Um porteiro que trabalha em uma repartição pública deve sempre ser chamado de senhor” ou “Um porteiro que trabalha em uma repartição pública deve poder usar um carro do governo para fazer compras”, dentre outras. Em seguida, foram feitas as mesmas perguntas para um médico. Nesse experimento foi invertida a ordem de perguntas sobre um profissional depois sobre o outro. Para o autor a diferença nos resultados aponta um efeito da ordem das perguntas (da bateria de perguntas) sobre os dois profissionais em questão. Na versão na qual a bateria de perguntas sobre o porteiro vem depois do médico, o porteiro tende a ser tratado com mais privilégios (o porteiro tende a ter menos

privilégios quando é tratado em primeiro lugar). E o médico é mais bem tratado na versão na qual ele vem antes das perguntas sobre o porteiro.

Para o autor a explicação é mais uma vez o fenômeno do socialmente desejável, quando “a ética universal está em jogo”, ativada pelo contexto do questionário (seqüência de perguntas) ao tratar das questões sobre privilégios concedidos a diferentes tipos de *status* ocupacionais.

Outros dados analisados por Almeida (2009, p.96-104), também produzidos pelo modelo experimental tipo *split ballot*, tratam das variações nos resultados a partir da utilização de diferentes formulações de opções de respostas, neste caso, sobre a apresentação da escala *Likert*. Na versão 1, foram apresentadas, em cartão, quatro categorias de respostas: “discorda totalmente”, “discorda um pouco”, “concorda um pouco” e “concorda totalmente” – sendo que a categoria intermediária, “nem discorda nem concorda” não foi oferecida no cartão de resposta, mas era registrada pelo entrevistador quando mencionada espontaneamente. Na versão 2, foi apresentada ao entrevistado uma escala de quatro pontos (de 1 a 4), na qual os extremos correspondiam aos termos “discorda totalmente” e “concorda totalmente”.

Nas versões 1 e 2 as diferentes escalas de respostas foram utilizadas nas mesmas trinta e três afirmações sobre “liberalismo econômico”, “nacionalismo econômico”, “autoritarismo” e “eficácia política”. Para o autor a diferença de resultados entre as duas versões aponta uma maior utilização dos pontos intermediários na versão 1, quando a escala é apresentada somente em categorias (“discorda totalmente”, “discorda um pouco”, “concorda um pouco” e “concorda totalmente”) do que na versão 2, quando a escala é apresentada com identificação numérica de 1 a 4. Além dessa análise, o autor aponta a tendência de se utilizar pontos extremos como respostas, principalmente a tendência a concordar, na categoria mais extrema, “concorda totalmente”, entre as duas versões de escalas. Existe uma tendência de se responder mais “concorda totalmente” do que “discorda totalmente” quando na presença da escala numérica. O próprio autor destaca que os testes estatísticos de significância desses resultados não são robustos, mas importantes para novas investigações sobre esses tipos efeitos produzidos nos resultados das medidas de *survey*.

A abordagem de Almeida ao analisar os dados pautou-se pela preocupação com a “prática” de elaboração de questionário a partir de “fundamentos empíricos”, como ele mesmo ressalta, gerando “receitas” importantes para as decisões a serem tomadas na elaboração do questionário como:

Quando não há estudos que orientem a ordem das perguntas no questionário, deve-se colocar na frente as perguntas que medem o que é mais importante para a pesquisa. É comum que o conhecimento acumulado em formulação de questionário esteja sistematizado e publicado em livros e artigos. Assim, nem sempre é preciso fazer pré-teste para se obter a melhor formulação de questionário. Quando este saber não existe, recomenda-se que sejam feitas, em primeiro lugar, as perguntas que medem aquilo considerado mais importante para o pesquisador. É a única maneira de assegurar que nenhuma outra pergunta feita anteriormente irá interferir nas respostas dadas (ALMEIDA, 2009, p.104).

Certamente a produção empírica, com metodologia rigorosa, é importante para a produção de conhecimento sobre a natureza dos problemas relacionados à elaboração do questionário às possibilidades de aperfeiçoamentos na elaboração das medidas. Do ponto de vista metodológico é possível comparar medidas mais “precisas” (ou válidas) do que outras, tendo em vista o objetivo teórico proposto para a medida. Mas, o mais importante, é conhecer as limitações de cada uma delas, as conseqüências para os resultados, e as implicações para a interpretação dos dados. Pois, sabe-se que nenhuma medida é perfeita, e que cada uma delas carrega certas características tanto em termos de limitações quanto em termos de possibilidades. É dessa maneira que se passou a compreender o *erro* das medidas de *survey* como *efeitos nas respostas*.

Os exemplos apresentados por Almeida (2009) são ilustrações importantes no contexto brasileiro de medidas de *survey*, mas o autor não utiliza o arcabouço teórico necessário para sustentar ou mesmo ampliar criticamente o conhecimento já disponível. A linguagem utilizada pelo autor direciona-se ao público mais geral e também a jornalistas e juristas que lidam com informações produzidas em pesquisa de opinião¹³. O que se constata no contexto acadêmico brasileiro é uma grande ausência de reflexão teórica e metodológica sobre o instrumento de coleta de dados

¹³ Como também na sua publicação *Como são feitas as pesquisas eleitorais e de opinião* (2002) Almeida aborda, em linguagem acessível ao grande público, informações sobre os principais aspectos envolvidos na produção das pesquisas de opinião como a amostragem, o questionário, o trabalho de campo e a análise de dados.

do *survey* – o questionário. Apesar de um investimento nos diversos aspectos metodológicos demandados pelo *survey* – como a amostragem probabilística e análise estatística – não encontramos um investimento na aplicação e aprofundamento do campo teórico e metodológico já disponível sobre a elaboração do questionário.

Em 1996, foi realizado no Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG o pré-teste do questionário para o projeto internacional *Global Environmental Survey (GOES)*¹⁴, coordenado pela então professora do departamento Solange Simões¹⁵. Esta experiência marcou uma preocupação com o aperfeiçoamento metodológico para a elaboração do questionário, os instrumentos complementares na condução da entrevista e os instrumentos de pré-teste do questionário. Dentre os objetivos de um projeto internacional, que procurava elaborar um questionário de *survey* que produzisse informações comparáveis, o desafio central era a busca por validade e confiabilidade das medidas. O desafio para a elaboração do questionário diante de contextos sócio-culturais heterogêneos internacionais torna mais evidente essa discussão resultante no processo de avaliação do questionário. Além das diferenças culturais internacionais, as diferenças culturais também se fazem presentes no próprio contexto brasileiro, por apresentar grandes níveis de desigualdades educacionais e sócio-econômicas¹⁶.

Poucos anos depois (a partir de 2001), a Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte e o Centro de Pesquisa Quantitativa em Ciências Sociais (CEPEQCS) da UFMG deram continuidade na aplicação dos conhecimentos disponíveis sobre a elaboração do questionário, as novas técnicas de pré-teste e os experimentos metodológicos (*split ballot*). Juntamente com esses, o Curso de Metodologia Quantitativa em Ciências Humanas (MQ)¹⁷ buscou preencher uma

¹⁴ O pré-teste internacional foi realizado simultaneamente nos países: Brasil, México, Canadá, Estados Unidos, China, Japão, Rússia, Bulgária, Alemanha, Polônia e Noruega.

¹⁵ Pós-doutorado em metodologia de *survey* pela Universidade de Michigan.

¹⁶ Apesar da aprovação do projeto de pesquisa GOES-Minas Gerais em 1997, os recursos foram disponibilizados pela Fapemig somente no ano de 2000 quando então foi realizada a pesquisa.

¹⁷ Apoiado pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e vinculados aos Programas de Mestrado e Doutorado em Sociologia e Ciência Política. Coordenação da professora Neuma Aguiar (atualmente professora emérita da UFMG) desde 1999 até 2008. Coordenação atual do professor Antônio Augusto Prates (professor adjunto da UFMG).

carência na formação de pesquisadores (professores e alunos de pós-graduação) em métodos quantitativos no âmbito das ciências sociais no Brasil, disponibilizando cursos anuais que reúnem professores especializados em metodologia quantitativa de várias instituições brasileiras visando alcançar uma melhoria da capacitação em pesquisa, obtendo um efeito multiplicador desta formação pelo Brasil afora. No programa desses cursos inclui a formação para a compreensão dos “Aspectos cognitivos da metodologia de *survey* e a construção do questionário”¹⁸.

A Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PRMBH), realizada a cada três anos (2002, 2005 e 2008) é parte deste programa de metodologia quantitativa e é mais um instrumento que proporciona o aperfeiçoamento dos professores e alunos de pós-graduação no conhecimento da metodologia ao conduzir e analisar um *survey*. O investimento metodológico através da PRMBH, orientados pela pesquisadora Solange Simões, produziu importantes experimentos nos moldes *split ballots* para verificar os chamados *efeitos nas respostas*, através das variações nos usos de terminologias, no modo de coleta do dado (*face-a-face versus* autoaplicado), e na apresentação ou não da opção “Não sei” como resposta. O objetivo foi desenvolver a metodologia de *survey*, através do uso dos experimentos, para gerar conhecimento que leve em conta o contexto brasileiro, e tem como desafio produzir um instrumento de coleta de dados capaz de gerar medidas válidas e confiáveis para uma população mais heterogênea em termos educacionais e culturais, sendo que uma grande parte dessa população tem os níveis mais baixos de escolarização e informação em geral. Este contexto sócio-cultural brasileiro diferencia-se em alto grau dos países europeus e dos Estados Unidos, nos quais foi gerado o conhecimento da metodologia de *survey*, que tem como contexto uma população mais escolarizada e culturalmente diferenciada (SIMÕES, PEREIRA, 2007).

¹⁸ Disciplina ministrada pela pesquisadora Solange Simões.

2.4. As principais críticas aos pressupostos da elaboração do questionário

A atividade crítica é fundamental em todos os momentos da produção científica, no entanto, tal atividade, por excelência, está especialmente vinculada à metodologia. Para as ciências sociais, a metodologia examina de modo sistemático e lógico a potencialidade dos instrumentos de pesquisa, desde suposições básicas às técnicas de investigação com objetivo científico. Dessa maneira, a metodologia procura estimar o valor dos procedimentos e das técnicas pela sua capacidade de produzir conhecimento científico. Assim concebida, a metodologia aplica-se a todos os tipos de pesquisa, quer sejam as chamadas qualitativas ou quantitativas, e as diferentes orientações teóricas.

Ao longo de sua história a prática do survey foi criticada nos seus pressupostos, ou na sua “precisão”, ou na sua adequação aos objetivos científicos. Diante disso, faz-se importante retomar as críticas a metodologia de survey, em especial as que se referem à elaboração do seu instrumento de coleta de dados (o questionário), entendendo os seus fundamentos e buscando as possibilidades de respostas ou de um debate. O “estado da arte” deste campo já disponibiliza uma produção teórica e empírica que responde de maneira consistente a estas críticas.

A prática do survey – assim nomeado no meio acadêmico – tal como a reconhecemos hoje, no seu “estado da arte”, teve diversas fases no seu desenvolvimento com diferentes características e aplicação. Certamente, o desenvolvimento do survey está intrinsecamente vinculado ao desenvolvimento das ciências sociais. Como parte desse desenvolvimento, a chamada pesquisa de opinião foi sua versão aplicada ao meio empresarial, organizacional e político-institucional para atender às demandas de informação sistematizada na forma quantificada. No “mundo das cifras” a pesquisa de opinião aparece como um instrumento capaz de produzir subsídios para uma ação “eficaz”, e capaz de “racionalizar” decisões e atuações, numa sociedade em que a informação estrategicamente orientada se constitui como um elemento componente das relações, combinado ao desenvolvimento tecnológico e informacional próprio do nosso tempo. Essa sistematização quantitativa marcou as ciências sociais e o

cientista social com uma imagem de “profissional” e “especializado” compatível com a racionalidade instrumental e técnica que se manifestou na sociedade de um modo geral.

Essa ampla utilização levou, por um lado, a uma visão do survey como uma técnica de fácil acesso. Dessa maneira, tem-se multiplicado as empresas de pesquisa de opinião que facilmente utilizam respostas derivadas de perguntas de um questionário em um programa de computador, apresentando suas freqüências como revelação da realidade. Por outro lado, a ampla utilização levou a uma visão de caráter filosófico que - diante da complexidade de realização do survey e sua natureza de abstração quantitativa – questiona-se a validade de seus resultados para o conhecimento científico.

As críticas ao levantamento de dados através do survey foram realizadas, de diferentes maneiras, por autores como Marsh (1982), C. Wright Mills (1959), Bourdieu (1985), Blumer (1956), e Cicourel (1964), sendo que em muitos aspectos as formulações apresentadas são coincidentes. Tais críticas estão principalmente relacionadas aos fundamentos que norteiam o caráter científico do levantamento de dados e que foram identificadas com os pressupostos positivistas¹⁹.

A perspectiva comum antipositivista entre as críticas está situada em um processo histórico em que o método quantitativo era amplamente utilizado pelas ciências sociais e em diferentes setores da sociedade. Certamente, o contexto dessas críticas ainda não contava com um investimento teórico e metodológico tal como alcançado a partir da década de 80 sobre a aplicação de questionário no survey. Em decorrência disso, nesta seção procura-se destacar algumas críticas, que foram pertinentes, ou continuam sendo, no que tange a questões mais filosóficas sobre: a) a neutralidade e objetividade da metodologia de survey, passando pela questão metodológica, como b) a crítica ao modelo da relação entre

¹⁹ A escola positivista tem por fundamento a preocupação em distinguir o que é e o que não é conhecimento científico, não interessando a esta uma análise sobre as condições de produção do conhecimento científico. Comte é a referência clássica na sociologia por sua defesa do positivismo. O pensamento de Comte se fundamentou na idéia de que existe um mundo real e o papel da ciência é descobrir suas leis invariantes (tal como nas ciências da natureza), ou seja, descobrir o verdadeiro estado das coisas e reproduzi-lo com precisão nas teorias (Ritzer, 2001).

teoria e dados empíricos e suas técnicas de operacionalização dos conceitos, representadas no questionário²⁰.

Catherine Marsh (1982) analisou a caracterização do survey mais comum relacionada à identificação inerentemente positivista, como sendo o viés epistemológico fundamental. De forma ampla, quatro postulados foram identificados com a escola positivista: 1) “fenominalismo”; 2) “nominalismo”; 3) “a separação entre fato e valor” 4) “a unidade do método científico”. O primeiro dos postulados estaria limitando o conhecimento à experiência e o segundo recusando os aspectos cognitivos para o conhecimento. O terceiro postulado centraliza o esforço técnico para coletar o fato na realidade (ele existe na realidade para ser descoberto), correndo o risco de ser percebido ou relatado erradamente. O quarto postulado, inspirado no modelo de investigação das ciências naturais (como a física), pressupõe a existência de regularidades no mundo a serem descobertas e define um único método científico para todas as ciências, para elaborar teorias correspondentes a estas regularidades. Tais teorias seriam levadas a testes para serem confirmadas ou refutadas, tornando seus resultados generalizáveis. Como conseqüências dos dois primeiros postulados, o questionamento está no seu caráter empiricista (que remete à relação entre teoria e dados empíricos) e, como conseqüência dos dois últimos postulados, o questionamento está na compreensão das noções de neutralidade científica e objetividade, excluindo as influências do contexto social sobre a produção científica. (MARSH, 1982, p.49-50)

Wright Mills (1959) direcionou suas críticas na ênfase dada ao método (“quantitativo”) como marca de cientificidade das ciências sociais, caracterizado por ele por “empirismo abstrato”²¹. A “nova escola” quantitativa, que se afirmava na sociedade americana, trouxe um novo processo de trabalho para a pesquisa,

20 Também são importantes as questões envolvidas na relação entre entrevistador e entrevistado, na verificação de hipóteses e inferência causal, na representatividade do universo pesquisado (amostragem), ou a capacidade de generalização, e a utilização política do survey, dentre outras.

21 No contexto da crise do pensamento sociológico nos Estados Unidos Mills (Imaginação Sociológica, 1959) faz críticas também a “grande teoria” representada por Talcott Parsons. Ao contrário do “empirismo abstrato”, os “teóricos” também abandonaram a natureza e os significados das condições histórico-estruturais de organização da vida, tornando a “grande teoria” numa formalização de conceitos (o fetiche dos conceitos) como objetivo central da reflexão. Esses “teóricos” preocupados com a generalização universal deixaram de se aproximar dos problemas reais da vida social.

empregando um aparato administrativo e técnico que demanda um novo tipo de profissional. Esse novo tipo de profissional se caracterizava como um administrador intelectual ou o técnico de pesquisa competindo com o professor e o erudito. Mills fez suas críticas diretamente a Paul Lazarsfeld, considerado o melhor representante desse “estilo de trabalho”. Para Mills, as orientações de tal estilo de trabalho corresponderiam à tendência: 1) de “psicologismo” sobrepondo o contexto pessoal aos problemas da estrutura; 2) o sentido específico de “relacionar” estaria na manipulação de variáveis limitando-se ao estatístico; 3) as “repetições” de atos ou as “regularidades” da vida social que possibilitariam o estudo estatístico como uma tentativa de reconhecer as estruturas; 4) uma ênfase não-histórica que contrastaria com a formulação de problemas substantivos que orientam as ciências sociais (MILLS, 1959, p.68-72).

Mills faz sua crítica a fragilidade dos resultados apresentados pelo empirismo abstrato considerando-a inerente ao estilo de trabalho. Essa fragilidade estaria na relação entre teoria e empiria e na ausência de significação estrutural dada aos problemas da ciência social. O autor considerou limitado e mecânico o processo operacionalização dos conceitos e de interpretação dos dados. O problema da interação entre teoria e dados empíricos e da falta de clareza na especificação de variáveis e das interpretações cumpriria um “ritual estatístico”. A crítica de Mills chamou atenção para a tendência de um trabalho que tornou mais um “cumprimento de um ritual” descritivo e que adquiriu valor comercial e burocrático deixando de lado o que chamou de “um compromisso com as duras exigências da ciência” (MILLS, 1959, p.73-83).

Pierre Bourdieu (1985) também se preocupou questionar os moldes empiricistas que abrangeram o universo da pesquisa de opinião pública e que pretendiam ao *status* de pesquisa científica propriamente dita. O propósito das críticas foi apontar a importância da investigação empírica, mas submetida a um controle metodológico rigoroso – vigilância epistemológica - e subordinada a uma preocupação de teoria sociológica. Os pressupostos implícitos à pesquisa de opinião (em relação às perguntas abordadas no questionário) destacados por Bourdieu e que devem ser colocados em análise rigorosa são: 1) “a produção da opinião está ao alcance de todos”; 2) “todas as opiniões se equivalem”; e 3) “existe um consenso

sobre os problemas” (BOURDIEU,1985, p.137-138). A preocupação central de Bourdieu ao destacar os três postulados é com as implicações para a *significação das respostas* interpretadas segundo os interesses de quem formulou as perguntas; no caso da pesquisa de opinião, os interesses políticos. Sem uma preocupação com estes postulados a opinião pública torna-se um artefato para representar o estado da opinião pública utilizada para “legitimar uma política e reforçar as relações de força que a fundam ou as tornam possíveis” (BOURDIEU,1985, p.139-140).

No que diz respeito ao primeiro postulado, Bourdieu destaca a condição disponibilizada pelo questionário de se registrar o ter ou não ter uma opinião e a relevância para a análise de dados. Para o autor é preciso legitimar a inexistência de uma opinião, e, além disso, levar em conta essa inexistência na interpretação dos resultados. O desdobramento dessa preocupação levou os cientistas sociais - principalmente na ciência política - ao debate conceitual e metodológico sobre a natureza da opinião e o processo de registro dessa informação na pesquisa de opinião pública (CONVERSE, 1964; 1970; ZALLER, 1992). O desdobramento do segundo e do terceiro postulado salientam que a opinião, quando existe, é produzida a partir de categorias de percepção diferenciadas engendradas a partir da lógica e da coerência de um “*ethos* de classe” (BOURDIEU,1985, p.143). Apesar da soma de opiniões consideradas iguais é preciso levar em conta que as opiniões foram produzidas a partir de diferentes condições sociais. Também os problemas considerados no questionário, relevantes para quem os formulou, são tomados de modos diferentes pelos respondentes a partir das diferentes condições sociais – as quais Bourdieu tomou como condição de classe.

Do ponto de vista deste estudo, o questionamento de Bourdieu através da análise dos postulados da pesquisa de opinião pública, torna-se relevante enquanto uma preocupação com a construção de significados, através das perguntas elaboradas em um questionário e as condições sociais daqueles que respondem. Esta perspectiva tornou-se importante para a metodologia de pesquisa de *survey*, mas foi abordada de maneira muito ampla por Bourdieu, tanto na identificação desses problemas no processo de elaboração do questionário, quanto na identificação dos processos de produção das respostas a partir das condições sociais dos respondentes.

Outras críticas em relação à elaboração das medidas e coleta de dados de *survey* foram destacadas por Marsh (1982). Marsh citou os fenomenólogos, os etnometodólogos e os interacionistas simbólicos, que acreditam ser impossível que a vida social possa ser apropriada pela ciência e, por conseqüência, o *survey* não seria capaz de abordar os aspectos significativos da ação humana. Para estes, a vida social é criada por crenças subjetivas, intenções e desejos - elaborados através da linguagem - que não podem ser explicados, só meramente compreendidos. Além disso, não podem *a priori* ser considerados como causas de algum resultado, isto é, intenção e resultado não podem ser vistos como eventos separados (MARSH, 1982, p.51-52).

Outros autores vão além da crítica mais geral e especificam o questionamento no nível da construção das medidas e do instrumento de coleta de dados. Cicourel (1964) se refere à dificuldade no processo de construção das variáveis, para que sejam capazes de expressar as propriedades do que está sendo proposto medir no plano teórico. Para o autor, a construção de variáveis não reflete objetivamente as propriedades do fenômeno social, mas sim a compreensão do senso comum no significado da ação apropriada pelo pesquisador.

Outro crítico como Blumer (1956) argumenta que as variáveis nunca são capazes de apreender a profundidade e complexidade dos significados nos quais se baseia o processo social. Desse argumento deriva a crítica ao uso do questionário estruturado diante das dificuldades de padronização da redação das questões, pois nele uma simples alteração pode acarretar diferentes resultados.

As críticas ao processo de elaboração do questionário levaram à proposta de abandono do método, idéia desenvolvida por Derek Phillips (1973). Este alega que os atributos do entrevistador podem ter efeito sobre a resposta; como a expectativa que o entrevistado tem do que é esperado dele, e sua performance estará voltada para sugestões sobre o que o pesquisador espera dele. Influenciado por pensadores como Khun, Winch, Wittgenstein e Feyerabend, Phillips conclui que os cientistas sociais deveriam deixar de pretender ter um método peculiar que levaria ao conhecimento social e adotar o método da introspecção que os levaria a “ver o mundo com os próprios olhos”, sem interferência de um instrumento científico.

Apesar das críticas serem levadas até as últimas consequências, rejeitando à metodologia de *survey* como método científico, muitos desses críticos, por fim, admitem que os vieses derivados das técnicas podem ser corrigidos desde que tomados com rigor metodológico. Isso acontece com Mills, Bourdieu, e até mesmo com Phillips e Cicourel - este último chegou a elaborar algumas regras para tratamento dos resultados coletados através de questões padronizadas tornando-as válidas (1964, p.109-111). Bourdieu (1985) preocupou-se em problematizar o momento da observação empírica na sua dimensão social para recolocá-la na perspectiva da vigilância epistemológica. Outros autores, como a própria Marsh (1982), também estarão preocupados em responder a estas críticas e, ao mesmo tempo, indicar o quadro geral da lógica do *survey* cientificamente válido.

2.5. Replicando às críticas com novos desafios

No contexto da metodologia de *survey*, muitos pesquisadores têm se esforçado para aprofundar o conhecimento sobre as questões envolvidas na elaboração do questionário de *survey*. Por um lado, procuram o entendimento dos vieses resultante do processo de elaboração e aplicação do questionário, e, por outro lado, procuram responder às críticas, retomando o debate não como uma defesa absoluta, mas com o interesse de esclarecer os seus fundamentos e tornar explícitos os seus procedimentos. Com um melhor conhecimento do método, no que se refere à clareza do seu próprio limite e à consciência do seu potencial, pode-se assim reconhecer as medidas de *survey* como um importante instrumento capaz de trazer valiosas contribuições à metodologia de pesquisa e ao conhecimento científico.

Nesta seção procuro destacar questões metodológicas fundamentais a partir do entendimento de que a complexidade envolvida na aplicação do *survey* é comum a qualquer outro método de pesquisa quando se referem: 1) a congruência entre teoria e dados empíricos (ou a validade e confiabilidade das medidas), e, principalmente, 2) as condições do levantamento de dados empíricos e suas implicações para a interpretação dos dados.

A preocupação com o papel da teoria e dos dados empíricos para a ciência sistemática já foi traduzida na polêmica entre os que valorizam a teoria (como o conjunto de preposições inter-relacionadas) e aqueles que valorizam os métodos de pesquisa (a mensuração empírica como essência da ciência), apesar de todos estes acreditarem na complementaridade de ambos. Para os críticos da metodologia de *survey*, a limitação está na fragilidade de uma elaboração teórica e da interpretação dos dados coletados. Na argumentação dos que se voltam para o método, a ênfase está na confiabilidade das medidas utilizadas. Embora a controvérsia gire em torno do método, já que este articula teoria e dados empíricos, a questão se recoloca quanto às dificuldades do processo de passagem da teoria para a sua representação empírica e do processo de interpretação dos dados empíricos dentro da argumentação teórica; como dois processos constitutivos do método científico. Desta maneira, o problema se coloca na definição operacional dos conceitos e na análise dos dados.

O processo de operacionalização dos conceitos remete às definições das suas dimensões e subdimensões; da multidimensionalidade dos conceitos. Este seria o primeiro passo para uma maior aproximação em direção à complexidade das idéias contidas numa construção teórica (no nível mais abstrato) (DE VAUS, 1991). E as necessárias definições empíricas das dimensões, a partir dos pressupostos teóricos, resultam sempre em processos de simplificação e na inevitável superficialidade dos indicadores empíricos (JUDD, *et al.*, 1951, p.43-46).

O questionário representa o instrumento que articula os planos da construção teórica e ao da mensuração empírica. As perguntas elaboradas em um questionário são o desenho das medidas, das variáveis, dos indicadores que representam os conceitos definidos teoricamente. A análise das perguntas do questionário é um desafio colocado para a metodologia de *survey* no sentido de compreender o que exatamente se está medindo, quanto a sua abrangência e seus limites. Sobretudo a avaliação das medidas dentro da metodologia de *survey* tem a atenção voltada para duas considerações metodológicas: a confiabilidade e a validade. A confiabilidade do questionário está relacionada à capacidade da medida de obter o mesmo resultado em diferentes momentos de sua aplicação. Toda medida tem uma possibilidade de erro. A consistência encontrada na reaplicação da medida é chamada de

confiabilidade, e existem técnicas estatísticas específicas para avaliar o grau de confiabilidade das medidas. Certamente a clareza e relevância das questões para os respondentes contribuem para o alcance da confiabilidade. A validade está relacionada à adequação das medidas empíricas que deverão corresponder às definições dos conceitos e indicadores, ou seja, a validade diz respeito à adequação das medidas na relação entre definição operacional e construção teórica. A validade das medidas poderá ser avaliada em diferentes dimensões: a validade relacionada aos critérios tomados para definir as medidas; a validade de conteúdo que se refere à amplitude de significados dos conceitos; e a validade de construção que se refere à relação entre medidas e variáveis e o seu significado dentro da construção teórica. Confiabilidade e validade das medidas são compreendidas dentro de uma tensão; uma medida só é válida se for confiável. Assim, a validade requer confiabilidade como pré-requisito. Além do mais, uma medida só é utilizável se esta for ao mesmo tempo válida e confiável (CARMINES, ZELLER, 1979; VAUS, 1991).

Sobre as condições do levantamento dos dados, esta questão é traduzida na preocupação com a elaboração e aplicação do instrumento de coleta de dados - o questionário. Para os críticos da metodologia de *survey*, o questionário é uma técnica de pesquisa limitada por natureza, porque está sujeito a distorções ideológicas. Em decorrência disso, a metodologia de *survey* não teria validade para traduzir uma elaboração de interesse teórico. Ao considerar essas limitações como a própria problematização do método e técnica de pesquisa, a questão pode tomar a perspectiva de um desafio geral para a metodologia das ciências sociais.

A ação do pesquisador, como observador direto, ou por meio de instrumentos de levantamento de dados, como o questionário, é colocada como questão metodológica quando este se torna parte da realidade social a qual se pretende estudar. Assim as ciências sociais têm procurado desvendar *A Aventura Sociológica*²² ou *A Aventura Antropológica*²³, refletindo sobre os procedimentos de pesquisa (de campo) dos cientistas sociais, a sua relação com o objeto de estudo e com o processo de interpretação das informações registradas.

²² Nunes, Edson. (Org.) *A Aventura sociológica – Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. RJ: Zahar, 1978.

²³ Cardoso, Ruth. (Org.) *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. RJ: Paz e Terra, 1986.

Em Deutsche (1973) a idéia de “reatividade” em Kant, Rickert, Windeband e Dilthey em contraposição a “objetividade” foi uma primeira maneira de tratar o entendimento de que a ação de conhecer transforma o objeto de conhecimento; no processo de interação instalado no ato da entrevista ou da observação. Essa idéia foi aplicada na interação, no ato da entrevista, entre entrevistador e respondente, resultando no chamado efeito do entrevistador (ou efeito do observador). Este era um dos problemas identificados como uma vulnerabilidade da pesquisa de survey, que utiliza de intermediários (entrevistadores) para coletar os dados (DEUTSCHER, 1973, p.61).

Os fenomenólogos, os etnometodólogos e os interacionistas simbólicos também foram sensíveis a este problema metodológico colocado para as ciências sociais, como Blumer (1956) e Cicourel (1980), além de Schutz (1954) e Garfinkel (1967, 2006), mostram-se preocupados com os significados do senso comum e com a estrutura de relevância a partir da qual os indivíduos agem e pensam; também consideraram as conseqüências para o método de pesquisa e para o conhecimento científico. Nesta perspectiva estes autores já destacavam a relação do objeto de estudo com o instrumento de levantamento de dados: os indivíduos agem verbalmente ou efetivamente em resposta a significados simbólicos do objeto confrontado em uma dada situação. Nesse contexto, a compreensão da entrevista, como instrumento de levantamento de dados, torna-se em si uma forma de “retórica social”, não sendo apenas uma ferramenta da sociologia, mas uma grande parte o seu próprio objeto de estudo. O mesmo pode ser dito para o estudo experimental e a observação (BENNEY, HUGHES, 1956, p.133)

Tanto os autores críticos da metodologia de *survey* como os autores que se propõem a avançar no conhecimento sobre a metodologia de *survey*, sempre dedicam uma parte de seu trabalho para tratar da elaboração e aplicação do seu instrumento de coleta de dados - o questionário. Alguns autores se dedicam exclusivamente a estudar os problemas envolvidos nos procedimentos adotados para elaboração e aplicação do questionário. Pesquisadores como Schuman e Presser (1981) utilizaram-se de experimentos aplicados à metodologia de *survey* para discutir a adequação da elaboração e aplicação do questionário, e identificam evidências dos efeitos resultantes da escolha do desenho (formato, redação,

contexto etc) do questionário. Para esses pesquisadores, uma elaboração e aplicação inadequada do questionário acarreta, principalmente, erros de medida (mais precisamente redefinido como *efeitos nas respostas* não esperados). A literatura disponível que trata deste aspecto tem acumulado um importante conhecimento sobre os chamados *efeitos nas respostas* decorrentes das escolhas no processo de elaboração do questionário. O que se conclui é que a preocupação com a validade e confiabilidade do instrumento de coleta de dados - o questionário - persiste no decorrer das décadas, apontando a necessidade de maiores evidências empíricas para maior conhecimento das consequências dos diferentes *designs* das medidas e o significado dessas consequências para a interpretação dos resultados.

De modo geral, tanto a criticada orientação positivista quanto os críticos da metodologia de *survey* estão preocupados com a questão da cientificidade dos métodos e técnicas de pesquisa. Se para a orientação positivista existem procedimentos nos quais estarão garantidas a neutralidade e objetividade dos métodos e técnicas de pesquisa, para os críticos da metodologia de *survey*, diante da possibilidade de distorções ideológicas e as limitações das medidas diante da complexidade da vida social, torna inviável a investigação científica nos moldes do *survey*. Certamente, a condição para a objetividade do conhecimento científico está relacionada à problematização do processo de produção do conhecimento. É principalmente neste contexto que os críticos da metodologia de *survey* apontam as limitações do método. A preocupação destes críticos é demonstrar que o conhecimento das ciências sociais é afetado por interesses ou preconceitos dos atores sociais envolvidos em uma pesquisa. No entanto, sabemos também que isto não exclui nem a possibilidade de análise das ciências sociais submetidas a uma discussão crítica racional, nem a possibilidade dessa discussão chegar a conclusões a princípio passíveis de aceitação unânime. Tal entendimento é discutido pela sociologia do conhecimento que tomou como seu objeto de estudo, num sentido mais amplo, os “determinantes sociais” do conhecimento científico. A esta proposição acrescentam-se questões que procuram, por um lado, especificar tais determinantes e, por outro lado, conciliar a pretensão de objetividade que define o conhecimento que lhe serve de fundamento. A natureza de um paradigma, no sentido geral do termo, pode estar relacionada a uma experiência coletiva, mas só pode ter sentido para a comunidade científica se for capaz de tornar credível sua

pretensão a objetividade, sendo que a vinculação do conhecimento a fatores sociais é insuficiente para determinar o conteúdo do paradigma (as teorias como produto final) ou sua validade e credibilidade.

A própria sociologia se constituiu e se desenvolveu no contexto do movimento cientificista da sociedade moderna; seja por meio de um jogo constante de definição de seu objeto dentro das ciências humanas, seja através da adoção de parâmetros de cientificidade característicos das ciências naturais. Sendo assim, uma abordagem da sociologia do conhecimento constituiria uma perspectiva “autocrítica”, pressupondo uma superação da interpretação cientificista da ciência e da forma cientificista de fazer sociologia. Neste sentido, de uma maneira mais geral, o problema do conhecimento para a sociologia se coloca na identificação dos tipos de relações entre o seu produto – o conhecimento científico - e o contexto social.

O problema do conhecimento científico em particular se instala inicialmente no campo da investigação filosófica abordando questões do tipo: como estabelecer critérios sobre a existência de um mundo independente das representações mentais; se a fonte de conhecimento é mesmo a experiência ou a razão; quais os limites e o alcance do conhecimento; como validar o conhecimento; ou se o conhecimento é cumulativo. A história dos tipos de abordagens do problema do conhecimento tem início na Idade Moderna com os estudos de Francis Bacon e René Descartes sobre a adequação dos métodos indutivos e dedutivos. Mas é com Locke que o problema do conhecimento vem se afirmar explicitamente como teoria do conhecimento nos termos de sua origem, sua essência e sua certeza. Em resposta à crise da crença na verdade científica (como verdade definitiva), na virada do século XIX para o século XX, a epistemologia, como um ramo da filosofia da ciência, ocupou-se em dar novas respostas sobre a natureza do conhecimento científico e sobre a questão da objetividade científica. Um dos desdobramentos da epistemologia é a própria sociologia da ciência e do conhecimento que procura verificar empiricamente a natureza e os limites do conhecimento, tomando-o como uma atividade humana, e assim tratando-o como tal (MATTEDI, 2006).

3. CAPÍTULO II - OS ASPECTOS COGNITIVOS DA METODOLOGIA DE SURVEY

3.1. Apresentação

Na perspectiva do entendimento do *survey* enquanto uma “construção de dados” (substituindo o termo “coleta de dados”) este capítulo destaca a compreensão sobre os aspectos cognitivos envolvidos no processo de elaboração das perguntas, por parte do pesquisador, e da produção das respostas, por parte do entrevistado (respondente); através um conjunto de abordagens teóricas e metodológicas, que procurou lidar com os dilemas colocados pela prática do *survey*. Os aspectos cognitivos da metodologia de *survey* reúnem contribuições de psicologia social, da psicologia cognitiva, da psicolingüística e da metodologia nas ciências sociais, tornando-se meio fundamental para se garantir a validade e confiabilidade das medidas.

As perguntas elaboradas para um questionário representam o resultado da operacionalização dos conceitos derivados de um argumento teórico ou de idéias e preocupações mais abstratas sobre um determinado assunto. Junto à preocupação de se buscar uma melhor tradução empírica dos conceitos ou idéias mais abstratas está a preocupação de que esta tradução seja comunicável àqueles que irão responder as perguntas. Este duplo objetivo buscou na entrevista padronizada (o questionário) o método para se garantir a estabilidade de significado pretendido pelo pesquisador, mas que toma como pressuposto as regras e as convenções da conversação para estruturar a entrevista. Desta maneira, a entrevista de *survey* (ou a aplicação do questionário) traduz a tensão entre ser um procedimento científico de coleta de dados e ser um evento interacional (ou uma conversação). Além disso, a perspectiva do processo cognitivo que focaliza o indivíduo nas suas condições psicossociais é fundamental para se compreender as condições de elaboração das respostas por parte do respondente. Assim a entrevista do *survey* - a partir da sua natureza padronizada - é melhor compreendida considerando, ao mesmo tempo, *como um processo cognitivo*, do ponto de vista do respondente, na elaboração das respostas e *as condições das regras sociais específicas da conversação* (ou

interação social). Embora esses aspectos da entrevista de *survey* estejam imbricados e interrelacionados, busco apresentar a perspectiva a partir de cada um deles e as relações entre si.

3.2. O princípio da padronização da entrevista de *survey*

Uma das características centrais da pesquisa do *survey* é a padronização da entrevista. A controvérsia sobre a entrevista padronizada ou não-padronizada é clássica, pois aponta suas vantagens e desvantagens diante dos objetivos de pesquisa propostos. A padronização da entrevista é uma condição do objeto deste estudo em que se pretende avaliar a validade e confiabilidade dos dados produzidos e, mais especificamente, discutir as possíveis condições pelas quais os respondentes tornam-se susceptíveis a esta padronização resultando em efeitos nas respostas.

Os manuais de metodologia e de treinamento de entrevistadores se referem como o principal objetivo da padronização da entrevista estabelecer um controle dos possíveis efeitos produzidos pela mediação do entrevistador. O pesquisador que planejou e elaborou o questionário buscou ter um controle da entrevista através de um repertório preciso de perguntas estabelecendo um comportamento padronizado do entrevistador em todas as situações (BEATTY, 1995). Uma decorrência dessa perspectiva foi uma preocupação em definir melhor o papel do entrevistador: qual o nível de conhecimento sobre os conceitos envolvidos na pesquisa que o entrevistador deveria ter e o nível de liberdade para refazer ou adaptar as questões às necessidades dos respondentes? Na prática, essa perspectiva gerou manuais de treinamento e de orientação do entrevistador durante a aplicação do questionário, estabelecendo as condições para o entrevistador ir além da leitura das perguntas, quando necessário, para garantir o significado intencionado da pergunta, pedindo ou dando esclarecimentos ao entrevistado, através das técnicas de uso dos *probes* na condução da entrevista. Os *probes* como uma técnica neutra, na forma de perguntas adicionais padronizadas e não-diretivas, têm por objetivo motivar o entrevistado a dar respostas mais claras e completas e conduzir o entrevistado através do foco

específico das perguntas. O sucesso dos objetivos do pesquisador depende, em parte, da habilidade do entrevistador em usar os *probes*²⁴. De um lado, a importância de se estabelecer um *rapport* entre o entrevistador e o respondente e uma condução da entrevista para se garantir os objetivos pretendidos pelo pesquisador, e de outro lado, a importância de se estabelecer os limites do envolvimento do entrevistador e os termos da mediação para se ter o controle de possíveis efeitos nas respostas (HOINVILLE, JOWELL, 1995; FOWLER, MANGIONE, 1990; HOUTKOOP-STEENSTRA, 2000; MAYNARD, *et al.*, 2002).

Alguns importantes manuais procuram resumir os problemas envolvidos no questionário padronizado (HOINVILLE, JOWELL, 1995; GROVES *et al.*, 2004; PRESSER *et al.*, 2004), assim como fez Converse e Presser em *Survey Questions: Handcrafting the Standardized Questionnaire* (1986), ao selecionar alguns dos princípios e achados específicos que têm fortes implicações sobre como elaborar as perguntas. Foram relacionadas algumas estratégias básicas selecionadas a partir das evidências experimentais e dos meios pelos quais o questionário é testado e investigado para o seu aperfeiçoamento. A convergência entre os pesquisadores para se buscar “simplicidade” responderia basicamente ao maior número de problemas da elaboração das questões que tem como base quatro aspectos: 1) a linguagem simples; 2) os conceitos comuns; 3) tarefas possíveis de serem realizadas; 4) e informação generalizada. Mas através da evidência experimental os pesquisadores puderam caracterizar algumas das principais controvérsias envolvidas na elaboração das questões como: 1) questão específica *versus* questão geral; 2) questão aberta *versus* questão fechada; 3) oferecer ou não a opção “não tem opinião” (“NS”); 4) omitir ou não o item de medida intermediária da intensidade da atitude; 5) medida de intensidade 6) questão usando a escolha forçada; 7) a ordem das perguntas; 8) os efeitos da redação e terminologias, dentre outras. Além disso, esses guias procuram estabelecer a importância dos meios para aperfeiçoamento do questionário envolvendo estágios de exploração e

²⁴ Manual do entrevistador, PRMBH, 2002, adaptado a partir do *Manual do Entrevistador* criado pela do *Division of Survey Technologies do Institute of Social Research (ISR)* da Universidade de Michigan. Exemplos de *probes*: “O que você quer dizer com isso?”; “Você poderia falar um pouco mais sobre isso?”; “Mas, em geral, o que você pensa?”; “O que você quer dizer com isso?”; “Você poderia me dar um exemplo?”; “Qual se aproxima mais do que você pensa?” etc.

aprofundamento nos pressupostos teóricos e metodológicos em relação ao objeto de estudo. O pré-teste poderá utilizar diferentes técnicas para avaliar todos os aspectos envolvidos no questionário e na entrevista (tais como significado, realização das tarefas pelo respondente, efeitos contextuais, etc), e mesmo o estudo piloto, grupos focais, revisão de *experts*, entrevistas cognitivas, codificação do comportamento, etc (SUDMAN, BRADBURN, 1983; FOWLER, 1995; GROVES *et al.*, 2004; PRESSER *et al.*, 2004).

A padronização da entrevista – com seus formatos e seqüência de perguntas - é uma condição fundamental para se compreender a situação objetiva e imediata, da qual o respondente faz uso como fonte de informação para produzir suas respostas. As referências teóricas sobre a necessidade da padronização e as conseqüências sobre a formulação das questões de um questionário, tendo em vista a validade e confiabilidade das medidas, trazem diferentes contribuições para se pensar os efeitos nas respostas. A colaboração entre os psicólogos cognitivos e os pesquisadores de *survey* para a compreensão do processo de produção das respostas às perguntas de um questionário teve início no final da década de 70 e se orientou pelo novo paradigma não-behaviorista que; ao invés de utilizar o pressuposto do estímulo-resposta e a importância da recompensa, dava ênfase a complexidade do processo mental para a compreensão da pergunta e produção da resposta. Desta maneira, o fundamento para se entender a situação de entrevista do *survey* parte de uma dupla concepção; de um lado, a entrevista de *survey* “como conversação” ou como “interação social”, e de outro lado, o *survey* “como uma série de tarefas cognitivas para serem executadas pelo respondente” (STRACK, MARTIN, 1987; CLARK, SCHOBBER, 1992; SUDMAN, *et. al.*, 1996). A entrevista do *survey* é melhor compreendida considerando uma complexa articulação entre as regras sociais específicas da conversação que se estabelece e o processo cognitivo individualmente analisado.

3.3. A entrevista de *survey* como “conversação” ou como “interação social”

A entrevista como interação social refere-se ao processo estabelecido entre o pesquisador-questionário e o entrevistado-respondente, mediada pelo entrevistador, que ocorre de forma similar à conversação; obedecendo às regras da conversação (SHUMAN, JORDAN, 1992; SUDMAN, *et al.*, 1996; CLARK, SCHOBER 1992; SCHWARZ, 1996). Paul Grice (1975), filósofo da linguagem, introduziu a idéia da lógica da conversação. De acordo com Grice a conversação procede de acordo com o princípio “cooperativista”, que foi resumido inicialmente por Levinson (1983) representado na forma de quatro “axiomas” (“*a maxim of quality*”, “*a maxim of relation*”, “*a maxim of quantity*”, “*a maxim of manner*”). Espera-se daquele que fala: 1) que seja verdadeiro, não dizendo aquilo que acredita ser falso ou que falte evidência adequada, 2) que seja relevante, fazendo contribuições significativas ao objetivo da conversação, 3) que seja informativo, contribuindo com o máximo de informações requeridas, 4) e contribuindo para que seja claro não sendo ambíguo, obscuro, ou difuso.

McCann e Higgins (1992) resumiram as implicações dos quatro “axiomas” como “regras” para aqueles que querem falar ou ouvir, numa situação onde os envolvidos têm por objetivo trocar informações. Assim no jogo da conversação quem fala deveria: 1) levar em conta as características do receptor (quem ouve); 2) ser coerente e compreensível; 3) dar informação suficiente (nem muito nem pouco); 4) ser relevante; 5) produzir uma mensagem que seja apropriada no contexto; 6) produzir uma mensagem que seja apropriada a sua intenção comunicativa; 7) transmitir a verdade como eles a vêem; 8) assumir que o receptor (quem ouve) segue as regras da comunicação. Já os receptores (ouvintes) deveriam: 1) levar em conta as características do comunicador (quem fala); 2) determinar a intenção comunicativa do comunicador; 3) levar em conta o contexto e as circunstâncias; 4) dar atenção à mensagem e estar preparado para recebê-la; 5) tentar compreender a mensagem; 6) dar retorno ao comunicador sobre a sua compreensão da mensagem.

A partir destes pressupostos vários autores abordaram os diferentes aspectos da entrevista de *survey* como interação, sua relação com as características da

padronização e suas conseqüências para a realização da entrevista através do entrevistador (ou aplicação do questionário), e as influências na elaboração das respostas por parte do respondente ou os chamados efeitos nas respostas.

Beatty (1995) fez uma revisão dos aspectos que envolvem as duas dimensões em conflito: a entrevista como conversação e a entrevista como coleta de dados (como procedimentos científicos). O autor entende que o dilema está em como resolver o problema da comunicação aproveitando todos os benefícios da padronização, ou seja, compreender como a padronização interfere na comunicação de significados, já que esta tem como objetivo específico produzir dados estatisticamente válidos. O autor aponta a importância de uma avaliação antecipada da entrevista, tanto do ponto de vista da construção do questionário, quanto do ponto de vista de se estabelecer o comportamento do entrevistador na situação de entrevista. Desta maneira, é importante o uso do pré-teste para investigar os problemas envolvidos na comunicação do significado, através de métodos como a entrevista cognitiva, codificação do comportamento, dentre outros. Além disso, faz-se importante a utilização de recursos como o treinamento do entrevistador para estabelecer padrões de comportamento e de entendimento sobre a situação de entrevista. A utilização de *probes* (HOINVILLE, JOWELL, 1978) e de manuais que especificam a aplicação das questões também são importantes para assegurar a compreensão dos significados. Esta indicação é uma tentativa de ampliar a avaliação do *survey* adicionando, à precisão estatística, uma perspectiva de avaliação do ponto de vista da comunicação dos significados.

Entender como similares a entrevista do *survey* e a conversação social é uma forma de nos ajudar a compreender os fatores que estão envolvidos no processo de pergunta e resposta e os seus possíveis vieses. Dessa maneira, a entrevista é um evento de interação social, mas ao mesmo tempo, a situação da entrevista face-a-face diferencia-se, substancialmente, de uma conversação devido aos procedimentos padronizados que impõem “constrangimentos” específicos à entrevista trazendo conseqüências para os dados que produz. E é justamente a padronização que identifica o processo da entrevista com o procedimento científico. A padronização das perguntas é uma estratégia que visa o compartilhamento dos

significados e que, em última análise, é a base para a validade dos dados (SCHUMAN, JORDAN, 1994).

Schuman e Jordan (1994) são autores que também se referem à perspectiva da entrevista face-a-face como uma interação ou uma conversação, e destacaram alguns aspectos que diferenciam a entrevista do *survey* da conversação em si decorrentes de sua natureza padronizada. O primeiro desses aspectos é o controle local *versus* o controle externo. O principal aspecto da entrevista padronizada destaca o tipo de organização da entrevista (“quem fala”, “o que fala” e “quem controla” ou “como se fala”), na qual o controle local sobre a conversação é importante para sustentar o interesse do participante e, principalmente, fazer com que o entrevistador assegure o objetivo último da entrevista: a padronização do significado. O desenho do questionário além de controlar o que se fala, controla também o “como” deve ser falado. Em outras palavras, o modelo de padronização da entrevista pressupõe que o seu sucesso depende da não variação da fala do entrevistador, estabelecida pelo pesquisador, que, por sua vez, foi o responsável por definir “o que” se fala e o “como” se fala.

O segundo aspecto destacado pelos autores diz respeito ao formato (desenho) das perguntas. O controle externo da entrevista, materializado no questionário, pressupõe o treinamento do entrevistador para que este reproduza as perguntas sem alterações. Para isso, é previamente estabelecida uma lista de alguns recursos que podem ser utilizados pelo entrevistador para restaurar a compreensão do respondente sobre a questão.

O terceiro aspecto é o constrangimento sobre a forma de resposta. Este resulta em dois problemas contraditórios: em algumas situações, as respostas podem requerer maior elaboração, o que não é permitido pelo formato das respostas previstas; já em outras situações, a entrevista demanda respostas mais elaboradas, porém estas são simplificadas pelo respondente.

O quarto aspecto destacado é a relevância do assunto, das perguntas, do tema. A definição da relevância do assunto tratado nas questões baseia-se em certas afirmações sobre o mundo que recortam diferentes dimensões do objeto

considerado. Na entrevista do *survey*, tais afirmações sobre o mundo são construídas fora do evento da entrevista e as possíveis diferenças nem sempre são reconhecidas e podem ser mascaradas em respostas pré-codificadas.

O quinto aspecto destaca-se a clarificação de significados. O significado de uma expressão verbal não é inerente à linguagem, mas é um produto da interação entre os participantes da conversação. Na entrevista do *survey*, o processo para se estabelecer o significado está determinado pela intenção do pesquisador que elaborou as questões e pelo modelo de padronização dos meios permitidos ou não para comunicar tais significados. De um modo geral, o entrevistador é um administrador treinado para não romper o compromisso com o modelo de padronização, e preparado para detectar e reparar os problemas de compreensão.

Por todos estes aspectos, a entrevista de *survey* diferencia de uma conversação em si por direcionar previamente o curso da interação, estabelecendo entre as duas partes participantes um assunto e um formato que foi determinado por uma terceira pessoa que não está presente no evento. No *survey*, garantir a validade dos dados requer um mecanismo que assegure que todas as partes envolvidas - incluindo o autor da pesquisa, o entrevistador, o respondente, o codificador e o analista dos dados - tenham uma compreensão comum do que as perguntas medem e de como as respostas devem ser tomadas para o uso legítimo dos dados.

Neste sentido, a organização (estrutura) da entrevista que direciona o curso da interação é o foco de atenção, mas, em última análise, se as perguntas e a função do mediador da pesquisa (o entrevistador) podem ser, a princípio, “controladas” ou conhecidas, através de procedimentos técnicos e metodológicos, o respondente é psicologicamente e cognitivamente o foco principal da entrevista. O investimento na pesquisa de *survey* requer, de um lado, uma preparação do entrevistador para fazer a mediação entre o significado intencionado na pergunta e a interpretação do respondente. E, de outro lado, uma investigação para um maior entendimento do processo de interpretação das perguntas e elaboração das respostas.

Clark e Schober (1992) também destacam a perspectiva do uso da linguagem fundamentalmente como uma atividade social. A entrevista do *survey* também pode ser assim entendida, pois quando um entrevistador faz perguntas a um respondente as duas partes estão em processo interativo, de construção e troca de informações, do qual depende o resultado. Os autores apontam três características básicas de tal processo: 1) ele é construído através de um tipo simples de troca, pergunta e resposta; 2) seu curso é predeterminado por um esquema escrito; e 3) a pessoa que realmente fez as perguntas não está presente. A conversação em si não é mediada, ela é improvisada e interativa. A entrevista do *survey* caracteriza-se por ser totalmente mediada, predeterminada e não interativa como a conversação em si. São essas características que trazem uma lista de influências sobre a interpretação e a resposta à questão.

Desta maneira, a entrevista do *survey* deve ser compreendida como um tipo de discurso, como uma arena especializada do uso da linguagem. Clark e Schober (1992) se referem a cinco proposições deste uso que podem ajudar a explicar os chamados efeitos nas respostas na entrevista do *survey*: 1) o sentido atribuído pelo pesquisador toma por certo que o respondente reconhece o significado intencionado; 2) a existência de uma base comum entre os participantes da conversação (as informações, os conhecimentos, as crenças partilhadas) para reconhecer o significado intencionado; 3) a existência de uma base comum acumulada à qual cada participante adiciona sua contribuição na conversação; 4) a cooperação requerida dos participantes toma como aceito um objetivo comum na conversação; 5) e por último, o uso da linguagem como um processo de motivação através do qual os participantes procuram alcançar uma crença mútua de que se estabeleceu o significado intencionado.

Tais proposições apontam para uma maneira específica de elaboração das perguntas do *survey* e como isso influencia na resposta: 1) a redação vaga pode levar a diferentes interpretações; 2) os diferentes significados (culturais) da palavra utilizada também podem levar a diferentes interpretações; 3) as alternativas de respostas delimitam opções específicas que podem gerar resultados diferentes; 4) a estrutura ordenada das questões influencia a elaboração da resposta na questão seguinte (que pode levar a um tipo de interpretação exclusiva ou inclusiva), assim

como a ordenação dentro da própria questão estabelece significados específicos, e 5) a abordagem de um assunto desconhecido pelo respondente pode levá-lo a dar opinião sem tê-la.

Também abordando os diferentes fatores que podem levar a efeitos nas respostas Sudman e Bradburn (1982) destacaram: 1) a “memória” - acontecimentos podem ser esquecidos ou podem ser lembrados incorretamente ou parcialmente; 2) a “motivação” - o respondente pode estar motivado a não falar a verdade porque ele tem medo das conseqüências ou porque quer se auto-apresentar de forma favorável; 3) a “comunicação” - o respondente pode não compreender o que está sendo perguntado e responder a partir de sua própria compreensão; 4) o “conhecimento” - o respondente pode não conhecer a resposta à pergunta e mesmo assim responder sem mencionar a sua falta de conhecimento.

3.4. A entrevista de *survey* como tarefas cognitivas

Da perspectiva do processo cognitivo, no qual se focaliza o indivíduo no cumprimento das tarefas para elaboração da resposta, Sudman, *et al.* (1996) e Tourangeau *et. al.* (2000) fizeram uma revisão sobre a natureza de tais tarefas que consideram consensuais entre os pesquisadores: 1) interpretação da questão e compreensão do seu significado; 2) recuperação de informações relevantes da memória para formar uma representação mental do objeto a ser avaliado; 3) formação do julgamento; 4) edição da resposta. O processo envolvido nas tarefas para elaboração da resposta leva a uma mudança na representação cognitiva sobre o assunto e afeta a formulação das repostas.

Os autores destacam que o processo de interpretação da pergunta e compreensão do significado tem como problema fundamental o compartilhamento (ou não) da intenção do pesquisador com a compreensão da pergunta pelo respondente. Do ponto de vista psicológico, a compreensão da pergunta se traduz em dois processos: a compreensão do significado literal e do significado pragmático desta. Além disso, a compreensão literal do significado de uma questão não é

suficiente para respondê-la, sendo necessário identificar o significado intencionado da questão.

Sendo assim, os modelos dos processos de compreensão da pergunta precisam incluir tanto o aspecto semântico quanto o pragmático. O primeiro ponto de vista envolve a compreensão semântica da expressão verbal. A compreensão da linguagem começa com a percepção da expressão e com o reconhecimento de símbolos da linguagem que se transformam em palavras. Depois, a palavra é analisada no seu significado, em seguida este é recuperado da memória semântica. O processo de construção desse significado depende, inconscientemente, do contexto no qual está inserido. Além disso, o significado depende da sintaxe da sentença. Assim, o significado da palavra é analisado dentro da unidade sintaxe. Muitos problemas de compreensão ocorrem devido à ambigüidade lexical ou estrutural. A ambigüidade estrutural depende do cuidado com a redação da questão, enquanto a ambigüidade lexical é inerente à linguagem e reflete os múltiplos significados da palavra. Estes múltiplos significados são definidos pelo contexto no qual a palavra aparece. Em geral, o significado utilizado é aquele que vem à mente de forma mais rápida, mas depende também, no caso da entrevista, do desenho do questionário e dos itens de respostas. O conteúdo das questões e das respostas pode aumentar a acessibilidade de um conceito e definir o significado ou, ao contrário, levar a ambigüidades léxicas. O problema do significado lexical é o resultado da existência de significados idiossincráticos devido às diferenças de significados através das regiões e subculturas. Muitos dos termos utilizados na entrevista padronizada não têm claramente um significado lexical definido e o entrevistador é em geral instruído para orientar o respondente a definir o conceito por si mesmo. Diante disso, independente do contexto da questão, os significados podem ser diferentemente inferidos por cada um dos respondentes em decorrência da freqüência na qual aquela palavra é utilizada no dia-a-dia (SUDMAN, *et al.*, 1996; TOURANGEAU, *et. al.*, 2000).

Assim, o segundo ponto de vista do processo de interpretação da questão e compreensão do significado refere-se à intenção do pesquisador na questão, já que o respondente conta com suposições implícitas (conhecimento tácito) que governam a conduta da conversação no dia-a-dia. A aplicação do princípio da cooperação,

apresentada por Grice (1975), tem implicações importantes para a interpretação da pergunta. Do ponto de vista do respondente, este tomará a pergunta como significativa e fará o melhor para identificar o que o pesquisador tinha em mente quando escreveu a questão. Ao fazer isso, o respondente estará levando em consideração o contexto (ordem das perguntas) no qual a questão é apresentada e as alternativas como sugestões relevantes. Tanto o formato da questão quanto as alternativas de respostas podem clarificar o significado intencionado da questão (SUDMAN, *et al.*, 1996; TOURANGEAU, *et. al.*, 2000).

Uma vez o respondente tendo determinado a intenção do pesquisador, ele precisa recuperar as informações relevantes na memória. Ele pode ter acesso direto a um julgamento já formado, que pode oferecer como resposta, ou não ter uma resposta apropriada na memória e, então, necessitará elaborar um julgamento naquele momento. No caso da medida de atitude, o fato de o julgamento estar formado depende da importância do assunto tratado e do grau de experiência pessoal com o objeto considerado. De um modo geral, o respondente precisa computar um julgamento apropriado ao contexto específico (seleção de conteúdos e seqüência de perguntas). Como resultado, as respostas ao *survey* refletem julgamentos que os respondentes produziram em um momento específico, em um contexto específico e em uma entrevista específica. Os julgamentos são altamente influenciados pelas informações acessíveis naquele momento da entrevista (SUDMAN, *et al.*, 1996; TOURANGEAU, *et. al.*, 2000).

Além disso, a dependência do contexto ao qual o julgamento humano está sujeito obedece a uma “estratégia de satisfação” (KROSNICK , 1991; 1996). Embora se espere que os respondentes sejam consistentes na entrevista do *survey*, muitos podem não ser, optando por fazer a escolha da “satisfação”: fornecer respostas que pareçam satisfatórias ou aceitáveis ao entrevistador sem ter executado todas as tarefas possíveis no processo de elaboração da resposta. Quando solicitado para formar um julgamento, os respondentes, primeiramente, precisam formar uma representação mental do objeto abordado. Para isso, ele não necessariamente recupera todas as informações potencialmente relevantes, ao invés disso, pode processar uma busca truncada e breve para formar uma representação mental que ele julga ser suficiente no momento. Uma busca mais intensiva na memória depende

de uma motivação maior, o que nem sempre é o caso da entrevista do *survey*. Assim, de um modo geral, o julgamento é baseado em informações que vêm à mente de forma mais rápida, o que depende o quanto estas são recentes e da frequência do uso destas (SUDMAN, *et al.*, 1996; TOURANGEAU, *et. al.*, 2000).

A acessibilidade da informação na memória determina quais informações serão usadas no julgamento. Os respondentes utilizarão as informações para formar uma representação mental do objeto abordado baseando seu relato nas implicações de sua representação. As informações que integram as representações podem ser cronicamente acessíveis na memória e provavelmente vêm à mente sem que o respondente pense sobre o assunto, ou podem estar somente temporariamente acessíveis. A informação cronicamente acessível contribui para a estabilidade do relato nos diferentes momentos e contextos; enquanto a acessibilidade temporária contribui para a instabilidade do relato no tempo e salienta a emergência de efeitos de contexto na medida de *survey*. Depois de ser formado o julgamento, o respondente terá que formatar a sua resposta segundo as alternativas de respostas apresentadas. Neste sentido, a escolha destas pelo pesquisador estará especificando os resultados do *survey*. Além disso, a influência das alternativas de respostas não está limitada ao momento da formação da resposta, mas a todas as etapas da elaboração desta. Os estudos destacam como os problemas envolvidos com as listas de categorias ou os itens de escalas podem influenciar na compreensão da questão e como trazem constrangimentos ao respondente na identificação entre as categorias (ou itens) que refletem seu julgamento (SUDMAN, *et al.*, 1996; TOURANGEAU, *et. al.*, 2000).

Por fim, ao editar a sua resposta, o respondente pode introduzir considerações do que é socialmente desejável ou autoapresentável, o que se faz mais presente na entrevista face-a-face do que em outros modos de administração da entrevista, tais como a entrevista por telefone ou autoaplicável. Além disso, a influência do socialmente desejável e do autoapresentável depende de condições específicas, como o assunto que está sendo tratado. Compreender a questão do socialmente desejável requer compreender a situação social atual que determina o

que é desejável e o que não é (SUDMAN, *et al.*, 1996; TOURANGEAU, *et al.*, 2000).

A *entrevista padronizada*, as *tarefas cognitivas*, a *conversa*, ou a *interação social*, têm naturezas distintas e especificações importantes. Embora seja importante destacar as diferenciações, o esforço para compreender o que existe de complementar entre essas abordagens tem trazido importantes contribuições na sua aplicação para a elaboração do questionário e a realização da entrevista. A compreensão da entrevista a partir dessas abordagens e as conseqüências destes pressupostos na produção dos dados (das respostas) podem ser focalizadas em dois campos de estudo: 1) sobre os aspectos envolvidos na elaboração das perguntas para o alcance do compartilhamento de significados entre *pesquisador* e *entrevistado*, e 2) sobre a interação estabelecida entre o *entrevistador* (como representante do pesquisador) e o *entrevistado* no ato da realização da entrevista. Certamente os dois campos de estudos fazem parte da complexa compreensão da realização da entrevista, mas podem ser focalizados em diferentes momentos para um aprofundamento das suas especificidades.

Neste estudo estarei focalizando os aspectos envolvidos na elaboração das perguntas para o alcance do compartilhamento de significados entre pesquisador e entrevistado – especificamente o formato e a seqüência de perguntas - e as conseqüências para a produção das respostas por parte dos entrevistados (respondentes); buscando aprofundar sobre a natureza social da entrevista para identificar as principais características daqueles respondentes susceptíveis as chamados afeitos nas respostas.

4. CAPÍTULO III - CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA PARA UMA COMPREENSÃO DA ENTREVISTA DE *SURVEY* COMO INTERAÇÃO SOCIAL: “PESQUISADOR”-“QUESTIONÁRIO” VERSUS “ENTREVISTADO”-“RESPONDENTE”

4.1. Apresentação

O propósito deste capítulo é trazer uma perspectiva sociológica sobre a entrevista de *survey* como interação social e apontar as possíveis explicações sobre as condições sociais pelas quais os respondentes de um questionário se tornam susceptíveis aos formatos das perguntas e aos efeitos nas repostas como consequência. O ponto de partida é compreender a entrevista do *survey* como uma situação de interação social, focalizando dois atores: o *pesquisador*, representado pelo *questionário* e o *entrevistado* (o *respondente*).

Como mencionei no capítulo anterior a interação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado no ato da realização da entrevista pode ser tomada como objeto de estudo específico (MAYNARD, *et al.*, 2002; HOUTKOOPT-STEENSTRA, 2000). A análise do ato de realização da entrevista de *survey* seria parte da compreensão da idéia de conversação localmente controlada pelos participantes (HOUTKOOPT-STEENSTRA, 2000), e em que medida esta interação pode acarretar efeitos positivos ou negativos tendo em vista a comparabilidade dos dados (ZOUWEN, 2002), ou seja, o compartilhamento do significado.

O pressuposto para o objetivo deste estudo é que o entrevistador cumprirá o papel de garantir a padronização da entrevista, e assim, o foco de análise estará na interação entre o significado pretendido pelo pesquisador e o respondente que produzirá uma resposta depois de inferir significado a partir do conteúdo e do formato da questão apresentada a ele.

A situação de entrevista do *survey* coloca elementos específicos trazidos na linguagem e na estrutura do questionário que são disponibilizados ao respondente.

Esta linguagem procura comunicar significados dos quais o respondente vai se utilizar para produzir sua resposta. A seqüência de perguntas e as opções de respostas oferecidas ou não - como o “Não sei (NS)” – são importantes recursos desta linguagem especializada utilizados na construção do significado pretendido pelo pesquisador. Diante dessa situação de entrevista do *survey*, o respondente utiliza-se também de seus próprios recursos, dentre os quais nos interessa aqueles adquiridos socialmente, para produzir sua resposta: informação, conhecimento, experiências, percepções sobre o objeto abordado etc.

Embora tenhamos que destacar a especificidade desta situação de interação, da qual se pressupõe uma linguagem especializada e formalizada (pela aplicação de um questionário), é nos fundamentos da chamada sociologia interpretativa, como ponto de partida, que vamos encontrar os conceitos para compreendê-la. A perspectiva da sociologia interpretativa, que se propõe compreender o significado que os atores atribuem ao que eles e os outros falam ou fazem. Através dessa perspectiva, resgatar os atores (sujeitos) através de suas práticas e representações significa dizer que as interações do dia a dia não são somente um processo de reprodução (não é somente vivido), mas configura-se como um espaço de reflexão, criação e superação. Entretanto, levar em conta os atores e suas estratégias no processo de interação não significa que os grandes dispositivos sociais (estruturais) não possam estar presentes. A contribuição das teorias que buscam a integração entre ação e estrutura está em demonstrar a possibilidade de estabelecer ligações entre os grandes dispositivos sociais e os que regulam as interações sociais, resgatando o sujeito diante das estruturas, dos sistemas e do instituído no vivido.

O contexto teórico das orientações integradoras em Giddens, Elias e Bourdieu também fundamenta o proposto para análise do objeto de investigação aqui em questão: a relação entre os elementos envolvidos na linguagem do questionário, como constituintes do processo de interação da entrevista de *survey*, e as condições sociais (estruturais) pelas quais os respondentes se tornam susceptíveis aos efeitos nas respostas. Para esta reflexão considerarei relevante resgatar a noção de interação social e aplicá-la à interação própria da entrevista de *survey*, a partir do paradigma fenomenológico, representada por Schutz, pelo alcance de sua obra ao teorizar o mundo da vida no dia a dia, além de ter influenciado fortemente outros autores da

sociologia interpretativa²⁵. Com o intuito de refletir sobre o problema conceitual que diz respeito à compreensão da interação social, procurarei destacar outros importantes autores da sociologia interpretativa como Garfinkel, Zimmmerman, Cicourel, e Goffman.

4.2. A construção dos significados na interação social: “Pesquisador”-“Questionário” versus “Entrevistado” - “Respondente”

A perspectiva de análise da entrevista de *survey* a partir da lógica da conversação ordinária, ou do dia a dia, contribuiu para a compreensão da lógica de elaboração do questionário e o entendimento sobre os efeitos acarretados na produção das respostas. Esta perspectiva representa a possibilidade de efetivamente abordar aspectos socialmente constituídos a partir da situação de interação entre o “Questionário-Pesquisador” versus “Respondente-Entrevistado”.

A abordagem da entrevista de *survey* enquanto interação social tem o predomínio da perspectiva psicossocial e da psicolingüística, mesmo quando metodólogos, sociólogos e cientistas políticos buscam contribuir com este campo de conhecimento. A partir da década de 90, alguns pesquisadores começam a introduzir a abordagem da etnometodologia e do interacionismo simbólico para aprofundar a compreensão dos fundamentos e das conseqüências da entrevista de *survey* como conversação. Essa abordagem se restringiu ao que diz respeito à interação entre o entrevistador e o entrevistado, aos aspectos envolvidos no “controle local” da condução da entrevista (MAYNARD, *et al.*, 2002; HOUTKOOPE-STEENSTRA, 2000), procurando avançar no entendimento do papel de cada participante na entrevista de *survey* no momento de sua realização.

A proposta deste estudo é buscar as possibilidades de uma maior contribuição da perspectiva sociológica interpretativa para a compreensão da entrevista de *survey* como interação social focalizando, então, os atores: o

²⁵ Como por exemplo, Peter Berger, Thomas Luckmann e Harold Garfinkel.

pesquisador e o entrevistado, ou mais diretamente representados na interação o *questionário e o respondente*. Partindo desse foco da interação, busco identificar as possíveis condições sociais pelas quais os respondentes de um questionário se tornam susceptíveis aos formatos das perguntas e aos efeitos nas repostas como consequência.

Antes de utilizar as abordagens da etnometodologia mais diretamente relacionadas à análise da conversação procuro destacar algumas noções como a “atitude natural”, “intersubjetividade”, “interação face a face”, dentre outras, que são parte do pressuposto teórico das diferentes abordagens na chamada sociologia interpretativa. Essas noções são importantes para uma interpretação da entrevista de *survey* como interação social e, ao mesmo tempo, procuro apontar o que a diferencia das situações de interação do dia a dia.

Um dos precursores da chamada sociologia interpretativa foi Alfred Schutz, um importante pensador que conseguiu sintetizar as considerações fenomenológicas numa perspectiva propriamente sociológica. A perspectiva fenomenológica Schutz buscou em Edmund Husserl e a perspectiva sociológica em Max Weber²⁶. Foi Schutz quem primeiro escreveu sobre o método fenomenológico no sentido de Husserl e tinha como preocupação central converter a perspectiva fenomenológica do processo de consciência, no qual se estabelecem os significados, a compreensão, a interpretação e a auto-interpretação, em uma perspectiva propriamente sociológica. Quanto à perspectiva sociológica, Schutz se inspirou na teoria da ação de Weber: a ação dotada de significado, dirigida e orientada a outros. A ação intencional e dirigida a outros é o aspecto essencial para torná-la social. A partir desse postulado básico, Schutz buscou avançar nos conceitos weberianos acrescentando a estes os fundamentos da fenomenologia.

Para Husserl as pessoas percebem o mundo da vida como um lugar “naturalmente” estruturado e ordenado. Os atores estão o tempo todo implicados em

²⁶ Expressa na obra *Fenomenologia del mundo social* (1972). Outras fontes como Henri Bérson, William James, Max Scheler, John R. Dewey, George Herbert Mead, Charles Horton Cooley e William I. Thomas também foram estímulos para a obra de Schutz, em *Fenomenologia e Relações Sociais: Textos escolhidos de Alfred Schutz* (1979).

um processo ativo e complexo do mundo social, mas não se perguntam como este mundo se dá, têm-se, assim, uma “atitude natural”. A fenomenologia deveria, então, ser capaz de “colocar entre parênteses” a “atitude natural” para perceber os aspectos fundamentais da consciência pura implicados na ordenação do mundo, sendo que esta se estenderia às relações interpessoais, ao “mundo da vida”. Justamente sobre este aspecto, Schutz apontou as limitações da sua análise sobre a sociabilidade e as relações sociais. A perspectiva de Husserl se orientou para o “ego transcendental”, enquanto Schutz se orientou para a idéia de intersubjetividade; o “mundo social”. (RITZER, 2002, p.502-505)

A sociologia fenomenológica de Schutz centrou-se na idéia de intersubjetividade. Na “atitude natural” o mundo é o intersubjetivo; ou seja, é o mundo comum a todos. Ele existe no presente vivido; nós falamos e escutamos uns aos outros, num mesmo tempo e espaço compartilhados. Schutz utiliza a idéia de intersubjetividade para se referir a tudo o que é social, ao “mundo da vida” ou ao “mundo da vida cotidiana”. Este mundo existia antes de nós, como um mundo organizado, vivenciado e interpretado por nossos antecessores. Este é um mundo pré-constituído, pré-organizado, cuja estrutura é resultado de um processo histórico diferenciado em cada sociedade e cultura. Os elementos do mundo sócio-cultural, como a rede de relacionamentos, os sistemas de signos e de símbolos com sua estrutura de significados, as formas institucionalizadas de organização social, os sistemas de status e prestígio, dentre outros, são tidos como pressupostos pelas pessoas que nele vivem. Esses aspectos são socialmente aceitos (os costumes) e são vistos como pressupostos, porque se provaram eficientes e são fatos que dispensam explicações e justificativas. (SCHUTZ, 1970)

Assumir o mundo como pressuposto, inquestionável, implica a hipótese profundamente enraizada do senso comum de que até segunda ordem o mundo vai continuar sendo, essencialmente, da mesma maneira como foi até aqui; aquilo que se provou válido até agora continuará a sê-lo, e qualquer coisa que nós, ou outros como nós, pudemos realizar com êxito anteriormente poderá ser realizada de novo, de modo semelhante, e trará resultados essencialmente semelhantes. (Schutz, 1970, p. 80)

A noção da intersubjetividade é também o fundamento para tratar a entrevista de *survey* no seu aspecto social. Essa noção pode ser aplicada em diferentes níveis de análise, como prática instituída, a entrevista de *survey* já tem o seu

reconhecimento no mundo moderno como um modo específico de comunicação, de “dar opinião”. A abordagem para “dar uma entrevista” aciona representações sobre sua prática (“é uma coisa chata”, ou “não quero responder ao questionário”, “tenho que escolher uma resposta dentre as apresentadas”, “fiquei satisfeito de falar sobre um assunto que é muito importante”, “achei interessante, quero saber mais sobre o assunto”, “o que vou ganhar em troca?” etc). Em outro nível de análise a entrevista de *survey* pressupõe uma estrutura de linguagem comum, mas em um estilo formalizado, com roteiro de perguntas e respostas. Esta linguagem especializada tem que ser capaz de comunicar significados compartilhados, de expressar noções comuns, da vida cotidiana.

Para Schutz o mundo da vida cotidiana é a condição e, ao mesmo tempo, o objeto de nossas ações e interações. Temos um interesse e conhecimento prático sobre esse mundo, pois temos que atuar sobre ele seja para modificá-lo, a fim de realizar os nossos objetivos, ou para conformar-se com ele, já que este oferece resistência aos nossos atos. O mundo da vida cotidiana se coloca diante de nós para ser interpretado a partir de um estoque de experiências próprias e aquelas transmitidas por nossos pais e professores. Esse estoque de experiência “à mão” pertence ao nosso conhecimento de que o mundo é constituído de objetos bem definidos a partir dos quais vamos agir mesmo que estes nos coloquem resistências. Em qualquer situação da vida diária o indivíduo tem esse “estoque de conhecimento à mão” que lhe serve como código de interpretação. Esse estoque de conhecimento não é homogêneo, pelo contrário, ele é incoerente, parcialmente claro, e não está livre de contradições. A estruturação do estoque de conhecimento será determinada pelo “agora”; pelo nosso interesse prático num dado momento que determina o que deve ser problemático ou o que deve ser inquestionável, ou o que deve ser conhecido com maior grau de clareza e precisão. Além disso, existe num fluxo contínuo, mudando de um “agora” para outro. As experiências são acumuladas e se tornam familiares, pelo reconhecimento de experiências anteriores, pressupondo memória (lembrança, retenção, reconhecimento), mas podem também aparecer como estranhas, quando não remetem ao estoque de conhecimento à mão. De qualquer maneira, o estoque de conhecimento serve como código de interpretação para a situação atual em curso (SCHUTZ, 1970).

A entrevista de *survey* é um objeto pelo qual o respondente irá atuar utilizando todo o seu estoque de conhecimento que tem à mão naquele “tempo” (naquele “agora”) delimitado na estrutura de sua linguagem especializada representadas pelo questionário. Assim, as perguntas do questionário são interpretadas a partir do estoque de conhecimento que o respondente carrega consigo até aquele momento. Também da perspectiva do que nomeamos como “contexto” do questionário - a seqüência de perguntas – este conduz o respondente a diferentes “tempos” (diferentes “agora”) que adicionam ao seu estoque de conhecimento novas informações. As conseqüências desta condição já são reconhecidas pela metodologia de *survey* e investigadas nos efeitos acarretados na produção das respostas por parte dos respondentes. O estoque de conhecimento acumulado pelo respondente está organizado em diferentes níveis de relevância e que também tem efeitos sobre o processo de interpretação da pergunta e produção das respostas. Esta diferenciação pelo nível de relevância do conhecimento estocado pode ser também socialmente compreendida.

Assim o estoque de conhecimento está organizado em diferentes “zonas de relevância” que definem o grau de nitidez, de clareza, e de precisão. Dentre as várias zonas de relevância, existe uma zona de relevância primária – é o “mundo ao alcance de todos” – real ou potencial. Assim, se define um ambiente comum, de interesses comuns – os meus e os dos outros – embora eu e o outro tenhamos diferentes sistemas de referência e de conhecimento. Neste ambiente comum se estabelecem os relacionamentos sociais; cada um pode agir sobre o outro e reagir à ação do outro. Dessa maneira, temos algumas “relevâncias intrínsecas” em comum, ou seja, relevâncias que resultaram dos interesses em comum. No entanto, “sistemas impostos de relevância” também fazem parte do repertório de situações e eventos que estariam fora do domínio de alguma das partes. As relevâncias impostas são situações e eventos que estariam fora de nossas escolhas. Esses dois sistemas de relevância – intrínsecas ou impostas - estão na vida cotidiana quase sempre mesclada e é pouco provável que estejam em estado puro. (SCHUTZ, 1970)

Assim, a natureza do conhecimento estocado é intersubjetiva, em três sentidos: (1) é uma “reciprocidade de perspectivas”, traduzidas nos “sistemas de referência”; (2) sua origem é social, porque é adquirido através das interações

sociais; (3) e existe distribuição social do conhecimento, segundo a posição do indivíduo na estrutura social, ou “situação biográfica”. (RITZER, 2002, p.514)

O pressuposto da “reciprocidade de perspectivas” está na “atitude natural” de que existem pessoas pensantes, meus semelhantes, e que os objetos do mundo são passíveis de conhecimento comum. Também é parte da “atitude natural” entender que o mesmo objeto pode ter significados diferentes, dada a posição de cada um em relação ao objeto. Além disso, a “situação biográfica” de cada um, e a partir dela o “propósito à mão” e o “sistema de referência” se diferem até certo ponto. A superação dessas perspectivas individuais está na possibilidade de “troca de pontos de vista” e na “congruência dos sistemas de referência”. No primeiro, tenho por pressuposto que as mesmas coisas estariam ao meu alcance se eu me colocar no lugar do outro. No segundo, tenho por pressuposto que as diferenças de perspectivas são irrelevantes para o “propósito à mão” de cada um de nós ao assumirmos simultaneamente que escolhemos e interpretamos os objetos comuns de uma maneira idêntica para os propósitos práticos. Neste sentido, a tese geral da “reciprocidade de perspectivas” “leva à apreensão dos objetos e de seus aspectos realmente conhecidos por mim e potencialmente conhecidos por você como conhecimento de todos”. (SCHUTZ, 1970, p.180)

A idéia de “reciprocidade de perspectivas” e a possibilidade de “troca de pontos de vista” pressupõe a existência e representação de um “outro”, de uma ação direcionada ao outro. A situação de interação da entrevista de *survey* pode estar representada, na situação literalmente face a face²⁷, na relação entre entrevistador e entrevistado, sendo que estes são realmente atores nesta interação, com papéis especializados, e que tem conseqüências para os resultados da interação. Sabemos que a presença do entrevistador com seus atributos (como sexo, raça/cor, dentre outros) e comportamento durante a entrevista também poderão ser utilizados pelo entrevistado como recursos significativos no processo de interação, mas que não

²⁷ O termo face a face é também utilizado na metodologia de *survey* para o modo de aplicação do questionário como um modo específico de condução da entrevista presencial, na qual o entrevistador faz as perguntas e o entrevistado responde imediatamente na seqüência estabelecida. Dentre outros modos de realizar a entrevista, ou de responder às perguntas, podem ser o modo auto aplicado em papel ou através da web, ou ainda a entrevista por telefone, simultânea, mas não presencial. Estes modos se diferenciam pela condição presencial ou não e pela forma de apresentação das perguntas e respostas, também acarretando efeitos diferenciados no processo de produção das respostas.

serão abordados aqui. Para o recorte deste estudo a proposta é discutir a interação entre a intenção do pesquisador ao formular a pergunta do questionário e o respondente, ou seja, a “troca de pontos de vista” e a “congruência dos sistemas de referência” entre aquele que formulou a pergunta e aquele que responde. O pesquisador que formulou a pergunta a direciona a um “outro” e esse “outro” responde a ele embora esteja representado pelo entrevistador. A noção e a constituição do “outro” é o fundamento clássico da perspectiva da interação social.

A compreensão em Schutz sobre a aquisição do conhecimento através das interações retoma o seu diálogo com o conceito de “ação social” e de “relação social” em Weber. O propósito da discussão do conceito de ação social é resgatar a “realidade social diretamente vivenciada”, que vai se traduzir na natureza ideal da relação face a face. Nesta lógica, Schutz tem como ponto de partida as “vivências intencionais conscientes dirigidas ao outro” (SCHUTZ, 1972, p.174). Tem-se uma interação social quando uma pessoa atua sobre a outra com a expectativa que esta responda a sua ação ou pelo menos que o outro preste atenção a esta ação. Cada vez que se estabelece uma intenção na ação - um significado – espera-se uma interpretação do outro. Sendo assim, “a interação social é, por conseguinte, um contexto motivacional e, desta maneira, um contexto motivacional intersubjetivo” (SCHUTZ, 1972, p.188).

Schutz foi além da perspectiva Weberiana para fazer a distinção entre significados e motivos. Para Schutz o significado se refere ao modo como os atores definem a importância de determinados aspectos do mundo social, e os motivos se referem às razões que explicam as ações dos atores. O que importa para a sociologia é o contexto do significado objetivo; o conjunto de significados existentes na cultura e que são compartilhados pela coletividade dos atores. Os motivos, Schutz os diferenciou entre “para” e “porque”. Os motivos “para” são subjetivos, fazem parte de uma consciência profunda e são inacessíveis tanto para o ator quanto para o observador científico. Os motivos “porque” são objetivos, permitem uma visão retrospectiva dos fatores passados que explicam a conduta individual e são acessíveis tanto ao ator quanto ao observador científico. No entanto, tanto os atores quanto o observador científico devem se contentar em conhecer e analisar os “motivos” típicos (RITZER, 2002, p.522-523)

Existem diferentes graus de compreensão das motivações. Diante disso, torna-se impossível captar toda a rede de motivos de outras pessoas. Além disso, o meu conhecimento que se tem do outro se dá em graus diferentes de intimidade e de anonimato. Mas não é necessário que se conheça o outro pessoalmente para eu poder conhecer os seus motivos. De qualquer maneira, esta compreensão se dará em termos de motivos típicos, de atores típicos, de ações típicas em situações típicas, pois, de acordo com Schutz, “o protótipo de todo relacionamento social é uma conexão intersubjetiva de motivos.” (SCHUTZ, 1970, p.177).

A noção de “conexão intersubjetiva de motivação” aplicada ao processo de pergunta e resposta na entrevista de *survey* remete ao procedimento do pesquisador em transformar seus interesses teóricos em expressões do mundo cotidiano. Por parte do pesquisador, existiu um momento anterior à entrevista em que ele antecipou conhecimentos, relevâncias, experiências comuns e tipificações, assim como as estratégias possíveis para cada situação de pergunta e respostas em que garantisse um compartilhamento de significados (um ajustamento intersubjetivo). Este momento anterior foi o pré-teste do questionário em que o pesquisador, a partir de constructos de segunda ordem²⁸, procurou traduzir empiricamente (nos termos do senso comum) os conteúdos abordados. Por parte do entrevistado, este estará levando em conta as informações disponibilizadas pelo pesquisador (através das perguntas e respostas apresentadas pelo questionário) sensibilizando-se em relação a elas e interpretando (definindo) a situação ou o significado da pergunta no momento da entrevista. Por parte do entrevistado, o conteúdo apresentado é inédito e ali mesmo (naquele tempo e espaço único) ele estará conhecendo as motivações reveladas pelo pesquisador. A presença do entrevistador garante a imediatidade (direta, contínua, em seqüência) da interação face a face, conduzindo um roteiro de conteúdos através das perguntas previamente formuladas e em seqüência determinada. Por outro lado, nessa interação perdeu-se em algum grau de imediatidade, pelo menos por parte do pesquisador que antecipou o assunto e o roteiro das perguntas e não está presencialmente conduzindo a entrevista²⁹. Schutz

²⁸ Na perspectiva Weberiana os construtos de segunda ordem dizem respeito aos tipos ideais para analisar cientificamente o mundo social.

²⁹ Levando em conta o papel do entrevistador como intermediário - já que o pesquisador não está diretamente conduzindo a entrevista - a interação por este aspecto teria perdido em certo grau de imediatidade.

vai abordar o grau de imediatidade com a idéia de “relacionamento entre contemporâneos”, diferenciado pelo grau da interação face a face.

O aspecto da imediatidade espacial e temporal é essencial para o alcance das motivações do outro na relação, pelo menos como forma típica, a qual se configura na relação face a face ou na co-presença física e social. Se os atores presentes estão mutuamente conscientes um do outro (se cada um de nós está orientado para o outro), desta forma constitui-se o relacionamento face a face, ou o relacionamento social diretamente vivenciado. Este é o chamado, por Schutz, do relacionamento do “Nós puro” concreto e atual. Dessa experiência simultânea e comum (quando “envelhecemos juntos”), “deriva a validade original de todas as minhas experiências diretas de semelhantes específicos, e também meu conhecimento de que existe um mundo maior, e dos meus contemporâneos, que não estou agora vivenciando diretamente” (SCHUTZ, 1970, p.183). Assim os relacionamentos dos “Nós” podem existir de modos diretos, na interação face a face, ou indiretos, que é características dos meros contemporâneos.

Como ponto de partida a natureza da interação face a face traduz, por excelência, o mundo do “Nós”, no qual se constitui o mundo intersubjetivo que está a nossa frente e a partir do qual utilizamos e adquirimos experiências e conhecimentos. Assim, Schutz expressou o aspecto social da interação face a face na qual as ações são dotadas de significados e de interpretação dos significados:

Para este encontro com a outra pessoa, trago todo um estoque de conhecimento previamente constituído. Isso inclui tanto o conhecimento geral do que a pessoa é, em geral, quanto qualquer conhecimento específico que eu possa ter sobre a outra pessoa em questão. Inclui os conhecimentos dos códigos de interpretação de outras pessoas, seus hábitos e sua linguagem. Inclui conhecimento dos “motivos afim de” e dos “motivos por que” pressupostos dos outros em geral e dessa pessoa em particular. E quando estou face a face com alguém meu conhecimento dessa pessoa aumenta cada momento. Minhas idéias dela passam por revisão contínua, conforme a experiência concreta se desenvolve. Pois nenhum relacionamento social direto é um Ato intencional isolado. Ao contrário, consiste numa série contínua desses Atos. O relacionamento de orientação, por exemplo, consiste numa série contínua de Atos intencionais de ‘orientação para o outro’, enquanto a interação social consiste numa série contínua de Atos que estabelecem significado e interpretação de significado. Todos esses diferentes encontros com o meu semelhante são ordenados em diversos contextos de significados: são encontros com um ser humano, genérico, com um ser humano em particular, e com este ser humano em particular nesse determinado momento. E esses meus

contextos de significados são 'subjativos' na medida em que atento para as suas próprias experiências conscientes reais e não simplesmente para as experiências que eu próprio vivi de você." (SCHUTZ, 1970, p.187)

No relacionamento entre contemporâneos³⁰ cada uma das partes apreende o outro por meio de um tipo ideal, sendo que cada um está consciente dessa apreensão mútua e de que o código de interpretação do outro será congruente com o seu. Este relacionamento contrasta fortemente com o relacionamento face a face. Neste caso as partes são sensíveis às reações uns dos outros, o que não ocorre no relacionamento entre contemporâneos. Na verdade, na vida cotidiana, não nos atentamos para essa distinção, ou para o limite em que uma começa e a outra termina. O que acontece é que passamos de uma experiência a outra, as quais têm grau diferenciado nos dois tipos. No relacionamento face a face também poderá haver um grau de concretude e vividez diferenciado que terá um limite mínimo de experiência, mas que poderá ser de um tipo superficial e rápido de consciência da outra pessoa. Já nos relacionamentos contemporâneos, podemos ter experiências mais ou menos remotas e anônimas: desde aquela experiência com pessoas em que "conheci face a face e poderia encontrar de novo" até aquela experiência como os "artefatos de qualquer tipo, que carregam testemunho do contexto de significado subjetivo de alguma pessoa desconhecida". (SCHUTZ, 1970, p.216-217).

E, por último, o conhecimento é intersubjetivo no sentido em que o conhecimento que os atores possui varia segundo a sua posição na estrutura social, ou seu status e papel dentro do sistema social - a sua "situação biográfica". Isso significa que toda pessoa tem sua história em que foram sedimentadas as suas experiências anteriores. Uma situação biográfica disponibiliza certas possibilidades de atividades chamadas "propósitos à mão", que definem os elementos relevantes em uma dada situação. A "situação biográfica" dos atores é referência não só para o conteúdo, intensidade, profundidade e proximidade da experiência, mas também para o significado das experiências anteriores depositadas nas situações. (SCHUTZ, 1970)

³⁰ Schutz (1970) identificou quatro reinos diferentes da realidade social: o *umwelt* – o reino da realidade social diretamente experimentada -, o *mitwelt* – o reino da realidade social indiretamente experimentada -, o *folgewelt* – o reino dos sucessores -, e o *vorwelt* – o reino dos predecessores.

Devido à variação dos tipos de conhecimentos estocados ou as experiências acumuladas que diferenciam os respondentes segundo sua posição social, as informações apresentadas pelo formato e o contexto da pergunta serão utilizadas de maneira variada podendo levar a diferentes tipos de respostas. Não somente podemos identificar os tipos de respostas produzidas - em especial aquelas que identificamos como resultantes da susceptibilidade aos formatos e contexto das perguntas -, mas também as posições sociais típicas dos indivíduos identificadas com esses diferentes tipos de respostas. Dessa maneira, procura-se responder à questão que se coloca neste estudo: quem são os respondentes susceptíveis a estes formatos e ao contexto da pergunta que levam a efeitos nas respostas?

O formato e o contexto da pergunta são elementos levados em conta no processo de produção da resposta, acarretando os chamados efeitos nas respostas. Através da relação entre os recursos apresentados pelo formato e o contexto das perguntas em um questionário e o que o entrevistado carrega enquanto “situação biográfica” (ou a sua posição a estrutura social) podemos compreender as diferentes interpretações das perguntas, que levam a diferentes respostas; por exemplo, o significado da resposta “Não Sei” para diferentes respondentes e as expectativas geradas pela seqüência de perguntas.

Schutz foi um importante pensador que tomou a participação no processo de interação como ponto de partida para a sua teoria sobre o mundo da vida cotidiana. A idéia de co-presença na interação face a face destaca a noção de imediatidade, pois cada um intervém no curso da ação do outro, captando naquele presente vivido o pensamento do outro tal como ele constrói, ou seja, nas relações do “Nós”. Os atores modificam constantemente suas ações levando em consideração àqueles com que estão interagindo. Aplicando ao objeto deste estudo, os respondentes levam em considerando o formato e o contexto das perguntas, de diferentes maneiras, para produzirem suas respostas.

Além disso, o entendimento da situação, da ação, do ator se dá através das tipificações (construtos de primeira ordem); um tipo constituído em experiências anteriores que têm características genéricas e homogêneas. No processo de interação face a face, as tipificações são comprovadas, revisadas, reformuladas ou modificadas. O processo de interação implica assim, necessariamente, numa

modificação das tipologias. Sendo assim, no curso das interações sociais existe uma troca de saber entre os atores. Os atores aprendem e utilizam ali mesmo as tipificações ou “receitas” mais adequadas e efetivas. Quando o estoque de conhecimento disponível no momento não é suficiente, os atores devem criar e incorporar novas receitas ou tipificações. Para Schutz a linguagem é o meio tipificador por excelência. A relação entre tipificações e linguagem evidencia que as pessoas adquirem e armazenam tipificações no processo de socialização durante a sua vida. As receitas, como as tipificações, são como técnicas para compreender e controlar as diversidades de situações no cotidiano (SCHUTZ, 1970).

Além do conteúdo utilizado na elaboração das questões, os recursos como formatos da questão também podem ser tomados como elementos utilizados para a comunicação de significados. Esses recursos tomados como informações para uma interpretação das perguntas por parte do respondente, a partir do estoque de conhecimento e das experiências que possui, contribuem para uma tipificação sobre o objeto abordado para produzir uma resposta. O interesse deste estudo está nos elementos propriamente identificados com *as opções de respostas – oferecer ou não o “Não Sei”- e a seqüência das perguntas – o contexto da pergunta -*, como aspecto do questionário que é, por excelência, parte dos recursos utilizados pelo pesquisador para comunicar significados e pelo respondente para interpretar a pergunta e produzir a resposta.

Outra importante corrente de pensamento para a sociologia interpretativa é o interacionismo simbólico, que tem como um dos principais representantes Erving Goffman. A grande preocupação de Goffman foi compreender o que representa a situação face a face (os encontros); a co-presença física dos atores numa interação (que tem por obrigação se fazerem acessíveis) e que envolve certos elementos e condições como as regras, a comunicação, a manifestação visual, as expressões do corpo, e a cooperação que constituem a ordem estrutural das interações face a face. A sociologia de Goffman procura destacar a interação face a face, o que se

apresenta no instante episódico³¹, no encontro interpessoal (GOFFMAN, 1961, p.17). As interações são microestruturas; nelas existe troca social, no sentido em que a ação se dá em relação ao outro, ambas as partes exercem influência sobre a outra, esta é a sua significação. Esse princípio da ação orientada para o outro e a influência recíproca das partes pode ser identificada com as noções mais gerais de Weber e Schutz. Além destas noções, a noção de *self* e do “outro generalizado”, em Mead (1934), sendo este precursor do interacionismo simbólico, é muito importante para o pensamento de Goffman.

Antes de tudo Mead (1934) procurou destacar a primazia do mundo social sobre a consciência, a mente e o *self*. Os processos da consciência, da mente (como a inteligência reflexiva) formam-se no processo social, nas relações sociais, (através da linguagem), assim como o *self*. A noção de *self* em Mead se refere à capacidade de se ver a si mesmo como objeto social; é a capacidade das pessoas de colocar-se no lugar dos outros e de atuar como os outros atuam, assim como de se ver a si mesmos como os outros os vêem. Além disso, a capacidade de adotar o papel do outro generalizado, no lugar de um outro determinado, é fundamental para o *self*. O *self* será completo na medida em que se adota o papel do grupo organizado, e, na mesma medida, é também importante que as pessoas sejam capazes de avaliar-se a si mesmas do ponto de vista do outro generalizado, tornando possível o pensamento abstrato e a objetividade. (RITZER, 2002, p.263-266)

A concepção de *self* em Goffman (1975), inspirada no pensamento de Mead, está traduzida no seu interesse pela representação do indivíduo da vida social como uma representação “dramatúrgica” – a teatralidade da vida cotidiana – como metáfora da vida cotidiana. O *self* seria o resultado da interação entre o ator e a audiência. Com a preocupação dos atores em apresentar uma concepção de *self* aceita pelos outros (audiência), esses precisam se utilizar de estratégias para manejar impressões. Neste cenário, os atores procuram manipular a representação

³¹ Este esforço foi alvo de críticas entendido como uma acentuação demasiada do episódico, passageiro ou fugaz (Meltzer, Petras, e Reynolds, 1975. In: RITZER, 2002).

do eu em relação aos papéis socialmente estruturados; buscando adaptar e estarem inseridos nas estruturas sociais, o que implica em astúcia, desempenho e aparência. Assim a sociologia de Goffman procura demonstrar as estratégias implementadas pelos atores para aparentar, persuadir, convencer, impressionar nas interações.

Goffman converte as relações sociais em um conjunto instrumental de regras (do jogo) das quais cada ator faz uso para manipular a representação de si mesmo e busca desvendar a representação do outro. As regras são a estrutura da linguagem da interação. As interações face a face especificam fluxos de atividades comunicativas que dizem respeito às regras de ordem social e às representações em termos de papéis. Neste sentido é importante definir as situações de interação (os esquemas interpretativos) reconhecendo expressões, comportamentos, valores e expectativas adequadas naquele momento. Isso significa identificar cooperativamente qual estrutura (a partir da experiência individual da vida social) se dá a interação, mas isso não significa que esta cooperação não pode ser rompida.

Assim, duas noções importantes em Goffman são a de representação e a de rituais. Para Goffman existem representações verdadeiras e artificiais. Para se garantir a sociabilidade nas interações face a face é importante que as representações sejam reconhecidas como verdadeiras, coerentes, reconhecíveis e que o ator se torne reconhecido. Os rituais da interação são reguladores desta e funcionam na prática e simbolicamente, dando fluidez e segurança e confiança na comunicação cotidiana. O reconhecimento dos rituais de interação, além de se manifestar a idéia que se tem do outro, também inclui a definição de estratégias adequadas à situação a partir do outro (o adversário naquele jogo). (TEDESCO, 1999)

O modelo de análise de Goffman é abordado neste estudo como uma importante referência para a compreensão da entrevista de *survey* a partir da noção de representação na interação, definida no reconhecimento de uma situação específica – a pergunta específica do questionário - onde o entrevistado procura desvendar a representação do outro e definir a sua própria representação (pergunta e resposta, respectivamente). No caso deste estudo, a situação a ser definida procura destacar os recursos utilizados para a elaboração das perguntas como,

especialmente, o formato e o contexto das perguntas. Esses são os elementos e as condições que favorecem um fluxo comunicativo e que serão utilizados pelo respondente para definir as estratégias para aparentar, convencer e impressionar com as suas respostas.

Por enfatizar a interação mais imediata, que inclusive reforça os recursos da aparência e da expressão corporal dos atores, a perspectiva de Goffman foi aplicada especialmente para a interação entrevistador-entrevistado. Na rede interativa entre pesquisador, entrevistador e entrevistado, o pesquisador é aquele que “fala” (responsável pela concepção do questionário) “animado” pelo entrevistador que procura garantir a estabilidade do significado pretendido (HOUTKOOP-STEENSTRA, 2000, p.44-45)

Outra perspectiva que contribuiu com a sociologia interpretativa é a etnometodologia – que tem como principal representante Harold Garfinkel. Através da etnometodologia, a sociologia inaugurou um campo de estudo diretamente preocupado com a análise da conversação e a entrevista de *survey* como uma forma de conversação. Ao abordar a conversação do cotidiano ou a conversação mais institucionalizada, o foco da etnometodologia é tratar diretamente as relações entre aquele que fala e aquele que escuta, com o objetivo de analisar os pressupostos que organizam a conversação.

Garfinkel (1967) definiu a etnometodologia como o método pelo qual o indivíduo dá sentido a sua ação e no qual a definição da situação se baseia em entendimentos tácitos e cotidianos, pelos quais os indivíduos se tornam racionais e suas experiências cotidianas explicáveis (inteligíveis).

Um aspecto fundamental com o qual a etnometodologia está preocupada é demonstrar a indexicalidade na linguagem e nas atividades da vida cotidiana. A linguagem (como atividade prática) tem um importante significado como expressão do sentido ordenado da vida social que aparece na forma do discurso. A atividade social é organizada por seus membros através do discurso como uma ação prática. Os significados constituídos no discurso são elaborados a partir do estoque de conhecimento dos atores segundo experiências e expectativas comuns

(intersubjetivas). A congruência do significado não está dada para o ator, ela se constitui reflexivamente no discurso; atividade e discurso se constituindo reflexivamente. O significado é construído na vida prática e tornado inteligível através do discurso (ação). É nesta medida que os fenômenos se constituem como fato social, quando nomeados e identificados pelos atores como “existentes”. A realidade (múltipla) é assim constituída pelos indivíduos através de categorias do senso comum que criam a objetividade prática rotineira.

A questão da ordem social para a etnometodologia se coloca no sentido cognitivo (ao ato de adquirir conhecimento). A definição da ação se dá através do conhecimento proporcionado pela situação, capacitando o ator a agir segundo essa situação. A estabilidade é mantida pela percepção intersubjetiva de situações como normal. Este é o caráter consensual das situações: a congruência entre expectativas e aplicação de regras através da ação. Dessa maneira, a etnometodologia estará preocupada com as formas cognicíveis em que os atores reconhecem, produzem e reproduzem categorias como indivíduo, sociedade, cultura, vistas como propriedade das interações cotidianas. São recursos explicativos aplicados estrategicamente segundo contextos específicos.

A ordem social não está baseada em um consenso normativo, mas em um conjunto de categorias sancionadas moralmente e aceitas como “normais”, “naturais” com interesse de manutenção da estabilidade. As mesmas regras (os esquemas interpretativos) que estabelecem relações de confiança garantem a ordem social. Se tais regras são subvertidas, são quebradas, as relações de confiança só serão restabelecidas quando novos entendimentos restabeleçam a “normalidade”, através da reformulação dos estoques de conhecimento identificando as novas regras da nova situação.

A etnometodologia propõe, assim, procurar as propriedades invariantes da ação que organizam a situação (o contexto) e permitem aos atores reconhecê-las como tais. Este processo se dá metodologicamente, transformando o “normal” em “anormal”; no rompimento com situações percebidas como “normal”. A melhor forma de tornar visível uma ordem estabelecida é através da violação da mesma, o que se

dá na suspensão do curso “normal” de ação rotineira, causando indignação e uma resposta provocada pela ameaça à ordem dos eventos cotidianos, no sentido de restabelecer a ordem. Este método pretende mostrar que a ação depende das estruturas constitutivas dos eventos, que são visíveis (na própria ação), mas não noticiados. Assim, a etnometodologia propõe a análise dos “esquemas interpretativos” e o fato institucional produzido, constituído socialmente através de categorias sociais rotineiras, validados moralmente, classificados como “naturais” ou “normais”. A busca pela restauração constante da “normalidade” como atitude do senso comum se dá na interpenetração recíproca dos elementos naturais e morais constitutivos do fato social.

Cicourel foi outro pensador que difundiu e contribuiu para o desenvolvimento da perspectiva etnometodológica. O mesmo procurou ressaltar e desenvolver as noções como a reciprocidade de expectativas³², a reflexibilidade³³, e a linguagem indexada em cada situação contingente de sua aplicabilidade. A articulação desses conceitos se traduziu na idéia de “procedimentos interpretativos” (CICOUREL, 1973). O procedimento interpretativo permitiria aos atores um sentido normativo para as definições de situações concretas, realizando conexões com conhecimentos socialmente difundidos. É um conjunto de propriedades estáveis que governam as condições da interação e indicam o que o ator necessita para definir sua ação.

A aquisição e o uso dos procedimentos interpretativos correspondem a uma organização cognitiva que proporciona aquisição de estrutura social. Através da aquisição dos procedimentos interpretativos se dá a socialização do indivíduo. Esses procedimentos interpretativos e suas características reflexivas fornecem informações aos participantes das interações de modo que eles orientam sua ação no seu desenrolar. A linguagem pressupõe a definição da situação em que ela se desenvolve (localização tempo-espço) organizando a normalidade da vida cotidiana e transmitindo o seu sentido. A noção de indexicalidade quer dizer que a realidade e os contextos são múltiplos, conforme as identidades e os propósitos dos atores ou da institucionalidade da situação (TEDESCO, 1999, p.87-101).

³² Adotando a noção de Schutz.

³³ Para os etnometodólogos a reflexividade representa a dialética entre a forma compreendida e a maneira expressa de compreensão, da descrição e da produção da ação (TEDESCO, 1999, p.101).

A partir de Garfinkel, a etnometodologia se desenvolveu em diferentes direções. No desdobramento para a análise da conversação a etnometodologia tem por objetivo compreender as estruturas fundamentais da interação por meio da conversação, que se define por seus elementos básicos, representada por Zimmerman (1988): uma atividade interativa que tem propriedades estáveis e ordenadas, realizadas pelas partes envolvidas. A análise da conversação foca nos constrangimentos internos à própria conversação e na seqüência ordenada. Zimmerman (1988) identificou cinco princípios para a análise da conversação. O primeiro princípio pressupõe a análise de recursos que incluem não só as palavras, mas condutas não verbais como vacilações, interrupções, voltas e retornos, silêncios, sons de respiração, dentre outros. O segundo princípio define que a conversação pressupõe uma realização ordenada; os aspectos da conversação estão ordenados metodologicamente pelos próprios atores sociais. E de acordo com o terceiro princípio, a conversação, assim como a interação de uma maneira geral, tem propriedades estáveis, tomadas como se fossem autônomas, separadas dos processos em que se produzem. O quarto princípio destaca a organização seqüencial da conversação. E, por fim, o quinto princípio, destaca que a conversação se configura de acordo com o “contexto” seqüencial em um momento determinado. A conversação configura e, ao mesmo tempo, renova o “contexto” de acordo com a seqüência precedente: o que se está dizendo no momento presente se converte em parte do “contexto” do momento seguinte. A análise da conversação se baseia no pressuposto de que esta se constitui pelo fundamento das outras formas de relações interpessoais (a forma de interação mais generalizada); constituindo-se como uma matriz completa de práticas e procedimentos comunicativos socialmente organizados (RITZER, 2002, p.306-308).

A linguagem do questionário pressupõe uma definição de situação no momento da entrevista. A cada pergunta feita por parte do entrevistador, e de acordo com as características de organização seqüencial da entrevista, disponibilizam-se certas informações que serão utilizadas pelo entrevistado no decorrer da entrevista. O “contexto seqüencial” de perguntas, no sentido de Zimmerman, é também em si uma fonte de informação utilizada pelo entrevistado (além do seu conhecimento já estocado); já que a(s) pergunta(s) que precede(m) contribui(em) para a definição da situação da(s) pergunta(s) seguinte(s), contribuindo para a definição de um novo

“contexto” da pergunta seguinte. Esse entendimento vem reforçar a compreensão sobre os efeitos contextuais tratados pela metodologia de *survey*.

O conjunto de perspectivas apresentadas orienta conceitualmente o entendimento da entrevista de *survey* como uma interação social, dessa maneira, cabe ressaltar que as perguntas e as respostas dadas a um questionário são resultados de um processo socialmente construído. Os atores focalizados nessa interação são, de um lado, o pesquisador-questionário responsável por apresentar e traduzir suas intenções através de uma linguagem especializada, formalizada em um questionário. De outro lado, o entrevistado-respondente com as suas disposições, seus conhecimentos, experiências, trajetórias, e objetivamente posicionado numa estrutura social. Para tratar das disposições (ou atitudes), da situação biográfica do respondente e da posição deste na estrutura social buscarei a seguir aprofundar nas suas considerações teóricas.

4.3. Atitudes, situação biográfica, e a posição na estrutura social dos respondentes

Através da abordagem da sociologia interpretativa já podemos identificar como no processo de interação social estão apresentados *as atitudes, as situações biográficas, e as posições dos indivíduos na estrutura social*. Neste estudo procuro destacar justamente esses aspectos, adquiridos ou definidos socialmente, e discutir em que medida eles explicam os diferentes *tipos de efeitos nas respostas* decorrentes da interação dos respondentes de questionários com os diferentes formatos e contextos de perguntas. Para isso, procuro recuperar esses aspectos na literatura sociológica e recolocá-los no processo de interação face a face da entrevista de *survey*.

O campo da sociologia interpretativa constituiu-se a partir da crise dos modelos totalizantes, na qual se deu ênfase, como realidade última, ao plano da estrutura, da cultura, do sistema, da história ou da sociedade para tratar da ação individual e coletiva. Em contraposição a esses modelos, enfatizou-se a capacidade

individual de negociação nas situações interativas, apontando a ação individual com poderes causais na construção dos fatos sociais, destacando, assim, o plano da ação, da agência, do significado, e da racionalidade³⁴.

Até a década de 70, o esforço teórico para articular os planos macro e micro de análise pode ser representado de maneira exemplar, respectivamente, por Parsons³⁵, como funcionalista estrutural, e Garfinkel com a sua etnometodologia³⁶. Os dois autores trazem alternativas bem diferentes para a articulação entre sistema normativo/estrutura social e ação humana e representam importantes posições para o problema da ordem social no debate contemporâneo.

O esforço teórico de Parsons representou a tentativa de responder a questões fundamentais da sociologia que foram consagradas através de pensadores como Locke e Hobbes (a tradição utilitarista), Weber (a teoria da ação), Durkheim (a viabilização da coesão e os elementos coercitivo da ordem social) e Freud (a introjeção de elementos exteriores - a idéia de controle social). A resolução fundamental dada por Parsons ao problema da existência e estabilidade da ordem social está na institucionalização da ação. São os processos de generalização de valores que determinam padrões cognitivos de orientação da ação institucionalizados através de adesão a crenças. É dessa maneira que Parsons elege como central a cultura institucionalizada na explicação da ação. Este é o elemento de situação ou do ambiente da ação apresentados aos indivíduos nos processos interativos, de caráter coercitivo, e coletivamente sancionado. A cultura é também um elemento estrutural da personalidade do ator e das organizações coletivas. (Paixão, 1989, p.38) Parsons, ao enfatizar a questão da generalidade dos valores que assegura a estabilidade da ordem social, está preocupado com a

³⁴ Desde a sociologia clássica, podemos identificar o predomínio de um plano em relação ao outro – o macro e o micro (estrutura e ação): em Marx a preocupação com a influência coercitiva e alienadora da sociedade capitalista sobre os trabalhadores (indivíduos); em Durkheim os efeitos dos fatos sociais sobre a conduta individual, como por exemplo, o suicídio; e, de outro lado, em Weber a preocupação com a ação individual dentro da “jaula de ferro” de uma sociedade formalmente racional.

³⁵ Outros teóricos são destacados como representantes do plano macro; como Dahrendorf, com a teoria do conflito, Blau e o macroestruturalismo.

³⁶ Além destes, no plano micro, podem ser destacados Schutz com sua fenomenologia, e Goffman, Blumer, Berger, Luckmann com o interacionismo simbólico.

institucionalidade da ação na estrutura social. A instituição vista pela perspectiva da estabilidade se realiza no indivíduo através da internalização de normas na estrutura de personalidade – há uma maior eficiência na conformidade às instituições do que com a idéia isolada de coerção.

A outra alternativa é a etnometodologia de Garfinkel que representa uma estratégia teórica importante para as questões fundamentais da sociologia. Tal concepção pode ser entendida como uma vertente da sociologia que buscou seus fundamentos em escolas de pensamento filosófico que tiveram como tema comum o interesse pelos problemas da linguagem e do significado em relação à “compreensão interpretativa” da ação humana. As principais correntes dessa vertente foram a “filosofia hermenêutica”, que influenciou a “sociologia compreensiva” de Weber; a “filosofia da linguagem comum”, derivada da influência de Wittgenstein e Austin; e a “fenomenologia”, inspirada em Husserl, que levou Schutz a desenvolver seu trabalho também inspirado em Weber (GIDDENS, 1978).

Parsons e Garfinkel estão ligados a uma mesma época de debates. A fenomenologia de Schutz inspirou Garfinkel, embora tenha sido aluno de Parsons. Enquanto Parsons (1951; 1968; 1974) indica a resolução para o problema da ordem social através das estruturas institucionais normativas que explicam a consistência da ação; a etnometodologia de Garfinkel se opõe a essa idealização da ação. Garfinkel (1967; 2006) propõe recolocar a capacidade do ator na concretização da ordem social, articulando liberdade individual e o caráter padronizado das interações sociais (do cotidiano).

A base fenomenológica para a ciência da conduta social está na intencionalidade da ação (a racionalidade construtiva da atividade prática), na intersubjetividade (expectativas recíprocas) e no significado da experiência vivida (os esquemas interpretativos) segundo um estoque de conhecimento de caráter pragmático. A articulação desses elementos na etnometodologia responderia a questão sociológica do dilema ação/estrutura. Para isso a etnometodologia de Garfinkel (1967) supõe a “natureza absurda do mundo” a partir do qual a realidade é construída pelos indivíduos. A inserção do indivíduo no mundo se dá através da

experiência prática e do raciocínio prático que organiza e dá sentido - de caráter subjetivo - à vida.

A preocupação com a natureza da racionalidade da conduta do ator (do senso comum) é uma indicação da influência de Schutz na perspectiva de Garfinkel (GIDDENS, 1987). As atitudes do senso comum têm uma variedade de padrões de racionalidade - ao invés de um único modelo que organiza o sistema social - que produzem e manejam os conjuntos de práticas cotidianas organizadas para tornar as práticas inteligíveis. Abandonando a idéia da existência de um único padrão de racionalidade - o que implicaria distinção entre ação irracional e ação racional -, o que se tem são várias racionalidades que podem ser empregadas pelos atores segundo um interesse da vida prática contextualizada. A ênfase está, assim, no estudo da ação contextualizada, identificando a metodologia utilizada pelo senso comum para tomadas de decisão que, segundo Garfinkel, são afins à metodologia científica e são procedimentos comuns a qualquer processo de decisão. Desse modo tais procedimentos são tomados como objeto de estudo para a compreensão da realidade construída. (GARFINKEL, 1967)

O principal contraste que pode ser indicado nas diferentes estratégias teóricas de Parsons e Garfinkel está, sobretudo, baseado no princípio de realidade pressuposto em cada modelo de análise. Parsons postula a existência de uma realidade objetiva “dada” pelo caráter normativo das instituições (a realidade última). Esta constitui os eventos “reais” da sociedade. Enquanto que para Garfinkel a(s) realidade(s) é (são) “construída(s)” segundo um contexto, através de categorias de senso comum estabelecendo padrões e regularidades, tornados inteligíveis através do relato.

Até então, com a ilustração das posições de Parsons e Garfinkel, o debate havia se colocado mais como um combate do que como uma tentativa de diálogo e maior integração dos diferentes enfoques. A polêmica se caracterizou pelo reducionismo a uma das perspectivas, mas trouxe importantes aprendizados e mostrou as limitações que deveriam ser superadas para o avanço da teoria sociológica. A partir da década de 80, em um *Novo Movimento Teórico*, no sentido tratado por Alexander (1987), cada uma das tradições tem procurado uma nova

articulação entre os planos micro e macro (ação e estrutura), buscando rever suas fraquezas e abrindo possibilidade para o diálogo entre tradições que já foram consideradas incompatíveis.

O desdobramento desse movimento colocou duas correntes de trabalho sobre a integração micro e macro: uma que procura integrar teorias³⁷ micro (por exemplo, o interacionismo simbólico) e macro (por exemplo, o funcionalismo estrutural); e outra que procura desenvolver uma teoria capaz de analisar a relação entre os dois planos (ação e estrutura). Ambas as correntes têm em comum o interesse pela integração das teorias micro/ação e macro/estrutura e são conscientes dos excessos de cada uma delas (RITZER, 2002).

Norbert Elias é um importante teórico para a sociologia contemporânea que se esforçou na integração dos planos micro e macro³⁸. Com o conceito de figuração Elias (1994) propôs alcançar sua meta integradora. As configurações são processos sociais que implicam interrelações de pessoas e que pressupõe a idéia de que os indivíduos se colocam abertos a outros indivíduos e estão interrelacionados. Elias se preocupou em compreender a ação e a interação no plano micro e suas relações com o plano macro.

Numa perspectiva que destaca a preocupação sobre o vínculo entre ação e estrutura são destacados aqui dois importantes teóricos da sociologia contemporânea: Anthony Giddens e Pierre Bourdieu. A perspectiva de Giddens (2003) parte de um diálogo direto com as várias correntes sociológicas buscando as contribuições de cada uma delas para articular as dimensões indivíduo e sociedade. Entre a primazia à ação e ao significado na explicação da conduta humana ou a primazia da estrutura sobre a ação, a proposta de Giddens para uma superação desse dualismo entre indivíduo e sociedade está expressa no conceito de “estruturação” ou na “teoria da estruturação” e junto com este o conceito de

³⁷ Exemplos de representantes dessa integração micro-macro: Alexander, Ritzer, Coleman, Collins, Knorr-Cetina e Elias.

³⁸ Sua obra foi produzida na década de 30, mas só na década de 80 ganhou o devido reconhecimento.

“dualidade da estrutura”. O dualismo “indivíduo” e “sociedade” é reconceituado como a dualidade “agência” e “estrutura”.

A perspectiva de Bourdieu também se propõe articular as dimensões ação e estrutura através de novos conceitos como o de “*habitus*” e o de “campo”. O *habitus* é um sistema de disposições “estruturadas” e “estruturadoras” constituído pela prática e com funções práticas. Já a noção de campo busca evidenciar a rede de relações entre as posições objetivas existentes, cujos ocupantes (agentes ou instituições) estão constrangidos por sua estrutura. A posição dos agentes dentro do campo se define pelo capital que possuem (econômico, social, cultural e simbólico). A relação dialética entre *habitus* e campo foi uma preocupação central de Bourdieu (BOURDIEU, 1983; 1989).

Como dito na introdução deste capítulo o propósito deste capítulo é analisar sociologicamente as características (condições) pelas quais os respondentes de um questionário se tornam susceptíveis aos formatos das perguntas produzindo efeitos nas repostas como consequência. As perspectivas teóricas preocupadas com o mundo da vida cotidiana já colocam importantes indicações sobre estas características (condições) sociais dos respondentes, mas não aprofundam conceitualmente, ou, concordando com os seus críticos, não enfocam devidamente a dimensão estrutural.

Norbert Elias, Anthony Giddens e Pierre Bourdieu são autores que representam um esforço na Sociologia contemporânea para elaborar um novo modelo capaz de articular os velhos termos da sociologia, indivíduo e sociedade (ação e estrutura), de maneira a superar a dicotomia ou oposição assim como foram tratados por muitos pensadores. Os autores partem das críticas, mas também do diálogo com os representantes do individualismo metodológico assim como do coletivismo metodológico (desde a sociologia clássica de Weber, Marx e Durkheim até a sociologia contemporânea de Parsons e os fenomenólogos/interacionistas simbólicos/etnometodólogos) para apresentar novos conceitos que procuram avançar no entendimento da relação entre as dimensões ação e estrutura, ultrapassando as especificações entre “micro” e “macro” sociologia.

No desdobramento do conceito de “dualidade da estrutura”, Giddens (2003) recupera uma importante noção do indivíduo agente, o indivíduo capaz de agir e de criar através de sua capacidade reflexiva a partir da apropriação e internalização das condições sociais nas quais ele está inserido. As atividades sociais humanas são recursivas, são criadas e recriadas pelos atores sociais através dos próprios meios pelos quais eles se expressam como atores. Através de suas atividades, os agentes reproduzem as condições que tornam possíveis essas mesmas atividades.

A ordenação recursiva das práticas sociais envolve uma forma reflexiva da cognitividade dos agentes humanos. As práticas sociais presumem reflexividade e são responsáveis por monitorar o fluxo contínuo da vida social. A noção de reflexividade se refere à relação entre pensamento e ação que estão refletidos entre si. As ações são analisadas e reformuladas diante do conhecimento que se tem dessas próprias ações levando a uma mudança na sua forma. (GIDDENS, 1990) A noção de reflexividade recupera o indivíduo como agente intencional, que tem razões para suas atividades e que é capaz de elaborar discursivamente essas razões. Entretanto, esse agente intencional está contextualizado no tempo e espaço. A monitoração reflexiva da ação depende da racionalização que deve ser entendida como uma rotina característica da conduta humana exercida de forma reconhecida. A monitoração reflexiva da ação dentro das relações espaço-temporais, em circunstância de interação, é designada por co-presença. O monitoramento reflexivo da atividade é uma característica da ação cotidiana que também envolve a conduta dos outros. Para Giddens a noção de agente significa a capacidade de intervir no mundo, ou abster-se de tal intervenção, influenciando no processo ou estado das coisas. O agente só o é enquanto tal por sua capacidade de “criar uma diferença”; neste sentido, a ação envolve poder de transformação.

Giddens (2003) trata do conceito de “estrutura” como um “conjunto de regras e recursos recursivamente organizados” que orientam os agentes, dotados de capacidade cognitiva, segundo a dinâmica de tempo e espaço. As regras estão expressas nas instituições, sendo estas os aspectos mais duradouros da vida social. O conceito de estrutura é uma categoria genérica que envolve os conceitos: princípios estruturais (“princípios de organização de totalidades sociais”), estruturas (“conjuntos de regras e recursos envolvidos na articulação de sistemas sociais”) e

propriedades estruturais (“características institucionalizadas dos sistemas sociais, estendendo-se ao longo do tempo e do espaço”) (GIDDENS, 2003, p.218), tal como articulados por Giddens:

Assim a estrutura refere-se em análise social, às propriedades de estruturação que permitem a “delimitação” de tempo-espaço em sistemas sociais, às propriedades que possibilitam a existência de práticas sociais discernivelmente semelhantes por dimensões variáveis de tempo e espaço, e lhes emprestam uma forma “sistêmica”. Dizer que estrutura é uma “ordem virtual” de relações transformadoras significa que os sistemas sociais, como práticas sociais reproduzidas, não têm “estruturas”, mas antes exibem propriedades “estruturais”, e que a estrutura só existe como presença espaço-temporal, em suas exemplificações em tais práticas e como traços mnêmicos orientando a conduta de agentes humanos dotados de capacidade cognitiva. Isso não nos impede de conceber as propriedades estruturais como hierarquicamente organizados em termos de extensão espaço-temporal das práticas que eles recursivamente organizam. Às propriedades estruturais mais profundamente embutidas, implicadas na reprodução de totalidades sociais, chamo de princípios estruturais. Aquelas práticas que possuem a maior extensão espaço-temporal, dentro de tais totalidades, podem ser designadas como instituições. (GIDDENS, 2003, p.20)

Na teoria da estruturação as regras e os recursos são, ao mesmo tempo, meios de produção e reprodução do próprio sistema (dualidade da estrutura). As regras incidem sobre a prática rotineira, cuja importância para a vida social é enfatizada por Giddens:

De acordo com a teoria da estruturação, o momento da produção da ação é também um momento de reprodução nos contextos de desempenho cotidiano da vida social [...] Ao reproduzirem propriedades estruturais [...] os agentes também reproduzem as condições que tornam possível tal ação. A estrutura não tem existência independente do conhecimento que os agentes possuem a respeito do que fazem em sua atividade cotidiana. Os agentes sempre sabem o que estão fazendo no nível da consciência discursiva, sob alguma forma de descrição. Entretanto, o que eles fazem pode ser-lhes inteiramente desconhecido sob outras descrições, e talvez conheçam muito pouco sobre as consciências ramificadas das atividades em que estão empenhados. (GIDDENS, 2003, p.31)

O conceito de “dualidade da estrutura” é crucial para a idéia de “estruturação”. A constituição do agente e da estrutura é representada pela dualidade e não como fenômenos independentes. Para Giddens, o “indivíduo” é como agente reflexivo, ligando reflexividade com posicionamento e co-presença, e a estrutura é mais “interna” aos indivíduos do que “externa”. A estrutura é, ao mesmo tempo, restritiva e

facilitadora, e não deve ser equiparada a idéia de restrição ou coerção. Giddens enfatiza que a coerção estrutural serve para, simultaneamente, abrir certas possibilidades de ação e restringir e negar outras (GIDDENS, 2003).

A capacidade reflexiva do indivíduo gera uma busca incessante por informações, o que traz um conhecimento sobre riscos e perigos (limites), gerando insegurança e incerteza, limitando assim a ação inovadora. Esta é a principal dinâmica da sociedade moderna a qual Giddens entende que deve ser melhor compreendida pelas ciências sociais. Para a teoria da estruturação o domínio básico de estudo das ciências sociais “não é a experiência do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo.” (GIDDENS, 2003)

Norbert Elias (1994, 1993) buscou esclarecer a própria noção de indivíduo. Para ele a individualização só pode ser entendida através de sua formação social e como um produto histórico. Para se tornar humano o indivíduo precisa ser ajustado através de outras pessoas, socialmente. Os seres humanos, além de ser parte de uma ordem natural, são também parte de uma ordem social, uma peculiaridade da natureza humana.

Essa peculiaridade consiste na mobilidade e maleabilidade especiais pelas quais o controle comportamental humano difere dos animais. Graças a essas qualidades, aquilo que nos animais é basicamente uma parte herdada de sua natureza, um padrão fixo de controle comportamental em relação a outros seres e coisas, tem que ser produzido, em cada ser humano, na companhia de outras pessoas e através dela. E graças a essas qualidades entram em ação regularidades e processos automáticos que denominamos ‘sociais’, em contraste com regularidades orgânicas e naturais. (ELIAS, 1994, p.41)

As regularidades e processos automáticos “sociais” são as bases das relações humanas que, por sua vez, são funcionais sob condições de tensões entre as pessoas que compõem os grupos funcionais. A dinâmica das tensões sociais e da divisão das funções ao atingir certa intensidade e estrutura gera impulsos para mudanças estruturais na sociedade. As “mudanças têm origem, não na natureza dos indivíduos isolados, mas na estrutura da vida conjunta de muitos. A história é

sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos.” (ELIAS, 1994, p.45)

Tal perspectiva reforça o caráter estrutural do pensamento de Elias, pois, para ele, as unidades se explicam pela relação entre si, pela associação, tomando uma forma específica em relação ao todo. Ele procurou pensar o mundo social como uma rede de relações, dando ênfase nas propriedades relacionais e no papel do imaginário na construção dos grupos, procurando mostrar como o nível individual se articula ao nível coletivo, o “eu” e o “nós” (HEINICH, 2001).

Para Elias, a existência do “eu” e do “nós” têm uma relação de interdependência e estabelece claramente a natureza estruturada das relações entre os indivíduos. As possibilidades de decisão individual:

[...] são prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela. E, seja qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com os de outras pessoas; desencadeará outras seqüências de ações, cuja direção ou resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda essa rede humana móvel. (ELIAS, 1994, p.45)

A margem de decisão individual – sua natureza e extensão - está definida na estrutura da dependência e das tensões no interior do grupo e varia com a história e com os tipos de sociedade. Além do “condicionamento social”, o indivíduo cumpre um papel ativo através de sua “individualidade” elaborada na sua configuração psíquica. Essas duas dimensões são expressões da função de “matriz” e de “moeda” que constituem os seres humanos e que se caracterizam como interdependentes (ELIAS, 1994).

Dois conceitos se tornaram fundamentais no pensamento de Elias: interdependência e configurações. A constituição do “eu” e do “nós” se dá numa relação de interdependência e enquanto um elo numa cadeia de gerações. A noção de interdependência está intimamente ligada à noção de equilíbrio das tensões que encontramos nas relações, no qual se dá o encadeamento dos atos que ligam os membros de uma sociedade diferenciando uns aos outros. O conceito de configuração designa qualquer situação concreta de interdependência. A

configuração é um sistema de interações, a ‘estrutura social’ observada no nível do indivíduo. Designa-se ‘estrutura’ as pessoas enquanto sociedade, e ‘configuração’ as pessoas enquanto indivíduos. Pensar em termos de configurações é resgatar o caráter relacional, é dizer que os indivíduos são interdependentes. (HEINICH, 2001)

Nesta perspectiva, Elias procurou estudar as transformações do equilíbrio ‘nós-eu’, as funções e inter-relações humanas, e a evolução histórica de sua natureza. Ao tratar do “processo civilizador” Elias procurou observar os processos nos quais o aumento da divisão das funções, e com ela a interdependência mútua de todas, geram tensões que tendem para uma mudança das relações. No estudo sobre a formação da civilização, Elias procurou demonstrar o processo de mudança da conduta das pessoas e da estrutura de sua personalidade, “como a estrutura das funções psicológicas, o modelo específico de controle do comportamento num período dado, vincula-se à estrutura das funções sociais e às mudanças nos relacionamentos entre as pessoas.” (ELIAS, 1993, p.266) A sociedade não é somente um fator de uniformização, mas também de individualização. Desta maneira, Elias descreve o “processo de civilização” no mundo ocidental moderno como:

[...] o aumento do controle pela interiorização dos constrangimentos, estreitamento dos vínculos inter-individuais, incremento da divisão do trabalho bem como da distância entre crianças e adultos, desenvolvimento da interioridade e da auto-observação, sobretudo no contexto do romance. A individualização que lhe é correspondente, não se manifesta somente no nível filosófico, mas também na tendência a mobilidade, à redução no enquadramento pelos coletivos e à independência: esta independência pode ser vivida como liberdade, mas também como necessidade. (HEINICH, 2001, p.117)

O conceito de configurações tornou-se um instrumento fundamental no pensamento de Elias para superar o antagonismo ou dualismo indivíduo e sociedade. Ele propõe uma superação dos termos indivíduo e sociedade, tornando-os compreensíveis como níveis diferentes, mas inseparáveis do universo humano. Os conceitos de indivíduo e sociedade são diferenciados – no plano da linguagem - através de um observador; que poderia se concentrar nos indivíduos que formam grupos, ou sobre o grupo que os indivíduos formam juntos. Elias se refere aos conceitos como uma construção teórica que provavelmente está impregnada de

ideologia, marcada por seu contexto. O objeto de trabalho do sociólogo – acima das considerações ideológicas - é dado pelos vínculos de interdependência entre posições individuais numa dada situação - no interior da “configuração”.

Ao denominar os termos indivíduo e sociedade, Elias propõe tomá-los como um processo, destacando o seu caráter relacional (dessubstancializado) e evolutivo (contextualizado, historicizado). Tal proposição explicita uma mudança de perspectiva que consiste em passar de um pensamento, onde os termos são definidos substancialmente e independentes, para um pensamento relacional, indissociável. A referência ao conceito de *habitus* em Elias propõe estabelecer os vínculos entre as duas dimensões, demonstrando como a dimensão coletiva é incorporada pelos indivíduos em um sistema de interações. Seria um meio concreto para mostrar como:

[...] as emoções e as disposições vividas no nível individual devem a processos coletivos de incorporação, amplamente inconscientes. O *habitus* vai, então, dos comportamentos mais aparentemente individualizados, aos mais compartilhados pelos outros membros de um mesmo grupo, depositários e atores de uma identidade coletiva, como a identidade nacional [...] desta forma, o *habitus* não é uma substância metafísica inteiramente inventada para resolver as aporias criadas pela dicotomização artificial de substâncias separadas: ele é a concretização das relações efetivamente praticadas entre níveis muito heterogêneos da experiência, desde a “competência” geral para a interação inscrita no espaço do possível da vida social, até a “performance” produzida pelos indivíduos em situação..” (HEINICH, 2001, p.132)

A obra de Elias destaca a importância da dimensão temporal assim como a dimensão do espaço relacional. A compreensão de um sistema que define a situação na qual os seres humanos se relacionam uns com os outros se dá tomando por base a variável temporal. Elias demonstra isso quando ilustra como o processo de civilização contribui para formar os *habitus* sociais que são parte integrante de qualquer estrutura de personalidade. Na sociologia de Elias a dimensão temporal é fundamental para se compreender a dinâmica da constituição da relação indivíduo e sociedade.

De uma maneira geral, os esforços de ambos os autores convergem numa mesma direção ao resgatar uma condição fundamental da existência humana que é a presença de pessoas inter-relacionadas. De certa forma, os dois autores

convergem para o reconhecimento da natureza estruturada do fenômeno social, e que se realiza através dos indivíduos que se relacionam.

Elias e Giddens são autores que trouxeram grandes contribuições para a complexa problemática clássica das ciências sociais sobre a lógica da relação entre indivíduo e sociedade. Ambos elaboram sofisticados conceitos buscando articular as duas dimensões através dos processos de interação social de forma a superar a dicotomia ou dualidade dessas dimensões. Embora se tenha isso reconhecido, ambos os autores sofreram críticas que apontam suas teorias para duas orientações diferentes. No caso de Elias, os críticos apontam sua ênfase nos aspectos normativos da ação; aproximando-se de uma orientação em que há uma predominância da estrutura sobre a ação. E no caso de Giddens, os críticos apontam sua ênfase no agente, e destacam que não há atenção suficiente para os aspectos normativos; aproximando-se de uma orientação onde há uma predominância da ação sobre a estrutura.

A perspectiva de Bourdieu busca também superar o dilema indivíduo e sociedade (objetivismo e subjetivismo). De um lado, Bourdieu critica diretamente o objetivismo de Durkheim, o estruturalismo de Saussure, Levi-Strauss e Marx, por desconsiderar o processo da construção social pelo qual esses atores percebem, pensam e constroem essas estruturas e atuam sobre elas. De outro lado, Bourdieu considera a fenomenologia de Schutz, o interacionismo simbólico de Goffman e Blumer e a etnometodologia de Garfinkel como representantes do subjetivismo que ignoram as estruturas objetivas no processo pelo qual os indivíduos agem, pensam, explicam, representam o mundo social.

Bourdieu se mostra a favor de uma perspectiva estruturalista que não perde de vista a ação e o agente, mas sem utilizar noções como interação social ou a intersubjetividade entre os indivíduos. Para isso, Bourdieu destaca a atividade “prática” como produto da relação dialética entre ação e estrutura, adotando uma posição construtivista que lhe permite analisar a gênese dos esquemas de percepção, pensamento e ação, assim como as estruturas sociais. Sua perspectiva propôs abordar o modo em que as pessoas, com base na sua posição social, percebem e constroem o mundo social. Bourdieu procurou traduzir essa perspectiva

nos conceitos de “*habitus*” (conceito que se distingue do entendimento de Elias), que existe internalizado nos atores, e de “campo”, que existe fora dos atores, e sua relação dialética.

Bourdieu procurou por em evidência as capacidades criadoras, ativas e inventivas do agente através do conceito de *habitus*. O *habitus* “é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural” (BOURDIEU, 1989/2007, p.61) - o agente em ação. O *habitus* inclui as “estruturas mentais ou cognitivas” pelas quais as pessoas lidam com o mundo social. O *habitus* é um “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1983, p.60-61). São esquemas internalizados, através dos processos de socialização, pelos quais as pessoas produzem suas práticas e percebem o mundo social. A prática é o meio através do qual o *habitus* se forma, assim como é resultado da prática. Desta maneira, o *habitus* é um sistema de disposições “estruturadas” e “estruturadoras” constituído pela prática e com funções práticas.

O *habitus* é produto da internalização das estruturas refletindo as divisões objetivas como a estrutura de classes, grupos de idade, gênero etc. O *habitus* é adquirido através da posição ocupada no mundo social, variando assim em função da natureza da posição que a pessoa ocupa. Existe uma forte correlação entre as posições sociais e as disposições dos agentes que as ocupam (BOURDIEU, 1984). Além disso, o *habitus* é um produto da história, das práticas individuais ou coletivas. Uma pessoa adquire o *habitus* através de sua trajetória individual em função do momento da história social na qual se insere.

Embora se constituindo como estrutura internalizada que constrange o pensamento e ação o *habitus* não tem um caráter “determinante” para Bourdieu. O sistema de disposições proporciona os princípios pelos quais as pessoas utilizam-no para suas opções e estratégias a serem empregadas no mundo social. Não sendo uma estrutura rígida e inalterável, o *habitus* adapta-se aos indivíduos, já que estes podem mudar em função de situações contraditórias em que se veem envolvidos. Não somos conscientes do *habitus* e seu funcionamento manifesta-se nas atividades

práticas e tem um sentido prático; o que para Bourdieu é diferente de uma lógica racional (formal).

A noção de campo busca evidenciar a rede de relações entre as posições objetivas. Os ocupantes das posições estão constrangidos pela estrutura do campo, que podem ser agentes ou instituições. Essas relações estão separadas da consciência e da vontade coletiva e, por isso, tem sua lógica específica e certa autonomia em relação ao mundo social. A posição dos agentes dentro do campo depende da qualidade (valor) e do peso relativo do capital que possuem. Bourdieu (1983) distingue quatro tipos de capital: o econômico propriamente dito; o cultural, que implica vários tipos de conhecimento legítimo; o social, que são as relações sociais valorizadas pelas pessoas; e o simbólico, ou seja, o prestígio das pessoas. O campo condiciona o *habitus*, que por sua vez constitui o campo. Essa relação dialética entre *habitus* e campo foi uma preocupação central no pensamento de Bourdieu.

A organização deste capítulo se orientou pela preocupação em, de um lado, resgatar os fundamentos teóricos para a interpretação da entrevista de *survey* como uma interação social e, de outro lado, identificar as condições sociais pelas quais os respondentes tornam-se susceptíveis aos formatos das perguntas que produzem efeitos nas respostas. Configurou-se também como objetivo entender a relação entre essas dimensões como integrantes da compreensão sociológica para os chamados efeitos nas respostas produzidos pela própria natureza do questionário.

A noção de mundo da vida (cotidiana), em Schutz, como um mundo intersubjetivo permite aos atores envolvidos uma “atitude natural” ao dar sentido à ação que está orientada para o outro. Esta noção é o pressuposto de toda a sociologia interpretativa que se desdobrou nas interpretações de Goffman, Garfinkel, Cicourel e Zimmernan (e tantos outros também importantes para este campo de conhecimento) destacando diferentes aspectos como os entendimentos tácitos e cotidianos do senso comum, as representações de si mesmo e do outro, a indexalidade da linguagem, a reflexividade do discurso ou a congruência de significados a partir de expectativas compartilhadas, importantes para a

compreensão do processo de interação social na elaboração do questionário e na realização da entrevista de *survey*.

Ao trazer as perspectivas de Giddens, Elias e Bourdieu procurei destacar propriamente o resgate da relação entre a dimensão do processo de interação social e os elementos (condições) estruturantes do próprio processo. E, a partir deste entendimento, procurei identificar os elementos estruturantes, como as condições adquiridas socialmente ou sua posição na estrutura social, pelos quais os respondentes de um questionário se tornam susceptíveis aos formatos das perguntas produzindo efeitos nas repostas. No capítulo seguinte procuro, primeiramente, resgatar o que a metodologia de *survey* já identificou como dimensões explicativas dos efeitos nas respostas, e, em seguida, procuro redefinir e aprofundar estas dimensões numa perspectiva sociológica.

5. CAPÍTULO IV - AS DIMENSÕES EXPLICATIVAS DOS EFEITOS NAS RESPOSTAS

5.1. Apresentação

Além de explicar o processo de produção das respostas, existe na literatura sobre a metodologia de *survey* uma preocupação em identificar as condições pelas quais os respondentes tornam-se susceptíveis aos chamados efeitos nas respostas. A discussão se dá em torno das características sócio-demográficas, como sexo e idade; mas, principalmente em torno da posição dos indivíduos quanto a sua escolaridade, além de outras dimensões de natureza mais atitudinais como interesse, informação e conhecimento sobre o assunto abordado.

A escolaridade tem sido a condição central nas explicações dos efeitos nas respostas para a maior parte dos tipos de formatos de perguntas. Esta condição foi, muitas vezes, traduzida no termo de “habilidade cognitiva” ou “sofisticação cognitiva”, sem muita discussão conceitual, apenas traduzindo uma medida empírica em categorias que correspondem aos anos de escolaridade. Os próprios pesquisadores apontam a necessidade de uma maior investigação sobre a capacidade explicativa da escolaridade dos respondentes e um maior aprofundamento do próprio conceito para a representação empírica da escolaridade.

O nível de escolarização dos respondentes foi um importante indicador para especificar a direção das variações nos resultados dos experimentos. A hipótese testada foi a de que aqueles mais facilmente afetados pelas variações no formato, na redação, ou na seqüência das perguntas são os que possuem mais baixo nível de escolarização.

Outras dimensões também foram consideradas para analisar as condições pelas quais os respondentes são susceptíveis aos efeitos nas respostas como o interesse ou envolvimento, as informações e o conhecimento, e as experiências com o assunto abordado. Poucas foram as pesquisas que investigaram esses aspectos

e, da mesma maneira, pouco se investiu numa discussão mais conceitual. Essas dimensões ganharam um investimento conceitual maior quando tratadas através dos conceitos de “cristalização da atitude” e “força da atitude” com uma abordagem a partir da psicologia social. Esses termos foram mais utilizados pela ciência política quando preocupada com o entendimento sobre a natureza das medidas de opinião pública e que aspectos da medida estavam relacionados à opinião propriamente dita. As preocupações voltadas para as questões metodológicas investigaram a associação entre as “atitudes menos cristalizadas” e a “atitudes mais fracas” e a susceptibilidade aos efeitos nas respostas. No entanto, os próprios pesquisadores apontaram a pouca investigação empírica diante da operacionalização dos conceitos envolvidos e a pouca evidência sobre a capacidade explicativa desta dimensão sobre os efeitos nas respostas.

Por último, procuro identificar as possíveis variáveis explicativas das condições pelas quais os respondentes tornam-se susceptíveis aos chamados efeitos nas respostas orientando-me pelo recorte teórico apresentado no capítulo anterior e pelos dados disponíveis a partir das pesquisas PRMBH e GOES.

5.2. A escolaridade como principal variável explicativa dos efeitos nas respostas - Habilidade Cognitiva

Nos estudos de Howard Shuman e Stanley Presser (1981), o nível de escolarização dos respondentes foi um importante indicador para especificar a direção das variações nos resultados dos experimentos. Tais pesquisadores marcaram, pioneiramente, a preocupação em identificar e explicar os efeitos nas respostas utilizando um grande número de experimentos, os chamados *split ballot*, para cada tipo de variação nos formatos, redação e sequência de perguntas, somando um total de 200 experimentos³⁹. Os assuntos abordados eram variados,

³⁹ Os experimentos foram extraídos de mais de 30 diferentes *surveys*, entre os anos de 1971 e 1980. Os *surveys* foram conduzidos por importantes instituições de pesquisa como ISR (Institute Survey Research) da Universidade de Michigan, que conduziu o Detroit Área Survey (DAS) e o Survey Research Center (SRC); e o National Opinion Research Survey (NORC) da Universidade de Chicago que conduziu o General Social Survey (GSS).

além de terem sido utilizados diferentes tipos de condução da entrevista, como face a face, autoaplicada ou por telefone.

Os resultados dos experimentos foram analisados através da relação entre variáveis: as categorias de respostas às questões de um determinado formato (formulação ou seqüência) foram tratadas como uma variável dependente e a variável escolaridade, classificadas em três intervalos em anos de escolaridade: 0-11; 12; 13 ou mais como variável independente⁴⁰, indicadora de “sofisticação cognitiva”. A hipótese testada é a de que aqueles mais facilmente afetados pelas variações na formulação das perguntas tendem a ser aqueles com níveis de escolarização mais baixos.

Schuman e Presser (1981) apontaram a escolaridade como uma variável de destaque, pelo menos em relação a outras variáveis demográficas, para explicar as variações da maior parte dos resultados dos experimentos com os formatos, redação e seqüência das questões. No entanto, ponderaram também que os dados utilizados não são suficientes para concluir que o nível de escolarização dos respondentes seria um moderador persuasivo, sistemático e generalizado para explicar a susceptibilidade aos efeitos de respostas - “nossas conclusões são hipóteses”. Nos diferentes experimentos analisados, os autores se referem aos resultados, indicando a existência uma “tendência” nos dados para sustentar a hipótese, além de variar entre os diferentes tipos de formatos etc. Os autores destacam a importância da associação de variáveis e do teste de significância, mas também a importância da replicação para demonstrar a validade empírica e teórica dos resultados.

Narayan, e Krosnick (1996) retomam as análises de Schuman e Presser através da meta-análise dos dados⁴¹, analisando o conjunto dos dados

⁴⁰ O intervalo de anos de escolaridade partiu de uma primeira análise com 5 categorias: 0-8; 9-11; 12; 13-15; e 16 ou mais. Os resultados da análise utilizando estas categorias demonstraram que a primeira e segunda categoria era muito similar, assim como a quarta e a quinta categoria. Desta maneira, foram agrupadas estabelecendo 3 categorias (0-11; 12; e 13 +), sendo que até 11 anos de escola corresponde àqueles sem um diploma do *high school*, ou teste equivalente; 12 anos de escola seria o *high school* completo, com diploma ou certificado correspondente; e 13 anos ou mais acima de escolaridade.

⁴¹ De acordo com os procedimentos descritos por Rosenthal, Robert. 1988. *Meta-Analytic Procedures for Social Research*. Beverly Hills, CA: Sage.

(experimentos) e não estes individualmente, para verificar a relação entre escolarização e efeitos nas respostas. As razões para reconsiderar tais conclusões, Narayan e Krosnick buscam: 1) na questão teórica envolvida na seleção da variável escolaridade; 2) no número plausível de metodólogos, sociólogos e psicólogos sociais que vêm estudando os efeitos de respostas em decorrência do nível de escolarização como provavelmente funcionando como moderador dos efeitos; e, por fim, 3) na possibilidade de se analisar a relação entre escolaridade e efeitos de respostas no conjunto de experimentos, ao invés de analisá-la através da abordagem de experimento por experimento, o que pode ter impedido a capacidade de se estabelecer a relação entre escolaridade e efeitos nas respostas. Além destas razões, os autores questionam o próprio padrão de comparação utilizado quando se diz efeito “pequeno”, “moderado”, ou “grande”; uma nomenclatura associada a valores numéricos (relacionados a percentuais estatísticos) que a princípio são definidos “arbitrariamente”. Assim, ao propor a meta-análise, Narayan e Krosnick chamam atenção para a necessidade de rever o método de análise e a magnitude da significância estatística no que se refere à relação entre os níveis de escolarização e efeitos de respostas. A meta-análise permitiria uma maximização do poder estatístico e uma ponderação das possíveis variações de algum experimento em particular, gerando uma estimativa mais precisa. Reexaminados desta maneira, os experimentos utilizados por Schuman e Presser foram analisados observando a tendência dos resultados para identificar a susceptibilidade aos efeitos de respostas principalmente entre aqueles respondentes que têm nível de escolarização mais baixo.

Os efeitos nas respostas eram mais amplos para os respondentes de mais baixa escolaridade do que para os de mais alta escolaridade, para a maioria dos tipos de formatos considerados: “ordem das alternativas de respostas”, em 71% dos experimentos; *acquiescence bias*, em 91% dos experimentos; “alternativa do meio (ou intermediária)”, em 100% dos experimentos; “filtro para não-opinião” (alternativa “não tem opinião”, “não sei”), em 91% dos experimentos; “terminologia” (significado dos termos: permitir/proibir), em 80% dos experimentos; “equilíbrio ou não equilíbrio da pergunta”, em 67% dos experimentos.

Embora Narayan e Krosnick (1996) confirmassem, assim como Schuman e Presser (1981), que a questão deve ser tratada com maior investigação, para eles os resultados são satisfatórios para afirmar que quando os efeitos ocorrem são mais visíveis entre os respondentes com mais baixa escolarização. Apesar dessas evidências, fica ainda a necessidade de uma maior investigação sobre a amplitude dos efeitos da escolarização. Além disso, também outras variáveis, além da educação, podem estar relacionadas com os efeitos nas respostas; os próprios autores Shuman e Presser apontaram que os respondentes menos interessados ou menos informados sobre o assunto abordado na pergunta são mais susceptíveis aos efeitos de respostas.

Narayan e Krosnick (1996) chamam a atenção para outros fatores que possam estar vinculados aos efeitos de respostas e níveis de escolarização e que cabe maior investigação: 1) o próprio conteúdo da questão tratada pode limitar os efeitos da escolarização, o que não havia sido considerado em experimentos anteriores; 2) o grupo de escolarização intermediária cuja tendência à susceptibilidade aos efeitos varia dependendo do tipo de experimento envolvido (formatos de perguntas, redação, contexto, dentre outros); 3) os efeitos nas respostas, através do nível de escolarização, podem ter diferentes proporções nos diferentes formatos de questões.

Neste contexto de análise, Narayan e Krosnick, resgatam a perspectiva de Jon A. Krosnick (1991) - a teoria da satisfação no processo de produção da resposta no questionário - para explicar a relação entre escolaridade e efeitos nas respostas, numa abordagem propriamente da psicologia social. De acordo com essa teoria, embora os respondentes possam estar motivados a serem consistentes no processo de elaboração da resposta, otimizando cada etapa de produção da resposta (interpretação da pergunta, busca na memória, julgamento e edição da resposta) muitos podem optar pela perspectiva da satisfação: fornecer respostas que podem parecer satisfatórias ou aceitáveis sem ter executado (com o esforço mental necessário), de maneira otimizada, as etapas para a produção da resposta. Krosnick (1991) destacou que a satisfação está relacionada a três fatores: a) a dificuldade da tarefa (dificuldade da pergunta); b) a habilidade com a performance da tarefa; e c) a motivação com a performance da tarefa. O conceito utilizado para traduzir a

capacidade para executar as tarefas cognitivas foi o de habilidade cognitiva ou comunicativa (LOOSVELDT, 1997). O importante indicador empírico utilizado como *proxy* para a habilidade cognitiva ou comunicativa do respondente foi a escolaridade, que se traduz no conjunto de talentos que uma pessoa pode ter na performance de operações cognitivas que otimizam as etapas do processo de elaboração das respostas (Ceci, 1991). Quanto maior a habilidade cognitiva maior a condição para otimizar o processo de elaboração das respostas. O nível educacional foi relacionado à habilidade cognitiva, sendo que os respondentes com baixa habilidade cognitiva estariam induzidos pela satisfação (forte grau de satisfação). Nesta perspectiva, certos tipos de perguntas podem se tornar facilitadoras da orientação pela satisfação, por exemplo, quando se oferece o “Não Sei”; para respondentes com habilidade cognitiva média ou baixa (grupos de escolaridade intermediária e baixa) o “Não Sei” pode ser uma escolha satisfatória.

5.3. Outras variáveis explicativas dos efeitos nas repostas

Além da variável escolaridade, outras variáveis também foram consideradas para analisar as condições pelas quais os respondentes são susceptíveis aos efeitos nas repostas como a idade do respondente, o interesse ou envolvimento, a informação e o conhecimento, e a experiência com o assunto abordado.

No clássico estudo de Shuman e Presser (1981), a variável idade foi pouco considerada nas análises dos experimentos. Em estudos posteriores (KNÄUPER, et al., 1996; SCHWARZ, et al., 1999; KNÄUPER, 1999) a relação entre a variável idade e os efeitos nas repostas foi investigada a partir do entendimento de que a capacidade cognitiva (“habilidade cognitiva”) declina com a idade mais avançada dos respondentes. Knäuper retomou as análises de Shuman e Presser (1981) e de Narayan e Krosnick (1996) para questionar o poder explicativo da variável escolaridade sobre os efeitos nas repostas. O autor parte do pressuposto de que a idade tem correlação negativa com os anos de escolaridade, sendo que no passado os anos de escolarização formal eram maiores entre os mais novos do que os mais velhos. A partir da análise dos mesmos experimentos, especialmente aqueles sobre

efeitos contextuais - a ordem das alternativas de respostas -, Knäuper procurou demonstrar o efeito da idade como variável indicadora da “capacidade de trabalho da memória” (KNÄUPER, 1999, p.349). Este termo foi definido pelos psicólogos sociais para expressar o modelo cognitivo que se refere à habilidade simultânea de processar e elaborar novas informações - incluindo aquelas apresentadas pelo questionário. Os respondentes com baixa “capacidade de trabalho da memória” seriam susceptíveis aos efeitos nas repostas. Esta capacidade é menor entre os mais velhos como resultado do processo biológico natural. O declínio dessa capacidade cognitiva estende-se para os problemas de compreensão, memória, aprendizado e raciocínio, desdobrando-se em problemas com as diferentes tarefas cognitivas (compreensão, busca de informação na memória, julgamento e edição da resposta). Tal fato traria impactos sobre o processo de elaboração das repostas e tornaria os respondentes susceptíveis aos chamados efeitos nas repostas, a partir das variações dos formatos, redação e seqüência das perguntas, como demonstra Schwarz, *et al.* (1999).

De uma maneira mais ampla, Knäuper, *et al.* (1996) analisaram a relação entre o nível de dificuldade das questões e a habilidade cognitiva como fator que acarretaria em um maior número de repostas “Não Sei”; respondentes com mais baixo nível de habilidade cognitiva eram afetados pelo grau de dificuldade das questões levando a uma maior propensão a dar repostas “Não Sei”. Indicadores de dificuldade das questões foram traduzidos em características das questões que demandavam uma maior carga cognitiva como: questões longas, complexidade envolvida, instruções, frases introdutórias, ambiguidade e abstração dos termos, relato retrospectivo, relatos de freqüência, relatos de quantidade, escalas de repostas. Os resultados apontaram que respondentes com mais baixa habilidade cognitiva respondiam mais “Não Sei” para questões mais difíceis do que para questões mais fáceis. Além disso, demonstrou que os respondentes mais velhos, com baixa habilidade cognitiva, eram mais afetados pela dificuldade das questões do que os respondentes mais velhos com alta habilidade cognitiva.

Variáveis que expressavam dimensões como informação ou conhecimento sobre o assunto abordado nas questões em investigação foram consideradas por

Schuman e Presser (1981) em poucos experimentos dentre os analisados⁴². George F. Bishop (1990) testou a hipótese de que o efeito da variação nos formatos, na redação ou no contexto das perguntas era maior entre aqueles respondentes menos envolvidos com o assunto tratado na pergunta, e para aqueles cujo assunto tratado era menos importante⁴³. Ele analisou, através da meta-análise, quinze experimentos *split ballot* que tratavam de efeitos quanto à ordem das respostas, à apresentação de alternativa intermediária (do meio), às questões balanceadas (uso de contra argumento) ou não, e à ordem das perguntas. Bishop encontrou resultados significativos somente para os dois primeiros tipos de formato de questão (principalmente para a alternativa intermediária). Suas conclusões, que coincidem com as análises de Krosnick e Schuman (1988), como ele mesmo destaca, apontam para: 1) a variação no tamanho dos efeitos entre os experimentos, 2) esta variação pode ser decorrência dos diferentes tipos de experimentos (formatos de questão), ou 3) dos assuntos abordados nas perguntas, ou 4) das medidas de envolvimento com assunto tratado na pergunta.

Tanto Schuman e Presser (1981) quanto Bishop (1990) testaram, respectivamente, a variável “informação sobre política” e “envolvimento com o assunto abordado” individualmente, mas destacaram o entendimento destas variáveis dentro da discussão que utiliza os conceitos de “cristalização da atitude” e “força da atitude”, numa abordagem a partir da psicologia social. As variáveis “informação” e “envolvimento com o assunto” seriam indicadores de “cristalização da atitude” ou “força da atitude”. De qualquer maneira, os autores entendem que os conceitos têm uma ampla discussão e qual deverá ser tratada no próximo item (5.4) deste capítulo.

⁴² Em dois dos experimentos analisados Schuman e Presser utilizaram uma medida de informação sobre o cargo de certas personalidades políticas (no total de 3). As respostas foram codificadas em “corretas”, “parcialmente corretas” ou “incorretas”. A partir desta codificação foi produzido um índice de 0 a 6, sendo 6 a mais alta informação, e o uso de intervalos de 0-1, 2-4, 5-6.

⁴³ Ou nível de “envolvimento com o assunto” foi classificado em alto e baixo. Para “importância”, também alta e baixa.

5.4. A dimensão atitudinal na explicação dos efeitos nas respostas

A dimensão atitudinal também é considerada importante para explicar os efeitos nas respostas tendo em vista a mudança no formato da questão, redação e contexto (ordem das respostas e ordem das perguntas). Para tratar das medidas de atitude (que se referem a valores, crenças, opiniões, percepção) é importante destacar que estas diferem das questões sobre fatos ou comportamentos no que diz respeito às demandas quanto aos processos cognitivos, assim tratados na abordagem sobre as diferentes tarefas cognitivas. Esse entendimento é uma importante referência para a elaboração das medidas em um *survey*, mas também para o entendimento sobre a natureza das variáveis explicativas dos efeitos nas respostas.

Para conhecer a atitude das pessoas, ou mesmo o seu comportamento, através da metodologia de *survey*, utilizamos perguntas dirigidas diretamente a estas pessoas. Dessa maneira, estamos tratando do relato da atitude ou do comportamento, não observável, tentando medi-lo⁴⁴. Pesquisadores de diferentes campos - psicologia social, ciência política, sociologia - esperam chegar a um entendimento científico sobre como efetivamente medir atitudes em relação a um determinado objeto de estudo. A atitude tem muitas propriedades (ou dimensões, ou atributos, ou componentes) e também ela pode ter direções diferentes. Para compreender isso, é importante conhecer a natureza, a origem e as conseqüências da atitude. Uma motivação comum entre os diferentes campos de estudo é tentar entender a relação entre a atitude e o comportamento das pessoas.

Do ponto de vista da literatura que organiza o campo da metodologia de *survey* esta se orienta, principalmente, pela concepção da psicologia social para tratar da natureza da atitude e suas medidas. Eagly e Chaiken (1993) apresentaram uma revisão da literatura na psicologia social sobre sua natureza, suas medidas, sua estrutura, formação e mudança, assim como a distinção das amplas dimensões da atitude e suas relações: a cognitiva, a afetiva e comportamental.

⁴⁴ Fabrigar, MacDougall, Krosnick (2005).

Sudman e Bradburn (1982) organizaram a discussão sobre os aspectos envolvidos na elaboração das questões para medir a atitude em duas partes: os problemas envolvidos na formulação das questões e os problemas envolvidos na definição das alternativas de respostas (em algumas questões a distinção entre formulação da questão e opções de resposta não é clara, por exemplo, quando a alternativa de resposta está construída diretamente dentro da redação da questão). Os autores listaram os principais pontos envolvidos no âmbito da elaboração da questão e da resposta. Um importante ponto de destaque, além de especificar claramente o objeto de atitude, é definir sobre os aspectos da atitude acerca do objeto considerado: 1) o componente “afetivo” ou “avaliativo” (“gosta”/“não gosta”, “a favor”/“contra” etc); 2) o componente “cognitivo” (conhecimento, idéias etc); 3) o componente de “ação” (disponibilidade ou intenção para fazer algo em relação ao objeto abordado). Para os autores, evidências empíricas sustentam que existe uma correlação entre esses componentes atitudinais, por exemplo, as pessoas em geral não agem em apoio a algo que elas desaprovam. (SUDMAN, BRADBURN, 1982). Na verdade, a relação entre os componentes da atitude é muito mais complexa e diferenciada. E, além disso, para se medir um único componente pode-se utilizar diferentes termos (termos sinônimos, mas que podem ter diferentes conotações) o que produz diferentes resultados.

Para compreender os diferentes componentes da atitude e a correlação entre estes componentes um conceito importante tem acompanhado a discussão apresentada por Sudman e Bradburn (1982): como a “profundidade da atitude” ou “força da atitude”, que pode ser aplicada a cada um dos componentes da atitude. Por exemplo, uma avaliação pode ser fortemente ou fracamente sustentada; a informação pode ser certa ou não bem certa; uma ação pode ser definitivamente comprometida ou vagamente contemplada. Os autores apontam três diferentes estratégias para medir a “força da atitude”: 1) construir uma escala de “força” dentro da questão, medindo ao mesmo tempo a “força” da atitude e a avaliação em si; 2) construir uma questão separada para avaliar a “força” da atitude; 3) construir uma série de questões independentes para medir a “força” da atitude, na qual cada uma das questões é construída com o objetivo de refletir a atitude subjacente mais geral. A soma dos itens concordados de todas estas questões é tomada como uma medida de “força atitudinal”. (SUDMAN, BRADBURN, 1982, p.125)

O método utilizado para combinar respostas traduz um tipo de medida com maior sofisticação e que contempla o princípio da multidimensionalidade dos conceitos. Medidas compostas por multidimensões de uma dada atitude *versus* medidas únicas para cada tópico de atitude apresentam-se como uma das áreas centrais de problemas envolvidos na elaboração das questões de *survey*. A utilização de medidas únicas em decorrência da falta de compreensão sobre a multidimensionalidade dos conceitos, ou até mesmo por razões necessárias de simplificação (tempo e custo), pode levar a falhas na interpretação dos dados.

Krosnick e Abelson (1992) propuseram analisar o conceito de “força da atitude” através de algumas dimensões: “extremidade”, “intensidade”, “certeza”, “importância” e “conhecimento”. A “extremidade” da atitude se refere ao grau no qual o indivíduo é favorável ou não a uma avaliação de um determinado objeto e pode ser medida através da inclusão do ponto médio de uma dimensão pró ou contra. A “intensidade” da atitude, por sua vez, se refere à resposta afetiva (uma reação emocional ou não) do indivíduo em relação ao objeto, podendo ser medida ao se perguntar às pessoas o quanto é forte e intenso o seu sentimento em relação ao objeto. Já a “certeza” da atitude refere-se ao grau no qual o indivíduo está certo sobre sua atitude em relação a um objeto e pode ser medida perguntando às pessoas o quanto elas estão certas sobre sua opinião, se esta pode ser facilmente mudada ou não. Por outro lado, a “importância” da atitude se refere ao grau ao qual o indivíduo considera uma atitude, o quanto esta é pessoalmente importante para ele, e pode ser medida perguntando a ele qual é o seu interesse em relação ao objeto e o quanto ele dá atenção a este. Já o “conhecimento” da atitude se refere ao grau de informação sobre o objeto, medido quando se pergunta aos indivíduos uma lista de coisas que conhecem sobre o objeto ou o nível de conhecimento que eles sentem ter em relação ao objeto. (KROSNICK, ABELSON, 1992, p.177-181)

Outros pesquisadores buscaram definir variáveis que podem ser consideradas dimensões da atitude, tais como: magnitude, ambivalência, saliência, acessibilidade, elaboração, dentre outras. Importância, intensidade e certeza têm sido também utilizadas para especificar a “susceptibilidade da atitude à persuasão” (EWING, 1942; FINE, 1957; KNOWER, 1936; YANKELOVICH, ET. AL.,1981); a “estabilidade da atitude através do tempo” (KROSNICK, 1988; SCHUMAN,

PRESSER, 1981); a “acessibilidade da atitude na memória” (KROSNICK, 1986); a “extremidade da atitude” (BORGIDA, HOWARD-PITNEY, 1983; BRENT, GRANBERG, 1982; KNOWER, 1936); o “nível de avaliação consistente entre atitudes” (JACKMAN, 1977; JUDD, KROSNICK, 1981; SHUMAN, PRESSER, 1981; SMITH, 1982); o “impacto da atitude na avaliação social” (KROSNICK, 1988) e a “consistência da relação entre atitude e comportamento” (KROSNICK, 1988; SCHUMAN, PRESSER, 1981) (*apud* KROSNICK, SCHUMAN, 1988, p.949). Além disso, outras dimensões foram nomeadas como aquelas que representam a “cristalização da atitude”, tais como a “experiência direta com o objeto de atitude” (FAZIO, 1986) ou o “interesse pelo objeto de atitude” (SIVACEK, CRANO, 1982) e a “consistência afetivo-cognitiva” (CHAIKEN, BALDWIN, 1981) (*apud* KROSNICK, SCHUMAN, 1988, p.950).

Muitos estudos têm buscado operacionalizar empiricamente tais dimensões e investigar as possíveis relações entre as várias dimensões da atitude (como importância e certeza, importância e acessibilidade, certeza e acessibilidade, em Visser, *et al.* (2004). A princípio essas dimensões partem de conceitos e medidas empíricas independentes, mas podem refletir constructos sobrepostos, com alto grau de correlação⁴⁵, mas, ao mesmo tempo, produzem efeitos (resultados) diferenciados. Visser, *et al.* (2003) analisaram as dimensões importância e certeza que, embora correlacionadas, tem efeitos distintos sobre o comportamento quando relacionadas a diferentes objetos. Bizer, *et al.* (2004) investigaram as correlações entre importância e conhecimento, e importância e acessibilidade. A preocupação destes autores foi destacar as diferentes origens e conseqüências de cada atributo, tendo em vista uma possível sobreposição de seus constructos. Outra preocupação dos pesquisadores é compreender a correlação entre as várias dimensões da atitude e o comportamento (SCHUMAN, PRESSER, 1981; KROSNICK, ABELSON, 1992; VISSER, *et al.* 2003), por exemplo, a combinação do alto grau de importância e conhecimento estaria associada ao comportamento expressivo (VISSER, *et al.*, 2004).

⁴⁵ A maioria destes estudos utiliza a análise de correlação e/ou fatorial para a construção dos índices. Em alguns casos, como citado por Visser, Bizer e Krosnick (2004), a análise estrutural para um amplo conjunto de atributos verificando a significância da relação e direção explicativa entre os atributos.

É comum a utilização de medidas de atitude no *survey*, mas é pouco comum medir a “força” daquelas atitudes. Intuitivamente é possível dizer que nem todas as atitudes são similares, mas uma operacionalização adequada e uma definição clara da noção de “força da atitude” ainda é uma preocupação dos pesquisadores que reconhecem a necessidade de um maior investimento teórico e empírico.

O termo “força da atitude” procurou evidenciar a busca de um entendimento sobre as diferentes dimensões da atitude. O grande objetivo desses estudos foi demonstrar que a “atitude forte” é mais firmemente cristalizada (é estável, resiste a pressões, mudanças e à persuasão) e tem maior impacto sobre o comportamento dos indivíduos. Já a “atitude fraca”, que não está cristalizada (é instável, está vulnerável a pressões e a persuasão), exerce pouco ou nenhum impacto sobre a ação dos indivíduos (KROSNICK, ABELSON, 1992; MILLER, PETERSON, 2004). O desafio é demonstrar como e quais dimensões diferenciam melhor a “atitude forte” da “atitude fraca”. Para Visser *et al.* (2004) todos os atributos são indicadores de resistência à mudança e estabilidade no tempo, mas de maneira distintas, dependendo da associação e direção entre eles estabelecida. Dessa maneira, os conceitos de “força da atitude” e “cristalização da atitude” são teórica e operacionalmente diferentes, mas estão relacionados na sua aplicação.

Schuman e Presser (1981) se referiram a dois aspectos da “cristalização da atitude”: sua existência *a priori* para medi-la e sua resistência no sentido da confiabilidade da medida. Além disso, destacaram a importância de uma investigação empírica da relação entre o grau de cristalização e a possibilidade de mudança sob influência de persuasões ou eventos. A existência da atitude, embora não seja fácil operacionalizá-la, é assumida pelo pesquisador e a confiabilidade é verificada quando a atitude é medida duas ou mais vezes no tempo. Estimar confiabilidade, neste sentido, é um primeiro modo de analisar a cristalização. Os autores analisaram alguns experimentos buscando evidência sobre a correlação entre “atitude forte” e “cristalização” (ou confiabilidade), utilizando as variáveis “intensidade” e “centralidade” (ou “importância”) para expressar a “força da atitude”. Para os autores, os resultados dos experimentos sustentam a hipótese de que a “atitude forte” está correlacionada com a “atitude cristalizada”.

Schuman e Presser (1981) também se preocuparam em analisar a relação entre a variável educação e a cristalização da atitude. Converse (1964) em seus primeiros escritos aponta uma correlação entre confiabilidade e um alto grau de escolarização das pessoas entrevistadas. Schuman e Presser (1981) retomaram esta perspectiva e apontaram evidências, através de alguns experimentos, sobre a correlação entre “consistência da resposta”, “educação” e “intensidade”. Entre os respondentes com mais alto nível de escolarização existia uma maior consistência entre aqueles que têm maior “intensidade” de sentimento sobre o assunto do que entre aqueles que têm menor “intensidade”. Já na observação da relação através da “centralidade” da atitude, a correlação é negativa. Os autores acreditam que a educação tem diferentes efeitos sobre os diferentes assuntos (as duas conclusões sobre a correlação entre “educação”, “consistência da resposta” e “força da atitude” foram tiradas de diferentes experimentos que abordavam diferentes assuntos) e, sendo assim, não poderia ser feita uma generalização do papel da “educação” em relação à “cristalização da atitude”.

Desde o início da discussão sobre o conceito de “cristalização da atitude” (com KATZ, 1940; RUGG, CANTRIL, 1944 e depois CONVERSE, 1964, 1970, 1975), o emprego do conceito estava vinculado às explicações sobre os efeitos da redação: uma pequena mudança na redação pode mudar a resposta de muitos respondentes, mas é sempre difícil antecipar a afirmação de que uma determinada mudança na redação das questões terá algum efeito. Atribuía-se os efeitos de redação à falta de “cristalização da atitude”. Tornou-se então importante identificar “quem” está susceptível aos efeitos da redação e especificar as dimensões explicativas do “por quê” de tal susceptibilidade.

Muitos pesquisadores (CANTRIL, 1944, PAYNE, 1951; CONVERSE, 1970, 1974; SCHUMAN, PRESSER, 1981; KROSNICK, SCHUMAN, 1988) trataram a questão dos efeitos nas respostas que ocorrem quando a atitude não está cristalizada, ou seja, fracamente concebida, ou quando não é importante ou central para o respondente. “Intensidade”, “importância” e “centralidade” da atitude seriam medidas através de questões específicas e tomadas como indicadores da “cristalização da atitude”. Krosnick e Schuman (1988) relatam os resultados de 10 anos de investigação (conduzidos pela Universidade de Michigan, através do *Survey*

Research Center, entre 1974 e 1998), durante os quais procurou demonstrar a hipótese da relação entre “cristalização da atitude” e efeito nas respostas. As razões tomadas para relacionar a atitude, que é intensa, importante e central, ao respondente com uma menor susceptibilidade para os efeitos nas repostas são: 1) atitude extrema, quando as alternativas de respostas se caracterizam de forma extrema, neste caso aqueles respondentes com atitudes mais extremas são menos susceptíveis aos efeitos de repostas (ao contrário daqueles com atitudes moderadas); 2) a clareza e acessibilidade da disposição atitudinal na memória, pois as atitudes caracterizadas como claras, altamente disponíveis e acessíveis na memória são menos susceptíveis a efeitos nas respostas (ao contrário daquelas associadas com disposições internas ambíguas, conflitantes e inacessíveis); 3) os aspectos da redação da pergunta que privilegiam uma argumentação a favor de uma atitude, estabelecendo uma persuasão comunicativa, estariam sustentados pelo conhecimento e memória, que, por sua vez, estão ligados a outras atitudes: valores, crenças e elementos psicológicos da memória. Estes são reforçados pelo suporte social entre amigos e família e são expressos publicamente, por isso são mais resistentes às mudanças.

Para testar a relação entre “cristalização da atitude” e efeito nas respostas, Krosnick e Schuman (1988) examinaram tipos variados de formato da questão, redação da questão e de contexto (ordem das respostas e ordem das questões)⁴⁶. Os autores concluíram que tal relação ocorre, mais significativamente, em um tipo de formato específico de questão: questões que oferecem a alternativa intermediária (ou “ponto do meio”). Dessa maneira, pessoas que consideram a atitude importante, por estarem mais “conscientes” sobre o assunto, tendem a polarizar a atitude. Tipicamente as atitudes importantes se colocam de forma mais extrema que atitudes não importantes. Assim, aquelas pessoas de atitudes não importantes tendem a selecionar uma alternativa intermediária (média) mais freqüentemente que aquelas com atitudes importantes. Deste resultado, Krosnick e Schuman trazem uma discussão que sugere uma avaliação dos conceitos da operacionalização e das

⁴⁶ As discussões sobre a correlação entre “força da atitude” ou “cristalização da atitude” e “efeitos de respostas” tiveram um importante impulso através do desenvolvimento de métodos que fossem capazes de avaliar os efeitos nas respostas como os chamados experimentos *split ballots*.

medidas construídas para intensidade, importância e centralidade para explicar efeitos nas respostas. Os autores consideram que as medidas operacionalizadas carecem tanto de validade quanto de confiabilidade. Tomadas como independentes essas medidas podem levar a diferentes resultados por se tratarem de diferentes aspectos da “cristalização da atitude”. Por fim, Krosnick e Schuman consideram que os resultados apresentados são especulativos e não totalmente satisfatórios para confirmar que a intensidade, importância e centralidade moderam os efeitos nas respostas. Para estes autores é preciso investigar os mecanismos psicológicos e as características da atitude que explicam os efeitos de respostas de maneira válida e confiável. É preciso maiores evidências para especificar a relação entre variáveis que identificam os respondentes mais susceptíveis aos efeitos nas respostas.

Nas análises de Bishop (1990) suas medidas foram comparadas com as medidas adotadas na análise de Krosnick e Shuman (1988). Se, por um lado, a preocupação (interesse) e o envolvimento com o assunto abordado pretendem ser indicadores de “cristalização de atitude”, por outro, o tipo diferenciado na construção da medida (teórica e metodológica) pode levar a diferentes resultados. Bishop utilizou como medida de envolvimento a preocupação e o interesse pelo assunto, com o objetivo de capturar melhor a dimensão da familiaridade com o assunto, o que ele julgou mais eficaz do que as medidas de intensidade, importância e centralidade da atitude, utilizadas por Krosnick e Schuman (1988). Mesmo assim, Bishop acredita que o aprimoramento das medidas de familiaridade, envolvimento e experiência com o assunto, e o melhor controle experimental, podem demonstrar melhor a influência do envolvimento com o assunto.

Posteriormente, Lavine, *et al.* (1998) apresentaram evidência de que diferentes tipos de efeitos nas respostas podem ser explicados por diferentes atributos da atitude. Em seus estudos o efeito nas respostas devido ao contexto da pergunta (ordem da pergunta) variou em função de certos atributos de atitude, como importância, elaboração, certeza, extremidade, ambivalência e intensidade; na direção de uma atitude fraca, ou seja, significativa baixa importância, baixa elaboração, baixa certeza, baixa extremidade, alta ambivalência, e baixa intensidade. Lavine, *et al.* (1998) encontrou, como era de se esperar, uma correlação estatisticamente significativa entre os atributos da atitude utilizados.

A partir do conjunto de estudos apresentados sobre as dimensões da atitude explicativas dos efeitos nas respostas sugerem que os diferentes efeitos nas respostas podem ser explicados por diferentes atributos (dimensões) da atitude, dependendo do mecanismo cognitivo específico responsável pelo efeito nas respostas. A existência de efeitos nas respostas não necessariamente significa que a atitude medida é fraca. Além disso, atributos diferentes explicam diferentes efeitos nas repostas, Bassili e Krosnick (2000) demonstraram isso analisando diferentes tipos de formatos de pergunta (ordem das perguntas, alternativa intermediária, *acquiescence bias*, e redação) e a relação de cada um com diferentes tipos de atributos da atitude: extremidade com efeito da ordem das perguntas e *acquiescence bias*; certeza e conhecimento com alternativa intermediária; intensidade com redação. A agregação dos atributos explicou mais significativamente os efeitos para a ordem das perguntas e alternativa intermediária. Esta evidência reforça que os atributos têm constructos distintos e podem ser combinados de diferentes maneiras a partir de conhecimentos teóricos e da análise de dados.

5.5. As dimensões explicativas dos efeitos nas respostas a partir de uma abordagem sociológica

Retomando o escopo deste estudo buscarei recuperar aqui, a partir do recorte teórico proposto, as dimensões e os aspectos do ponto de vista sociológico relevantes para a explicação dos efeitos nas respostas.

A questão que se coloca neste estudo procura identificar quais são as dimensões e seus diferentes aspectos (ou sub-dimensões) que explicam a susceptibilidade dos indivíduos aos formatos, à redação e ao contexto da pergunta que levam a efeitos nas respostas; especialmente no que se refere a *oferecer ou não o “Não Sei”* e a *seqüência de perguntas*. As condições e os elementos colocados nesta situação dizem respeito, de um lado, à intenção do pesquisador ao selecionar temáticas e conteúdos para a elaboração de perguntas no questionário, e, em destaque neste estudo, às maneiras específicas de se fazer as perguntas (formatos, redação e contextos de perguntas e respostas). O formato, a redação e o

contexto configuram assim uma condição específica para expressar o objetivo da pergunta - para comunicar significados - e são utilizados pelos respondentes na produção das respostas; são recursos componentes da interpretação da pergunta e da produção da resposta em um dado questionário. De outro lado, o respondente se apresenta, naquele momento, carregando: 1) um conjunto de *disposições ou atitudes em relação ao objeto abordado* adquiridos anteriormente, e 2) uma situação biográfica e uma *posição na estrutura social*, indicada pelo seu capital cultural, social, e econômico, experiências sociais e o contexto – ambiente externo.

A primeira dimensão dialoga com um conhecimento que tem sua origem na psicologia social e cognitiva que utiliza aspectos atitudinais para explicar efeitos nas respostas, mas, sobretudo, vem identificar e aprofundar o entendimento desses aspectos como representações sociais que os indivíduos têm sobre os objetos abordados. Tanto a psicologia social quanto as ciências sociais se colocam como problema de investigação as relações entre os aspectos atitudinais e o comportamento (ou ações) dos indivíduos. A psicologia social procurou identificar os aspectos sociais do contexto da atitude e do comportamento dos indivíduos, o que chamou de “psicologia da influência social”: “se o estudo da atitude está baseada primeiramente na análise do processo psicológico e estrutural individual, o estudo da influência social considera adicionalmente o contexto social na qual as atitudes são formadas e mudadas”, e o seu *feedback* para o próprio comportamento e estímulo para o comportamento de outras pessoas, porque “as atitudes são formadas e mudadas como um sub-produto da interação social” (EAGLY, CHAIKEN, 1993, p.627). A psicologia social pretende se colocar como uma interface entre a psicologia e a sociologia, ou seja, levar em conta ambos os processos: individual e social. Os próprios pesquisadores da psicologia apontam as dificuldades dessa possibilidade, pelo menos no que diz respeito ao estudo sobre as atitudes, os quais, na maioria das vezes, enfatizam a abordagem psicológica.

A psicologia social tem seu campo de estudo consolidado e se destacou na grande contribuição para com a metodologia de *survey* aplicando os seus conhecimentos sobre os processos cognitivos na produção das respostas por parte do respondente às perguntas de questionários (ao identificar as tarefas cognitivas na produção das respostas). Também para caracterizar aqueles respondentes

susceptíveis aos efeitos nas respostas, nas contribuições destacam-se os aspectos tanto psicológicos (capacidades cognitivas individuais) quanto sociológicos (características socialmente adquiridos), mas reconhecidamente tais aspectos ainda não foram devidamente aprofundados do ponto de vista teórico e empírico.

A psicologia social procurou identificar diferentes aspectos (dimensões) da atitude para explicar o comportamento dos indivíduos e estendeu este conhecimento para tentar explicar os chamados efeitos nas repostas decorrentes dos diferentes formatos, redação e contextos, principalmente através do conceito de força da atitude. Como apresentado anteriormente, este conceito trouxe não somente diferentes dimensões da atitude, mas também dimensões que tratam do conhecimento adquirido e da experiência do indivíduo sobre o objeto abordado. Essas dimensões e sub-dimensões, na maioria das vezes, foram analisadas individualmente ou em um número limitado de indicadores e, principalmente, pouco foram levadas em conta as dimensões mais objetivas, prevalecendo as dimensões mais subjetivas como interesse, importância, centralidade, dentre outras; ou não levando em conta, em um mesmo modelo analítico, as dimensões subjetivas e objetivas. Sendo assim, este estudo propõe buscar um maior número de dimensões, tanto as mais subjetivas quanto as mais objetivas, para observar o efeito conjunto de indicadores dessas dimensões, caracterizado pela sua natureza social. Ou seja, caracterizar as disposições (os “esquemas de percepção”) dos respondentes e a sua posição na estrutura social.

O Termo “situação biográfica”, que representa a posição do indivíduo na estrutura social, tem sua principal referência na perspectiva teórica de Schutz. A “situação biográfica” para Schutz representa a trajetória de experiências vividas que explica o conhecimento “estocado” pelos atores. Esse conhecimento estocado disponibiliza certos “propósitos à mão” que define os elementos relevantes (ou os “esquemas interpretativos”) numa dada situação de interação. As perspectivas de Giddens, Elias e Bourdieu vêm aprofundar o entendimento da interação social, mas especialmente recolocar o equilíbrio de forças entre as dimensões: ação e estrutura (posição dos indivíduos na estrutura social).

O conceito de dualidade da estrutura é uma representação relevante para o entendimento do caráter situado da entrevista de *survey* (através do questionário) como uma interação social e as condições estruturais dos atores produtores de respostas ao questionário (o entrevistado), bem expresso por Wilson ao ser citado pelo próprio Giddens:

O mundo social é constituído por ações situadas, produzidas em determinadas situações concretas, que são acessíveis aos participantes para o seu próprio reconhecimento, descrição e uso como bases garantidas para novas inferências e ações tanto nessas mesmas ocasiões quanto em subseqüentes. As ações situadas são produzidas por meio de mecanismos de interação social livres de contexto, sensíveis ao contexto, e a estrutura social é usada por membros da sociedade para tornar inteligíveis e coerentes suas ações em determinadas situações. Neste processo a estrutura social é um recurso essencial e produto da ação situada; e a estrutura social é reproduzida como uma realidade objetiva que coage parcialmente a ação. É mediante esta relação reflexiva entre estrutura e ação situada que a transparência de exposições (a inteligibilidade mútua da conduta) é realizada pela exploração da dependência de contexto de significado. (WILSON, 1982, *apud* GIDDENS, 2003, p.392)

Bourdieu (1983; 1989) foi um outro autor que abordou de maneira central em sua obra o aspecto relacional dos atores sociais (a prática social), a partir da posição dos mesmos na estrutura social. Quando um ator entra em comunicação com outro, isso se dá em um campo na qual as posições sociais já se encontram objetivamente estruturadas (estruturas estruturadas), mas que funcionam também como estruturas estruturantes da prática social. Essa articulação entre o que é estruturado e estruturante Bourdieu traduz no conceito de *habitus*, entendido como um “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1983). Incorporados pelos indivíduos, o *habitus* é produto de diferentes “modos de engedramento”, ou seja, das condições de existência, mas também é produtor das práticas, conformando e orientando a ação e traduzindo-a em esquemas de percepção:

A prática é, ao mesmo tempo, necessária e relativamente autônoma em relação a situação considerada em sua imediatidade pontual, porque ela é o produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus* – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções de apreciações e de ações* – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transparência analógica de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados. Princípio gerador duravelmente armado de improvisações regradas (*princinium importans ordinem ad actum*, como diz

a escolástica), o *habitus* produz práticas que, na medida em que elas tendem a reproduzir as regularidades imanentes às condições objetivas da produção de seu princípio gerador, mas, ajustando-se às exigências inscritas a título de potencialidades objetivas na situação diretamente afrontada, não se deixam deduzir diretamente nem das condições objetivas, pontualmente definidas como soma de estímulos que podem aparecer como tendo-as desencadeado diretamente, nem das condições que produziram o princípio durável de sua produção: só podemos, portanto, explicar essas práticas em relação à *estrutura* objetiva que define as condições sociais de produção do *habitus* (que engendrou essas práticas) com as condições do exercício desse *habitus*, isto é, coma *conjuntura* que, salvo transformação radical, representa um estado particular dessa estrutura. Se o *habitus* pode funcionar enquanto operador que efetua praticamente a ação de colocar em relação esses dois sistemas de relação na e pela produção da prática, é porque ele é história feita natureza, negada enquanto tal porque realiza numa segunda natureza. Com efeito, o “inconsciente” não é mais que o esquecimento da história que a própria história produz ao incorporar as estruturas objetivas que ela produz nessas quase naturezas que são os *habitus*...[] (BOURDIEU, 1983, p.65).

Explicar a diversidade ou homogeneidade que caracteriza o *habitus* de diferentes indivíduos, de uma mesma classe ou grupo ou de diferentes classes ou grupos, requer entender a interiorização das estruturas; na sua forma manifesta de visões de mundo ou esquemas de percepção. A própria lógica de constituição do *habitus* supõe um ordenamento de estruturas de posição adquiridas cronologicamente especificando estruturas inferiores e superiores (ou anteriores e posteriores); por exemplo, *habitus* adquirido na família, posteriormente na escola e pela indústria cultural. As diferentes experiências e trajetórias se integram numa “biografia sistemática” que “se organiza a partir da situação originária de classe, experimentada num tipo determinado de estrutura familiar” (Bourdieu, 1983, p.80).

Elias (1994) vem também reforçar, através do conceito de configurações, o qual, assim como o conceito de *habitus* que procura superar o antagonismo indivíduo e sociedade, o caráter de interdependência das relações humanas através do processo de interação; o caráter situado – histórico - deste processo; e a natureza limitada das funções que as pessoas exercem dentro da estrutura. A referência ao conceito de *habitus* também em Elias propõe articular a dimensão coletiva e individual; demonstrando como as emoções e as disposições vividas no nível individual foram incorporadas através das relações efetivamente praticadas.

O conceito em Bourdieu de *campo* pode ser tomado como uma possibilidade operacional para tratar das posições dos indivíduos. A constituição do campo está

relacionada com a formação do *habitus* assim como a constituição do *habitus* se relaciona com o campo. A noção de campo busca evidenciar a rede de relações entre as posições objetivas cujos ocupantes das posições estão constrangidos pela estrutura do campo. A posição dos agentes dentro do campo é dada pelo capital (econômico, cultural, social e simbólico) que possuem, ou seja, a distribuição de capitais nas suas diversas modalidades, o que representa a diferenciação social de posições (de classe). Bourdieu identifica quatro tipos de capital: o cultural, que implica vários tipos de conhecimento legítimo; o social, que são as relações sociais valorizadas pelas pessoas; o simbólico, que seria o prestígio das pessoas; e o econômico propriamente dito (BOURDIEU, 1983).

Como vimos neste capítulo, a literatura de referência no campo da metodologia de *survey* para as explicações sobre os efeitos nas respostas apresentou variáveis que de certa maneira estarão contempladas em alguma das duas dimensões que este estudo propõe tratar, mas interpretadas conceitualmente numa abordagem sociológica. A diferenciação dos respondentes pela sua disposição (atitudes) em relação ao objeto e seus diferentes aspectos – sintetizados no conceito de força da atitude ou da cristalização da atitude – estará sendo interpretada como uma dimensão de natureza subjetiva que se caracteriza segundo as *disposições relacionadas ao objeto abordado e construídas socialmente*. Esta dimensão se desdobra em aspectos como *interesse, atenção, importância, disposições para adotar comportamentos*, etc. O que a diferencia de uma dimensão que se refere a valores ou crenças propriamente ditas em relação ao objeto. A diferenciação dos respondentes pela sua *escolaridade* - indicadora de habilidade cognitiva individual - será aqui interpretada como indicadora de *capital cultural*, portanto, indicadora da *posição na estrutura social*. Além da escolaridade do respondente, *a escolaridade dos pais, a informação de uma maneira geral, o conhecimento sobre o objeto abordado, os meios de comunicação utilizados, a posse de bens culturais, as práticas culturais*, etc. poderiam ser indicadores de *capital cultural*. O *capital social* poderia ser traduzido nas *redes de sociabilidade*. *As experiências e as práticas instituídas, ou reconhecidas socialmente* podem ser expressas por *comportamentos ou experiências vividas na trajetória dos indivíduos*. E *as características do contexto-ambiente externo de convivência* traduzido nas *condições de infra-estrutura e serviços urbanos*. O *capital econômico* poderia ser tratado através das *condições*

econômicas do domicílio, da renda familiar, status ocupacional dos moradores, dentre outros.

A definição das dimensões, sub-dimensões e suas variáveis é uma proposta original para este trabalho, a partir das considerações teóricas e do que está disponibilizado nos questionários das pesquisas selecionadas para este estudo (Veja resumo no Quadro 1).

Quadro 1 – Dimensões propostas e variáveis possíveis para expressar os fatores explicativos, mais gerais, dos efeitos nas respostas

DIMENSÕES		VARIÁVEIS INDEPENDENTES
Disposições ou atitudes em relação ao objeto abordado		Interesse
		Atenção
		Importância
		Disposição para adotar comportamentos
Situação biográfica ou Posição na estrutura social	Capital cultural	Escolaridade
		Escolaridade dos pais
		Informação de uma maneira geral
		Conhecimento sobre o objeto abordado
		Meios de comunicação utilizados
		Bens culturais
		Práticas culturais
	Capital social	Redes de sociabilidade
	Experiências/ Práticas sociais	Comportamentos
		Experiências vividas
	Contexto-ambiente externo	Contexto-ambiente de convivência (infra-estrutura de serviços urbanos)
	Capital econômico	Condições econômicas do domicílio
		Renda familiar
		Status ocupacional dos moradores

Concepção da autora para este trabalho.

As duas dimensões propostas para a análise de dados, como possíveis dimensões explicativas dos efeitos nas respostas, serão identificadas no conjunto de dados das pesquisas utilizadas neste estudo. A distinção entre elas, e suas

possíveis subdimensões, tem como objetivo verificar o poder de explicação de cada uma delas sobre os efeitos nas respostas, que decorrem dos diferentes formatos de perguntas selecionados para este estudo. A apresentação detalhada das dimensões e indicadores será desenvolvida no próximo capítulo depois de uma apresentação sobre as pesquisas que produziram os dados para esta análise.

6. CAPÍTULO V - O CONTEXTO DE PESQUISA

6.1. Apresentação

Este capítulo apresenta o *contexto institucional, as propostas de pesquisas e suas metodologias* cujos dados serão analisados para ilustrar a discussão que se propõe neste estudo. As duas pesquisas utilizadas nesta análise são tipicamente *surveys* e se intitulam “Pesquisa Mundial sobre Meio Ambiente” (Global Environmental Survey - GOES, 2001) e “Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte” (PRMBH, 2002).

As duas pesquisas tratam de temáticas distintas, mas foram desenvolvidas com as mesmas preocupações metodológicas, sendo estas a validade e a confiabilidade dos dados. Para isso, o grupo de pesquisadores⁴⁷ envolvido se preocupou em utilizar o “estado da arte” da metodologia de *survey* para garantir a qualidade dos dados produzidos. Assim, essa preocupação significou avançar no uso da amostragem probabilística, na aplicação dos conhecimentos disponíveis sobre a elaboração do questionário, no emprego das metodologias mais sofisticadas de pré-teste do questionário, e na utilização dos experimentos *split ballots* para medir os chamados efeitos nas respostas. Além dos métodos e técnicas especializadas, o processo de discussão teórica e metodológica realizada juntamente com os pesquisadores e suas equipes participantes para a operacionalização das medidas, e a formação de pesquisadores e alunos através do Curso de Metodologia Quantitativa em Ciências Humanas⁴⁸ foram fundamentais para o alcance da qualidade esperada. Cabe destacar também neste capítulo a *amostragem* utilizada e os *instrumentos de pré-teste* utilizados na avaliação do questionário.

⁴⁷ Pesquisadores da UFMG, Departamento de Sociologia e Antropologia, Departamento de Ciência Política, Departamento de Estatística.

⁴⁸ O Curso de Metodologia Quantitativa em Ciências Humanas existe desde 1999 é realizado anualmente entre os meses de junho e julho pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia, UFMG.

6.2. O contexto institucional e as propostas de pesquisa

As duas pesquisas referidas neste estudo são importantes tanto do ponto de vista da proposta teórica em seus campos específicos de conhecimento quanto no que se refere à preocupação comum em aplicar o estado da arte da metodologia de *survey*. A “Pesquisa Mundial sobre Meio Ambiente” (Global Environmental Survey – GOES/2001) e a “Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte” (PRMBH/2002) foram desenvolvidas pelos professores e seus grupos de pesquisa pertencentes ao Departamento de Sociologia e Antropologia e ao Departamento de Ciência Política da UFMG. Tive a oportunidade de fazer parte da supervisão de todas as suas etapas: desde o planejamento da amostra, a discussão teórica e metodológica com os pesquisadores sobre a operacionalização das medidas, a discussão propriamente metodológica da elaboração do questionário, até a organização e realização dos pré-testes, a execução do campo e a elaboração do banco de dados. Esta oportunidade foi fundamental para a minha formação intelectual, para o meu domínio do campo de conhecimento sobre a metodologia de *survey*, e propriamente das técnicas de pesquisa envolvidas no *survey*. Também foi uma oportunidade especial para que eu pudesse expor as minhas indagações metodológicas e pensar em maneiras de contribuir com este campo de conhecimento. Assim, farei uma exposição sobre as propostas das pesquisas que fundamentaram a formulação das perguntas nos questionários cuja análise dos resultados dos experimentos pôde trazer importantes contribuições para a interpretação dos dados e o conhecimento a ser produzido.

6.3. GOES

O GOES é um projeto inserido no contexto de desenvolvimento da ciência social preocupada com a questão ambiental⁴⁹, de desenvolvimento da conscientização da população em geral, bem como de grupos preocupados com a proteção ambiental, além de políticas públicas que contemplem a questão ambiental. É nas últimas quatro décadas que a questão ambiental tornou-se um assunto de relevância econômica, social, política e cultural, sendo tal importância marcada, inicialmente, pelos grandes eventos internacionais como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano em Estocolmo, 1972, a Eco 92, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1992⁵⁰, e a Conferência de Kyoto – realizado no Japão – resultando no Protocolo de Kyoto, em 1998⁵¹, dentre outros.

O projeto GOES, propõe medir valores, atitudes e conhecimentos, em diversos países, relacionados ao uso de energia e ao comportamento consumidor. O GOES procura focalizar o impacto das mudanças culturais e de valores sobre a atitude e o comportamento numa perspectiva comparativa entre países com diferentes estágios de desenvolvimento econômico. O objetivo último do GOES seria disponibilizar dados para modelos para a previsão de consumo de energia no futuro, relevantes para a implementação de políticas públicas que visam ao desenvolvimento sustentável. O GOES parte do entendimento que as propostas de modelos ambientalmente sustentáveis também devem levar em conta os fatores políticos e o apoio do público para lidar com esses modelos. Os modelos de desenvolvimento sustentável devem ser viáveis do ponto de vista técnico e científico

⁴⁹ O interesse das ciências sociais sobre o meio ambiente certamente pode ser identificado em diferentes momentos da sua história e em suas diferentes maneiras de selecionar temas, paradigmas e modelos analíticos da relação homem e natureza. Os próprios fundadores das ciências sociais demonstraram interesse na relação entre as sociedades humanas e o meio ambiente natural, como Durkheim, Marx, Weber e também Montesquieu e Malthus. Na sociologia contemporânea, principalmente norte-americana, Jean-Guy Vaillancourt (1996) identifica três estágios: a primeira fase, nas décadas de 20 e 30, a ecologia humana e urbana; a segunda fase, nas décadas de 70 e 80, a emergente sociologia do meio ambiente; e a terceira fase, a partir do final dos anos 80, a chamada ecosociologia.

⁵⁰ Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, RJ, 1992. Seu objetivo principal era buscar meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da terra.

⁵¹ O Protocolo de Kyoto é um instrumento internacional, ratificado em 15 de março de 1998, que visa reduzir as emissões de gases poluentes, responsáveis pelo efeito estufa e o aquecimento global.

e também aceitos do ponto de vista político, em se tratando tanto das elites quanto do público em geral⁵². Assim, o GOES procura compreender as possibilidades de apoio às políticas de proteção ambiental e as motivações subjacentes a elas (ESTER, *et al.*, 2003).

A questão ambiental como um problema de escala global se coloca para o GOES como um desafio para elaborar medidas que possam ser utilizadas também em uma escala global. O *survey*, por excelência, cumpre o papel de ser um instrumento capaz de produzir dados que possam ser generalizados e representativos das populações estudadas. Tal método de pesquisa torna-se eficaz na elaboração de medidas a respeito das atitudes e comportamentos individuais em contextos variados, sendo que a maioria das pesquisas tem sido conduzida nas sociedades ocidentais industriais mais avançadas. O projeto procurou incluir países diversos, os chamados “em desenvolvimento” e os chamados “subdesenvolvidos” dos cinco continentes. Além disso, o GOES propôs realizar a aplicação do *survey* em intervalos regulares de anos para o acompanhamento das mudanças nas questões tratadas a curto, médio e longo prazo (desenho longitudinal).

⁵² No projeto do GOES propõem-se amostras representativas da população de diversos países e também de suas elites (Decision Makers) que cumprem um papel chave no processo de formulação e implementação de políticas ambientais como o aval de políticos, técnicos de agências ambientais, pessoas influentes na mídia lideranças de organizações ambientais e executivos de grandes corporações.

O ponto de partida do projeto do GOES se refere à revisão de vários *surveys* comparativos internacionais procurando apontar os conhecimentos adquiridos com estes *surveys* e identificar as questões que precisam avançar do ponto de vista teórico e metodológico. Foram destacados quatro importantes *surveys* realizados nas décadas de 80 e 90 realizados por diferentes programas ou institutos de pesquisas ligadas a importantes pesquisadores como o *Harris UN Survey*⁵³; *Health of the Planet Survey*⁵⁴; o *International Social Survey Program*⁵⁵, e o módulo adicional *Research into Environmental Attitudes and Perception*⁵⁶; e o *World Value Surveys* em suas várias edições⁵⁷ (VINKEN, 2003). De alguma forma, estes e outros *surveys* apontaram uma preocupação generalizada sobre a questão ambiental, mas com uma grande discrepância entre preocupação e comportamento em relação ao meio ambiente, assim como os *surveys* realizados no Brasil (SIMÕES, 2001).

⁵³ Louis Harris and Associates (1988) conduziram um *survey* comparativo internacional em 16 países com a utilização de amostragem por quotas e outras técnicas de amostragem, selecionando entrevistados em áreas urbanas. O *survey* se concentrou na percepção e atitudes em relação às questões ambientais junto ao público em geral e as elites. A descoberta principal foi a preocupação em relação a qualidade do meio ambiente.

⁵⁴ O *Health of the Planet Survey* (1992) foi conduzido em 24 países pelo Instituto Gallup, tendo como principal pesquisador Riley E. Dunlap. Este estudo é visto como um movimento pioneiro em direção à abordagem científica da questão ambiental, apesar deste ser essencialmente descritivo, utilizando medidas únicas (*single items*) em vez de medidas múltiplas (teoricamente construídas). Este *survey* contém medidas relevantes para formulação de políticas e explorou medidas atitudinais; mostrando que os cidadãos tanto em países pobres quanto em países ricos estão preocupados com as questões ambientais globais como a poluição da água e a destruição das florestas tropicais, seguidos da depreciação da camada de ozônio, poluição do ar, perda da biodiversidade, aquecimento do planeta e contaminação do solo.

⁵⁵ ISSP, 1993.

⁵⁶ O REAP foi aplicado em 21 países, sendo a maioria sociedades industriais avançadas e da Europa ocidental enfatizando a percepção sobre as questões ambientais, políticas públicas e comportamentos relevantes no contexto dos mesmos países.

⁵⁷ A Pesquisa Mundial de Valores (*World Values Survey - WVS*) é uma investigação mundial sobre valores socioculturais e políticos, desenvolvida em cerca de 100 sociedades em todos os seis continentes habitados, abrangendo cerca de 80 por cento da população do planeta. Considerada a pesquisa mais abrangente na área de Ciências Sociais no planeta, a Pesquisa Mundial de Valores aborda diversos temas que proporcionam uma ampla visão a respeito do que os indivíduos pensam sobre diversos aspectos da vida social, tais como Qualidade de Vida, Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, Política, Economia, Tolerância, Trabalho, Religião e Dados demográficos. Estes *surveys* são longitudinais, realizados a cada 5 anos, para uma análise dos processos culturais (valores materialistas e pós-materialistas), apontando descobertas importantes sobre a relação entre atitudes e comportamentos ambientais, mas a partir de uma cobertura breve sobre a questão. O primeiro *survey* foi realizado em 1981.

Numa perspectiva voltada para as questões das ciências sociais, o GOES propôs enfatizar medidas de valores e comportamentos, já que a maior parte das pesquisas se limitou a uma abordagem das atitudes em relação aos problemas ambientais de uma maneira mais descritiva sem investigar as motivações subjacentes a tais atitudes ou mesmo a profundidade delas. Além disso, enfatizar um alinhamento entre as questões metodológicas na construção das medidas e a necessidade de um desenvolvimento maior da abordagem teórica de seus constructos (SIMÕES, 2001). Em geral, as medidas atitudinais são susceptíveis aos efeitos de *acquiescence bias*, expresso na tendência a concordar ou no socialmente desejável: em geral as pessoas declaram preocupação com o meio ambiente até que os custos da adesão sejam colocados em prol da proteção ambiental. Sendo assim, o GOES procura medir: “os valores ou crenças⁵⁸ mais profundamente enraizados”, além do “comportamento político” (presente e potencial), o “comportamento consumidor” (especialmente aqueles que envolvem o uso de energia), além das aspirações e expectativas de consumo (especialmente veículos e eletrodomésticos). As medidas das duas dimensões do comportamento permitem uma compreensão quanto ao apoio a políticas públicas que visam lidar com o crescente consumo de energia, e disponibilizam informações aos cientistas naturais que trabalham com a previsão e os modelos de uso de energia. No GOES procura-se examinar também variáveis da estrutura social e dados contextuais⁵⁹ que impactam sobre o comportamento adotado e o “conhecimento” sobre as causas e conseqüências dos problemas ambientais (VINKEN, et al., 2003)⁶⁰.

Através da rede de pesquisadores e instituições vinculadas ao projeto GOES, foi realizado um pré-teste simultaneamente em diversos países, sendo eles: Brasil,

⁵⁸ O GOES reuniu várias abordagens sobre valores: “egocêntricos” x “sociocêntricos” x “ecocêntricos” x “pós-materialistas” os quais teriam o poder de explicar as atitudes e os comportamentos pró-ambientais (em Witherspoon, 1994; Stern, Dietz and Guagnano, 1996; e Inglehart, 1997).

⁵⁹ Dados contextuais, no nível individual ou no nível macro, como: ambiente sócio-econômico (renda per capita, taxa de crescimento, taxa de alfabetização, expectativa de vida, etc); ambiente estratégico (variáveis políticas, tais como a legislação sobre proteção ambiental); contexto ecológico (condições objetivas ambientais, como o nível de poluição da água e do ar); estruturas de oportunidades (como a disponibilidade de transporte público, saneamento, etc).

⁶⁰ A produção a partir da experiência do GOES foi publicada em 2003 foi organizada por Peter Ester, Henk Vinken, Solange Simões, Midori Aoyagi-Usui (Eds.) intitulada como “Culture and Sustainability: A Cross-national Study of Cultural Diversity and Environmental Priorities among Mass Public and Decision Makers”. Esta edição reuniu os resultados dos seguintes países: Brasil, Canadá, China, Alemanha, Japão, Noruega, Filipinas e Tailândia.

EUA, Holanda, Rússia, Bélgica, Polônia, México, China, Japão e Alemanha. Os resultados foram apresentados e discutidos em reunião ocorrida em janeiro de 1998, na cidade de Ann Arbor, MI, EUA.

O pré-teste no Brasil foi planejado por pesquisadores brasileiros participantes do GOES⁶¹, realizado em diversas regiões do Brasil como no Amazonas, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais em áreas urbanas e rurais. Os resultados desse pré-teste serão abordados no item 6.5.3 deste capítulo. O GOES Brasil foi realizado, em 2001, com amostragem representativa apenas para a população do Estado de Minas Gerais⁶²

Outra importante oportunidade de pesquisa internacional comparativa foi a inclusão do Detroit Área Survey (DAS/2002) na realização do GOES/2001 através dos pesquisadores Paul Mohai e Steve Brechin da University of Michigan, School of Natural Resources. Um segundo pré-teste foi realizado para que pudessem ser avaliadas as novas medidas propostas pelo DAS/2001.

Focalizando a questão da validade e confiabilidade das medidas, é possível identificarmos os desafios ainda colocados para a pesquisa sobre a questão ambiental. O GOES foi pioneiro em ser concebido e testado em diversos países e continentes. O processo de concepção do questionário do GOES possibilitou uma importante perspectiva de avaliação mais aprofundada no momento anterior a realização da pesquisa que é o pré-teste do questionário. No pré-teste foram testadas muitas das medidas utilizadas nas pesquisas realizadas na Europa e nos Estados Unidos. Os dados produzidos por esse pré-teste evidenciou problemas envolvidos na construção das medidas decorrentes dos formatos, redação e contextos das perguntas e que, por conseqüência, levavam a efeitos nas respostas.

⁶¹ Coordenado por Solange Simões

⁶² Financiado pela Fapemig e apoiado pelo Departamento de Sociologia e Antropologia e Departamento de Estatística da UFMG.

6.4. PRMBH

A Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PRMBH) é parte de um programa de metodologia que buscou preencher uma carência na formação de pesquisadores (professores e alunos de pós-graduação) em métodos quantitativos no âmbito das ciências sociais no Brasil⁶³. O Programa de Metodologia Quantitativa em Ciências Humanas (MQ) da UFMG⁶⁴ reúne, anualmente, professores especializados em metodologia de várias instituições brasileiras para desenvolver um esforço concentrado no treinamento de professores-pesquisadores e alunos de pós-graduação, visando alcançar uma melhoria da capacitação em pesquisa, obtendo um efeito multiplicador desta formação pelo Brasil afora. A Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte como parte do programa de metodologia foi mais um instrumento que proporcionava o aperfeiçoamento dos professores e alunos de pós-graduação no conhecimento da metodologia ao conduzir e analisar um *survey*.

A PRMBH é uma pesquisa longitudinal, realizada de três em três anos: 2002, 2005, e 2008⁶⁵. A proposta da PRMBH/2002 partiu de um acolhimento inicial de todos os projetos apresentados ao edital/convocatória em 2001, compondo um módulo básico em ciências sociais para a análise das desigualdades sociais; cujo tema constitui o campo de conhecimento da estrutura de classes e estratificação social. O Projeto intitulado “Desigualdades Sociais, Qualidade de Vida e Participação Política: Pesquisa Longitudinal por Amostragem Probabilística da Região Metropolitana de Belo Horizonte” reuniu as seguintes temáticas: “Estratificação social”, “Qualidade de Vida”, “Participação Política”, “Valores”, “Raça e Cor”, “Gênero”, “Trabalho”, “Religiosidade”, e “Percepção de Segurança Pública”. A PRMBH/2005 realizou o projeto de pesquisa internacional comparada, juntamente

⁶³ AGUIAR, Neuma, SIMÕES, Solange, PEREIRA, M. Aparecida M., SOUZA, Márcio F. 2004. Diagnóstico da Situação Brasileira em Métodos Quantitativos para as Ciências Sociais e Estratégias de Correção por Intermédio do Programa de Metodologia Quantitativa Aplicado às Ciências Sociais. Manuscrito não publicado.

⁶⁴ Coordenação da professora Neuma Aguiar (professora emérita pela UFMG) até 2008. Coordenação atual do professor Antônio Augusto Prates (professor adjunto da UFMG).

⁶⁵ Foram os seguintes financiadores: em 2002, CNPq e Fundação Ford; em 2005, Fapemig/CNPq, Tinker Foundation e Fundação Ford; e em 2008, CNPq.

com a Universidade de Cape Town, o qual foi articulado no seminário internacional de 2000 e intitulado “Social Hubble”. A questão das Desigualdades Sociais foi a grande questão sociológica que organizou o projeto comparativo inclusive sendo traduzida na maioria das temáticas. A PRMBH/2008 manteve a maioria das temáticas, renovando e procurando avançar em algumas de suas medidas como nos indicadores de laços sociais, identidade racial, etc. Além da Universidade de Cape Town, a PRMBH, ao longo de sua realização, manteve parcerias internacionais com pesquisadores da Universidade de Michigan que colaboraram com propostas de pesquisa e elaboração do questionário⁶⁶.

Uma das principais contribuições da PRMBH para a formação de professores, pesquisadores e alunos, além de gerar um banco de dados utilizados nas suas produções acadêmicas, tem sido a elaboração e realização do pré-teste do questionário através da disciplina de metodologia do curso de pós-graduação (2002, 2005) e do curso de “Aspectos Cognitivos da Metodologia de *Survey*”, do Programa de Metodologia Quantitativa (2008)⁶⁷. No decorrer dos cursos os estudantes, juntamente com os pesquisadores principais de cada temática, fazem as discussões sobre a operacionalização dos conceitos, verificando a validade e a confiabilidade das medidas; ou seja, avaliando se o que estava sendo medido empiricamente corresponderia às definições teóricas, e se os significados pretendidos são compartilhados com os entrevistados (além do aprendizado sobre a operacionalização da amostragem e as técnicas de condução à entrevista propriamente dita na aplicação do questionário). Este processo representava justamente a importante interação entre os aspectos metodológicos e as teorias.

O pré-teste da PRMBH também tem sido uma grande oportunidade na utilização dos mais rigorosos procedimentos e instrumentos da metodologia de pré-teste do questionário (SIMÕES, PEREIRA, 2007). Com isso a PRMBH destaca a importância e a condição imprescindível da realização do pré-teste do questionário, investindo tempo e recursos, juntamente com a aplicação do conhecimento sobre os

⁶⁶ Como Bob Marans da Universidade de Michigan que contribuiu com a temática “Qualidade de vida” (2002); James Jackson que contribuiu com a temática “Raça e Cor”(2002; 2005; 2008), e Ronald Inglehart com a temática “Valores” (2002).

⁶⁷ Pré-teste e cursos conduzidos sob a orientação de Solange Simões

aspectos cognitivos da metodologia de *survey*. A aplicação do “estado da arte” da metodologia de *survey* no programa de pós-graduação em sociologia e política da UFMG tornou-se possível através da professora Solange Simões que tem conduzido os pré-testes do questionário da PRMBH e outras pesquisas como o GOES. Solange Simões enquanto *Fulbright visiting scholar* (concurso ANPOCS/Fulbright), no *Institute for Social Research* da Universidade de Michigan, em 1993, especializou-se na metodologia de *survey* no *International Consortium for Political and Social Research*, ICPSR *Summer Program*, quando ainda Professora adjunta do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG.

É nesse contexto de investimento na metodologia de *survey* que foi possível a formulação dos experimentos, elaborados por Solange Simões, como parte de um conjunto de estratégias para testar e avaliar o questionário. Também pela condição de se contar com a amostragem probabilística (que demanda competência de técnica, estatística e de recursos financeiros) que é imprescindível para gerar dados estatisticamente representativos.

A minha inserção na equipe da PRMBH, desde 2001, e depois como integrante do Centro de Pesquisa Quantitativa em Ciências Sociais (CEPEQCS), foi importante para a minha formação acadêmica e para o domínio dos instrumentos da metodologia de *survey*. Além de membro da equipe da PRMBH, também como aluna de doutorado, tive a oportunidade de dialogar sobre as questões metodológicas⁶⁸ e também utilizar esta produção de dados para verificar as minhas próprias indagações.

⁶⁸ Como aluna do doutorado e membro da equipe da PRMBH tive oportunidade de fazer os Cursos de especialização em metodologia de *survey* do Summer Program/Institute for Social Research – University of Michigan. Bolsista do Population Study Center/Institute for Social Research/University of Michigan, 2003.

6.5. O plano amostral

6.5.1. O plano amostral do GOES

A amostra do GOES-Minas Gerais (2001)⁶⁹ parte dos princípios da amostragem probabilística tratando-se de uma amostra aleatória estratificada de conglomerados em quatro estágios.

No primeiro estágio a formação dos estratos contou com a divisão do Estado de Minas Gerais em Bacias Hidrográficas e tamanho da cidade, sendo que cada grupo de bacia (no total de 6) foi representado por uma cidade grande (acima de 100.000 habitantes), uma cidade média (entre 20.000 a 99.999 habitantes), e uma cidade pequena (até 19.999 habitantes). As cidades foram sorteadas com probabilidade proporcional ao seu tamanho populacional. O número de entrevistas previstas numa cidade levou em conta o seu tamanho populacional⁷⁰. Também foi planejada uma amostra para Belo Horizonte a partir da amostragem da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED - Fundação João Pinheiro) para a Região Metropolitana⁷¹. A classificação dos estratos foi a seguintes: 1) Cidade de Belo Horizonte; 2) Cidades localizadas nas Bacias Hidrográficas do Norte de MG (Rio Buranhém, Rio Itanhém, Ri Jequitinhonha, Rio Jucuruçu, Rio Mucuri, Rio Pardo e Rio São Mateus); 3) Cidades localizadas na Bacia do Rio Doce; 4) Cidades localizadas nas Bacias Hidrográficas do Sul de MG (Rio Itabapoana, Rio Paraíba do Sul e Rio Piracicaba); 5) Cidades localizadas na Bacia do Rio São Francisco, exceto

⁶⁹ O responsável pela amostra do GOES Minas Gerais é o professor Emílio Suyama do Departamento de Estatística da UFMG.

⁷⁰ As cidades grandes, com 32 entrevistas cada; são: Teófilo Otoni, Ipatinga, Juiz de Fora, Contagem, Poços de Caldas e Uberaba. As cidades médias, com 16 entrevistas cada, são: Salinas, Viçosa, Visconde do Rio Branco, Janaúba, Caxambu e Iturama. As cidades pequenas, com 8 entrevistas cada, são: Central de Minas, Araponga, Guarani, Brumadinho, Paraisópolis e Cachoeira Dourada.

⁷¹ A amostra da Região Metropolitana é de responsabilidade do professor Wilton de Oliveira Bussab da Fundação Getúlio Vargas, que também foi responsável pelo planejamento da PED-MG no seu início. A metodologia aplicada pela PED garante boa qualidade de seleção, uma vez que contempla a representação da amostra de setores censitários provenientes de todos os níveis de renda e de todas as regiões geográficas. Esta qualidade é transmitida à amostra da Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

BH; 6) Cidades localizadas na Bacia do Rio Grande, e 7) Cidades localizadas na Bacia do Rio Paranaíba.

No segundo estágio, em relação ao procedimento de amostragem para a seleção dos setores censitários e ao sorteio do domicílio, foram utilizados dois critérios; um para a cidade de Belo Horizonte, e outro para o interior de Minas Gerais. A definição desses dois critérios se deu em função da disponibilidade diferenciada de informações para as cidades. Para a cidade de Belo Horizonte a partir da amostragem da PED-BH, já com os setores censitários listados (total de 474 setores censitários), o procedimento seguinte foi utilizar os setores censitários de Belo Horizonte dentre os sorteados para a PRMBH/2002 (do total de 120). Para as cidades sorteadas no interior de Minas Gerais foram sorteados os setores censitários a partir dos dados censitários do IBGE.

No terceiro estágio, o sorteio dos domicílios para Belo Horizonte foi baseado na listagem disponível pela PED-BH. Para o interior, utilizou-se o critério de sorteio aleatório de quarteirões e em seguida do domicílio, seguindo a lógica de arrolamento na listagem de domicílios. Este procedimento levou em conta o fato de que não tínhamos em mãos as listagens dos setores censitários, o que demandaria um custo adicional para viagens até as cidades com uma equipe para listagem dos domicílios nos setores censitários sorteados.

O procedimento para o sorteio do indivíduo a ser entrevistado, quarto e último estágio, foi comum a todas as cidades tanto do interior quanto a Belo Horizonte. Foram utilizadas as tabelas de sorteio baseadas na teoria de Leslie Kish, *A Procedure of Objective Respondent Selection Within the Household* (1949), para sortear o entrevistado no domicílio. A escolha de quem será entrevistada depende de quantos adultos e de quantas mulheres residem no domicílio. O modelo usa seis versões para a seleção dos entrevistados. As diferentes versões de tabelas de sorteio são alternadas entre os questionários, começado aleatoriamente com uma versão. Dessa forma, cada uma das seis versões é designada para um sexto dos entrevistados de uma forma aleatória sistemática.

Foi realizado um total de 320 entrevistas no interior de Minas Gerais⁷² e 388 entrevistas em Belo Horizonte⁷³. Para uma integração das duas amostras foi feita uma ponderação dos dados em função dos estratos e dos estágios que compõem a amostra⁷⁴.

⁷² O Número de domicílios visitados nas cidades do interior de Minas Gerais foi de 491, utilizando a estratégia de substituição de domicílios para aqueles onde ocorreu recusa. A taxa de recusa e perda de unidades sorteadas para o interior de Minas foi de 34,8%.

⁷³ O Número de domicílios visitados em Belo Horizonte foi de 531, utilizando a estratégia de substituição de domicílios para aqueles onde ocorreu recusa. A taxa de recusa e perda de unidades sorteadas para o interior de Minas foi de 26,9%.

⁷⁴ Em cada um dos estratos definidos através de bacias, as cidades foram estratificadas pelo tamanho: Pequena (P), Média (M) ou Grande (G). Temos, portanto, 19 estratos. Os pesos finais foram ajustados para que totalizassem o tamanho da amostra (n = 708).

Peso devido à seleção: Cada pessoa entrevistada num estrato foi selecionada em 4 estágios: 1º) seleção de uma cidade (C) com probabilidade proporcional ao tamanho; 2º) seleção de 2, 4 ou 8 setores censitários (SC) com igual probabilidade, dependendo se a cidade é P, M ou G; em BH foram selecionados 72 SC com igual probabilidade; 3º) seleção de 4 domicílios (D) em cada SC, exceto em BH, onde foram selecionados 6 por SC, e 4º) seleção de um adulto (A) de cada domicílio selecionado. O peso (Wsel) devido ao processo de seleção é composto de fatores, cada qual correspondente a um dos estágios: $W1 = (\text{população do estrato})/(\text{população da cidade selecionada})$; $W2 = (\#\text{SC na cidade selecionada})/(\#\text{SC na amostra da cidade selecionada})$; $W3 = (\#\text{D no SC selecionado})/(4 \text{ ou } 6)$ e $W4 = (\#\text{A no D selecionado})$. Assim, $Wsel = W1.W2.W3.W4$. A soma de Wsel sobre todos os elementos da amostra é uma estimativa do número de adultos elegíveis no universo (MG).

Ajuste devido a não resposta - Apesar de haver domicílios substitutos quando a pessoa selecionada não podia responder, mesmo após várias tentativas, nem todos os SC selecionados completaram as entrevistas previstas inicialmente. O peso (Wnr) para corrigir esta situação é $Wnr = (4 \text{ ou } 6)/(\#\text{entrevistas realizadas no SC})$ e o peso final devido a seleção e não resposta é $\text{Peso} = Wsel.Wnr$. Este peso é equivalente a Wsel, usando em W3 o número de entrevistas efetivamente realizadas, no lugar do número previsto (4 ou 6).

Ajuste devido à pós-estratificação: Os pesos obtidos são ajustados de tal forma que sua distribuição entre os casos entrevistados seja exatamente igual à distribuição na população. Consideramos como valores populacionais aqueles obtidos para as pessoas acima de 16 anos (inclusive) no Censo 2000, uma vez que o GOES foi realizado em 2002.

O ajuste foi proposto para corrigir a distribuição dos pesos para os pós-estratos definidos geograficamente (BH ou Interior) e pela seguinte classificação cruzada: Classe de Idade X Sexo. O peso devido a pós-estratificação é $Wpe = \Sigma \text{Peso}_{2000} / \Sigma \text{Peso}$. O peso final é obtido por: $\text{PESOf} = \text{Peso} \times Wpe$. $\text{PESOf} = 708 \times \text{PESOf} / \Sigma \text{PESOf}$.

6.5.2. O plano amostral da PRMBH

A amostragem da PRMBH/2002⁷⁵ obedeceu aos princípios da amostragem probabilística utilizando-se de duas fontes para referenciar a população: 1) Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) que listou os domicílios da grande BH, na época com 21 municípios, baseado no Censo Demográfico de 1991⁷⁶ e, 2) IBGE, Censo Demográfico de 2001, para complementar a listagem de domicílios dos municípios posteriormente incorporados à Região Metropolitana, na época com 33 municípios⁷⁷. Trata-se de uma amostra probabilística em 3 estágios: no primeiro estágio, os setores censitários foram selecionados de forma sistemática; no segundo estágio, os domicílios foram selecionados nestes setores censitários, e no terceiro estágio, um indivíduo que pertence ao domicílio é sorteado e entrevistado.

⁷⁵ A concepção da amostra da Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte (2002) é de responsabilidade do professor Wilton de Oliveira Bussab da Fundação Getúlio Vargas. A execução da amostra e ponderação na amostra realizada é de responsabilidade do professor Emílio Suyama do Departamento de Estatística da UFMG. Para maiores detalhes ver: SUYAMA, Emílio, e FERNANDES, Rodrigo A. "Planejamento da amostra, seleção das unidades amostrais e sistema de ponderação da Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte, in *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. In: AGUIAR, Neuma (Org.). BH, Editora UFMG. 2007. p. 263-285.

⁷⁶ Da primeira lista fazem parte as cidades de: Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Caeté, Confins *, Contagem, Esmeraldas, Ibirité, Igarapé, Juatuba, Lagoa Santa, Mario Campos*, Mateus Leme, Matozinhos, Nova Lima, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Sabará, Santa Luzia, São Jose da Lapa, São Joaquim das Bicas, Sarzedo* e Vespasiano, totalizando 3.136 setores censitários de 1991. (*) Confins, Mario Campos, Sarzedo e São Joaquim das Bicas foram posteriormente emancipadas, desmembrando-se respectivamente de Lagoa Santa, Ibirite e Igarapé, tendo sido portanto, contempladas na primeira lista como distritos das cidades às quais pertenciam.

Para a seleção dos setores censitários a partir da PED foi utilizada a seguinte metodologia: a) Ordenação dos setores censitários por municípios, começando por: Belo Horizonte, Contagem, Betim e os demais municípios em ordem alfabética; b) Ordenação por distrito e subdistrito dentro de Belo Horizonte: distrito 5: Centro-Sul, Pampulha, Barreiro, Zona Oeste, Noroeste, Leste e Nordeste, seguido de distrito 60: Nordeste, Norte, Venda Nova, Pampulha; nos demais municípios, ordem crescente do número de subdistrito; c) Em cada subdistrito, a ordenação foi de acordo com a renda domiciliar média, alternando a ordem crescente e decrescente, entre subdistritos vizinhos, com o objetivo de evitar descontinuidade dos valores de renda e, d) A cada segmento constituído de 40 setores censitários listados nesta ordem, foram selecionados, com igual probabilidade, 6 setores (probabilidade de seleção, com reposição, de 6/40); do último segmento, com 16 setores censitários, também foram selecionados 6 setores (probabilidade de seleção, com reposição, de 6/16).

⁷⁷ Da segunda lista fazem parte as cidades de: Baldim, Capim Branco, Florestal, Itaguara, Jaboticatubas, Nova União, Rio Manso e Taquaraçu de Minas, totalizando 44 novos setores censitários. Destes foram sorteados dois setores para compor amostra com mesma probabilidade de seleção tal como na PED.

Os setores censitários foram selecionados com probabilidades uniformes de seleção dentre os painéis ativos da PED em 2001, acrescidos de outros setores censitários em desuso, totalizando 474 setores censitários.

A seleção dentre os 474 setores censitários listados pela PED (sendo 4611 setores censitários na Região Metropolitana de Belo Horizonte – Censo IBGE, 2000) utilizou uma metodologia de ordenação dos municípios e dos distritos pela proximidade geográfica e pela proximidade dos valores de renda média dos chefes de família, sendo:

- a) Ordenação dos setores censitários por municípios no sentido sul-norte: começando por Itaguara, Itatiaiuçu, Rio Manso, Brumadinho, Ibirité, Sarzedo, Mário Campos, São Joaquim das Bicas, Igarapé, Matheus Leme, Florestal, Juatuba, Betim, Contagem, Belo Horizonte, Nova Lima, Rio Acima, Raposos, Sabará, Caeté, Nova União, Taquaraçu de Minas, Santa Luzia, Vespasiano, Ribeirão das Neves, Esmeraldas, Capim Branco, Matozinhos, Pedro Leopoldo, São José da Lapa, Confins.
- b) Ordenação por distrito e subdistrito dentro de Belo Horizonte no sentido norte-sul. Distritos: Venda Nova, Belo Horizonte e Barreiro; Subdistritos: Centro-Sul, Pampulha, Barreiro, Oeste, Noroeste, Leste e Nordeste.
- c) A cada segmento constituído de 40 setores censitários listados nesta ordem, foram selecionados, com igual probabilidade, seis (6) setores (probabilidade de seleção, com reposição, de 6/40); do ultimo segmento, com dezesseis (16) setores censitários, também foram selecionados seis (6) setores (probabilidade de seleção, com reposição, de 6/16) (SUYAMA, FERNANDES, 2007).

O procedimento para o sorteio do indivíduo a ser entrevistado, terceiro e último estágio, foi o mesmo empregado no GOES Minas, a partir das tabelas de sorteio baseadas na teoria de Leslie Kish (1949)⁷⁸.

⁷⁸ A partir da teoria de Kish (1949), Marques e Berquó (1976) adaptaram as tabelas de sorteio para domicílios com até 10 moradores, para uma maior aproximação da realidade brasileira (as tabelas de Kish foram propostas para domicílios com até seis (6) moradores). A PRMBH 2005 e 2008 utilizou a versão proposta por Marques e Berquó (1976), que traduziram o modelo de Kish em 32 tabelas de sorteio.

O tamanho da amostra foi definido como sendo de 1440 entrevistas distribuídas em 120 setores censitários, resultando numa média de 12 entrevistas por setor censitário.

A ponderação da amostra foi a partir do plano de amostragem adotado, com probabilidades desiguais de seleção. Em seguida, foi considerado o fator de ajuste devido a não resposta, além do fator de ajuste para uma estratificação por idade e sexo. Os pesos finais foram ajustados para que somassem o tamanho da amostra de 1440, a partir do total de 1.029 questionários aplicados (SUYAMA, FERNANDES, 2007)⁷⁹, com uma taxa de recusa de 28,5%.

⁷⁹ A ponderação obedeceu aos seguintes ajustes:

Peso devido à seleção: Cada pessoa entrevistada foi selecionada através de um processo de amostragem em 3 estágios: 1º) seleção do setor censitário (SC) com igual probabilidade; 2º) seleção de 10 domicílios (D) em cada SC, e 3º.) seleção de um adulto (A) de cada domicílio selecionado.

O peso (W_{sel}) devido ao processo de seleção é composto de fatores, cada um correspondente a um dos estágios: $W_1 = (\# \text{ SC na RMBH}) / (\# \text{ SC no BHAS})$, $W_2 = (\#D \text{ no SC selecionado}) / 10$ e $W_3 = (\#A \text{ no D selecionado})$. Assim, $W_{sel} = W_1.W_2 .W_3$

Nesta forma, a soma de W_{sel} sobre todos os elementos da amostra é uma estimativa do número de adultos elegíveis na RMBH.

Ajuste devido a não resposta: Apesar de haver domicílios substitutos quando a pessoa selecionada não podia responder, mesmo após várias tentativas, nem todos os SC selecionados completaram as 10 entrevistas previstas inicialmente. O peso (W_{nr}) para corrigir esta situação é $W_{nr} = 10 / (\# \text{entrevistas realizadas no SC})$ e o peso final devido a seleção e não resposta é $PESO_2 = W_{sel} .W_{nr}$

Este peso é equivalente a W_{sel} , usando em W_2 o número de entrevistas efetivamente realizadas no lugar do número previsto (10). A somatória de $PESO_2$ é 3.068.714, muito próximo do número de adultos estimado através dos dados de Censo 2000 (3.068.384).

Ajuste (provisório) devido a pós-estratificação: Aqui os pesos ($PESO_2$) são ajustados de tal forma que sua distribuição entre os casos entrevistados seja exatamente igual à distribuição na população. Consideramos como valores populacionais aqueles obtidos para as pessoas acima de 16 anos (inclusive) no Censo 2000, uma vez que o BHAS foi realizado em 2002.

O ajuste foi proposto para corrigir a distribuição dos pesos para cada estrato definido pela seguinte classificação cruzada: Classe de Idade X Sexo.

O peso devido à pós-estratificação é $W_{pe} = PESO_{2000} / PESO_2$. Pode-se notar que provavelmente a ocupação no trabalho foi um fator inibidor da realização da entrevista: fatores de ajuste geralmente maiores que 1 para os homens do que para as mulheres, exceto na faixa etária de 22-31 anos Este peso é provisório, uma vez que $PESO_{2000}$ não é real: ele foi estimado supondo independência entre Sexo e Idade. O peso ajustado por sexo e idade é obtido por: $PESO_3 = PESO_2 \times W_{pe}$.

Para se obter uma ponderação que preserve o total de 1029 entrevistas realizadas, usamos uma regra de três: $PESOFIM = PESO_3 \times 1029 / \sum PESO_3$. SUYAMA, Emílio, e FERNANDES, Rodrigo A. "Planejamento da amostra, seleção das unidades amostrais e sistema de ponderação da Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte, in *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. In: AGUIAR, Neuma (Org.). BH, Editora UFMG. 2007. p. 263-285.

6.5.3. Instrumentos de pré-teste do questionário

O pré-teste é uma etapa de verificação do questionário conhecida na prática do *survey* e também na pesquisa de opinião. Os relatórios de pesquisas não deixam de constar o relato do pré-teste do questionário como etapa obrigatória. Alguns poucos entrevistadores aplicam o questionário e fazem um relato do que apresentou como problema. Realmente a forma tradicional do pré-teste do questionário sempre acrescenta informações importantes para o aperfeiçoamento do questionário. O problema nesta forma tradicional de pré-teste é, de uma maneira geral, supor que tendo o entrevistado respondido à pergunta, a conclusão é a de que esta não apresenta problema, não investigando a maneira pela qual o entrevistado interpretou a pergunta, se tinha informações suficientes para opinar sobre um determinado assunto etc..

Através da perspectiva dos aspectos cognitivos da metodologia de *survey* passamos a compreender que, além do pré-teste ser imprescindível na elaboração do questionário e da condução da entrevista, são necessários instrumentos e técnicas específicas que possam identificar mais profundamente os problemas de um questionário. Os pressupostos das regras de conversação, da interação social, e das tarefas cognitivas para produção da resposta possibilitaram o desenvolvimento de estratégias mais específicas para detectar os problemas na elaboração do questionário que acarretam efeitos nas respostas.

A Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PRMBH) também tem sido um importante laboratório de aplicação e desenvolvimento de procedimentos e instrumentos com o intuito de diminuir a produção de efeitos nas respostas (SIMÕES, PEREIRA, 2007). Além dos experimentos *split ballots*, o pré-teste tem sido um instrumento fundamental e bastante consolidado nas pesquisas realizadas pela PRMBH e CEPEQCS colocando o questionário em teste no sentido de verificar a validade e confiabilidade dos dados. O pré-teste é um instrumento fundamental para se buscar a validade dos dados, ou seja, verificar a congruência entre os conceitos e a sua representação empírica. É também fundamental para se buscar o compartilhamento de significados entre o pesquisador e o entrevistado.

As técnicas mais avançadas de pré-teste (OKSENBERG, ET AL., 1991; PRESSER, ET AL, 2004; WILLIS, 2005), além de pressupor as teorias sobre a produção das respostas e seus efeitos na qualidade dos dados, buscam estratégias mais sistematizadas e estruturadas para o registro dos problemas apresentados e também a frequência com que ocorrem. Na PRMBH o tradicional relato dos entrevistadores (o chamado *debriefing*) sobre os problemas apresentados depois de aplicar o questionário tem sido organizado em relatórios sistematizados e apresentados em relatórios junto às outras estratégias e técnicas utilizadas para investigar e registrar os problemas do questionário.

O conjunto de estratégias utilizadas pela PRMBH é a seguinte⁸⁰: 1) Barra de *probes*⁸¹; 2) Entrevista cognitiva; 3) Codificação do comportamento (*Behavior coding*); 4) Roteiro de avaliação da entrevista (SIMÕES, PEREIRA, 2007).

A Barra de Probes é o registro da demanda do entrevistado por esclarecimentos sobre a pergunta ou as opções de respostas. A Barra de Probes permite o registro do número de ocorrências como: “Repetir o enunciado da pergunta” (R. Enun.), “Repetir as opções de respostas” (R. Op.), ou o “Entrevistado pediu o significado do enunciado da pergunta” (Sig. Enun.), ou o “Entrevistado pediu o significado das opções de respostas” (Sig. Resp.).

A Entrevista cognitiva é uma estratégia que busca investigar as quatro etapas do processamento para a produção da resposta por parte do respondente: a compreensão da pergunta, a busca de informações na memória, o julgamento, e a edição da resposta. São perguntas adicionais que aprofundam cada uma das etapas de construção das respostas e podem ser feitas em seguida à pergunta do questionário ou ao final da aplicação deste, retomando a pergunta a ser investigada.

⁸⁰ Também utilizamos grupos focais como método para aprofundar nos entendimentos e significados (PRMBH, 2005)

⁸¹ O uso de *probes* é uma técnica fundamental principalmente para o pré-teste, seguindo os mesmos propósitos tal como ela é utilizada na condução da entrevista final para dar ou pedir esclarecimentos ao entrevistado com o objetivo de garantir a estabilidade de significado pretendido pelo pesquisador; como mencionado no Capítulo II, item 3.2, p. 58.

A *Codificação do comportamento* permite o registro do comportamento do entrevistador e do respondente ao longo da entrevista através de um observador. Os tipos de comportamentos antecipados para registro em relação ao entrevistador são: a) Leu a questão de maneira exata; b) Pequenas mudanças na leitura; c) Grandes mudanças na leitura; d) *Probes* (Qual?). Os tipos de comportamentos antecipados para registro em relação ao respondente são: a) Pediu para repetir a questão; b) Pediu esclarecimentos; c) Interrompeu a leitura; d) Demonstrou dúvida entre as opções ou formato; e) Resposta não condizente com as opções ou formato; f) Mudou de resposta; g) Ficou irritado; h) Não soube responder; i) Recusou responder.

O *Roteiro de avaliação da entrevista* procura sistematizar a avaliação dos entrevistadores, em termos de comentários e sugestões a partir dos problemas em relação ao entendimento das perguntas e às dificuldades durante a condução da entrevista. Para cada questionário aplicado, um roteiro de avaliação é preenchido, sendo que este é composto pelos seguintes tópicos: 1) Avaliação de *Questão por questão* identificando os tipos de dificuldades como: compreensão do enunciado, terminologia, compreensão quanto ao objetivo da questão, problemas relativos à memória, formato da questão, opções de respostas, constrangimento, desconhecimento do assunto, entendimento do tema etc; 2) Avaliação dos *Módulos temáticos* que compõem a entrevista quanto ao grau de dificuldade e de interesse pela temática; 3) Observações quanto às *Atitudes do entrevistado em relação à entrevista* como um todo a exemplo da receptividade e do comportamento do entrevistado quanto à duração da entrevista; 4) e observações sobre a *Situação de entrevista* como a presença de outras pessoas durante a entrevista e o local da entrevista.

Na PRMBH todas essas estratégias de avaliação do questionário são codificadas e processadas gerando um relatório que apresenta de forma organizada os resultados gerados para que os próprios pesquisadores responsáveis pelas temáticas do questionário possam analisar e utilizar como fonte de fundamentação para as reformulações necessárias do questionário (Ver ilustração do relatório Anexo B, Volume II).

A condução do pré-teste na PRMBH e no CEPEQCS tem utilizado um pressuposto mais geral para avaliação do questionário: o baixo nível de escolaridade do respondente como fator explicativo dos problemas com entendimento, terminologias, etc. Em geral, o grupo de entrevistador realiza o pré-teste com dois grupos: respondentes de baixa escolaridade (até 4ª série do ensino fundamental) e respondentes de mais alta escolaridade (segundo grau completo ou curso superior)⁸². O baixo nível de escolarização é considerado na literatura sobre a metodologia de elaboração de perguntas de um questionário como uma importante condição pelas quais os respondentes se tornam susceptíveis aos efeitos nas respostas (SCHUMAN, PRESSER, 1981; NARAYAN, KROSNICK, 1996). O entendimento da susceptibilidade aos efeitos nas respostas foi abordado de maneira sistemática em um contexto onde o nível de escolarização é maior (como nos países da Europa e nos Estados Unidos) do que em outros contextos sócio-culturais. Nos contextos onde a baixa escolarização predomina o entendimento do impacto desta condição sobre a qualidade dos dados de um *survey* ganha maior centralidade.

Indo além da variável escolaridade ainda deve-se considerar que as diferenças de contextos sócio-culturais, na realização de uma pesquisa comparada internacional, configuram-se como uma situação especial para uma análise dos padrões de variação dos efeitos nas respostas. Normas culturais, valores, e experiências históricas diferenciadas podem influenciar no padrão de processamento das tarefas cognitivas para a produção da resposta; existem diferenças culturais na saliência de conceitos, ou diferenças estruturais na acessibilidade das informações associadas à interpretação dos conceitos. Ou ainda, as diferenças culturais podem demandar diferentes parâmetros para as regras da conversação. Desta maneira, as diferentes condições psicossociais do processamento das respostas podem gerar efeitos do contexto cultural (BRAUN, 2003; HARKNESS, *et al.*, 2003).

Um exemplo de pesquisa internacional é o projeto *Global Environmental Survey* (GOES) no qual se procurou aplicar o “estado da arte” da metodologia de

⁸² Aproximadamente são aplicados 100 questionários no primeiro pré-teste e o mesmo número no segundo pré-teste.

survey ao elaborar o questionário e os instrumentos complementares na condução da entrevista. Além das diferenças culturais internacionais, as diferenças culturais também se fazem presente no próprio contexto brasileiro que apresenta grandes níveis de desigualdades educacionais e sócio-econômicas.

O desafio para a elaboração do questionário diante de contextos sócio-culturais heterogêneos traz mais enfaticamente um dos pontos centrais de discussão resultante da avaliação do pré-teste e evidencia o dilema fundamental da metodologia de *survey* que é a tensão entre validade e confiabilidade das medidas. Muitas vezes, a busca por validade pode levar à obtenção de dados menos confiáveis, principalmente nos contextos com predomínio da baixa escolarização. Um exemplo disso se dá na combinação de várias perguntas, que operacionalizam o conceito de uma mesma dimensão, utilizando o formato escala *Likert* como respostas, com o objetivo de construir índices, nesses casos, tais formatos estarão sujeitos a efeitos do tipo *acquiescence bias* (tendência a concordar). Outro exemplo é a utilização de medidas de percepção sobre assuntos de maior complexidade, como os problemas ambientais globais (mudança climática, efeito estufa, perda da biodiversidade, etc), que estará sujeita a efeitos do tipo “falso positivo” / “falso negativo” ou socialmente desejável. Outros importantes efeitos nas respostas foram identificados a partir da falta de entendimento/ou desconhecimento de conceitos/terminologias como o termo “ONGs”, “reciclagem”, até mesmo “problema ambiental”, ou ainda a falta de contextualização de conceitos como “erosão do solo” (com expressões comuns no meio rural como “voçorocas”). Também a variação do percentual de respostas “Não sei”, quando oferecida a alternativa como resposta ou como resposta voluntária; etc.

Nos resultados do pré-teste do GOES-Brasil, a ocorrência desses efeitos foi associada a pessoas com níveis de escolarização mais baixos (analfabeto e primário) e residentes em áreas rurais, colocando em questão a confiabilidade das respostas de tais segmentos para medidas mais sofisticadas, entendimento das perguntas, e respostas do tipo “Não sei”. A análise dos resultados dos pré-testes do

GOES realizados em diversos países⁸³ apontou como problema central o fato de que muitas das perguntas utilizadas eram de questionários concebidos por institutos e pesquisadores europeus para aplicação em populações com maiores níveis de escolarização. Um dos desafios metodológicos centrais encontrados foi o de reformular as perguntas, buscando opções de terminologia, formatos, redação, dentre outros, de forma a aumentar a confiabilidade e comparabilidade dos dados a serem coletados em populações muito heterogêneas, que abrangem contextos como o urbano e o rural, o alto e o baixo nível de escolaridade.

Os vários pré-testes realizados, não sendo estatisticamente representativos, tornaram-se fontes de dados qualitativos (CONVERSE, 1986, p.65) para sugerir associações de aspectos que explicariam a produção de efeitos nas respostas. A diferenciação pelo nível de escolarização conduz, predominantemente, ao entendimento sobre a produção dos efeitos nas respostas, mas, muitas vezes, esta relação é condicionada por especificações como a idade do respondente, a situação sócio-econômica, a informação sobre o assunto específico, o interesse e as experiências em relação ao assunto abordado, dentre outros aspectos.

⁸³ Resultados apresentados em reunião ocorrida em janeiro de 1998, na cidade de Ann Arbor, MI, EUA. Participaram da realização do pré-teste os seguintes países: Brasil, EUA, Holanda, Rússia, Bélgica, Polônia, México, China, Japão e Alemanha.

7. CAPÍTULO VI - ANÁLISE DE DADOS

7.1. Apresentação

A intenção deste estudo, como já dito, foi de utilizar os experimentos realizados nas duas pesquisas GOES-Minas e PRMBH para aprofundar o conhecimento sobre as condições sociais dos respondentes susceptíveis aos efeitos nas respostas decorrentes dos diferentes formatos, redação ou contexto das perguntas. Dentre os experimentos (*split ballot*) realizados foram selecionados: 1) a *variação nas opções de respostas – oferecer ou não o “Não Sei”* - e 2) a *seqüência das perguntas – o contexto da pergunta*. O objetivo específico é analisar o poder explicativo da variável escolaridade, amplamente utilizada para explicar a susceptibilidade dos respondentes aos efeitos nas repostas, e verificar os seus limites diante de outras dimensões subjetivas e objetivas das condições sociais dos respondentes, tais como o interesse, a importância, as disposições em relação ao objeto abordado, o uso dos meios de comunicação, o conhecimento específico, as experiências, os comportamentos relacionados ao objeto, e as condições sócio-econômicas, dentre outras. Para isso, as duas dimensões propostas, *disposições em relação ao objeto e posição na estrutura social*, seus diferentes aspectos e indicadores, serão apresentados e descritos neste capítulo para em seguida proceder na *análise dos resultados*.

7.2. Hipóteses

O pressuposto fundamental para a elaboração das hipóteses é o de que a realização do questionário como um processo de interação social é a condição *sui generis* para compreender as respostas dadas às perguntas de um questionário. Assim, as condições sociais dos respondentes estarão associadas à susceptibilidade aos chamados efeitos nas respostas decorrentes dos formatos, redação e contexto das perguntas. Ou seja, os resultados gerados pelas perguntas de um questionário estão, em parte, relacionados com os elementos selecionados no questionário –

além dos conteúdos, os formatos, a redação e o contexto do questionário (seqüência de pergunta e respostas) – e as condições sociais dos respondentes. A partir desta condição mais geral têm-se as seguintes hipóteses:

1) As dimensões mais objetivas, definidas pela posição do indivíduo na estrutura social, têm grande poder explicativo dos efeitos nas respostas decorrentes dos formatos, redação e contexto das perguntas, tais como: o uso de meios de comunicação e a informação, o nível de conhecimento sobre o objeto abordado, a experiência direta com o objeto, e os comportamentos relacionados aos objetos, dentre outros.

2) O poder explicativo da variável escolaridade, amplamente utilizada para explicar a susceptibilidade dos respondentes aos efeitos nas repostas, está limitado por outras dimensões relacionadas às condições sociais dos respondentes como o uso dos meios de comunicação, o conhecimento específico sobre o objeto, as experiências com objeto, dentre outros.

3) o poder explicativo das dimensões mais subjetivas – das disposições ou atitudes dos respondentes, como o interesse pelo assunto e a importância do assunto tratado - está limitado pela natureza de suas medidas que, em parte, expressam o socialmente desejável.

4) os efeitos nas respostas podem variar segundo o significado (conteúdo) das perguntas (e das respostas), ou seja, a compreensão do significado dos conteúdos das perguntas e respostas são importantes para o entendimento do tamanho e da direção dos efeitos nas respostas.

7.3. Metodologia

O presente estudo está fundado em uma base empírica que buscou utilizar o estado da arte da metodologia de *survey* na sua produção. A Pesquisa Mundial sobre Meio Ambiente (GOES) e a Pesquisa da Região Metropolitana de Belo

Horizonte (PRMBH) representam um esforço exemplar no uso dos conhecimentos disponíveis sobre a aplicação da metodologia de *survey*. A apresentação mais detalhada do contexto institucional e das propostas de pesquisa e sua metodologia serão abordados no Capítulo 5. As bases empíricas utilizadas para a verificação estatística das hipóteses propostas são os bancos de dados das duas pesquisas mencionadas. Estas foram realizadas com um desenho amostral probabilístico, até o último estágio (o indivíduo), um dos procedimentos considerados fundamentais para se determinar o caráter científico da coleta de dados desta natureza.

O método central de verificação dos efeitos nas respostas é o experimento chamado *split ballot*. Estes são amostragens probabilísticas nas quais o total da amostra é dividido em duas subamostras (ou mais), garantindo condições idênticas. Somente com essa condição é que poderíamos realizar um experimento metodológico. Desta maneira, foram distribuídas aleatoriamente e sistematicamente as versões de questionários A e B de modo que, ao final, tínhamos duas amostras iguais. O planejamento de amostras idênticas probabilísticas possibilita a condição para se buscar a validade externa, ou seja, a possibilidade de generalização dos resultados. Ao contrário dos clássicos experimentos conduzidos em laboratório nos quais se maximiza a validade interna em detrimento da validade externa (JUDD, *et al.*, 1951/1991).

No desenho experimental clássico, utilizam-se dois grupos (amostras): um experimental e um de controle. Cada grupo é exposto a uma intervenção experimental e os resultados são observados em dois tempos, antes e depois da intervenção experimental (VAUS, 1991). O que diferencia os experimentos *split ballots* é a ausência de dois tempos diferentes, enquanto a intervenção experimental é controlada em duas amostras ao mesmo tempo. Fundamentalmente, a condição que caracteriza o experimento *split ballot* diz respeito ao controle da *variável independente*, situações diferentes são apresentadas em cada amostra, tais como: variações no formato, na redação, nas opções de respostas, ou na seqüência de perguntas (CONVERSE, PRESSER, 1986). As perguntas são formuladas nas mesmas condições variando apenas o que se quer observar, o que possibilita a comparação dos resultados. No experimento *split ballot* as duas amostras são comparadas (A X B) e as diferenças resultantes estão relacionadas à variável

controlada. Os experimentos selecionados por meio dos quais procuro verificar os efeitos nas respostas são: 1) *ordem (seqüência) das perguntas* (GOES, 2001) e 2) *oferecer ou não a opção “Não sei” (NS)* (PRMBH, 2002).

Embora as duas pesquisas propusessem realizar experimentos nos moldes dos *split ballots*, não necessariamente foram planejadas para as análises propostas neste estudo. Cada uma das duas pesquisas possui temática e enfoque teórico diferente, o que gerou a adoção de medidas próprias aos seus objetivos. Esta condição coloca limitações nas possibilidades de operacionalização dos aspectos relevantes para este estudo. Por um lado, isso se torna uma limitação já que as variáveis não foram construídas a partir das definições de variáveis explicativas tratadas neste estudo, e também não seria possível uma verificação do poder explicativo de mesmas variáveis explicativas nos diferentes experimentos, ou nas duas bases de dados. No entanto, por outro lado, a especificidade dos diferentes assuntos abordados, o conjunto de variáveis disponíveis e os diferentes formatos de perguntas testadas também apresentam possibilidades de verificação de um conjunto de variáveis importantes no contexto explicativo proposto sobre os efeitos nas respostas.

Em cada uma das pesquisas foi possível identificar as principais variáveis explicativas, a partir de grandes dimensões como capital cultural, experiências diretas com o objeto abordado na pergunta, disposições ou atitudes em relação ao objeto, situação sócio-econômica, dentre outras. Estas dimensões foram traduzidas em variáveis empíricas de diferentes maneiras dentro dos objetivos propostos nas respectivas pesquisas. De qualquer maneira, este estudo tem um caráter original já que tenta identificar variáveis sociológicas explicativas importantes para estudos desta natureza. A falta de variáveis, ou uma inadequação das variáveis existentes no banco de dados, também poderão ser ponderadas na interpretação dos resultados.

Do ponto de vista estatístico, a estratégia de verificação da significância da diferença de distribuição nas frequências de respostas entre as amostras A e B é o teste de proporção⁸⁴. Para fazer inferências sobre as diferenças de proporções

⁸⁴ Para maiores informações veja em Mário F. TRIOLA, *Introdução à estatística*.

entre as amostras dos experimentos testamos a hipótese nula de que $H_0: p_A = p_B$ e a hipótese alternativa de que $H_1: p_A \neq p_B$. A estatística de teste para duas amostras, e que se aplica à hipótese nula e à alternativa, é a seguinte:

$$z = \frac{(\hat{p}_A - \hat{p}_B) - (p_A - p_B)}{\sqrt{\frac{\bar{p}\bar{q}}{n_A} + \frac{\bar{p}\bar{q}}{n_B}}}$$

Onde:

$$p_A - p_B = 0$$

$$\hat{p}_A = \frac{x_A}{n_A} \quad \text{e} \quad \hat{p}_B = \frac{x_B}{n_B}$$

$$\bar{p} = \frac{x_A + x_B}{n_A + n_B}$$

$$\bar{q} = 1 - \bar{p}$$

Sendo que:

p = proporção amostral

n = tamanho da amostra

x = número de sucessos na amostra

O Valor crítico é de 1,96, sendo significativos os resultados das proporções comparadas quando $z > 1,96$ (negativo ou positivo) rejeito a hipótese $H_0: p_A = p_B$, ou seja, as diferenças de proporções são significativas estatisticamente.

Para examinar a existência de uma associação entre a probabilidade de responder a determinada categoria em diferentes situações de perguntas – diferentes sequências de perguntas e quando oferecemos ou não a opção de resposta “Não sei” - e um conjunto de características sociais dos respondentes

(variáveis explicativas), aplica-se a técnica estatística denominada *regressão logística multivariada*. Esta técnica estatística pode ser vista como uma extensão do modelo linear clássico. No entanto, no modelo para variáveis dependentes binomialmente distribuídas, analisa-se como determinadas covariáveis ou características influenciam na probabilidade de ocorrência de um determinado evento dicotômico (HOSMER, LEMESHOW, 1989). Considerando p a probabilidade de sucesso de um determinado evento, neste caso, responder a determinada categoria de resposta nas diferentes situações de perguntas no questionário. O modelo de regressão logística pode ser representado matematicamente pela expressão a seguir:

$$\ln\left(\frac{p_i}{1-p_i}\right) = \beta_0 + \beta_1 X_{1i} + \dots + \beta_p X_{pi} + \varepsilon_i$$

Uma revisão dos métodos estatísticos utilizados para a estimação dos coeficientes β_i $i=1,2,\dots,p$ na equação anterior pode ser encontrada em Homer e Lemeshow (1989). Uma vez estimados os parâmetros, a equação encontra-se caracterizada. No entanto, um dos aspectos que fazem esse modelo mais atraente é a relação dos parâmetros com outro parâmetro conhecido como *razão de chances*. A *razão de chances* associada à ocorrência de um determinado evento é definida como o coeficiente entre a probabilidade de ocorrência do evento e a probabilidade de não ocorrência desse mesmo evento, formalmente:

$$RR = \frac{p}{1-p}$$

Onde, p é a probabilidade de ocorrência de um determinado evento. Se na equação de regressão temos um fator dicotômico (variável dicotômica), o coeficiente β associado a este fator está diretamente relacionado à razão de chances de apresentar ou não o fator. O coeficiente β está associado, portanto, à variável explicativa. Assim a quantidade:

$$RR = \exp\{\beta\}$$

demonstra a chance de apresentar o fator em relação a não apresentá-lo. O $\exp\{\beta\}$ significa a chance de responder a determinado tipo de categoria, mantendo as outras variáveis no modelo constantes. Quando as razões de chance forem maiores que 1, tem-se um efeito positivo das variáveis explicativas sobre a dependente. Quando as razões de chance forem iguais a 1, não há efeito, e quando forem menores que 1, o efeito é negativo.

Uma limitação desse modelo é que não oferece coeficientes padronizados, os quais permitiriam comparar o efeito de cada variável, a fim de entender qual a variável tem maior efeito sobre as chances de sucesso. No entanto, o referido modelo oferece coeficientes não-padronizados, que permitem comparar efeitos entre amostras ou populações diferentes (GUJARATI, 2006; GELMAN, HILL, 2007).

Sendo assim, no presente trabalho busca-se modelar a probabilidade existente entre escolher uma determinada resposta (categoria 1) para cada variável explicativa dos efeitos nas respostas.

7.4. GOES

7.4.1. Considerações teóricas e metodológicas sobre os efeitos contextuais – sequência das perguntas

Os chamados *context effects* ou *question-order effects* representa, de uma maneira geral, a preocupação com a “transferência de significados” (SCHUMAN, PRESSER, 1981) de uma pergunta a outra na sua seqüência⁸⁵, ou seja, uma pergunta precedente influencia a resposta à pergunta subsequente. Tal dilema é bem conhecido pelos pesquisadores tanto da psicologia social quanto da metodologia de *survey*. Existe uma ampla literatura sobre as pesquisas produzidas,

⁸⁵ A tradução que utilizarei neste estudo para *context effects*, *question-order effects* ou *question effect* será efeito contextual e/ou seqüência de perguntas.

os pressupostos, e os conceitos que procuram explicar os seus mecanismos. Na década de 40 Cantril (1944) registrou as primeiras investigações sistemáticas sobre os efeitos da ordem das perguntas. Ao longo das décadas seguintes pesquisadores da metodologia de *survey*, juntamente com os psicólogos sociais, têm documentado uma ampla variedade de situações dos efeitos contextuais e suas explicações (BRADBURN; MASON, 1964; SUDMAN; BRADBURN, 1974; SCHUMAN, PRESSER, 1981; SCHWARZ, SUDMAN, 1992; SUDMAN, *et al.*, 1996; SCHWARZ, WÄNKE, 1997; SIRKEN, *et al.*, 1999; TOURANGEAU *et al.*, 2000).

A questão sobre o efeito da seqüência de perguntas (que pode envolver duas ou mais perguntas)⁸⁶ organiza o maior número de estudos e de conceitos para explicar os mecanismos produzidos. Em alguns estudos, preocupou-se em apontar os efeitos intencionais ou não intencionais da seqüência de perguntas. Em um sentido mais amplo, a seqüência de perguntas pode funcionar como uma “ativação de informação” para as perguntas subseqüentes, contribuindo com a maior acessibilidade na memória, ou com a seleção de elementos específicos de uma dada informação. Esse processo pode ocorrer com ou sem a consciência do respondente, assim como pode ocorrer com ou sem a intenção do pesquisador. Além disso, a seqüência de perguntas pode ter uma “função de informação” quando é disponibilizada uma informação para indicar a intenção ou o significado da pergunta subseqüente; em muitos casos é intenção que o respondente esteja consciente desse “episódio” de seqüência (a relação entre os episódios) que intencionou e que juntas às perguntas construíssem o significado (STRACK, 1992). O que caracteriza a preocupação dos pesquisadores em seus estudos sobre os efeitos contextuais são aqueles contextos (seqüência de perguntas) nas quais ocorrem efeitos não intencionados.

A seqüência das perguntas no questionário, a ordem dos termos na própria questão, estabelecem um contexto no questionário que influencia todos os estágios

⁸⁶ O efeito da seqüência de respostas ocorre, de uma maneira geral, quando os respondentes não dão a todas as alternativas de respostas a mesma atenção, motivados por diferentes situações e fatores, levando a endossar determinadas alternativas e rejeitar outras. Um exemplo central são os efeitos decorridos da forma apresentação das alternativas de respostas: oral ou por escrito (em cartão ou caderno de respostas) (KROSNICK, ALWIN, 1987).

do processo cognitivo da produção da resposta. A seqüência de perguntas é fundamental para estabelecer a interpretação da pergunta (significado), a acessibilidade e a seleção da informação que será utilizada na formação do julgamento, e a edição da resposta. O princípio da acessibilidade da informação é um componente chave para identificar os efeitos de contexto na entrevista do *survey*. Conhecer as informações que vem à mente não é suficiente para predizer seu impacto. O modo pelo qual a informação é acessada influencia o julgamento do respondente.

O entendimento sobre as condições pelas quais os respondentes podem inferir o significado intencionado também estão nas regras da conversação. A conversação requer “relevância” do conteúdo da pergunta que contribuirá e levará a uma “assimilação” de significado para a interpretação da pergunta subsequente, e ao mesmo tempo, a conversação requer que o respondente seja “informativo” e “não redundante” nas suas respostas, “subtraindo” da resposta à pergunta subsequente o conteúdo contido na resposta anterior.

Este seria o principal mecanismo do efeito da seqüência de perguntas em que os pesquisadores vão utilizar os chamados “consistência”/“assimilação” ou “subtração”/“contraste”. Estes princípios indicam a direção do efeito na pergunta subsequente. O primeiro mecanismo indica que as respostas se movem na mesma direção da pergunta anterior, e o segundo mecanismo indica que as respostas movem em direção contrária da pergunta anterior.

Outra especificação para compreender os mecanismos dos efeitos contextuais está na classificação quanto ao nível de generalidade das perguntas envolvidas, ou seja, o estímulo contextual como padrão de comparação. Schuman e Presser (1981) trataram esse mecanismo nos termos das relações entre o nível mais geral e o nível mais específico: “parte-parte”, “parte-todo” e suas combinações de assimilação e contraste (e dentre outras como perguntas aberta-fechada, saliência, etc). Também nos termos de inclusão e exclusão (SCHWARZ *et al.*, 1996; SCHWARZ, BLESS, 1992) procurou-se compreender os mecanismos desencadeadores da assimilação e contraste. O contexto pode afetar o tipo de

informação que será acessível (informações cronicamente acessíveis ou temporariamente acessíveis), alterando o que é incorporado (resultando em assimilação) ou excluído (resultando em contraste) da representação do objeto ou do seu padrão de comparação. O pressuposto é que o contexto é fonte de estímulo para as representações cognitivas e para o padrão comparativo de avaliação do objeto (SCHWARZ *et al.*, 1996).

Do ponto de vista da verificação dos efeitos, Schuman e Presser (1981) constataram que quatro dos oito experimentos confirmavam os efeitos. No conjunto dos estudos disponíveis existe um número significativo de experimentos em diferentes situações que têm confirmado os efeitos contextuais, inclusive comparando diferentes modos de coleta de dados como através da entrevista face a face, por telefone ou auto aplicada (MCCLENDON, O'BRIEN, 1988; TOURANGEAU, RANSINSK, 1988; TOURANGEAU, *et al.*, 1989; TOURANGEAU, *et al.*, 1991; SCHWARZ, *et al.*, 1991; SCHWARZ, *et al.*, 1992; PRICE, TEWKSBURG, 1995; WILLITS, KE, 1995; SCHWARZ, HIPPLER, 1995; DUPAGNE, *et al.*, 1999; HAIR, 2003).

O experimento clássico de efeito de ordem das perguntas, o qual se propôs a elaboração no GOES, foi o tipo nomeado por Schuman e Presser (1981) como *Part-Part Consistency Effects*. As perguntas que Schuman e Presser utilizam para o experimento na década de 80 foram perguntas já aplicadas em experimentos por Huyman e Sheatsley em 1948, através do NORC, sobre repórteres comunistas e americanos divulgarem notícias sobre o país do outro na seguinte formulação: “*Deveria ser permitido a repórteres comunistas vir aos EUA e levar as notícias a seu país como eles vêem?*” e “*Deveria ser permitido a repórteres americanos ir à URSS e relatar as notícias para os americanos como eles vêem?*” (SCHUMAN, PRESSER, 1981, p. 29).

Schuman e Presser (1981) relatam que quando a primeira pergunta é feita os americanos tendem ao pró-americanismo ou ao anti-comunismo. Mas quando a segunda pergunta é feita a regra da reciprocidade torna-se saliente e um número

substantivo de respondentes usam a norma da reciprocidade (busca de consistência) a partir do que respondeu na primeira pergunta (Tabela 1).

Tabela 1 - Experimentos sobre o efeito da ordem das perguntas 1948 e 1980 sobre repórteres comunistas e americanos

Resposta "sim"/Ano	Ordem das perguntas	
	Comunistas / Americanos	Americanos / Comunistas
Percentual de "sim" para comunistas		
Sim (1948)	36,5	73,1
Sim (1980)	45,7	74,6
Percentual de "sim" para americanos		
Sim (1948)	65,6	89,8
Sim (1980)	63,7	81,9

Fonte: NORC Survey, 1948; SRC, 1980; Schuman e Presser (1981).

Os autores encontram significância em ambas às aplicações dos experimentos. Para o experimento de 1980 os autores buscaram especificar a direção do efeito controlando (explicando) através da variável escolaridade apresentados na Tabela 2. O efeito tende a ser especificado para aqueles de escolaridade mais baixa, diminuindo para aqueles de escolaridade mais alta (SCHUMAN, PRESSER, 1981:29-30). Outros experimentos associaram educação e idade para identificar os respondentes susceptíveis aos efeitos contextuais (KNÄUPER, 1999; KNÄUPER, *et al.*, 1996).

Tabela 2 - Efeito da ordem das perguntas sobre repórteres comunistas e americanos por escolaridade

Repórteres comunistas	Educação (anos)		
	0-11	12	13 ou mais
Seqüência: Comunistas/Americanos	24,3% (70)	43,3% (122)	78,0% (141)
Seqüência: Americanos/Comunistas	53,6% (69)	76,2% (105)	84,3% (153)
Repórteres americanos			
Seqüência: Comunistas/Americanos	34,8% (66)	57,7% (123)	82,6% (138)
Seqüência: Americanos/Comunistas	68,2% (66)	83,7% (104)	87,6% (153)

Experimento, SRC, 1980; Schuman e Presser (1981).

7.4.2. O experimento no GOES: Efeito contextual - seqüência das perguntas

O experimento sobre o efeito contextual (seqüência das perguntas) sustenta-se na literatura sobre o tema (exposto no item anterior), focalizando o tipo clássico *Part-Part Consistency Effects* de Schuman e Presser (1981). O experimento foi planejado utilizando perguntas atitudinais sobre a questão ambiental do questionário elaborado para o GOES Minas Gerais/2001 pela pesquisadora Solange Simões, a partir das questões propostas pelo DAS/2001 que também fez parte do GOES-Minas. Trata-se de perguntas sobre questões ambientais nos Estados Unidos e no Brasil, mas que têm impactos globais. Dessa maneira, a pergunta quer saber se essas questões ambientais, embora localizadas nos respectivos países, “deveriam ser tratadas como assuntos internos” ao país em questão ou se “deveriam ser tratadas em acordos internacionais”.

Na “versão A”, pergunta-se primeiro sobre a questão ambiental americana – a produção de gases que contribuem para o aquecimento global e as decisões sobre o uso de energia –, seguida pela questão ambiental brasileira - sobre o corte de madeira e o desenvolvimento econômico na floresta tropical brasileira. Para as duas

perguntas as mesmas opções de respostas foram oferecidas: 1) “deveria ser um assunto interno dos brasileiros”; ou 2) “uma questão a ser tratada em acordos internacionais para proteger o meio ambiente”. Na “versão B” a seqüência de perguntas foi invertida: primeiramente a questão ambiental brasileira e depois a questão ambiental americana. A formulação das perguntas literal para as versões “A” e “B” foi:

Vou ler agora algumas afirmativas sobre problemas ambientais e gostaria de saber sua opinião sobre elas.

H2. O uso de energia nos Estados Unidos produz cerca de 1/5 (um quinto) dos gases que contribuem para o aquecimento global. Os Estados Unidos são, portanto, o país que mais contribui para o efeito estufa. Você acha que as decisões sobre o uso de energia nos Estados Unidos deveriam ser um assunto interno dos americanos ou uma questão a ser tratada em acordos internacionais para a proteção do meio ambiente?

(SE NÃO SOUBER LER: DAR UMA PAUSA E ACRESCENTAR):

Ou você não ouviu o bastante sobre o assunto e prefere não opinar?

1. Um assunto interno dos americanos
2. Uma questão a ser tratada em acordos internacionais para a proteção do meio ambiente?
7. NR
9. NS

H3. Quase um 1/3 (um terço) das florestas tropicais do mundo, as quais contêm a grande maioria das espécies de plantas e animais, estão localizadas no Brasil. O Brasil tem, portanto, um papel crucial na preservação da fauna e flora (animais e plantas) no mundo. Você acha que as decisões sobre o corte de madeira e o desenvolvimento econômico da floresta tropical brasileira deveriam ser um assunto interno dos brasileiros ou ser uma questão a ser tratada em acordos internacionais para a proteção do meio ambiente?

(SE NÃO SOUBER LER: DAR UMA PAUSA E ACRESCENTAR):

Ou você não ouviu o bastante sobre o assunto e prefere não opinar?

1. Um assunto interno dos brasileiros
2. Uma questão a ser tratada em acordos internacionais para a proteção do meio ambiente?
7. NR
9. NS

(GOES-Minas Gerais/2001) (Anexo C, Volume II, Volume II)

Do ponto de vista do conteúdo das respostas a pergunta busca verificar a percepção dos entrevistados acerca das grandes questões ambientais e o seu encaminhamento em acordos internacionais o que corresponde a uma compreensão da tendência à globalização da política ambiental através de atores sociais

(principalmente organizações não governamentais) transnacionais (VIOLA, 1999). Ou seja, busca verificar a percepção sobre a tendência de um consenso mundial (da comunidade científica e dos formadores de opinião) da importância de problemas ambientais em escala global (como a emissão de gases que provocam o efeito estufa e o desmatamento da floresta amazônica) serem tratados em acordos internacionais. O contrário disso seria uma posição nacionalista para o encaminhamento do problema ambiental em questão, ou seja, tratar tais questões como um assunto interno aos seus países.

Na “versão A” (seqüência de perguntas EUA-Brasil), quanto às “decisões sobre o uso de energia nos EUA”, a maior parte dos entrevistados afirmou ser “uma questão a ser tratada em acordos internacionais”, sendo 79,0% para o total do Estado de Minas Gerais. E quanto às “decisões sobre o corte de madeira e o desenvolvimento econômico da floresta tropical brasileira”, a maior parte, 50,6%, também considera ser “uma questão a ser tratada em acordos internacionais” (Tabela 3).

Na “versão B” (seqüência de perguntas Brasil-EUA), quanto às “decisões sobre o corte de madeira e o desenvolvimento econômico da floresta tropical brasileira”, aproximadamente a metade dos entrevistados considera ser “um assunto interno dos brasileiros”, representando 52,4% dos entrevistados na amostra para o Estado de Minas Gerais. Quanto às “decisões sobre o uso de energia nos EUA” a maior parte afirmou ser “uma questão a ser tratada em acordos internacionais”, representando 63,3% dos entrevistados no Estado de Minas Gerais (Tabela 3).

Tabela 3 - Uso de energia nos EUA e Desenvolvimento econômico da floresta amazônica – “Assunto interno” *versus* “Acordos internacionais”

Categorias de repostas	Versão A		Versão B	
	Uso de energia nos EUA	Desenvolvimento econômico da floresta amazônica	Desenvolvimento econômico da floresta amazônica	Uso de energia nos EUA
Assunto interno	7,7	42,4	52,4	23,4
Acordos internacionais	79,0	50,6	36,7	63,3
NR	3,1	1,7	2,6	2,8
NS	10,2	5,3	8,2	10,5
Total	100 (N=356)	100 (N=356)	100 (N=347)	100 (N=347)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

A diferença absoluta entre as duas versões “A” e “B” em relação à questão ambiental americana destaca-se, coincidentemente, em 15,7 pontos percentuais para a resposta “um assunto interno” e a resposta “tratada em acordos internacionais”. Para a questão brasileira, a diferença destaca-se em 10 pontos percentuais para a resposta “um assunto interno” e 13,9 pontos percentuais para a resposta “tratada em acordos internacionais”, como mostra a Tabela 4.

Tabela 4 - Diferença absoluta entre as versões A e B para as respostas: “Um assunto interno” e “Tratada em acordos internacionais”

PERGUNTAS	Diferença absoluta entre as versões A e B para as repostas:	
	“Um assunto interno” (%)	“Tratada em acordos internacionais” (%)
As decisões sobre o uso de energia nos EUA deveriam ser	15,7	15,7
As decisões sobre o corte de madeira e o desenvolvimento econômico da floresta tropical brasileira deveriam ser	10,0	13,9

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

A diferença percentual mostra uma grande diferença na proporção de respostas entre as versões A e B, principalmente na categoria “um assunto interno” para a questão ambiental americana ($B - A = 203,0\%$), e “tratada em acordos internacionais” para a questão brasileira ($B - A = 37,0\%$) como mostra a Tabela 5.

Tabela 5 - Diferença percentual entre as versões A e B para as respostas: “Um assunto interno” e “Tratada em acordos internacionais”

PERGUNTAS	Diferença percentual entre as versões A e B para as respostas:	
	“Um assunto interno”	“Tratada em acordos internacionais”
	(%)	(%)
As decisões sobre o uso de energia nos EUA deveriam ser	$(B \div A - 1) \times 100$ 203,0	$(A \div B - 1) \times 100$ 24,0
As decisões sobre o corte de madeira e o desenvolvimento econômico da floresta tropical brasileira deveriam ser	$(A \div B - 1) \times 100$ 23,0	$(B \div A - 1) \times 100$ 37,0

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

De uma maneira geral, podemos observar que existe uma parte significativa na população brasileira (entre 36,7% - quando é a primeira na seqüência - e 50,6% - quando é a segunda na seqüência) que já percebe a questão do desmatamento da floresta amazônica como uma questão global, coerente com o entendimento da comunidade científica e dos formadores de opinião, mas outra parte significativa divide a opinião com uma postura mais nacionalista para o encaminhamento do problema. Além disso, a questão ambiental do outro país – emissão de gases nos EUA que contribuem para o aquecimento global – é percebida, mais enfaticamente, em ambas as seqüências de perguntas, como uma questão a ser tratada em acordos internacionais (79% quando primeira pergunta na seqüência e 63,3% quando segunda pergunta na seqüência). A diferença de proporção entre os dois tipos de seqüência de perguntas torna-se também significativa para analisar os resultados da pesquisa. Diante de um contexto (seqüência) de perguntas, na qual um mesmo tipo de problema ambiental (no sentido de suas conseqüências globais) é colocado para julgamento, sendo que tal problema está localizado em outro país

(e, em especial, nos EUA) parte dos entrevistados busca uma consistência com a primeira resposta, levando em conta os “aspectos normativos” “ativados” pelo conteúdo da pergunta. Ou seja, para parte dos entrevistados - aqueles que procuro identificar como susceptíveis à seqüência de perguntas - se a regra vale para a questão ambiental americana, deveria valer também para a questão ambiental brasileira, ou vice versa: “a regra da reciprocidade”.

Na amostra do Detroit *Área Survey* (DAS), embora não tenhamos o mesmo tipo de experimento com as duas versões de seqüência de perguntas, foi aplicada a seqüência de perguntas na “versão A” – abordando primeiro a questão ambiental americana e em seguida a questão ambiental brasileira. A partir dos resultados das duas pesquisas pode-se observar uma tendência mais nacionalista em ambos os países diante da questão ambiental do outro país, mas destaca-se essa posição entre os entrevistados brasileiros. Comparando os resultados da amostra de Belo Horizonte⁸⁷ com a de DAS, temos uma distribuição das respostas na qual a maioria dos entrevistados afirma que o “uso de energia nos EUA” é “uma questão a ser tratada em acordos internacionais”. Existe uma diferença de 10,4 pontos percentuais na distribuição das respostas entre as duas pesquisas: 78,4% dos respondentes de Belo Horizonte afirmam ser “uma questão a ser tratada em acordos internacionais”, enquanto 68,0% dos respondentes de Detroit deram a mesma resposta. Comparando os resultados de Belo Horizonte e de DAS na questão sobre o “corte de madeira e desenvolvimento da floresta brasileira”, tem-se uma diferença de 30,1 pontos percentuais; 53,1% dos respondentes de Belo Horizonte afirmam ser “uma questão a ser tratada em acordos internacionais”, enquanto 83,2% dos respondentes de Detroit deram a mesma resposta (Tabelas 6).

⁸⁷ Optou-se por comparar a amostra da cidade de Belo Horizonte, excluindo o interior de Minas Gerais, para que tivéssemos uma amostra de uma área mais urbanizada que se aproxima mais das características da amostra do Detroit *Área Survey*.

Tabela 6 - As decisões sobre o uso de energia nos EUA e sobre o corte de madeira e o desenvolvimento econômico da floresta tropical brasileira – DAS e BH

Categorias de repostas	As decisões sobre o uso de energia nos EUA		As decisões sobre o corte de madeira e o desenvolvimento econômico da floresta tropical brasileira	
	DAS (%)	Belo Horizonte (%)	DAS (%)	Belo Horizonte (%)
Assunto interno	28,0	11,2	13,0	42,4
Acordos internacionais	68,0	78,4	83,2	53,1
NR	2,2	2,3	2,0	1,2
NS	1,7	8,0	1,8	3,3
Total	100,0 N = 340	100,0 N = 190	100,0 N = 340	100,0 N = 194

Fonte: DAS, 2001 / GOES Minas Gerais, 2001.

No experimento GOES-Minas Gerais/2001 a diferença na distribuição das repostas, comparando as duas seqüências de perguntas, demonstra uma tendência de efeito nas respostas na direção de uma busca de consistência em relação à primeira resposta dada. Desta maneira, quando os entrevistados responderam primeiro, na “versão A” do questionário, sobre o “uso de energia nos EUA”, onde a maior parte deles (79%) afirmou ser “uma questão a ser tratada em acordos internacionais”, a resposta para a pergunta seguinte sobre o “corte de madeira e o desenvolvimento da floresta tropical brasileira” tem maior percentual na mesma afirmação (50,3%) do que quando esta mesma pergunta é respondida em primeiro lugar (36,7%) na “versão B” do questionário.

Quando os entrevistados responderam primeiro, na “versão B” do questionário, sobre o “corte de madeira e o desenvolvimento da floresta tropical brasileira”, onde a maior parte deles (52,4%) afirmou ser “uma questão interna dos brasileiros”, a resposta para a pergunta seguinte sobre o “uso de energia nos EUA” tem maior percentual na mesma afirmação (23,4%) do que quando esta mesma pergunta é respondida em primeiro lugar (7,7%) na “versão A” do questionário.

As diferenças das proporções entre as amostras dos experimentos foram testadas⁸⁸ e se mostram significativas (95% de confiança) para os quatro modelos comparados (A e B), ou seja, $z > 1,96$ (positivo ou negativo), sendo respectivamente: 4,6; -5,76; 3,71; -2,65 (Tabela 7).

Tabela 7 - Teste de proporção entre a Versão A e Versão B do experimento sobre seqüência das perguntas – GOES Minas Gerais/2001

Valores por modelo				
Equação:	Acordos internacionais EUA	Assunto interno EUA	Acordos internacionais Brasil	Assunto interno Brasil
P_A	79,0%	7,7%	50,6%	42,4%
P_B	63,3%	23,4%	36,7%	52,4%
N_A	356	356	356	356
N_B	347	347	347	347
P	0,71	0,15	0,44	0,47
1-P	0,29	0,85	0,56	0,53
Z	4,60	-5,76	3,71	-2,65

P = proporção amostral

N = tamanho da amostra

Z – Resultado do Teste de Proporção

Os resultados do experimento com as seqüências de perguntas realizadas pelo GOES-MG/2001 vêm confirmar o entendimento que se tem na literatura sobre a metodologia de *survey* e seus aspectos cognitivos quanto à “dependência do contexto”, ou seja, a seqüência de perguntas estabelecida em um questionário de *survey*, especificamente para este tipo de efeito chamado de “consistência normativa” ou *Part-Part Consistency Effects*⁸⁹.

Esta confirmação é o primeiro passo para se compreender, a seguir, as características dos respondentes susceptíveis aos “efeitos contextuais”. Para a

⁸⁸ Descrição do Teste de proporção no Capítulo 7 (Análise de Dados), item 7.3. Metodologia

⁸⁹ Shuman, H. & Presser, S. Questions and Answers in Attitude Surveys: Experiments on question form, wording and context. 1981. Sage: San Diego, p28-56.

identificação dos respondentes susceptíveis à seqüência de perguntas é necessário levar em conta uma importante condição da entrevista como interação social, não somente para a compreensão dos resultados da pergunta do ponto de vista do seu conteúdo, mas também para os resultados enquanto um experimento sobre “efeitos contextuais” (seqüência de perguntas). Trata-se do pressuposto (segundo a lógica da conversação) da pergunta quanto ao conhecimento que os respondentes deveriam ter sobre seu conteúdo. Ou seja, pressupõe-se a compreensão do significado da pergunta tanto no aspecto do reconhecimento do problema ambiental quanto no reconhecimento das soluções apresentadas como resposta. Primeiramente, buscou-se na redação uma linguagem mais acessível à população de uma maneira geral para traduzir, por exemplo, a questão do aquecimento global. Mesmo assim, era importante permitir respostas que declarassem o desconhecimento sobre o assunto ou mesmo a ausência de uma opinião formada sobre o assunto. Para isso, foi utilizado o recurso de oferecer o “Não sei” no formato “Ou você não ouviu o bastante sobre o assunto e prefere não opinar?” para as pessoas com dificuldade de compreensão (principalmente de baixa escolaridade). Dessa maneira, buscou-se evitar o chamado “falso positivo” e a produção de opiniões superficiais ou inexistentes. A partir dessa estratégia metodológica, para tratar uma pergunta que envolve conhecimento sobre o assunto, podemos dizer que esta foi uma condição para “filtrar”, pelos menos em parte (já que “NS” não foi sistematicamente apresentado a todos), aqueles respondentes que desconheciam o assunto. Nos resultados podemos ainda observar um percentual significativo nas categorias de respostas “Não sei” e “Não respondeu”⁹⁰, principalmente quando se trata da questão ambiental americana: na “versão A”, 10,2% responderam “Não sei” para o “uso de energia nos EUA”, enquanto 3,1% responderam “Não sei” para o “desenvolvimento econômico da floresta amazônica”. Na “versão B”, 10,5% responderam “Não sei” para o “uso de energia nos EUA”, enquanto 8,2% responderam “Não sei” para o “desenvolvimento econômico da floresta amazônica” (Tabela 8).

⁹⁰ A categoria de resposta “Não respondeu” é utilizada para registrar respostas declaradas como “não quero responder”.

Tabela 8 - Uso de energia nos EUA e Desenvolvimento econômico da floresta amazônica - Respostas na categoria “Não sei” (NS) e Não respondeu” (NR)

Categorias de repostas	Versão A		Versão B	
	Uso de energia nos EUA	Desenvolvimento econômico da floresta amazônica	Desenvolvimento econômico da floresta amazônica	Uso de energia nos EUA
Assunto interno	7,7	42,4	52,4	23,4
Acordos internacionais	79,0	50,6	36,7	63,3
NR	3,1	1,7	2,6	2,8
NS	10,2	5,3	8,2	10,5
Total	100 (N=356)	100 (N=356)	100 (N=347)	100 (N=347)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

No item seguinte deste capítulo apresentarei as variáveis explicativas dos efeitos nas respostas, ou seja, a caracterização dos respondentes segundo suas disposições em relação ao objeto e sua posição da estrutura social, a partir das medidas disponíveis no questionário para, a seguir, realizar a análise dos resultados.

7.4.3. As variáveis explicativas (independentes) disponíveis/utilizadas do questionário do GOES-MG/2001

A partir das duas grandes dimensões, 1) *disposições ou atitudes em relação ao objeto abordado* e 2) *situação biográfica ou a posição na estrutura social*, foram selecionadas as variáveis independentes dentre as disponíveis no questionário⁹¹.

Na primeira dimensão, de natureza mais subjetiva e que se refere às disposições ou atitudes em relação ao objeto abordado, foram identificadas as seguintes subdimensões: o interesse do entrevistado pela questão ambiental; a atenção que o entrevistado dá às notícias ou informações sobre o meio ambiente; a importância da política partidária pró-ambiental para o voto do entrevistado; a prioridade da questão ambiental para as políticas públicas; e a disposição para adotar comportamento pró-ambiental juntamente com o apoio às políticas públicas pró-ambientais (que promovem a adoção de comportamentos pró-ambientais).

A segunda dimensão, a *situação biográfica ou a posição na estrutura social*, de natureza mais objetiva, está dividida em três subdimensões: a) o capital cultural, b) o capital social, e c) o capital econômico. O capital cultural estará representado por três indicadores que expressam diferentes aspectos de acesso ao capital cultural: a *escolaridade*; o *acesso à informação de uma maneira mais geral*, e o *conhecimento sobre o objeto abordado*. O capital social estará representado por indicadores que expressam diferentes redes de interação, as práticas socialmente reconhecidas (ações instituídas), cuja credibilidade está identificada com as chamadas ações ambientalmente corretas, e as experiências na trajetória de vida e o contexto de convivência social. Os indicadores para as redes de interação são:

91 O questionário do GOES Minas Gerais contempla a maior parte das perguntas elaboradas para o GOES internacional e inclui outras perguntas que foram elaboradas juntamente com o Detroit Area Survey (DAS-2001). As perguntas foram organizadas nas seguintes seções temáticas: Seção A: Introdução (variáveis demográficas); Seção B: Valores e Orientações políticas; Seção C: Dimensões do conceito de meio ambiente; Seção D: Qualidade do local de residência atual e na infância; Seção E: Consumo ambiental; Seção F: Justiça ambiental; Seção G: Disposição para a adoção de comportamento político pró-ambiental e apoio a políticas públicas; Seção H: Modernização ecológica; Seção I: Sócio-econômicas (além de Transporte, Religião, Raça/Cor, e Participação política) (Veja questionário, Anexo C, Volume II).

associativismo e participação política e tamanho/tipo da cidade. Os indicadores para as práticas socialmente reconhecidas são: *ação política pró-ambiental*, e o *comportamento consumidor*. E os indicadores *freqüência de passeio e atividades junto à natureza na infância* como experiência de trajetória vida, e as *condições de degradação ambiental da vizinhança* como contexto de convivência social. Por último, o capital econômico sintetizaria diversos aspectos das *condições econômicas do domicílio* como a renda, a propriedade da casa, o acesso à rede esgoto e a posse de bens de consumo. O resumo de todas as dimensões e variáveis independentes está apresentado no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Lista de variáveis explicativas disponíveis/utilizadas no questionário do GOES-MG/2001

DIMENSÕES		VARIÁVEIS INDEPENDENTES
Disposições ou atitudes em relação ao objeto		Interesse pela questão ambiental (C10)
		Atenção às notícias sobre meio ambiente (C12)
		Importância da política partidária para o voto (P2)
		Prioridade da questão ambiental nas políticas públicas (B14d)
		Disposição a apoiar políticas pró-ambientais (G4 e G7)
Situação biográfica ou Posição na estrutura social	Capital cultural	Escolaridade (S2)
		Como se informação sobre meio ambiente em geral (C11)
		Conhecimento sobre a questão ambiental (H6)
	Capital social	Associativismo e participação política (P1)
	Experiências / Práticas sociais	Ação política (G1)
		Consumidor de produtos orgânicos e ambientalmente corretos (E1 e E2)
		Consumidor de produtos recicláveis (E1 e E2)
		Consumidor que economiza energia (E1 e E2)
	Socialização	Freqüência de passeio e atividades junto à natureza (D6)
		Tamanho/Tipo de cidade (Estratos da amostragem)
	Contexto-ambiente	Condições de degradação ambiental da vizinhança (O1 e O5)
	Capital econômico	Condições econômicas do domicílio (S15, S16, S20 e S22)

Seleção de variáveis, de responsabilidade da autora deste trabalho, a partir do questionário do GOES-Minas/2001.

A seguir procuro apresentar os indicadores de cada dimensão e subdimensões desta proposta fazendo considerações teóricas e metodológicas.

7.4.3.1. Disposições ou atitudes em relação ao objeto

O *interesse do entrevistado pela questão ambiental* é uma medida atitudinal muito utilizada pelas pesquisas sobre meio ambiente, tem uma natureza mais ampla e abstrata, não envolve algum custo para se declarar interessado pela questão ambiental, mostrando-se, assim, altamente sensível à questão do socialmente desejável. Essa medida é também utilizada nas pesquisas para explicar efeitos nas respostas como um aspecto da “força da atitude”. Esta seria uma medida mais próxima daquelas construídas para o atributo “interesse” no conceito de “força da atitude”. No GOES a medida foi elaborada utilizando uma escala de 1 a 7, na qual 1 significa “nada interessado” e 7 “muito interessado”, ao se perguntar “em que medida você é pessoalmente interessado em questões ambientais” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, pergunta C10). A maior parte dos entrevistados se declarou “muito interessados” marcando o ponto 7 da escala, sendo que 81,6% dos entrevistados se colocam nos pontos mais altos (5, 6, e 7) da escala de interesse pela questão ambiental como mostra a Tabela 9⁹². O indicador de *interesse pela questão ambiental* foi construído em valores contínuos de 1 a 7 na direção dada tal como na escala de respostas.⁹³

⁹² Na pesquisa “O que o brasileiro pensa da ecologia” (Crespo e Leitão, 1993) 51% dos entrevistados mencionaram a categoria “muito interessado”.

⁹³ Em todos os indicadores construídos outros valores como, 7. NR, 9. NS e 0. Sem Informação (SI) foram excluídos da análise na categoria missing do SPSS.

Tabela 9 - Grau de interesse pelas questões ambientais

Grau de interesse pelas questões ambientais	(%)
1 (Nada interessado)	0,8
2	2,5
3	3,3
4	7,5
5	20,4
6	18,6
7 (Muito Interessado)	42,6
NR	1,4
NS	2,8
Total	100,0 (N = 708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

A *atenção que o entrevistado dá às notícias ou informações sobre o meio ambiente* é uma medida atitudinal menos ampla do que a declaração de interesse pela questão ambiental, remetendo a uma atitude específica em relação à aquisição de informação em relação ao meio ambiente. No GOES a medida foi elaborada utilizando uma escala de 1 a 10, na qual 1 significa “nenhuma atenção” e 10 “muito atenção”, ao se perguntar sobre “a atenção que você dá às notícias ou informações sobre o meio ambiente” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, pergunta C12). Assim como a declaração de “interesse pela questão ambiental”, a maior parte dos entrevistados se coloca nos pontos mais altos da escala de “atenção em relação às informações sobre a questão ambiental”, mas um pouco mais disperso, em relação ao interesse pela questão ambiental, nos 10 pontos da escala, somando-se 74,1% dos entrevistados nos pontos 7, 8, 9 e 10 (Tabela 10). O indicador de *atenção dada às notícias ou informações sobre o meio ambiente* foi construído em valores contínuos de 1 a 10 na direção dada tal como na escala de respostas.

Tabela 10 - Grau de atenção às notícias sobre meio ambiente

Grau de atenção às notícias sobre o meio ambiente	(%)
1 (Nenhuma atenção)	0,6
2	0,7
3	0,7
4	4,1
5	7,3
6	8,3
7	9,6
8	20,8
9	10,2
10 (Muita atenção)	33,5
NR	2,2
NS	2,2
Total	100,0 (N = 708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

A medida de *importância da política partidária pró-ambiental para o voto do entrevistado* busca representar um aspecto político-ideológico da importância da questão ambiental. A medida foi elaborada perguntando-se “Pensando nas próximas eleições nacionais, qual a importância que as políticas pró-ambientais (em defesa da natureza e do meio ambiente) de um partido teriam na decisão do seu voto?”; nas seguintes categorias de respostas: “absolutamente crucial”, “muito importante”, “moderadamente (mais ou menos) importante”, “pouco importante”, ou “totalmente sem importância” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, pergunta P2). A maior parte dos entrevistados “muito importante” a política partidária pró-ambiental na decisão do seu voto (Tabela 11). Por se tratar de uma variável categórica, o indicador de *importância da política partidária pró-ambiental para o voto* foi construído com valores 0 ou 1, sendo 1 para as respostas “absolutamente crucial” e “muito importante”, e 0 para “pouco importante” ou “nada importante”.

Tabela 11 - Importância da política partidária pró-ambiental para o voto

Importância da política partidária pró-ambiental para o voto	(%)
Absolutamente importante	5,8
Muito importante	56,2
Moderadamente importante	12,6
Pouco importante	9,6
Totalmente sem importância	6,6
NR	1,7
NS	7,5
Total	100,0 (N = 706)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

A *prioridade da questão ambiental para as políticas públicas* foi medida através de uma pergunta que utiliza o formato de ordenação para os problemas sociais apresentados aos quais o governo deveria dar prioridade: “Melhorar o sistema educacional do país (educação)”; “Diminuir a diferença entre ricos e pobres no Brasil”; “Adotar medidas de proteção à economia do país (economia)”; “Melhorar e proteger o meio ambiente (meio ambiente)”; “Reduzir a taxa de criminalidade (crime)”; “Resolver o problema de drogas no país (droga)”; “Melhorar o atendimento de saúde pública (saúde)”; “Proteger as fronteiras do país contra ataque de estrangeiros (proteger o Brasil)” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, pergunta B14d). Dentre os 8 problemas sociais apresentados a questão de “Melhorar e proteger o meio ambiente (meio ambiente)” foi ordenada como a “mais importante” pelos entrevistados, assim como na segunda ou terceira colocação, somando-se até a quarta posição têm-se 39,2% dos entrevistados, enquanto as posições 5 até 8 somam 59,7% dos entrevistados segundo a Tabela 12. O indicador de *prioridade da questão ambiental para as políticas públicas* foi construído em valores contínuos de 1 a 8 invertendo o sentido da ordenação; 1 “menor prioridade” e 8 “maior prioridade”.

Tabela 12 - Ordenação das Prioridades do Governo - Meio ambiente

Ordenação das Prioridades do Governo - Meio ambiente	(%)
Mais importante	4,1
Segunda mais importante	8,9
Terceira mais importante	11,0
Quarta mais importante	15,2
Quinta mais importante	18,2
Sexta mais importante	19,5
Sétima mais importante	12,6
Oitava mais importante	9,4
NR	0,9
NS	0,2
Total	100,0
	N = 677

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

A *disposição para adoção de comportamento pró-ambiental (ou crença na eficácia do comportamento pró-ambiental)* apresenta duas situações centrais para a questão ambiental relacionada ao uso de energia – a energia doméstica e o transporte. As afirmações são de natureza atitudinais e buscam a percepção (e a crença) das pessoas sobre o impacto de possíveis comportamentos que possam resultar em proteção ao meio ambiente, através da escala Likert (“Concorda totalmente”, “Tende a concordar”, “Tende a discordar”, e “Discorda totalmente”): a) “Se você tentar economizar energia já ajudará muito a proteger o meio ambiente”, e b) “Se você usar o transporte público, ao invés de usar o carro, já ajudará muito a proteger o meio ambiente” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, perguntas G4a e G4b). Ambas são medidas que não envolvem custos na adoção dos comportamentos apresentados, sendo assim uma maior parte dos entrevistados tendem concordar com as afirmações de “economizar energia ajudará a proteger o meio ambiente” e “usar o transporte público, ao invés de usar o carro, já ajudará muito a proteger o meio ambiente” conforme a Tabela 13. Para construir o indicador de *disposição para adotar comportamento pró-ambiental* a medida foi convertida em valores de 0 a 4; sendo 0 “NS” e “não concorda nem discorda”, 1 “discorda totalmente”, 2 “discorda em parte”, 3 “concorda em parte” e 4 “concorda totalmente”.

Tabela 13 - Crença na eficácia do comportamento pró-ambiental

	Se você tentar economizar energia já ajudará muito a proteger o meio ambiente (%)	Se você usar o transporte público, ao invés de usar o carro, já ajudará muito a proteger o meio ambiente (%)
Concorda totalmente	84,4	67,8
Tende a concordar	8,1	15,6
Não concorda nem discorda	0,7	6,1
Tende a discordar	0,5	3,0
Discorda totalmente	0,9	5,7
NR	0,7	1,2
NS (Nunca pensou sobre o assunto)	4,7	0,8
Total	100,0 (N=708)	100,0 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

Quanto ao *apoio às políticas públicas pró-ambientais* (que promovam a adoção de comportamentos pró-ambientais) foram elaboradas afirmações também sobre o uso de energia doméstica e transporte para indagar sobre em que medida as pessoas são favoráveis ou não (“Totalmente a favor”, “Um pouco a favor”, “Um pouco contra” ou “Totalmente contra”) a esse tipo de política pública: “Para proteger o meio ambiente, o governo deveria”: “a) ... gastar seu dinheiro em campanhas para convencer as pessoas a gastarem menos energia”; “b) ... aumentar as taxas sobre a energia para fazer com que as pessoas gastem menos energia”; e “c) ... reduzir ou racionar o consumo de energia em cada residência para diminuir o seu uso” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, perguntas G7a, G7b, G7c). São medidas que já envolvem custos em diferentes graus ou de diferentes naturezas, seja na restrição do benefício ou propriamente em dinheiro; em geral a restrição do benefício tem maior apoio do que o custo em dinheiro no uso da energia doméstica. Sendo assim, em menor proporção do que a *disposição para adoção de comportamento pró-ambiental*, a maior parte dos entrevistados são “totalmente a favor” e “um pouco a favor” de “... gastar seu dinheiro em campanhas para

convencer as pessoas a gastarem menos energia”, de “... reduzir ou racionar o consumo de energia em cada residência para diminuir o seu uso”. Quanto a “... aumentar as taxas sobre a energia para fazer com as pessoas gastem menos energia” a maior parte dos entrevistados é “totalmente contra” (Tabela 14). O indicador de *apoio às políticas públicas pró-ambientais* foi construído a partir do somatório das três perguntas utilizando os valores invertidos da escala a favor/contra, ou seja, 0 para “NS” e “não é a favor nem contra”, ”1 “totalmente contra”, 2 “um pouco contra”, 3 “um pouco a favor”, e 4 “totalmente a favor”. Finalmente, o índice de *disposição ao comportamento pró-ambiental* para o propósito deste estudo foi construído a partir da soma dos valores de *crença no comportamento pró-ambiental e o apoio as políticas públicas pró-ambientais* (que promovam a adoção de comportamentos pró-ambientais) gerando uma escala de 0 a 20.

Tabela 14 - Apoio as políticas públicas pró-ambientais

	O governo deveria gastar seu dinheiro em campanhas para convencer as pessoas a gastarem menos energia (%)	O governo deveria reduzir ou racionar o consumo de energia em cada residência para diminuir o seu uso (%)	O governo deveria aumentar as taxas sobre a energia para fazer com as pessoas gastem menos energia (%)
Totalmente a favor	47,8	30,4	10,0
Um pouco a favor	27,6	21,8	9,3
Nem a favor nem contra	5,8	8,7	9,1
Um pouco contra	6,5	12,0	10,7
Totalmente contra	5,4	23,1	59,9
NR	1,4	1,8	0,2
NS (Nunca pensou sobre o assunto)	5,4	2,4	0,7
Total	100,0 (N=708)	100,0 (N=708)	100,0 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

7.4.3.2. Capital cultural

O *capital cultural* é composto pelos seguintes “estados” conforme Bourdieu (1998): o estado institucionalizado e o estado incorporado⁹⁴. O “estado institucionalizado” é a “objetivação do capital cultural sob a forma do diploma”, “uma certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura” (BOURDIEU, 1998:73-79), instituindo uma diferenciação formal. Esse estado tem como indicador os diferentes *graus de escolaridade do entrevistado*, diferenciados pelas situações “nunca freqüentou a escola”, “grau completo” ou “grau incompleto”, como mostra a Tabela 15 (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, pergunta S2). O perfil dos entrevistados, segundo o seu grau de escolaridade, tem uma distribuição em torno de 30% para a escolaridade nunca freqüentou a escola ou completou a 4ª série, 8ª série completa ou incompleta, e segundo grau completo ou incompleto. Já o grupo de respondentes com escolaridade superior representa em torno de 8,5% (Tabela 15). O indicador de *escolaridade* foi construído em valores contínuos de 0 a 9 tal como na direção apresentada pela pergunta, 0 “nunca freqüentou a escola” e 9 “superior completo”.

⁹⁴ Bourdieu também trata do terceiro estado “objetivado”, sob a forma de bens culturais, que tem como indicador a apropriação material e simbólico de objetos como quadro, livros, instrumentos, máquinas etc. Este “estado” não pode ser representado no modelo deste estudo pela ausência deste tipo de informações.

Tabela 15 - Grau de escolaridade do entrevistado

Grau de escolaridade	(%)
Nunca freqüentou a escola	5,4
Primeiro grau, de 1ª a 4ª série incompletos	12,6
Primeiro grau, 1ª a 4ª completo	12,3
Primeiro grau, de 5ª a 8ª série incompleto	19,7
Primeiro grau, de 5ª a 8ª série completo	10,3
Segundo grau (1º ao 3º ano) incompleto	8,1
Segundo grau (1º ao 3º ano) completo	23,1
Superior (universitário) incompleto	2,7
Superior (universitário) completo	5,8
Total	100,00 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

No seu “estado incorporado” o capital cultural pressupõe um investimento pessoal de acumulação, “um trabalho de inculcação e assimilação” que demanda tempo (BOURDIEU, 1998, p.73-79). O “estado incorporado” tem como indicadores a soma dos *diversos meios de informação sobre o objeto abordado (meio ambiente)* utilizado pelo respondente e também o *conhecimento sobre questões ambientais relevantes (como Agenda 21, Desenvolvimento sustentável, e Aquecimento global)*.

O primeiro indicador de capital cultural, *meios de informação sobre meio ambiente* utilizado pelo entrevistado, trata-se de uma medida ampla que considera os mais diversos meios de informação e comunicação formais ou informais registrados em categorias múltiplas já antecipadas nas respostas do questionário como: “conversa com amigos, colegas de trabalho, vizinhos, familiares”; “na igreja ou em suas atividades religiosas”; “através de grupos comunitários ou entidades das quais você participa”; “através de cartazes, folhetos”; “televisão”; “jornais”; “rádio”; “pessoas que vão até sua casa para discutir problemas locais”; “internet”; “revistas” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, Volume II, pergunta C11). A televisão é o meio de comunicação mais amplamente utilizado pelos entrevistados, seguido pelo “jornal” (Tabela 16). O indicador de *meios de informação sobre meio ambiente* utilizados foi produzido a partir da soma (“sim”) dos diversos meios de informação

utilizados pelo respondente sobre a questão ambiental, resultando em valores contínuos de 0 a 10.

Tabela 16 - Como obtém informação ou as notícias sobre o meio ambiente

Como obtém informação ou as notícias sobre o meio ambiente	(%)
Televisão	75,2
Jornais	48,2
Rádio	28,1
Revistas	26,0
Conversa com amigos, colegas de trabalho, vizinhos, familiares	18,0
Cartazes, folhetos	7,1
Internet	2,2
Grupos comunitários ou entidades das quais participa	2,1
Na igreja ou em suas atividades religiosas	0,9
Pessoas que vão até sua casa para discutir problemas locais	0,1
Total	100,00 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

O segundo indicador, *conhecimento sobre questões ambientais relevantes*, foi produzido a partir da soma do reconhecimento de três questões ambientais (“já ouviu falar”: “Sim” ou “Não”): “agenda 21”, “desenvolvimento sustentável”, e “aquecimento global”. Trata-se de uma medida propriamente de conhecimento sobre questões específicas de meio ambiente (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, pergunta H6). O “aquecimento global” ou “efeito estufa” é a questão ambiental mais amplamente conhecida dentre as questões apresentadas, seguido pelo “desenvolvimento sustentável”, sendo que a “agenda 21” é pouquíssimo conhecido (Tabela 17). O indicador de *conhecimento sobre questões ambientais* é o resultado da soma (“sim”) dos diversos tipos de questões ambientais declarados como conhecidos pelo respondente, resultando em valores contínuos de 0 a 3.

Tabela 17 - Conhecimento sobre as questões ambientais

Conhecimento sobre as questões ambientais	(%)
Aquecimento global	63,0
Desenvolvimento sustentável	18,9
Agenda 21	6,1
Total	100,00 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

7.4.3.3. Capital Social

O *capital social* pode ser referenciado pela perspectiva de Bourdieu, como a inserção dos indivíduos em uma rede social mais ou menos institucionalizada, podendo ser a vinculação a um grupo ou algum tipo de ligação permanente e útil a um conjunto de agentes. “O volume do capital social em que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado” (BOURDIEU, 1998:67). Para esta perspectiva tem-se como principal indicador o *associativismo e a participação política* dada pelo pertencimento a diferentes tipos de organizações da sociedade civil. A medida resulta da soma de diversos tipos de participação como as de natureza mais associativa: “organizações religiosas, ou grupos de igrejas, templos, mesquitas ou sinagogas”, e “organizações esportivas ou de recreação”; e as de natureza mais ativista e politizada como “partido político”, “associação de bairro”, “sindicato, associações profissionais”, e “organizações ou grupos que tratam de problemas de poluição, saneamento, ou outros problemas no seu bairro” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, pergunta P1). Dentre os vários pertencimentos dos entrevistados o que se destaca é a participação em “organizações religiosas, ou grupos de igrejas, templos, mesquitas ou sinagogas” (Tabela 18). O indicador é o resultado da soma (“sim”) dos diversos tipos de *associativismo e participação política*

aos quais o respondente declarou pertencer, resultando em valores contínuos de 0 a 6.

Tabela 18 - Pertencimento a grupos ou organizações civis

Pertencimento a grupos ou organizações civis	(%)
Organizações religiosas	39,7
Partido político	2,9
Associação de bairro	6,5
Sindicato/associações profissionais	9,4
Organizações esportivas	9,0
Organizações que tratam de problemas de poluição e saneamento	5,2
Total	100,00 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

7.4.3.4. Experiências / Práticas sociais

Além desses aspectos, foram consideradas como capital social as práticas sociais de diferentes naturezas como as experiências vividas e acumuladas na trajetória dos indivíduos que, na perspectiva de Schutz (1970) também fazem parte da “situação biográfica” dos atores, traduzindo a posição destes na estrutura social. Essas práticas e experiências foram identificadas com os seguintes indicadores: *ação política e comportamento consumidor*.

Além da participação política, a *ação política* pode estar relacionada ao comportamento pró-ambiental. O ativismo político, de uma maneira geral, e o *comportamento consumidor pró-ambiental* são importantes dimensões do comportamento que se contrapõe às medidas de atitudes pró-ambientais em geral e são consideradas mais adequadas para medir o pró-ambientalismo. O comportamento ambientalista baseia-se em questões que envolvem custos e

conseqüências ou o *trade-offs* na adoção de ações ambientalistas. Pesquisadores como Sharon Witherspoon (1994) apontam que a disposição para fazer sacrifícios em função da proteção ambiental é menor que o interesse / preocupação com o meio ambiente, em qualquer dos indicadores considerados. De uma maneira geral, espera-se que algum nível de capital cultural esteja correlacionado com o interesse pela questão ambiental, mas não o suficiente para apoiar políticas de proteção ambiental ou adotar comportamento pró-ambiental que demanda sacrifícios (WITHERSPOON, MOLHER, 1994). Além disso, as pessoas tendem a manifestar maior interesse/preocupação ambientalista quando estão envolvidas questões mais gerais, decrescendo à medida que as questões se tornam mais específicas. O *gap* existente entre atitudes ambientalistas e o comportamento ambientalista reforça o argumento de que o comportamento seria a melhor medida de ambientalismo em relação à medida de atitude. Além disso, parte das atitudes ou comportamentos descritos como pró-ambientais não são motivadas por razões de caráter ambiental, mas por razões de outra natureza, principalmente econômicas.

Desta maneira, o indicador de *ação política* leva em conta ações políticas que “potencialmente” poderiam estar associadas ao comportamento pró-ambiental. O indicador da chamada ação política foi produzido pela soma das ações movidas para buscar soluções de problemas locais, do estado ou do país nas seguintes categorias: “você foi à prefeitura, ou procurou algum político ou outra pessoa de influência para expressar suas opiniões”, “participou de reunião para resolver algum problema”; “trabalhou para algum partido político ou candidato ou algum outro grupo ou organização preocupada com algum problema”; “contribuiu com dinheiro para algum partido político ou candidato ou algum outro grupo ou organização”; “participou de alguma manifestação ou protesto” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, pergunta G1). As ações políticas apresentadas são pouca freqüentes entre os entrevistados (Tabela 19). O indicador de *ação política* é o resultado da soma (“sim”) das ações declaradas pelo respondente e se apresenta em valores contínuos de 0 a 5.

Tabela 19 - Ações adotadas em relação a algum problema local, estadual ou nacional

Ações em relação a algum problema local, estadual ou nacional	(%)
Participou de reunião	17,2
Foi à prefeitura ou procurou algum político	13,3
Trabalhou para partido político ou organização	11,3
Contribuiu com dinheiro para partido político ou organização	3,5
Participou de alguma manifestação ou protesto	9,3
Total	100,00 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

O indicador de *comportamento consumidor pró-ambiental* foi produzido a partir de duas perguntas sobre escolhas ambientalmente corretas e hábitos de consumo de produtos ambientalmente corretos. O consumidor ambiental é definido como o indivíduo que afirma levar em consideração a preocupação para com a proteção ambiental em suas decisões de consumo. A primeira foi uma formulação do GOES internacional e a segunda foi uma replicação da pergunta elaborada pela pesquisa “O que o Brasileiro pensa da ecologia”. As duas medidas de consumidor pró-ambiental utilizam escalas de frequência similares à prática de consumo. A primeira - GOES - elaborou a escala de frequência nos seguintes termos: “Sempre”, “Quase sempre”, “de vez em quando”, e “Nunca”; segundo as seguintes práticas de consumo: “conserta as coisas quebradas ao invés de comprar novas”; “desliga as luzes para economizar energia”; “ao comprar aparelhos eletrodomésticos escolhe produtos que gastam menos energia”; “escolhe comprar alimentos que são cultivados organicamente (sem pesticidas ou químicos)”; “separa material para reciclagem”; “escolhe algum produto porque acha que é melhor para o meio ambiente do que outras marcas”; “escolhe comprar produtos feitos de material reciclado”. E a segunda pergunta – da pesquisa “O que o Brasileiro pensa da ecologia” – elaborou a escala de frequência nos seguintes termos: “Sempre”, “Com frequência”, “Raramente”, “Nunca”; segundo as seguintes práticas de consumo: “comprar produtos que venham em embalagens recicláveis”; “comprar produtos que as embalagens não são de isopor ou plástico”; “comprar ovos e carne de frango alimentado sem hormônios e ração industrializada”; “comprar lâmpadas que gastam

menos energia”; “comprar água mineral ou purificada engarrafada”; “escolher entre produtos semelhantes, um que não agrida o meio ambiente, mesmo que custe mais caro” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, perguntas E1 e E2). Em ambas as perguntas a prática como consumidor que mais se destaca estão relacionadas ao uso de energia doméstica⁹⁵ - “Desliga as luzes para economizar energia”, e a compra de aparelhos ou lâmpadas que consomem menos energia - “Ao comprar aparelhos eletrodomésticos escolhe produtos que gastam menos energia” e “Comprar lâmpadas que gastam menos energia” (Tabelas 20 e 21).

Tabela 20 - Escolhas ambientalmente corretas

Escolhas ambientalmente corretas	Sempre (%)	Quase sempre (%)	De vez em quando (%)	Nunca (%)	Não é disponível	NR	NS	Total
Conserta as coisas quebradas ao invés de comprar novas	24,8	24,2	35,1	14,5	1,3	-	-	100,0 (N=708)
Desliga as luzes para economizar energia	75,4	16,5	6,2	2,0	-	-	-	100,0 (N=708)
Ao comprar aparelhos eletrodomésticos escolhe produtos que gastam menos energia	53,9	15,0	11,4	16,1	3,0	0,4	0,1	100,0 (N=708)
Escolhe comprar alimentos que são cultivados organicamente	40,0	15,3	14,9	19,8	9,0	-	0,9	100,0 (N=707)
Separa material para reciclagem	22,6	11,9	19,6	35,3	7,4	-	3,1	100,0 (N=707)
Escolhe algum produto porque acha que é melhor para o meio ambiente do que outras marcas	33,1	19,0	24,2	19,5	3,1	0,2	1,0	100,0 (N=707)
Escolhe comprar produtos feitos de material reciclado	12,1	15,8	23,8	32,4	11,1	0,4	4,3	100,0 (N=707)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

⁹⁵ O ano da realização da pesquisa, 2001, a população mineira vivenciou uma política de controle no consumo de energia; com taxas mais altas para consumo maiores.

Tabela 21 - Hábitos de consumo

Hábito de consumo	Sempre (%)	Com muita frequência (%)	Raramente (%)	Nunca (%)	Não é disponível	NR	NS	Total
Comprar produtos que venham em embalagens recicláveis	24,8	20,1	26,4	17,8	6,0	0,4	4,5	100,0 (N=708)
Comprar produtos que as embalagens não são de isopor ou plástico	13,5	18,6	29,8	29,7	7,3	0,5	0,6	100,0 (N=708)
Comprar ovos e carne de frango alimentado sem hormônios e ração industrializada	20,7	10,3	29,1	26,8	11,6	0,1	1,4	100,0 (N=708)
Comprar lâmpadas que gastam menos energia	50,5	15,4	14,3	18,4	1,2	-	0,1	100,0 (N=708)
Comprar água mineral ou purificada engarrafada	21,7	5,9	21,7	49,8	0,9	-	-	100,0 (N=708)
Escolher entre produtos semelhantes, um que não agrida o meio ambiente, mesmo que custe mais caro	25,4	16,3	26,2	27,5	3,9	0,1	0,7	100,0 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

O indicador de *comportamento consumidor pró-ambiental* foi produzido a partir do método de *análise de componentes principais* (ou *fatorial*). Este procedimento permite criar escalas a partir da redução de dimensões de um conjunto de variáveis (o detalhamento sobre teste de adequação do índice, a geração dos componentes e a variância explicada se encontra em Apêndice A, Volume II). Três componentes mais significativos (dentre os cinco) foram utilizados caracterizando mais claramente três diferentes tipos de consumidores ambientalmente corretos: o “consumidor de produtos orgânicos e ambientalmente correto”, o “consumidor de produtos recicláveis e que separa materiais para reciclagem”, e o “consumidor que economiza energia”. Esses componentes expressam a multidimensionalidade do conceito de consumidor ambientalmente correto⁹⁶; representando diferentes tipos de consumidores segundo o maior ou

⁹⁶ Diferentes aspectos do comportamento ambientalmente correto foram analisados por Sharon Witherspoon & Jean Martin (1992) *What do we mean by green?* e Samira Crespo e Pedro Leitão (1993) através da pesquisa *O que o brasileiro pensa sobre o meio ambiente, desenvolvimento e sustentabilidade*.

menor custo da ação, (no caso, o consumidor de produtos ambientalmente correto e o consumidor de produtos recicláveis e que separa materiais para reciclagem), e aquele que economiza energia, mas não necessariamente motivado pela preservação do meio ambiental (ou para menor impacto para o meio ambiente), relacionado ao caráter pragmático/instrumental/econômico.

7.4.3.5. Socialização

Como pertencimento a algum outro tipo de meio socializador mais abrangente, e que se diferencia segundo o grau de urbanização das cidades, foi considerado o *tamanho/tipo de cidade* na qual o entrevistado mora. Esta foi uma classificação da amostra da pesquisa para o estado de Minas Gerais (Veja capítulo 5, item 5.3). A distribuição de entrevistas segundo os tipos de cidades está em torno de 30% para cidade grande (acima de 100 mil habitantes), cidade média (acima de 20 mil até 100 mil habitantes), cidade pequena (até 20 mil habitantes), e para a capital (Belo Horizonte), em torno de 15 dos entrevistados (Tabela 22). Como uma medida categórica, o indicador de *tamanho/tipo de cidade* se apresenta nos valores 0 ou 1, sendo 1 “Capital/Belo Horizonte” e “cidades acima de 100 mil habitantes”, e 0 para “cidades acima de 20 mil a 100 mil habitantes” e “cidades até 20 mil habitantes”.

Tabela 22 - Tipo/Tamanho da cidade

Tamanho da cidade	(%)
Cidade pequena (Até 20 mil habitantes)	20,6
Cidade média (Acima de 20 mil a 100 mil habitantes)	29,6
Cidade grande (Acima de 100 mil habitantes)	34,0
Capital (Belo Horizonte)	15,8
Total	100,00 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

Também como indicador de *socialização* a “frequência de passeio e atividades junto à natureza na infância” é medida na escala: “sempre”, “quase sempre”, “de vez em quando”, ou “nunca”. Este é um indicador utilizado em pesquisas europeias que expressa as experiências de proximidade junto à natureza no processo de socialização infantil (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, pergunta D6). A maior parte dos entrevistados vivenciou essa experiência (Tabela 23). Como uma medida categórica, o indicador de *experiência pró-ambiental* se apresenta nos valores 0 ou 1, sendo 1 “Sempre” e “Quase sempre”, e 0 para “De vez em quando” e “Nunca”.

Tabela 23 - Frequência de atividades junto à natureza na infância

Frequência de atividades junto à natureza na infância	(%)
Sempre	43,9
Quase sempre	17,2
De vez em quando	28,5
Nunca	10,4
Total	100,0 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

7.4.3.6. Contexto/ambiente

Por fim, as condições do ambiente no qual os indivíduos vivem imediatamente, que dizem respeito às condições de infra-estrutura urbana e os serviços urbanos que podem ser disponibilizados ou não. Considerar o contexto/ambiente onde o indivíduo se insere vem resgatar uma preocupação recente na metodologia de *survey* em responder às críticas quanto à falta de contextualização do indivíduo entrevistado. Diferentes informações podem ser consideradas como parte dos dados contextuais aos quais os indivíduos entrevistados estão inseridos. Esses dados podem ser organizados através de dados primários ou secundários. Quanto aos dados primários, estes podem ser coletados através do próprio questionário, em um nível individual; e quanto aos

dados secundários, podem ser organizados em um nível macro e agregados espacialmente⁹⁷. Para a pesquisa do GOES foi levantada, através das observações dos entrevistadores, uma série de informações sobre o ambiente em torno do domicílio do entrevistado, tratando-se tanto de aspectos positivos, como áreas verdes, parques e praças, quanto de aspectos negativos sobre a situação do ambiente urbano, como esgoto a céu aberto, lixo nas calçadas e ruas, dentre outros. Para a pesquisa de meio ambiente as condições chamadas de degradação ambiental (ou problemas ambientais) podem ser motivadoras de uma percepção e comportamento pró-ambiental. Nos estudos de Inglehart (1997), além dos valores pós-materialistas, o autor utiliza variáveis contextuais (problemas ambientais objetivos) que explicam a disposição e adoção de comportamento pró-ambientais. Mesmo que os problemas ambientais sejam vistos como uma ameaça ao bem estar

⁹⁷ Em geral, dados secundários têm como sua principal fonte o censo demográfico e a administração pública (estado e prefeitura). No Brasil, existe um amplo trabalho com base nesses dados para a elaboração em termos de indicadores e a uma síntese (um índice) abordando diversos aspectos da vida urbana como: saúde, trabalho, educação, infra-estrutura, meio ambiente, habitação, cultura, segurança urbana, ou outros serviços urbanos, etc. Para cada temática ou para cada recorte espacial, a utilização desses dados depara-se com diferentes desafios quando à abrangência dos dados, ao número de informações sobre cada temática, etc., e por fim, a adequação da informação para o propósito conceitual pretendido. A maior parte desses indicadores é produzida para comparar todos os municípios brasileiros e/ou municípios de certos estados brasileiros. Como, por exemplo, de indicadores intermunicipais: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH - M); Índice de Exclusão Social (IES) dos municípios brasileiros; Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI) dos municípios brasileiros; Índice de Desenvolvimento dos municípios do Espírito Santo (IDM/ES); Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) e Resultados (IDS-R) Ceará; Índice Social Municipal Ampliado (ISMA) do Rio Grande do Sul; Índice Geral de Qualidade de Vida Urbana (IGQVU) do Pará; Índice de Condições de Vida (ICV) dos municípios da Região Metropolitana de BH e o Índice de Qualidade Municipal (IQM) do Rio de Janeiro. Veja como referência sobre os indicadores no Brasil: "Sistemas de Indicadores Municipais no Brasil: experiências e metodologias", Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG - Brasil, 18 a 22 de setembro de 2006. A pesquisa foi realizada, sob a coordenação da consultora Prof. Dr^a. Maria Inês Pedrosa Nahas IDHS - PUC Minas, e coordenação adjunta de Maria Aparecida Machado Pereira para integrar o "Sistema Nacional de Informações das Cidades", do Ministério das Cidades/2006. Existem também informações organizadas para o município, os chamados indicadores intra-urbanos para grandes cidades brasileiras. Como exemplo de indicadores intra-urbanos veja o Índice de Qualidade de Vida Urbana de Belo Horizonte (IQVU) e o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS): NAHAS, MIP; MARTINS, VLAB; GUERRA,LP; SIMÕES, RF & ESTEVES, AO. O Índice de Qualidade de Vida Urbana de Belo Horizonte: um processo de geração de indicadores sociais. *Cadernos de Ciências Sociais*, v.5, n.8, p.88-109. 1997; NAHAS, MIP; RIBEIRO, CA; STEVES, OA; MOSCOVITCH, SK & MARTINS, VLAB. O Mapa da Exclusão Social de Belo Horizonte: metodologia de construção de um instrumento de gestão urbana. *Cadernos de Ciências Sociais*, v. 7, n. 10, p.75-88. 2000. NAHAS, M.I.P. *Bases teóricas, metodologia de elaboração e aplicabilidade de indicadores intra-urbanos na gestão municipal da qualidade de vida urbana em grandes cidades: o caso de Belo Horizonte*. Tese de Doutorado. Programa de Ecologia e Recursos Naturais. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar / Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. 373 p. 2002; PBH - PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE - *O Índice de Qualidade de Vida Urbana. Belo Horizonte*, Assessoria de Comunicação Social da PBH., 1996. 31 p.; PBH - PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE - Mapa da Exclusão Social de Belo Horizonte. *Planejar BH*, v.2, n.8. Secretaria Municipal de Planejamento/PBH. Ago/2000.

do indivíduo, envolvendo questões ligadas aos aspectos materiais da sobrevivência, e não necessariamente uma ameaça ao meio ambiente ou à qualidade de vida como diria Riley Dunlap (1993). As categorias utilizadas são informações registradas a partir das observações dos entrevistadores sobre as proximidades das residências dos entrevistados como “estruturas comerciais ou industriais”; “prédios abandonados”; “lotes vagos”; “lixo nas calçadas ou ruas”; “mau cheiro ou outros odores”; “pichação”; “esgoto a céu aberto”; “fábricas”; “casas amontoadas” (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, perguntas O1 e O5). Das situações listadas, as mais recorrentes foram: “estruturas comerciais ou industriais” e “lotes vagos” (Tabela 24). O indicador de *degradação ambiental* foi produzido a partir da *análise de componentes principais* das diversas situações de infra-estrutura e ausência de serviços urbanos gerando um componente principal significativo (Apêndice B, Volume II).

Tabela 24 - Situações de degradação ambiental nas proximidades do domicílio

Situações de degradação ambiental nas proximidades do domicílio	(%)
Estruturas comerciais ou industriais	70,5
Prédios abandonados	13,8
Lotes vagos	60,4
Lixo nas calçadas e nas ruas	23,8
Mau cheiro ou outros odores	14,9
Pichação	18,0
Esgoto a céu aberto	10,8
Fábricas	15,9
Casas amontoadas	35,4

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

7.4.3.7. Capital econômico

O capital econômico resume os diversos aspectos propriamente econômicos como a *renda familiar*, a *propriedade ou não do domicílio* e a *existência de rede de*

esgoto, além dos *bens de consumo disponíveis no domicílio*, como “carro”; “máquina de lavar roupas/tanquinho”; “máquina de lavar louças”; “geladeira”; “televisão”, “computador”; “vídeo-cassete”; “telefone fixo”; “telefone celular”; “banheiro”. Para os itens “carro”, “televisão” e “banheiro” foi levada em conta também a quantidade (Veja no questionário em Anexo C, Volume II, Volume II, perguntas S15, S16, S20 e S22). Para efeito de uma exposição descritiva do perfil do domicílio, a seguir, faço resumidamente uma apresentação das variáveis utilizadas no índice. O perfil para a maior parte dos entrevistados através das condições econômicas do domicílio é: renda familiar de até 5 salários mínimos, são proprietários, tem rede de esgoto e apenas um banheiro. Os bens de posse mais comum entre os entrevistados são: televisão, e máquina de lavar roupa ou tanquinho (Tabelas 25, 26, 27, 28, e 29). O indicador de *condições econômicas* foi produzido a partir da *análise de componentes principais* desse diversos aspectos da situação econômica do domicílio gerando um componente principal significativo (Detalhamento no Apêndice C, Volume II).

Tabela 25 - Renda familiar

Renda familiar	(%)
Até um salário mínimo	11,9
Mais de um a três salários mínimos	37,5
Mais de três a cinco salários mínimos	23,3
Mais de cinco a dez salários mínimos	13,5
Mais de dez a vinte salários mínimos	9,0
Acima de vinte salários mínimos	2,8
NR	0,6
NS	1,5
Total	100,0
	N= 706

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

Tabela 26 - Propriedade da moradia

Propriedade da moradia	(%)
Possui casa própria	78,9
Aluguel	15,4
Outras situações	5,7
Total	100,0
	N= 708

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

Tabela 27 - Sistema de esgoto

Sistema de esgoto	(%)
Rede de esgoto	88,2
Fossa séptica	8,5
Não tem	3,3
Total	100,0
	N= 708

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

Tabela 28 - Número de bens

Bens	Nenhum	1	2	3	4	5 ou mais	Total
Banheiro	1,3	69,0	19,2	8,5	1,4	0,6	100,0 (N=708)
Carro	55,3	32,3	7,9	4,2	0,1	0,3	100,0 (N=708)
Televisão	2,9	49,1	31,4	12,9	3,3	0,5	100,0 (N=708)

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

Tabela 29 - Posse de bens

Posse de bens	(%)
Máquina de lavar roupa/tanquinho	80,4
Máquina de lavar louça	5,7
Geladeira	94,0
Computador	19,2
Vídeo cassete	48,3
Telefone fixo	71,1
Telefone celular	42,0

Fonte: GOES Minas Gerais / 2001.

7.4.4. Análise dos resultados: Efeito contextual - sequência das perguntas – e as condições sociais dos respondentes susceptíveis aos efeitos nas respostas

Seguida à apresentação dos indicadores de cada aspecto das duas dimensões propostas - *as disposições ou atitudes em relação à questão ambiental e a situação biográfica e posição na estrutura social* - passo agora à apresentação do modelo de análise utilizado para verificar o poder explicativo de cada um delas sobre o tipo de resposta identificada com os chamados *efeitos nas respostas*.

Os respondentes susceptíveis à seqüência de perguntas são aqueles que utilizam da “regra da reciprocidade” - que buscaram uma “consistência normativa” - com a primeira resposta; ou seja, aqueles que nas duas perguntas em seqüência respondem uma mesma categoria de resposta - “assunto interno”/“acordos internacionais”. No entanto, este tipo de resposta “consistente” (respostas com o mesmo tipo de categoria) pode realmente corresponder a um tipo de opinião.

A partir da lógica do experimento, para diferenciar os respondentes susceptíveis à seqüência de perguntas, comparamos a mesma pergunta e a mesma categoria de resposta da versão A com a versão B. Ou seja, diante de condições iguais - perguntas e respostas, amostras iguais - a diferença nos resultados expressa o efeito da seqüência a qual foram feitas as perguntas.

Seguindo o modelo de análise de Schuman e Presser (1981) a análise dos dados compara as mesmas categorias de respostas para ambas as perguntas e nas duas seqüências (versões A e B). Os autores analisaram apenas uma direção das repostas - “sim” para repórteres comunistas e americanos. Neste estudo, foram geradas variáveis únicas para a categoria de resposta “acordos internacionais” ou “assunto interno” para cada pergunta nas duas versões, ou seja, serão apresentados os resultados nas duas direções de respostas.

As variáveis dependentes referem-se às chances de uma pessoa responder *acordos internacionais* ou *assunto interno* para as duas perguntas em relação a outros tipos de respostas. Cada pergunta, com cada tipo possível de resposta das diferentes seqüências do experimento será um modelo. Isso resulta na produção de oito modelos de regressão logística binária⁹⁸ comparando os pares de perguntas, nas diferentes seqüências (versões): o “uso de energia nos EUA” (“acordos internacionais” e “assunto interno”) e o “uso da floresta amazônica Brasil” (“acordos internacionais” e “assunto interno”). Os modelos comparativos A e B são os seguintes:

1. EUA - “acordos internacionais” – versão A

X

EUA – “acordos internacionais” – versão B

2. EUA - “assunto interno” – versão A

X

EUA – “assunto interno” – versão B

⁹⁸ Descrição do modelo de análise no Capítulo 7 (Análise de Dados), item 7.3. Metodologia.

3. Brasil – “acordos internacionais” – versão A

X

Brasil – “acordos internacionais” – versão B

4. Brasil – “assunto interno” – versão A

X

Brasil – “assunto interno” – versão B

A estrutura da variável dependente para cada modelo de regressão é a seguinte: 1 para a categoria “acordos internacionais” ou “assunto interno” para cada pergunta, e 0 para outros tipos de respostas.

A variável independente é assim a seqüência das perguntas (versão A e B) e, como fatores (características dos respondentes) explicativos dos efeitos nas respostas, as variáveis das dimensões: *disposições ou atitudes em relação à questão ambiental*, e *a situação biográfica ou posição na estrutura social*.

A equação dos modelos tem a seguinte expressão: $\ln [P(y=1)/1-P(y=1)] = \beta_0 + \beta_1$ (Interesse pela questão ambiental) + β_2 (Atenção às notícias sobre a questão ambiental) + β_3 (prioridade da proteção ambiental) + β_4 (disposição pró-ambiental) + β_5 (política partidária pró-ambiental) + β_6 (Escolaridade) + β_7 (Meios de informação sobre meio ambiente) + β_8 (Conhecimento sobre meio ambiente) + β_9 (Cidade) + β_{10} (Degradação ambiental) + β_{11} (Frequência de passeios pela natureza) + β_{12} (Consumo de produtos orgânicos) + β_{13} (Reciclagem) + β_{14} (Economiza energia) + β_{15} (Associativismo e participação política) + β_{16} (Comportamento político) + β_{17} (Condições econômicas do domicílio) + ϵ .

Os resultados das tabelas apresentam a significância para cada variável explicativa e a seu poder explicativo (ou incremento = Exponencial de Beta transformado em percentual; a razão de chance multiplicada por 100: $[\text{Exp}(B) - 1] \times 100$), em relação à chance de responder “acordos internacionais” ou “assunto interno” em cada pergunta nas versões A e B.

O ajuste dos modelos é dado pela comparação do qui-quadrado (χ^2) com o qui-quadrado crítico, obtido pela tabela de distribuição do qui-quadrado. Os modelos apresentam 17 graus de liberdade, assim, levando-se em conta um nível de significância de 95% ($p < 0,05$), o qui-quadrado crítico é de 27,587. Os modelos apresentam qui-quadrado superior a este, indicando que estão bem ajustados.

Quanto aos fatores explicativos (características sociais) relacionadas aos efeitos da seqüência nas perguntas - *disposições ou atitudes em relação à questão ambiental*, e *a situação biográfica ou posição na estrutura social* – serão apresentados os coeficientes para cada fator em cada modelo, e comparativamente para A e B, **destacando os fatores (características sociais) significativos estatisticamente, ou seja, aqueles os quais pode-se inferir sobre os seus resultados.**

7.4.4.1. “Uso de energia nos EUA” para versão A e B

No Modelo “Uso de energia nos EUA - Acordos internacionais - Versão A: EUA-Brasil”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances para responder “acordos internacionais” do que outros tipos de respostas são **maiores (positivas)** em (Tabela 30):

- 164,0% para os *consumidores de produtos recicláveis*;
- 138,0% para cada ponto na escala de *conhecimento sobre meio ambiente*;
- 130,0% para cada ponto na escala de *ação política*;
- 54,2% para cada ponto na escala de *meios utilizados para informação sobre meio ambiente*.

e **menores (negativas)** em:

- 50,2% para cada ponto na escala de *associativismo*;

- 21,3% para cada ponto na escala de *atenção às notícias sobre meio ambiente*.

Tabela 30 - Modelo “Uso de energia EUA - Acordos internacionais - Versão A: EUA-Brasil”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento*** (%)
Atitudinais	Interesse pela questão ambiental	-0,197	0,236	0,821	17,9%
	Atenção às notícias sobre meio ambiente	-0,240	0,053	0,787	21,3%
	Prioridade da questão ambiental	-0,022	0,849	0,978	2,2%
	Disposição pró-ambiental	-0,057	0,392	0,944	5,6%
	Política partidária pró-ambiental	0,661	0,146	1,936	93,6%
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	0,213	0,117	1,238	23,8%
	Meios de informação meio ambiente	0,433	0,015	1,542	54,2%
	Conhecimento sobre meio ambiente	0,868	0,015	2,381	138,1%
Capital social	Associativismo e participação política	-0,697	0,025	0,498	50,2%
Experiências/ Práticas sociais	Comportamento político	0,834	0,016	2,303	130,3%
	Consumidor produtos orgânicos	0,050	0,817	1,052	5,2%
	Consumidor de produtos recicláveis	0,980	0,000	2,644	164,4%
Socialização	Consumidor que economiza energia	0,224	0,298	1,251	25,1%
	Passeios junto à natureza	0,439	0,328	1,552	55,2%
Contexto-ambiente	Tamanho da Cidade	0,387	0,425	1,473	47,3%
	Índice de degradação ambiental	0,111	0,603	1,118	11,8%
Capital econômico	Índice de condições do domicílio	0,005	0,681	1,006	0,6%
	Constant	3,138	0,043	23,064	2206,4%
				χ^2	83,769
				Pseudo R2 - Cox & Snell	0,239
				Pseudo R2 - Nagelkerke	0,405
				N	306

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001.

No Modelo “Uso de energia nos EUA - Acordos internacionais - Versão B: EUA-Brasil”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances para responder “acordos internacionais” do que outros tipos de respostas são **maiores (positivas)** em (Tabela 31):

- 144,4% para aqueles que praticaram *passeios junto à natureza*;
- 57,1% para cada ponto no grau de *escolaridade*;
- 38,7% para cada ponto na escala de *meios utilizados para informação sobre meio ambiente*;

e **menores (negativas)** em:

- 37,7% para os *consumidores que economizam energia*;
- 2,9% para cada ponto no índice de *condições do domicílio*.

Tabela 31 - Modelo “Uso de energia EUA - Acordos internacionais - Versão B: Brasil-EUA”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento***
					(%)
Atitudinais	Interesse pela questão ambiental	-0,076	0,624	0,927	7,3
	Atenção às notícias sobre meio ambiente	0,173	0,111	1,189	18,9
	Prioridade da questão ambiental	0,078	0,396	1,082	8,2
	Disposição pró-ambiental	0,051	0,341	1,053	5,3
	Política partidária pró-ambiental	0,508	0,156	1,662	66,2
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	0,452	0,000	1,571	57,1
	Meios de informação meio ambiente	0,327	0,035	1,387	38,7
	Conhecimento sobre meio ambiente	0,166	0,561	1,181	18,1
Capital social	Associativismo e participação política	0,133	0,588	1,142	14,2
Experiências/práticas sociais	Comportamento político	0,130	0,575	1,139	13,9
	Consumidor produtos orgânicos	-0,250	0,193	0,779	22,1
	Consumidor de produtos recicláveis	0,333	0,066	1,396	39,6
	Consumidor que economiza energia	-0,473	0,011	0,623	37,7
Socialização	Passeios junto à natureza	0,893	0,013	2,444	144,4
	Tamanho da Cidade	0,413	0,233	1,511	51,1
Contexto - ambiente	Índice de degradação ambiental	0,141	0,440	1,152	15,2
Capital econômico	Índice de condições do domicílio	-0,029	0,017	0,971	2,9
	Constante	-5,049	0,000	0,006	99,4
	χ^2			89,042	
	Pseudo R2 - Cox & Snell			0,264	
	Pseudo R2 - Nagelkerke			0,374	
	N			306	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001

No Modelo “Uso de energia nos EUA – assunto interno - Versão A: EUA-Brasil”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances para

responder “assunto interno” do que outros tipos de respostas são **menores (negativas)** em (Tabela 32):

- 42,1% para os *consumidores que economizam energia*.

Tabela 32 - Modelo “Uso de energia EUA – Assunto interno - Versão A: EUA-Brasil”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento*** (%)
Atitudinais	Interesse pela questão ambiental	0,306	0,134	1,357	35,7
	Atenção às notícias sobre meio ambiente	0,158	0,299	1,171	17,1
	Prioridade da questão ambiental	-0,112	0,471	0,894	10,6
	Disposição pró-ambiental	-0,048	0,566	0,953	4,7
	Política partidária pró-ambiental	-0,229	0,678	0,795	20,5
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	-0,214	0,244	0,807	19,3
	Meios de informação meio ambiente	0,337	0,154	1,400	40,0
	Conhecimento sobre meio ambiente	-0,920	0,069	0,399	60,1
Capital social	Associativismo e participação política	0,598	0,102	1,818	81,8
Experiências/práticas sociais	Comportamento político	-0,400	0,267	0,670	33,0
	Consumidor produtos orgânicos	-0,268	0,316	0,765	23,5
	Consumidor de produtos recicláveis	-0,559	0,078	0,571	42,9
	Consumidor que economiza energia	-0,547	0,050	0,579	42,1
Socialização	Passeios junto à natureza	-0,756	0,181	0,469	53,1
	Tamanho da Cidade	0,182	0,761	1,200	20,0
Contexto - ambiente	Índice de degradação ambiental	-0,105	0,719	0,900	10,0
Capital econômico	Índice de condições do domicílio	-0,023	0,220	0,977	2,3
	Constante	-3,997	0,058	0,018	98,2
	χ^2			41,063	
	Pseudo R2 - Cox & Snell			0,125	
	Pseudo R2 - Nagelkerke			0,305	
	N			306	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001

No Modelo “Uso de energia nos EUA – assunto interno - Versão B: Brasil-EUA”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances para responder “assunto interno” do que outros tipos de respostas são **maiores (positivas)** em (Tabela 33):

- 95,0% para os *consumidores de produtos orgânicos ou ambientalmente corretos*;
- 57,3% para os *consumidores que economizam energia*;
- 2,5% para cada ponto no índice de *condições do domicílio*;

e **menores (negativas)** em:

- 68,7% para aqueles que praticaram *passeios junto à natureza*;
- 25,5% para cada ponto na escala de *atenção às notícias sobre meio ambiente*;
- 24,8% para cada ponto no grau de *escolaridade* do entrevistado.

Tabela 33 - Modelo “Uso de energia EUA – Assunto interno - Versão B: Brasil-EUA”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento*** (%)
Atitudinais	Interesse pela questão ambiental	0,243	0,142	1,275	27,5
	Atenção às notícias sobre meio ambiente	-0,294	0,012	0,745	25,5
	Prioridade da questão ambiental	-0,097	0,310	0,907	9,3
	Disposição pró-ambiental	-0,028	0,603	0,973	2,7
Capital cultural	Política partidária pró-ambiental	-0,226	0,530	0,798	20,2
	Escolaridade do entrevistado	-0,285	0,005	0,752	24,8
	Meios de informação meio ambiente	-0,234	0,143	0,791	20,9
Capital social	Conhecimento sobre meio ambiente	-0,092	0,759	0,912	8,8
	Associativismo e participação política	-0,290	0,264	0,748	25,2
Experiências/práticas sociais	Comportamento político	0,194	0,402	1,215	21,5
	Consumidor produtos orgânicos	0,668	0,002	1,950	95,0
	Consumidor de produtos recicláveis	-0,263	0,166	0,769	23,1
	Consumidor que economiza energia	0,453	0,016	1,573	57,3
Socialização	Passeios junto à natureza	-1,160	0,002	0,313	68,7
	Tamanho da Cidade	-0,137	0,695	0,872	12,8
Contexto - ambiente	Índice de degradação ambiental	-0,045	0,809	0,956	4,4
Capital econômico	Índice de condições do domicílio	0,024	0,054	1,025	2,5
	Constante	3,171	0,012	23,832	2283,2
	χ^2			63,842	
	Pseudo R2 - Cox & Snell			0,197	
	Pseudo R2 - Nagelkerke			0,293	
	N			306	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001

Podemos identificar que o conjunto de características sociais (significativas) relacionadas à “Versão A - uso de energia nos EUA – Acordos internacionais” tendem a se *distinguirem* do conjunto de características explicativas relacionadas à “Versão B - uso de energia nos EUA – Acordos internacionais”. Da mesma maneira, as características sociais (significativas) relacionados à “Versão A - uso de energia nos EUA – Assunto interno” tendem a se *distinguirem* do conjunto características explicativas relacionadas à “Versão B - uso de energia nos EUA – Assunto interno” (Quadro 3). É justamente as diferenças dos resultados entre a “Versão A” e “Versão B”, para a questão ambiental americana, que, provavelmente, podem estar associados aos efeitos das seqüências de perguntas; ou seja, a mesma categoria de resposta está relacionada a diferentes características sociais (significativas) em decorrência da seqüência de perguntas específica.

Quadro 3 – Resumo: Variáveis explicativas dos efeitos nas respostas – seqüência de perguntas – e os resultados significativos, e seus incrementos em percentual, para “Uso de energia nos EUA - acordos internacionais e assunto interno” - versão A e B.

Dimensões	Características explicativas		Uso de energia nos EUA: Acordos internacionais		Uso de energia nos EUA: Assunto interno		
			Versão A EUA-Brasil	Versão B Brasil-EUA	Versão A EUA-Brasil	Versão B Brasil-EUA	
Disposições ou atitudes em relação ao objeto	Interesse pela questão ambiental		-	-	-	-	
	Atenção às notícias sobre meio ambiente		-21,3%	-	-	-25,5%	
	Prioridade da questão ambiental nas políticas públicas		-	-	-	-	
	Disposição a apoiar políticas pró-ambientais		-	-	-	-	
	Importância da política partidária para o voto		-	-	-	-	
Situação biográfica ou Posição na estrutura social	Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	-	+57,1%	-	-24,8%	
		Meios de informação sobre meio ambiente	+54,2%	+38,7%	-	-	
		Conhecimento sobre a questão ambiental	+138,1%	-	-	-	
	Capital social	Associativismo e Participação política	-50,2%	-	-	-	
	Experiências/ Práticas sociais	Ação política	+130,3%	-	-	-	
		Consumidor de produtos orgânicos	-	-	-	+95,0%	
		Consumidor de produtos recicláveis	+164,4%	-	-	-	
		Consumidor que economiza energia	-	-37,7%	-42,1%	+57,3%	
	Socialização	Passeio e atividades junto à natureza	-	+144,4%	-	-68,7%	
		Tipo/Tamanho da cidade	-	-	-	-	
	Contexto-ambiente	Contexto de degradação ambiental da vizinhança		-	-	-	-
	Capital econômico	Condições econômicas do domicílio		-	-2,9%	-	+2,5%

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001

Além disso, podemos distinguir os significados das categorias de respostas “Acordos internacionais” e “Assunto interno” – Uso de energia nos EUA -pelas diferentes relações com as características sociais que se mostraram significativas. Embora as características sociais significativas sejam coincidentes, a relação com cada categoria de resposta - “Acordos internacionais” e “Assunto interno” - se dá em direção contrária.

As características sociais (significativas) coincidentes para “acordos internacionais” na Versão B - “uso de energia nos EUA” - e para “assunto interno” na Versão B - “uso de energia nos EUA” tendem a estar relacionados com:

- *aqueles que praticaram passeios junto à natureza,*
- *o grau de escolaridade do entrevistado,*
- *os consumidores que economizam energia, e*
- *o índice das condições do domicílio.*

A direção da significância pode estar relacionada com os conteúdos das respostas. Para a “Versão B – Uso de energia nos EUA - Acordos internacionais” a relação (a chance de responder “acordos internacionais”) é:

- *positiva para aqueles que praticaram passeios junto à natureza,*
- *positiva para o grau de escolaridade do entrevistado,*
- *negativa para os consumidores que economizam energia, e*
- *negativa para o índice das condições do domicílio;*

Para a “Versão B – Uso de energia nos EUA – Assunto interno” a relação (a chance de responder “assunto interno”) é:

- *negativa para aqueles que praticaram passeios junto à natureza,*
- *negativa para o grau de escolaridade do entrevistado,*
- *positiva para os consumidores que economizam energia, e*
- *positiva para o índice das condições do domicílio.*

Ou seja, a natureza da resposta “Acordos internacionais” (quanto ao “Uso da Energia nos EUA”), uma atitude mais ambientalmente correta (ambientalista/internacionalista), tende estar inversamente relacionada com a

natureza da resposta “Assunto interno” (quanto ao “Uso da Energia nos EUA”), uma atitude mais nacionalista.

7.4.4.2. Uso da floresta amazônica/Brasil para as versões A e B

No Modelo “Uso da floresta amazônica/Brasil - Acordos internacionais - Versão A: EUA-Brasil”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances para responder “acordos internacionais” do que outros tipos de respostas são **maiores (positivas)** em (Tabela 34):

- 113,8 % para os *consumidores de produtos recicláveis*;
- 54,7% para cada ponto na escala de *conhecimento sobre meio ambiente*;
- 39,6% para cada ponto no grau de *escolaridade*;
- 20,2% para cada ponto na escala de *atenção às notícias sobre meio ambiente*;

e **menores (negativas)** em:

- 56,2% para aqueles que *moram em cidades maiores*;
- 52,0% para aqueles que consideram a *política partidária pró-ambiental importante para o voto*.

Tabela 34 - Modelo “Floresta amazônica – Acordos internacionais - Versão A: EUA-Brasil”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento*** (%)
Atitudinais	Interesse pela questão ambiental	-0,160	0,229	0,852	14,8
	Atenção às notícias sobre meio ambiente	0,184	0,040	1,202	20,2
	Prioridade da questão ambiental	-0,009	0,909	0,991	0,9
	Disposição pró-ambiental	-0,035	0,478	0,966	3,4
	Política partidária pró-ambiental	-0,734	0,034	0,480	52,0
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	0,333	0,000	1,396	39,6
	Meios de informação meio ambiente	-0,195	0,094	0,823	17,7
	Conhecimento sobre meio ambiente	0,436	0,047	1,547	54,7
Capital social		0,217	0,274	1,242	24,2
	Associativismo e participação política				
Experiências/p ráticas sociais	Comportamento político				
		-0,201	0,288	0,818	18,2
	Consumidor produtos orgânicos				
		0,261	0,102	1,298	29,8
	Consumidor de produtos recicláveis	0,760	0,000	2,138	113,8
	Consumidor que economiza energia	-0,109	0,462	0,897	10,3
Socialização	Passeios junto à natureza	0,356	0,242	1,427	42,7
	Tamanho da Cidade	-0,825	0,013	0,438	56,2
Contexto - ambiente	Índice de degradação ambiental	0,144	0,325	1,155	15,5
Capital econômico	Índice de condições do domicílio	-0,003	0,737	0,997	0,3
	Constante	-0,546	0,606	0,579	42,1
	χ^2			80,758	
	Pseudo R2 - Cox & Snell			0,254	
	Pseudo R2 - Nagelkerke			0,339	
	N			306	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001

No Modelo “Uso da floresta amazônica/Brasil - Acordos internacionais - Versão B: Brasil-EUA”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances para responder “acordos internacionais” do que outros tipos de respostas são **maiores (positivas)** em (Tabela 35):

- 145,5% para aqueles que consideram a *política partidária pró-ambiental importante para o voto*;
- 95,5% para aqueles que moram em *idades maiores*;
- 82,8% para cada ponto na escala de *conhecimento sobre meio ambiente*;
- 44,5% para cada ponto na escala de *ação política*;

e **menores (negativas)** em:

- 24,2% para cada ponto na escala de *meios utilizados para informação sobre meio ambiente*;
- 13,7% para cada ponto no grau de *prioridade da questão ambiental para as políticas públicas*.

Tabela 35 - Modelo “Floresta amazônica – Acordos internacionais - Versão B: Brasil-EUA”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento*** (%)
Atitudinais	Interesse pela questão ambiental	-0,127	0,343	0,880	12,0
	Atenção às notícias sobre meio ambiente	0,134	0,159	1,143	14,3
	Prioridade da questão ambiental	-0,148	0,056	0,863	13,7
	Disposição pró-ambiental	-0,078	0,087	0,925	7,5
	Política partidária pró-ambiental	0,898	0,005	2,455	145,5
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	0,003	0,969	1,003	0,3
	Meios de informação meio ambiente	-0,277	0,028	0,758	24,2
	Conhecimento sobre meio ambiente	0,603	0,016	1,828	82,8
Capital social	Associativismo e participação política	-0,171	0,396	0,842	15,8
Experiências/práticas sociais	Comportamento político	0,368	0,048	1,445	44,5
	Consumidor produtos orgânicos	0,087	0,596	1,091	9,1
	Consumidor de produtos recicláveis	-0,108	0,474	0,898	10,2
	Consumidor que economiza energia	-0,246	0,112	0,782	21,8
Socialização	Passeios junto à natureza	0,325	0,303	1,383	38,3
	Tamanho da Cidade	0,670	0,022	1,955	95,5
Contexto - ambiente	Índice de degradação ambiental	-0,139	0,384	0,870	13,0
Capital econômico	Índice de condições do domicílio	-0,013	0,202	0,987	1,3
Constante		-0,304	0,781	0,738	26,2
χ ²				48,188	
Pseudo R ² - Cox & Snell				0,153	
Pseudo R ² - Nagelkerke				0,206	
N				306	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001

No Modelo “Uso da floresta amazônica/Brasil – Assunto interno- Versão A: EUA-Brasil”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances para responder “assunto interno” do que outros tipos de respostas são **maiores (positivas)** em (Tabela 36):

- 170,4 % para aqueles que moram em *idades maiores*;
- 143,0% para aqueles que consideram a *política partidária pró-ambiental importante para o voto*;
- 26,0% para cada ponto na escala de *meios utilizados para informação sobre meio ambiente*;

e **menores (negativas)** em:

- 54,4% para os *consumidores de produtos recicláveis*;
- 34,7% para cada ponto no grau de *escolaridade*;
- 34,3% para cada ponto na escala de *associativismo*;
- 19,9% cada ponto na escala de *atenção às notícias sobre meio ambiente*.

Tabela 36 - Modelo “Floresta amazônica – Assunto interno - Versão B: Brasil-EUA”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento**** (%)
Atitudinais	Interesse pela questão ambiental	0,044	0,744	1,045	4,5
	Atenção às notícias sobre meio ambiente	-0,222	0,016	0,801	19,9
	Prioridade da questão ambiental	-0,042	0,607	0,959	4,1
	Disposição pró-ambiental	0,074	0,150	1,077	7,7
	Política partidária pró-ambiental	0,888	0,013	2,430	143,0
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	-0,426	0,000	0,653	34,7
	Meios de informação meio ambiente	0,231	0,054	1,260	26,0
	Conhecimento sobre meio ambiente	-0,265	0,235	0,767	23,3
Capital social	Associativismo e participação política	-0,420	0,047	0,657	34,3
Experiências/práticas sociais	Comportamento político	0,341	0,077	1,407	40,7
	Consumidor produtos orgânicos	-0,158	0,338	0,854	14,6
	Consumidor de produtos recicláveis	-0,785	0,000	0,456	54,4
	Consumidor que economiza energia	0,194	0,207	1,214	21,4
Socialização	Passeios junto à natureza	-0,362	0,249	0,696	30,4
	Tamanho da Cidade	0,995	0,003	2,704	170,4
Contexto - ambiente	Índice de degradação ambiental	-0,163	0,280	0,849	15,1
Capital econômico	Índice de condições do domicílio	0,008	0,395	1,008	0,8
Constante		1,082	0,320	2,949	194,9
χ ²				101,6	
Pseudo R ² - Cox & Snell				0,282	
Pseudo R ² - Nagelkerke				0,377	
N				306	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001

No Modelo “Uso da floresta amazônica/Brasil – Assunto interno - Versão B: Brasil-EUA”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances para responder “assunto interno” do que outros tipos de respostas são **maiores (positivas)** em (Tabela 37):

- 41,2% para cada ponto na escala de *meios utilizados para informação sobre meio ambiente*;

e **menores (negativas)** em:

- 46,5% para aqueles que consideram a *política partidária pró-ambiental importante para o voto*;
- 41,6% para cada ponto na escala de *conhecimento sobre meio ambiente*.

Tabela 37 - Modelo “Floresta amazônica – Assuntos internos - Versão B: Brasil-EUA”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento*** (%)
Atitudinais	Interesse pela questão ambiental	0,168	0,210	1,183	18,4
	Atenção às notícias sobre meio ambiente	-0,156	0,100	0,855	14,5
	Prioridade da questão ambiental	0,105	0,162	1,111	11,2
	Disposição pró-ambiental	0,060	0,170	1,062	6,2
	Política partidária pró-ambiental	-0,624	0,045	0,535	46,5
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	0,095	0,267	1,099	10,0
	Meios de informação meio ambiente	0,345	0,006	1,412	41,2
	Conhecimento sobre meio ambiente	-0,538	0,029	0,583	41,6
Capital social	Associativismo e participação política	0,102	0,603	1,108	10,8
Experiências/práticas sociais	Comportamento político	-0,224	0,216	0,798	20,1
	Consumidor produtos orgânicos	-0,003	0,983	0,996	0,3
	Consumidor de produtos recicláveis	0,234	0,118	1,263	26,4
	Consumidor que economiza energia	0,198	0,187	1,219	21,9
Socialização	Passeios junto à natureza	-0,342	0,269	0,710	29,0
	Tamanho da Cidade	-0,525	0,064	0,591	40,9
Contexto - ambiente	Índice de degradação ambiental	0,227	0,149	1,255	25,5
Capital econômico	Índice de condições do domicílio	0,006	0,513	1,006	0,7
	Constante	-0,480	0,652	0,618	38,2
	χ^2			44,386	
	Pseudo R2 - Cox & Snell			0,142	
	Pseudo R2 - Nagelkerke			0,19	
	N			306	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001

Da mesma maneira, podemos identificar que o conjunto de características sociais (significativas) relacionadas à “Versão A - Uso da floresta amazônica – Acordos internacionais” tendem a se *distinguirem* do conjunto de características sociais relacionadas à “Versão B - Uso da floresta amazônica – Acordos internacionais”. Assim como, as características sociais (significativas) relacionadas à “Versão A - Uso da floresta amazônica – Assunto interno” tendem a se *distinguirem* do conjunto de características explicativas relacionadas à “Versão B - Uso da floresta amazônica – Assunto interno” (Quadro 4). É justamente as diferenças nos resultados entre a “Versão A” e “Versão B”, para a questão ambiental do Brasil, que, provavelmente, podem estar associados aos efeitos das seqüências de perguntas; ou seja, a mesma categoria de resposta está relacionada a diferentes características sociais em decorrência da seqüência de perguntas específica.

Quadro 4 – Resumo: Variáveis explicativas dos efeitos nas respostas – seqüência de perguntas – e os resultados significativos, e seus incrementos em percentual, para “Floresta amazônica/Brasil - acordos internacionais e assunto interno” - versão A e B.

Dimensões	Variáveis explicativas		Uso da floresta amazônica: Acordos internacionais		Uso da floresta amazônica: Assunto interno	
			Versão A EUA- Brasil	Versão B Brasil- EUA	Versão A EUA- Brasil	Versão B Brasil- EUA
Disposições ou atitudes em relação ao objeto	Interesse pela questão ambiental		-	-	-	-
	Atenção às notícias sobre meio ambiente		+20,2%	-	-	-
	Prioridade da questão ambiental nas políticas públicas		-	-13,7%	-19,9%	-
	Disposição a apoiar políticas pró-ambientais		-	-	-	-
	Importância da política partidária para o voto		-52,0%	+145,5%	+143,0%	-46,5%
Situação biográfica ou Posição na estrutura social	Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	+39,6%	-	-34,7%	+41,2%
		Meios de informação em geral	-	-24,2%	+26,0%	-41,6%
		Conhecimento sobre a questão ambiental	+54,7%	+82,8%	-	-
	Capital social	Associativismo e Participação política	-	-	-34,3%	-
	Experiências/ Práticas sociais	Ação política	-	+44,5%	-	-
		Consumidor de produtos orgânicos	-	-	-	-
		Consumidor de produtos recicláveis	+113,8%	-	-54,4%	-
		Consumidor que economiza energia	-	-	-	-
	Socialização	Passeio e atividades junto à natureza	-	-	-	-
		Tipo/Tamanho da cidade	-56,2%	+95,5%	+170,4%	-
	Contexto-ambiente	Contexto de degradação ambiental da vizinhança	-	-	-	-
	Capital econômico	Condições econômicas do domicílio	-	-	-	-

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001

Da mesma maneira, podemos distinguir os significados das categorias de respostas “Acordos internacionais” e “Assunto interno” – Uso da Floresta Amazônica - pelas diferentes relações com as características sociais que se mostraram significativas. Embora as características sociais significativas sejam coincidentes, a relação com cada categoria de resposta - “Acordos internacionais” e “Assunto interno” - se dá em direção contrária.

As características sociais coincidentes na Versão B - “Uso da floresta amazônica/Brasil” - “acordos internacionais” e na Versão A - “Uso da floresta amazônica/Brasil” - “assunto interno”, tendem a estar relacionados, em comum, com:

- *aqueles que consideram a política partidária pró-ambiental importante para o voto;*
- *o grau de conhecimento sobre meio ambiente; e*
- *os meios utilizados para informação sobre meio ambiente.*

Também a direção da significância pode estar relacionada com os conteúdos das respostas. Para “Versão B – Uso da floresta amazônica/Brasil - Acordos internacionais” a relação (a chance de responder “acordos internacionais”) é:

- *positiva para aqueles que consideram a política partidária pró-ambiental importante para o voto;*
- *negativa para o conhecimento sobre meio ambiente; e*
- *positiva os meios utilizados para informação sobre meio ambiente.*

Para “Versão B – Uso da floresta amazônica/Brasil – Assunto interno” a relação (a chance de responder “assunto interno”) é:

- *negativa para aqueles que consideram a política partidária pró-ambiental importante para o voto;*
- *positiva para o conhecimento sobre meio ambiente; e*
- *negativa para os meios utilizados para informação sobre meio ambiente.*

Ou seja, a natureza da resposta “Acordos internacionais” (quanto ao “Uso da Floresta Amazônica”), uma atitude mais ambientalmente correta (internacionalista), tende estar inversamente relacionada com a natureza da resposta “Assunto interno” (quanto ao “Uso da Floresta Amazônica”), uma atitude mais nacionalista.

De maneira geral, o conjunto de características significativas da “Versão A” *tendem a se distinguir* do conjunto de características significativas da “Versão B. E o conjunto de características para mesmas as versões A/A ou B/B *tendem a coincidir*, mas com direções contrárias na maioria deles. As diferenças entre a “Versão A” e a “Versão B”, para cada par comparativo, seria o indicador dos efeitos decorrentes da seqüência de perguntas.

7.4.5. Conclusões

Além de associar as diferentes características dos respondentes com as diferentes seqüências das perguntas, esta associação deve levar em conta as diferenças sobre o significado das perguntas para compreender o tipo de resposta mais susceptível à sua seqüência de perguntas.

Nas pesquisas sobre meio ambiente os diferentes níveis de percepção sobre a questão ambiental local, nacional e global são importantes e coloca alguns desafios. O primeiro deles é a complexidade de tratar as questões globais, junto à população, por sua natureza mais abstrata e mais distante do cotidiano das pessoas em geral, o que não acontece com as questões mais locais dada a experiência imediata dos problemas ambientais vivenciados (SIMÕES, 1999; ESTER, *et al.* 2003).

Na pesquisa do GOES-Minas/2001 a pergunta sobre a questão ambiental americana e brasileira são correspondentes em termos do seu impacto global – como dimensão global da questão ambiental. Pressupondo esta correspondência, o objetivo das perguntas era medir a relação ambientalismo *versus* nacionalismo na relação “nós” e os “outros” (ou eles). Dentre as possíveis combinações entre ser ambientalista ou nacionalista e a aplicação da relação “nós” e os “outros” especificada na relação Brasil-EUA, a seqüência das perguntas poderia ser um fator importante. Dessa maneira, a concepção do experimento objetivou medir os efeitos nas respostas, a partir das duas possíveis seqüências de perguntas, considerando

esta situação típica para a aplicação da regra de reciprocidade – ou da busca de consistência normativa.

Na “versão A – seqüência EUA-Brasil” antes de ativar a aplicação da regra válida para os dois casos (aspecto normativo), ao apresentar primeiro a questão ambiental americana, estamos ativando o *esquema interpretativo* onde a questão do outro país é tratada com uma visão mais ambientalista. Isso acontece também no DAS/2001, na seqüência das perguntas EUA-Brasil, 68,0% dos americanos responderam “acordos internacionais” para a questão ambiental do seu próprio país e 83,2% deram o mesmo tipo de resposta para a questão ambiental brasileira. Assim como na “versão B – Brasil-EUA, quando apresentamos primeiro a questão ambiental brasileira ativamos esse *esquema interpretativo* que, em contra partida, a questão do próprio país é tratada com uma visão menos ambientalista e mais nacionalista. Dessa maneira, o *esquema interpretativo – meu país e o outro país* (ou vice versa) –, ativado pela primeira pergunta, orienta a construção do significado da direção da “consistência normativa” nas seqüências das perguntas e respostas. Assim, o entendimento para cada tipo de seqüência analisada pressupõe:

1) Na versão A – EUA-Brasil: um *esquema interpretativo* mais ambientalista e mais socialmente desejável ao outro país. Aplicando a “norma da reciprocidade”, essa interpretação é transferida, por uma parte dos respondentes, para a pergunta em relação ao Brasil. Sendo assim, na versão A os respondentes são mais ambientalistas em relação ao Brasil, com percentual maior na categoria “uma questão a ser tratada em acordos internacionais”, do que na versão B. Além disso, poderíamos dizer que o significado de cada categoria a partir deste esquema estaria relacionado a:

- Versão A – EUA-Brasil – *Uso da energia nos EUA* - “acordos internacionais”: uma atitude mais ambientalista e mais socialmente desejável ao outro país, que pode *incluir* o esquema interpretativo ambientalista para os EUA;

- Versão A – EUA-Brasil – *Uso da energia nos EUA* - “assunto interno”: uma atitude nacionalista convicta para o outro país, que pode *excluir* o esquema interpretativo ambientalista para os EUA;

- Versão A – EUA-Brasil – *Uso da floresta amazônica* - “acordos internacionais”: uma atitude ambientalista, que pode *incluir* o efeito do esquema interpretativo ambientalista para os EUA;

- Versão A – EUA-Brasil – *Uso da floresta amazônica* - “assunto interno”: uma atitude nacionalista convicta; que pode *excluir* o efeito do esquema interpretativo ambientalista em relação ao outro país;

2) Na versão B – Brasil-EUA: um *esquema interpretativo* mais nacionalista. Aplicando a “norma da reciprocidade”, essa interpretação é transferida, por uma parte dos respondentes, para a pergunta em relação ao EUA. Sendo assim, na versão B os respondentes são menos ambientalistas em relação ao EUA, com incrementos percentuais maiores na categoria “um assunto interno”, do que na versão A. Além disso, poderíamos dizer que o significado de cada categoria a partir deste esquema estaria relacionado a:

- Versão B – Brasil-EUA – *Uso da floresta amazônica* - “assunto interno”: uma atitude nacionalista, que pode *incluir* o efeito do esquema interpretativo nacionalista para o Brasil;

- Versão B – Brasil-EUA – *Uso da floresta amazônica* - “acordos internacionais”: uma atitude ambientalista convicta, que pode *excluir* o efeito do esquema interpretativo nacionalista para o Brasil;

- Versão B – Brasil-EUA – *Uso da energia nos EUA* - “acordos internacionais”: uma atitude mais ambientalista, que pode *excluir* o efeito do esquema interpretativo nacionalista para o Brasil;

- Versão B – Brasil-EUA – *Uso da energia nos EUA* - “assunto interno”: uma atitude nacionalista em relação ao outro país, que pode *incluir* o efeito do esquema interpretativo nacionalista para o Brasil;

Dentre os possíveis significados de cada categoria de resposta nas diferentes versões (A e B) duas categorias podem ser identificadas como aquelas tipicamente susceptíveis aos efeitos decorrentes da sequência das perguntas - e dos esquemas interpretativos ativados pela primeira pergunta em cada versão:

- Na Versão A – EUA-Brasil – *Uso da floresta amazônica* - “acordos internacionais”: uma atitude ambientalista, que pode *incluir* o efeito do esquema interpretativo ambientalista para os EUA; e
- Na Versão B – Brasil-EUA – *Uso da energia nos EUA* - “assunto interno”: uma atitude nacionalista em relação ao outro país, que pode *incluir* o efeito do esquema interpretativo nacionalista para o Brasil.

Na lógica experimental, as diferenças entre as características sociais significativas relacionadas à categoria “acordos internacionais” na versão A e B, em relação à questão ambiental do Brasil, apontam mais especificamente os efeitos da sequência das perguntas. Assim como as diferenças entre as características significativas relacionadas à categoria “assunto interno” na versão A e B, em relação à questão ambiental americana, apontam mais especificamente os efeitos da sequência das perguntas. Sendo assim, a análise comparativa se dá, principalmente, entre:

1)

- **Versão A – EUA-Brasil – *Uso da floresta amazônica*** - “**acordos internacionais**”: uma atitude ambientalista, que pode *incluir* o efeito do esquema interpretativo ambientalista para os EUA;

VERSUS

- **Versão B – Brasil-EUA – *Uso da floresta amazônica*** - “**acordos internacionais**”: uma atitude ambientalista convicta, que pode *excluir* o efeito do esquema interpretativo nacionalista para o Brasil; e

2)

- **Versão A – EUA-Brasil – *Uso da energia nos EUA* - “assunto interno”**: uma atitude nacionalista convicta também para o outro país, que pode *excluir* o esquema interpretativo ambientalista para os EUA;

VERSUS

- **Versão B – Brasil-EUA – *Uso da energia nos EUA* - “assunto interno”**: uma atitude nacionalista em relação ao outro país, que pode *incluir* o efeito do esquema interpretativo nacionalista para o Brasil.

O Quadro 5 abaixo resume as características sociais relacionadas significativamente aos modelos experimentais destacados acima.

Quadro 5 – Resumo: Variáveis explicativas dos efeitos nas respostas – seqüência de perguntas – e os resultados significativos, e seus incrementos em percentual, para “Floresta amazônica/Brasil - acordos internacionais” e “assunto interno - versão A e B.

Dimensões	Características sociais explicativas		Uso da floresta amazônica: Acordos internacionais		Uso da energia nos EUA: Assunto interno	
			Versão A EUA-Brasil	Versão B Brasil-EUA	Versão A EUA-Brasil	Versão B Brasil-EUA
			“Atitude ambientalista que inclui o efeito do esquema interpretativo ambientalista”	“Atitude ambientalista convicta”	“Atitude nacionalista convicta”	“Atitude nacionalista incluindo efeito do esquema interpretativo nacionalista”
Disposições ou atitudes em relação ao objeto	Interesse pela questão ambiental		-	-	-	-
	Atenção às notícias sobre meio ambiente		+20,2%	-	-	-25,5%
	Prioridade da questão ambiental nas políticas públicas		-	-13,7%	-	-
	Disposição a apoiar políticas pró-ambientais		-	-	-	-
	Importância da política partidária para o voto		-52,0%	+145,0%	-	-
Situação biográfica ou Posição na estrutura social	Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	+39,6%	-	-	-24,8%
		Meios de informação em geral	-	-24,2%	-	-
		Conhecimento sobre a questão ambiental	+54,7%	+82,8%	-	-
	Capital social	Associativismo e Participação política	-	-	-	-
		Ação política	-	+44,5%	-	-
	Experiências/ Práticas sociais	Consumidor de produtos orgânicos	-	-	-	+95,0%
		Consumidor de produtos recicláveis	+113,8%	-	-	-
		Consumidor que economiza energia	-	-	-42,1%	+57,3%
	Socialização	Passeio e atividades junto à natureza	-	-	-	-68,7%
		Tipo/Tamanho da cidade	-56,2%	+95,5%	-	-
	Contexto-ambiente	Contexto de degradação ambiental	-	-	-	-
	Capital econômico	Cond. econômicas do domicílio	-	-	-	+2,5%

Fonte: Análise autoral, base de dados GOES/2001

Em relação ao primeiro modelo comparativo, “**Uso da floresta amazônica tratada em acordos internacionais**”, as características sociais dos respondentes significativas estatisticamente se distinguem em cada uma das versões (A e B), e quando coincidentes têm direções contrárias. Também podemos destacar a relevância sociológica dessas diferentes características.

Enquanto o tipo de resposta identificada com uma *atitude ambientalista incluindo o efeito do esquema interpretativo ambientalista (Versão A – Acordos internacionais)* está relacionado positivamente à característica atitudinal *Atenção às notícias sobre meio ambiente (+20,2%)*, esta relação positiva se desloca para outro aspecto atitudinal, no caso, a *Importância da política partidária para o voto*, e com incrementos em maiores proporções (+145,0%) na *atitude ambientalista convicta (Versão B – Acordos internacionais)*. Podemos dizer que a atitude de *Atenção às notícias sobre meio ambiente* é uma medida que demanda um menor grau de abstração em relação à medida de *Interesse pela questão ambiental* muito utilizada pelas pesquisas sobre ambiente. Além disso, podemos também apontar a atitude *Importância da política partidária para o voto* do entrevistado como uma medida mais relevante pelo aspecto mais ideológico da atitude em relação à questão ambiental brasileira.

Dentre as sub-dimensões da *situação biográfica ou posição na estrutura social*, as que se destacaram no modelo comparativo “**Uso da floresta amazônica tratada em acordos internacionais**”, em ambas as versões (A e B), foram: o *capital cultural*, *as experiências/práticas sociais* e *a socialização*.

Na análise comparativa das duas versões, a dimensão do *capital cultural*, se diferencia quando a *atitude ambientalista incluindo o efeito do esquema interpretativo ambientalista (Versão A – Acordos internacionais)* está relacionada positivamente com a *Escolaridade do entrevistado (+39,6%)* e o *Conhecimento sobre a questão ambiental (+54,7%)*, enquanto a *atitude ambientalista convicta (Versão B – Acordos internacionais)* está relacionada ao aspecto do *Conhecimento sobre a questão ambiental*, mais exclusivamente e com incremento com maiores proporções (+82,8%).

Na dimensão *experiências/práticas sociais* se destaca positivamente, e exclusivamente, a *Ação política* do entrevistado (+44,5%) relacionada à *atitude ambientalista convicta (Versão B – Acordos internacionais – que exclui o efeito do esquema interpretativo nacionalista da Versão B)*. Em relação à *atitude ambientalista incluindo o efeito do esquema interpretativo ambientalista (Versão A – Acordos internacionais)* se destaca, positivamente, o aspecto do *Consumidor de produtos recicláveis* (+113,8%).

Na dimensão de socialização do entrevistado se destaca o *Tipo/Tamanho de cidade* para ambas as versões (os tipos de atitudes ambientalistas), mas apontam sentido contrários: negativamente relacionado à *atitude ambientalista incluindo o efeito do esquema interpretativo ambientalista (Versão A – Acordos internacionais)* (-56,2%) e positivamente à *atitude ambientalista convicta (Versão B – Acordos internacionais)* e com incremento em maiores proporções para aqueles que vivem em cidades maiores (+95,5%).

Em relação ao segundo modelo comparativo, **“Uso da energia nos EUA tratada como assunto interno”**, as características sociais dos respondentes significativas estatisticamente se distinguem mais fortemente em cada uma das versões (A e B) do que no primeiro modelo comparativo, e quando, na sua única coincidência, estes também têm direções contrárias. A *atitude nacionalista convicta* está relacionada apenas ao aspecto da experiência como *Consumidor que economiza energia*, enquanto a *atitude nacionalista que inclui o efeito do esquema interpretativo nacionalista* está relacionada aos aspectos *atitudinais* e a diferentes aspectos da *situação biográfica e posição na estrutura social*.

Do ponto de vista sociológico é significativo destacar que a *atitude nacionalista convicta (Versão A – Assunto interno – que exclui o efeito do esquema interpretativo ambientalista na primeira pergunta)* está relacionada negativamente à característica atitudinal *Atenção às notícias sobre meio ambiente* (-25,5,%). Essa característica também está relacionada à *atitude ambientalista que inclui o efeito do esquema interpretativo ambientalista* da versão A – *Uso da floresta amazônica tratada em acordos internacionais* -, mas, no sentido contrário, apresenta-se positivamente significativa (+20,2%).

Dentre as sub-dimensões da *situação biográfica ou posição na estrutura social*, as que se destacaram no modelo comparativo “**Uso da energia nos EUA**”, em ambas as versões (A e B), foram: o *capital cultural*, as *experiências/práticas sociais* e a *socialização*.

A dimensão do *capital cultural* é significativa através da *Escolaridade do entrevistado* (-24,8%) relacionada à *atitude nacionalista que incluindo o efeito do esquema interpretativo nacionalista (Versão B – Assunto interno)*.

Na dimensão *experiências/práticas sociais* se destaca positivamente o *Consumidor de produtos orgânicos* (+95,0%) e o *Consumidor que economiza energia* (+57,3%) relacionada à *atitude nacionalista que inclui o efeito do esquema interpretativo nacionalista (Versão B – Assunto interno)*. O *Consumidor que economiza energia* se destaca negativamente relacionado à *atitude nacionalista convicta que exclui o efeito do esquema interpretativo nacionalista (Versão A – Assunto interno)* (-42,1%). Recuperando a entendimento sobre o aspecto da variável “consumidor ambientalmente correto” destacamos anteriormente que esse tipo de experiência nem sempre é motivada propriamente pela questão ambiental, mas, na maioria das vezes, motivada por uma questão econômica (materialista). Desta maneira, esse aspecto pode ser interpretado pelo significado de sua motivação; ou seja, o “consumidor que economiza energia” e “compra produtos orgânicos e ambientalmente corretos”, provavelmente, motivado por uma questão material tem maior chance de ter uma *atitude nacionalista que inclui o efeito do esquema interpretativo nacionalista (Versão B – Assunto interno)*.

Na dimensão de socialização do entrevistado se destaca os *Passeios e atividades junto à natureza na infância* relacionada negativamente a *atitude nacionalista que inclui o efeito do esquema interpretativo nacionalista (Versão B – Assunto interno)* (-68,7%); ou seja, a socialização através de atividades junto à natureza diminui a chance de ter uma *atitude nacionalista que inclui o efeito do esquema interpretativo nacionalista (Versão B – Assunto interno)*.

Diante das hipóteses consideradas, e que orientam este estudo sobre as características sociais dos respondentes relacionadas aos efeitos nas respostas, os resultados apresentados apontam para:

- 1) Apoiar a relevância das características dos respondentes quanto a sua situação biográfica e posição na estrutura social, em relação às suas disposições ou atitudes em relação ao objeto abordado, para diferenciar os tipos de efeitos nas respostas, principalmente características que dizem respeito a trajetórias e comportamentos dos respondentes, como as *experiências e práticas relacionadas ao objeto abordado e os diferentes tipos de socialização do respondente*.
- 2) Confirmar o poder explicativo da variável *Escolaridade do respondente* (capital cultural institucionalizado), acrescentando a importância da diferenciação entre as dimensões do capital cultural, como o *conhecimento sobre o objeto tratado (capital cultural adquirido)*, para especificar os diferentes efeitos nas respostas.
- 3) Especificar o poder explicativo da dimensão atitudinal, como a *atenção às notícias sobre a questão ambiental e a importância da política partidária para o voto do respondente*, que se destacam como menos abstratas dentre as consideradas, já que esta dimensão está limitada pela expressão do socialmente desejável;
- 4) Apontar que o efeito nas respostas e sua relação com as características sociais dos respondentes variam segundo o significado das perguntas e respostas, sendo que, no contexto da pesquisa sobre meio ambiente, a variação está relacionada às diferentes atitudes – ambientalismo *versus* nacionalismo – na relação “nós” e os “outros”.

7.5. PRMBH

7.5.1. Considerações teóricas e metodológicas sobre os efeitos ao oferecer ou não o “Não sei”

O dilema acerca de oferecer ou não o “Não sei” (“NS”) em uma pergunta atitudinal foi sustentado inicialmente com o pressuposto de Converse (1964, 1970, 1974) de que um número substantivo de pessoas responde uma pergunta de um questionário mesmo não conhecendo nada sobre o assunto ou não tendo uma opinião real sobre o assunto abordado. Para isso, Converse desenvolveu o conceito de “não atitude” dentro do contexto explicativo da formação da atitude (opinião ou preferência política) e sua mudança em relação ao comportamento político. Com a influência de Converse esse campo de discussão se desenvolveu numa relação estreita com a metodologia de *survey*. Uma importante área de estudo na ciência política se consolidou contribuindo com a discussão sobre o problema das medidas atitudinais, associada à psicologia social, utilizando os pressupostos da teoria cognitiva, e inclusive os conceitos de “força da atitude” e “cristalização da atitude” aplicada à compreensão da atitude e do comportamento político (ZELLER, 1992; FELDMAN, 1992; MCGRAW, 2000; VISSER, *et al.*, 2002; MILLER; PETERSON, 2004; VISSER, *et al.*, 2004; SARIS; SNIDERMAN, 2004; FABRIGAR; *et al.*, 2005).

O que leva os respondentes a dar uma opinião sem tê-la foi compreendido a partir das regras de conversação (GRICE, 1975): quando se faz uma pergunta existe uma pressuposição de que o respondente tem condição (informação ou conhecimento) para responder a pergunta. O respondente que não tem uma opinião, não tem uma atitude “verdadeira”, pode se sentir constrangido em dizer “Não sei” na chamada forma padrão (quando não oferecemos o “NS”). Além disso, Converse sustenta com evidências que as respostas de respondentes que não têm opinião aumentam a variação do erro aleatório reduzindo a confiabilidade das medidas de atitude⁹⁹. Sendo assim, na perspectiva de Converse, para aumentar a confiabilidade

⁹⁹ Mais informação sobre a questão da confiabilidade da medida veja McClendon; Alwin (1993).

seria preciso antes perguntar: “Você tem opinião (informação/conhecimento) sobre...?”. A opinião das pessoas sobre um determinado assunto seria secundária em relação a se elas pensam sobre o assunto (BOGART, 1967). Este pressuposto é a base para o uso do “filtro”, selecionando as pessoas que têm uma opinião (atitude). Assim, a aplicação do chamado “filtro” garantiria a confiabilidade da pergunta para posteriormente fazer a pergunta avaliativa sobre o assunto abordado para aqueles que realmente têm opinião.

Para demonstrar como é tênue a linha entre a atitude e a não atitude Schuman e Presser analisaram experimentos em que aplicaram perguntas na forma padrão e na forma filtrada apresentando perguntas que abordavam conteúdos fictícios (não verdadeiro). Os resultados mostram que boa maior parte dos respondentes, 30%, emite alguma opinião sobre o assunto na forma padrão, sendo que na forma filtrada esta proporção cai para 10% (SCHUMAN, PRESSER, 1981:cap.5).

Os resultados comparativos através dos experimentos (desde a década de 70) mostram que o “NS” na versão explicitada (oferecida) aumenta, em grande proporção, o número de respostas em relação à versão na qual o “NS” não é explicitado (oferecido) ficando a cargo de o respondente dizer espontaneamente (voluntariamente) “não sei” (e assim registrado como resposta pelo entrevistador). Sendo assim, o “filtro” ou o “semi-filtro” conduz certo número de pessoas a deixar de dar uma resposta substantiva para dizer “NS”, estas pessoas foram nomeadas por *floaters* (Shuman; Presser, 1981; Bishop, et al., 1983). Gilljam e Granberg (1993) vêm nomear a “não atitude” como “falso positivo” (seleciona uma das alternativas de respostas substantivas sem realmente ter uma opinião) e o *floaters* como “falso negativo” (dizer “não sei” como uma saída mais fácil, embora tenha uma opinião).

Outro entendimento sobre o efeito do uso do “filtro” assume que este desencoraja algumas pessoas que têm atitude (opinião) a responderem “NS” quando oferecido (HIPPLER; SCHWARZ, 1989). Isso pode ocorrer em todas as formas possíveis do “filtro”; tanto no “filtro total”, quando é antecipada uma pergunta sobre se o respondente tem ou não uma opinião (ou conhecimento) sobre o assunto a ser abordado, quanto no “semi-filtro”, quando o “Não sei” é apresentado como uma

alternativa de resposta dentre as outras. O “filtro” total estaria mais fortemente sugerindo que somente as atitudes (opiniões) bem informadas são desejáveis. Além disso, o “filtro” pode afetar a percepção dos respondentes sobre a dificuldade da tarefa (produção da resposta), tornando-a mais difícil quanto mais forte for a redação do filtro, demandando conhecimento específico sobre o assunto. Sendo assim, os respondentes que têm uma atitude mais global (geral) sobre o assunto, mas sem um conhecimento específico, podem entender que sua opinião não seja desejável. Essa compreensão pode levar os respondentes a uma maior expectativa nas questões seguintes sobre o assunto. No entendimento de Shuman e Presser (1981), os respondentes que não teriam uma opinião na forma filtrada responderiam a pergunta na forma padrão baseada nesta atitude (percepção) global (geral) possibilitando uma inferência sobre a questão mais específica. Ou seja, os *floaters* podem ter uma atitude global sobre o assunto, sem conhecimento específico. Desta maneira, Shuman e Presser (1981) concluem que a forma padrão teria validade para medidas atitudinais mais gerais, e a forma filtrada para medidas atitudinais que demandam maior informação sobre o assunto. Hippler e Schwarz (1989) sugerem que o “semi-filtro” pode ser uma melhor alternativa neste dilema.

Existe uma perspectiva adicional sobre outros efeitos na forma padrão: respondentes que não têm um conhecimento específico sobre o assunto estariam também susceptíveis a outros tipos de efeitos como *acquiescence bias*, por exemplo, na escala *Likert*, e ao socialmente desejável (MAcCLENDON; ALWIN, 1993).

Além disso, a utilização ou não do “filtro” ou “semi-filtro” tem outras conseqüências, pois pode 1) afetar diretamente a distribuição das outras categorias de repostas substantivas, e 2) afetar o número de repostas quando o ponto do meio (ou alternativa intermediária) está presente ou não. Os experimentos analisados por Shuman e Presser (1981) demonstram que o movimento dos *floaters* leva a uma diminuição na proporção das categorias substantivas, mas pode ou não também mudar a relação entre as proporções das categorias de repostas substantivas. A direção da mudança depende da relação entre o perfil dos *floaters* e o conteúdo da pergunta.

Outra consequência importante é a relação entre “NS” e a alternativa intermediária quando apresentados ou não na mesma pergunta. A categoria de resposta intermediária, quando apresentada ou não na pergunta, tem consequências comuns com o “NS”: 1) o aumento no número de respostas na categoria intermediária quando apresentada, e 2) uma possível mudança na proporção das outras categorias de respostas. O dilema da alternativa de resposta intermediária lida com as seguintes hipóteses: 1) deve ser oferecida porque está representando um ponto médio em uma escala de intensidade, ou 2) deve ser omitida porque atrai pessoas que têm uma opinião sobre o assunto, mas encontram uma saída fácil, sem se comprometerem com alguma categoria substantiva, ou atraem aquelas pessoas que não têm uma opinião e não querem se comprometer com uma resposta “Não sei”. Além disso, existe uma relação verificada em experimentos entre a distribuição das respostas para a alternativa intermediária e a sua localização (posição) apresentada dentre as respostas; entre as alternativas polarizadas, como última alternativa de resposta, e também na sua relação com o número de pontos da escala (ou categorias) de respostas. Quando oferecida como última alternativa pode contribuir com o aumento da sua frequência e quando maior o número de pontos (categorias de respostas) na escala diminui a sua frequência (SHUMAN; PRESSER, 1981; BISHOP, 1987).

Quanto ao perfil dos “falsos positivos”/”não atitude” e os “falsos negativos”/”floaters” os pesquisadores têm relacionado a sua identidade com a diferenciação do nível educacional e da “força da atitude”. A direção investigada seria a relação entre os “falsos negativos”/”floaters” e o baixo nível educacional e a “atitude fraca” ou pouco cristalizada (SHUMAN; PRESSER, 1981; MACCLENDON, 1986). De qualquer maneira, os pesquisadores alertam para a necessidade de maiores evidências e a indicação de fatores como a informação e o interesse pelo assunto abordado para a identificação dos mesmos. A tarefa não é fácil diante da condição de cada grupo, existe uma heterogeneidade de perfis; dentre os que escolheram uma *resposta substantiva* temos aqueles que realmente têm uma atitude (opinião) e os “falsos positivos”/”não atitude”, e dentre os que disseram “Não sei” temos aqueles que realmente não têm opinião e os “falsos negativos”/”floaters”.

7.5.2. O experimento na PRMBH/2002: Oferecer ou não o “Não Sei”

O experimento sobre oferecer ou não o “Não sei” (ou “Não conhece o suficiente para opinar”) como categoria de resposta – ou o chamado semi-filtro – foi elaborado considerando toda a literatura existente sobre o assunto (SHUMAN, PRESSER, 1981) e as experiências adquiridas com os pré-testes realizados em pesquisas como o GOES e a PRMBH apontando a necessidade de verificação empírica e sistemática dos efeitos nas respostas¹⁰⁰. A preocupação metodológica central da apresentação ou não do “Não sei” é “a ‘criação’ de opiniões, que pode ocorrer, por exemplo, quando o formato da questão permite a uma pessoa que jamais ouviu falar de um assunto, ou não o compreende, a emitir uma opinião (o chamado falso positivo)” (SIMÕES, PEREIRA, 2007, p.255). Esta preocupação é mais relevante quando lidamos com medidas atitudinais (percepção, opinião, sentimento, valores etc) ou propriamente de conhecimento. Diferentes medidas atitudinais podem demandar diferentes níveis de informação, conhecimento ou experiência em relação ao objeto abordado. Os aspectos que diferenciam as medidas atitudinais e de conhecimento está na relação entre padrões mais objetivos (de certo x errado) e os mais avaliativos (FOWLER, 1995, p.46).

O experimento sobre oferecer ou não o “Não sei” utiliza perguntas do módulo de Associativismo e Participação Política do questionário elaborado para a PRMBH/2002. Trata-se de perguntas de avaliação do Orçamento Participativo (OP) no contexto de uma investigação sobre a mobilização da sociedade civil e de sua articulação com o Estado através das chamadas “instituições híbridas”. O OP se configura como esse tipo de inovação institucional, promovida pelo poder público constituído – a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte¹⁰¹ –, envolvendo representantes do poder público municipal e da sociedade civil organizada, e funciona como mecanismo de deliberação e controle da população e da sociedade civil organizada sobre a locação de recursos municipais (ANASTASIA; F., AVRITZER, L., e EISENBERG, J. 2000). Na PRMBH, o objetivo foi medir o nível de

¹⁰⁰ A pesquisadora Solange Simões é responsável pela elaboração desse experimento na PRMBH/2002.

¹⁰¹ Orçamento participativo de Belo Horizonte existe desde 1993.

conhecimento e avaliação do OP através de aspectos como o poder da população para decidir sobre obras na cidade, atenção às demandas da população, a prestação de contas da prefeitura e o poder dos vereadores.

A escolha desta pergunta para fazer o experimento, oferecendo ou não o “Não sei”, justifica-se pelo grau (mesmo que mínimo) de familiaridade ou de conhecimento que as pessoas deveriam ter para uma avaliação do OP (FOWLER, 1995:75-76). Essa pressuposição é estabelecida ao utilizar o “filtro total” para introduzir o assunto: “Você já ouviu falar do Orçamento Participativo?”, caracterizando como medida de conhecimento. Embora seja um “filtro total” este tem características menos exigentes sobre o grau de familiaridade ou conhecimento pelos termos utilizados – “ouviu falar”. Termos como “Você conhece o OP?” sugerem maior grau de familiaridade e conhecimento. Nas perguntas seguintes o objetivo foi caracterizá-las como perguntas avaliativas, mas ainda com certo grau de familiaridade ou conhecimento. Assim testar o formato da questão oferecendo ou não o “Não sei” foi bem apropriado, podendo assim verificar as conseqüências das diferentes escolhas.

Como experimento, a pergunta é aplicada igualmente em duas amostras, variando somente a opção de resposta “Não sei” (ou “Não conhece o suficiente para opinar”). Na “versão A”, o “Não sei” não é oferecido, mas é registrado quando o entrevistado responde espontaneamente, e na “versão B”, dentre as categorias de respostas, o “Não sei” é apresentado na seguinte formulação “Ou você não conhece o suficiente para opinar” (Veja questionário em Anexo D, Volume II). Na PRMBH, foram utilizadas 4 perguntas sobre a avaliação do OP na seguinte formulação na “versão A”:

A14. Na sua opinião, com o Orçamento Participativo, o **poder** da população de (Belo Horizonte / Betim) de decidir sobre as obras na cidade aumentou, diminuiu, ou continua igual?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
9. NS (SE VOLUNTARIAMENTE)

A15. Na sua opinião, com o Orçamento Participativo, a **prestação de contas da Prefeitura** junto à população aumentou, diminuiu, ou continua igual?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
9. NS (SE VOLUNTARIAMENTE)

A16. Com o Orçamento Participativo, a **atenção que a Prefeitura dá às demandas da população** aumentou, diminuiu, ou continua igual?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
9. NS (SE VOLUNTARIAMENTE)

A17. Com o Orçamento Participativo, o **poder dos vereadores** aumentou, diminuiu, ou continua igual?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
9. NS (SE VOLUNTARIAMENTE)

A apresentação literal das perguntas para a “versão B” foi a seguinte:

A14. Na sua opinião, com o Orçamento Participativo, o **poder** da população de (Belo Horizonte/Betim) de decidir sobre as obras na cidade aumentou, diminuiu, continua igual, ou você não conhece o Orçamento Participativo o suficiente para opinar?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
9. NS (Não conhece o suficiente para opinar)

A15. Na sua opinião, com o Orçamento Participativo, a **prestação de contas da Prefeitura** junto à população aumentou, diminuiu, continua igual, ou você não conhece o Orçamento Participativo o suficiente para opinar?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
9. NS (Não conhece o suficiente para opinar)

A16. Com o Orçamento Participativo, a **atenção que a Prefeitura dá às demandas da população** aumentou, diminuiu, continua igual, ou você não conhece o Orçamento Participativo o suficiente para opinar?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
9. NS (Não conhece o suficiente para opinar)

A17. Com o Orçamento Participativo, o **poder dos vereadores** aumentou, diminuiu, continua igual, ou você não conhece o Orçamento Participativo o suficiente para opinar?

1. Aumentou
 2. Diminuiu
 3. Continua igual
 7. NR
 9. NS (Não conhece o suficiente para opinar)
- (PRMBH/2002) (Anexo D, Volume II)

Comparando a distribuição de freqüências das duas versões de perguntas pode-se observar uma grande diferença nos percentuais entre as categorias de resposta variável no experimento: “Não Sei” Voluntário e o “Não Sei” oferecido como opção de resposta (“ou você não conhece o Orçamento Participativo o suficiente para opinar?”). A proporção do aumento de respostas na categoria “NS” quando oferecida é de 3 a 5 vezes mais que na mesma categoria respondida de forma espontânea como mostra as Tabelas 38 e 39.

Tabela 38 - Avaliação do Orçamento Participativo PRMBH/2002 – Versão A e B

Opinião	Poder da população para decidir sobre obras na cidade		Prestação de contas da prefeitura		Atenção às demandas da população		Poder dos vereadores	
	NS voluntário	Oferece NS	NS voluntário	Oferece NS	NS voluntário	Oferece NS	NS voluntário	Oferece NS
Aumentou	41,3	33,0	29,3	25,7	34,9	31,0	21,6	17,3
Diminuiu	5,6	3,5	4,6	4,0	4,3	5,0	6,1	8,8
Continua igual	42,4	15,5	48,7	19,5	47,8	20,6	51,6	17,2
NR	1,3	1,9	0,7	0,6	0,3	0,6	1,4	1,6
NS	9,4	46,2	16,8	50,3	12,7	42,9	19,2	55,1
Total	100,0 (N=245)	100,0 (N=240)	100,0 (N=245)	100,0 (N=239)	100,0 (N=246)	100,0 (N=240)	100,0 (N=247)	100,0 (N=240)

Fonte: PRMBH/2002

Tabela 39 - Avaliação do Orçamento Participativo – Diferença de pontos percentuais entre o “NS” espontâneo e o “NS” oferecido PRMBH/2002

Diferença de pontos percentuais entre o “NS” espontâneo e o “NS” oferecido				
Opinião	Poder da população para decidir sobre obras na cidade	Prestação de contas da prefeitura	Atenção às demandas da população	Poder dos vereadores
Aumentou	- 8,3%	- 3,6	- 3,9	- 4,3
Diminuiu	-2,1	- 0,6	+ 0,7	+ 2,7
Continua igual	-26,9	- 29,2	- 27,2	- 34,4
NR	+ 0,6	- 0,1	+ 0,3	+ 0,2
NS	+ 36,8	+ 33,5	+ 30,2	+ 35,9

Fonte: PRMBH/2002

As diferenças das proporções entre as amostras dos experimentos foram testadas¹⁰² e se mostram significativas (95% de confiança) para os quatro modelos comparados (A e B), ou seja, $z > 1,96$ (positivo ou negativo), sendo respectivamente: -9,0; -7,8; -7,43; -8,14 (Tabela 40).

¹⁰² Descrição do Teste de proporção no Capítulo 7 (Análise de dados), item 7.3. Metodologia.

Tabela 40 - Teste de proporção entre a Versão A e Versão B do experimento sobre oferecer ou não o “Não sei” – PRMBH/2002

Valores por modelo				
Equação:	Poder da população para decidir sobre obras na cidade	Prestação de contas da prefeitura	Atenção às demandas da população	Poder dos vereadores
P _A	9,40%	16,80%	12,70%	19,20%
P _B	46,20%	50,30%	42,90%	55,10%
N _A	242	244	246	243
N _B	235	238	238	236
P	0,28	0,33	0,28	0,37
1-P	0,72	0,67	0,72	0,63
Z	-9,00	-7,80	-7,43	-8,14

P = proporção amostral

N = tamanho da amostra

Z = Resultado do Teste de Proporção

Os resultados do experimento com as opções de respostas – oferecer ou não o “Não sei” realizado pela PRMBH/2002 vêm confirmar o entendimento que se tem na literatura sobre a apresentação do “Não sei” como opção de respostas: uma grande variação na distribuição das respostas em cada situação, ou seja, oferecer ou não a opção de resposta “Não sei” acarreta efeitos significativos nas respostas apresentando resultados muito discrepantes (SHUMAN, PRESSER, 1981:113-146).

Antes de prosseguir na análise explicativa dos efeitos nas respostas é importantes destacar algumas condições metodológicas na formulação das perguntas, que podem impactar nas suas respostas, como 1) a presença do chamado “filtro total” e do “semi-filtro”; 2) os termos utilizados na pergunta e respostas oferecidas; 3) os outros tipos de categoria de resposta utilizada, ou o tipo de escala; 4) a utilização do ponto do meio; e 5) a ordem das alternativas de respostas apresentadas; e 6) o conteúdo de cada pergunta.

A primeira condição se refere à utilização de duas situações do chamado “filtro”; na primeira situação, a do “filtro total”, que antecipa o assunto para o entrevistado, este é indagado sobre o conhecimento que ele têm sobre o mesmo

para depois se fazer as perguntas avaliativas, excluindo, das perguntas seguintes, aqueles entrevistados que responderam “não” ter conhecimento sobre o assunto. Na PRMBH foi utilizado o “filtro total” para introduzir o assunto sobre o OP e excluir das perguntas seguintes aqueles que responderam “não”, isso foi feito com a seguinte pergunta:

A13. Você já ouviu falar no Orçamento Participativo?

1. Sim
 2. Não (VÁ PARA V1)
 7. NR
 9. NS
- (PRMBH/2002) (Anexo D, Volume II)

Uma grande parte respondeu “Sim”, “já ouviu falar no OP”, representando 74,4% dos entrevistados. No pré-teste do questionário, a pergunta cognitiva *O que você já ouviu falar sobre Orçamento Participativo?*, buscou verificar a compreensão e o conhecimento sobre o assunto abordado, sendo que alguns entrevistados responderam “Já ouvi falar, mas não sei exatamente o que é”, “Sim, na televisão, mas não sei direito o que é” ou “Eu já ouvi falar, mas não sei explicar”. O “semi-filtro” é utilizado na “versão B” do experimento ao apresentar como opção de resposta o “ou você não conhece o Orçamento Participativo o suficiente para opinar?”. Ou seja, na “versão A” foi utilizado apenas o “filtro total” e na “versão B” foram utilizados o “filtro total” e o “semi filtro”.

A segunda condição diz respeito à redação e aos termos utilizados na formulação do próprio “filtro” e “semi filtro”. A variação dos termos diferencia o entendimento por parte do respondente do nível de dificuldade da tarefa a ser cumprida na elaboração de sua resposta, ou da exigência no nível de conhecimento para produzir a resposta. Na PRMBH os termos utilizados para o “filtro total” podem ser considerados menos exigentes com o nível de conhecimento sobre o assunto (o OP) assim formulado: “Você já ouviu falar do Orçamento Participativo?”. Esta formulação pode levar um maior número de respondentes a responder “Sim”. No “semi filtro” na “versão B” os termos utilizados podem ser considerados mais exigentes com o nível de conhecimento sobre o assunto na formulação: “ou você não conhece o Orçamento Participativo o suficiente para opinar?”. Esta formulação

pode levar o respondente a considerar a pergunta uma tarefa mais difícil e, por consequência, condicionar a produção da resposta.

A terceira condição diz respeito exatamente à utilização do ponto do meio entre as opções de respostas, como utilizada na PRMBH: “aumentou”, “diminuiu”, ou “continua igual”. Esta categoria de resposta, por um lado, representa uma categoria substantiva para expressar um ponto intermediário entre as categorias de respostas, mas, por outro lado, é conhecida entre os pesquisadores como uma categoria de resposta que pode ser uma saída fácil para aqueles respondentes que não têm opinião sobre o assunto, ou não conhece o assunto, ou preferem não se posicionar sobre o assunto, tomando o ponto intermediário como uma resposta “neutra”. Como mostram as Tabelas 40 e 41, na versão em que o “NS” é espontâneo há um percentual alto em relação às outras categorias de respostas, enquanto na “versão B” para a mesma pergunta esse percentual diminuiu em grande proporção e, ao mesmo tempo, que o percentual do “NS” oferecido aumenta também em grande proporção. A diferença da “versão A” para a “versão B” para a categoria “continua igual” é negativa, e para a categoria “NS” é positiva (Tabela 41).

A quarta condição diz respeito aos outros tipos de categoria de resposta utilizada, ou o tipo de escala. Nos experimentos sobre o “Não Sei”, tem-se verificado que a sua apresentação não somente aumenta a proporção de repostas na categoria “NS” como também afeta substantivamente a distribuição nas outras categorias de respostas (SCHUMAN, PRESSER, 1981; MACLENDON, 1996). O tipo de categorias de respostas utilizam dois pontos extremos, “aumentou” ou “diminuiu”, e por último a alternativa intermediária “continua igual”. Observando as categorias de respostas substantivas (“aumentou” ou “diminuiu”), para as quatro perguntas, existe um padrão na proporção entre essas respostas: nas duas versões A e B um percentual maior de entrevistados acham que o OP “aumentou” “o poder da população de decidir sobre as obras na cidade”, “a prestação de contas da Prefeitura junto à população”, “a atenção que a Prefeitura dá às demandas da população”, e “o poder dos vereadores” (Tabela 42). A grande diferença na distribuição das respostas se localiza entre o “continua igual” (como ponto intermediário) e o “NS”. Além disso, dada uma possível confluência de motivações pelas quais as pessoas respondem “NS” quando o oferecemos e a resposta

intermediária “continua igual” torna-se mais complexo diferenciar as motivações de cada resposta quando apresentadas na mesma pergunta (SHUMAN, PRESSER, 1981; BISHOP, 1987). Mas podemos observar que ao somar a frequência de respostas das duas categorias observa-se uma pequena diferença de percentual sempre maior na “versão B” quando oferecemos o “NS”. Embora a diferença percentual seja pequena esta se apresenta como um resultado padrão comparando-se todas as perguntas, o que poderia nos levar a destacar esse resultado como indicativo do efeito do “NS” oferecido (Tabela 41).

Tabela 41 - Avaliação do Orçamento Participativo PRMBH/2002 – Somatório de NS e “Continua igual” - Versão A e B

Opinião	Poder da população para decidir sobre obras na cidade		Prestação de contas da prefeitura		Atenção às demandas da população		Poder dos vereadores	
	NS voluntário	Oferece NS	NS voluntário	Oferece NS	NS voluntário	Oferece NS	NS voluntário	Oferece NS
Aumentou	41,3	33,0	29,3	25,7	34,9	31,0	21,6	17,3
Diminuiu	5,6	3,5	4,6	4,0	4,3	5,0	6,1	8,8
Continua igual + NS	51,8	61,7	65,5	69,8	60,5	63,5	70,8	72,3
NR	1,3	1,9	0,7	0,6	0,3	0,6	1,4	1,6
Total	100,0 (N=245)	100,0 (N=240)	100,0 (N=245)	100,0 (N=239)	100,0 (N=246)	100,0 (N=240)	100,0 (N=247)	100,0 (N=240)

Fonte: PRMBH/2002

A quinta condição diz respeito à ordem das alternativas de respostas apresentadas. As pesquisas sobre a ordem das alternativas de respostas apontam uma tendência dos respondentes a escolherem a primeira ou a última alternativa de resposta (também identificado na literatura como efeito contextual da ordem das respostas) (SHUMAN, PRESSER, 1981; BISHOP, 1987). Na formulação da PRMBH, a categoria “continua igual” está posicionada por último dentre as respostas apresentadas na “versão A” (quando o “NS” é espontâneo), e a categoria “ou você não conhece o Orçamento Participativo o suficiente para opinar” encontra-se posicionada por último dentre as respostas apresentadas na “versão B” (quando oferecemos o “NS”). A posição das alternativas de respostas “continua igual” e “Não

conhece o suficiente para opinar” é a mesma nas duas versões coincidindo exatamente quando ocorrem os percentuais elevados nas respectivas categorias de respostas. Não podemos diferenciar o efeito da ordem das repostas do efeito de oferecer o “NS”, já que a medida dos efeitos depende do controle individualizado de cada condição.

A sexta condição diz respeito ao grau de dificuldade e ao grau de conhecimento requerido de cada pergunta; as quatro perguntas abordam diferentes aspectos sobre o desempenho do OP: 1) “o poder da população para decidir sobre as obras da cidade”; 2) “a prestação de contas da prefeitura”; 3) “atenção que a prefeitura dá em relação às demandas populares”; e 4) “o poder dos vereadores”. Podemos dizer que a primeira e a terceira tratam de aspectos mais abrangentes e visíveis para o entrevistado e que envolvem a população (e o entrevistado) mais diretamente. Já a segunda e a quarta tratam de aspectos mais específicos e de procedimentos menos visíveis e mais distantes do entrevistado. Essa observação pode ser corroborada pela distribuição das respostas substantivas (“aumentou” e “diminuiu”) em contraposição à resposta “Não sei”. A soma dos entrevistados que consideram que “aumentou” ou “diminuiu” “o poder da população para decidir sobre as obras da cidade”, e a “atenção que a prefeitura dá em relação às demandas populares”, tem maior percentual, enquanto que para “a prestação de contas da prefeitura” e o “o poder dos vereadores” o percentual para as mesmas respostas (“aumentou” e “diminuiu”) é menor. O mesmo padrão de respostas pode ser observado na “versão A” e na “versão B” para a categoria “Não sei”. Além disso, esse padrão se repete em relação à resposta “continua igual”, principalmente na “versão A” (Tabela 42).

Tabela 42 - Avaliação do Orçamento Participativo PRMBH/2002 – Somatório de “Aumentou” e “Diminuiu” – Versão A e B

Opinião	Poder da população para decidir sobre obras na cidade		Prestação de contas da prefeitura		Atenção às demandas da população		Poder dos vereadores	
	NS voluntário	Oferece NS	NS voluntário	Oferece NS	NS voluntário	Oferece NS	NS voluntário	Oferece NS
Aumentou + Diminuiu	46,9	36,5	33,9	29,7	39,2	36,0	27,7	26,1
Continua igual	42,4	15,5	48,7	19,5	47,8	20,6	51,6	17,2
NR	1,3	1,9	0,7	0,6	0,3	0,6	1,4	1,6
NS	9,4	46,2	16,8	50,3	12,7	42,9	19,2	55,1
Total	100,0 (N=245)	100,0 (N=240)	100,0 (N=245)	100,0 (N=239)	100,0 (N=246)	100,0 (N=240)	100,0 (N=247)	100,0 (N=240)

Fonte: PRMBH/2002

7.5.3. As variáveis explicativas (independentes) disponíveis no questionário da PRMBH/2002

Diante da disponibilidade de variáveis que inicialmente deveriam compor as duas grandes dimensões identificadas no capítulo 4 (item 5.5), a 1) *disposições ou atitudes em relação ao objeto abordado* e a 2) *situação biográfica ou a posição na estrutura social*, o modelo explicativo dos efeitos nas respostas decorrentes do experimento com o “NS” se restringiu à segunda dimensão devido à ausência de variáveis de natureza atitudinal (aquelas atitudes cujos atributos estão voltados para a avaliação do objeto abordado, como interesse, importância, atenção, ou disposições em relação ao objeto, diferentemente das atitudes caracterizadas especificamente como valores ou crenças)¹⁰³. Essa condição, ao mesmo tempo, será ponderada nos resultados, mas também servirá como elemento de análise

¹⁰³ O questionário da PRMBH contempla as diversas temáticas das ciências sociais que partiram dos projetos apresentados para a PRMBH 2002. As perguntas foram organizadas nos seguintes módulos temáticos: Introdução (mobilidade na RMBH); Qualidade de Vida e Capital Social; Associativismo e Participação Política; Valores; Religião; Raça e Cor; Polícia e Criminalidade; Trabalho; Estratificação Social e Características Demográficas (Veja questionário, Anexo D, Volume II).

como duas experiências diferenciadas. Além disso, não necessariamente tomei como ponto de partida o princípio de que as condições de construção do modelo analítico (e sua operacionalização) seriam as mesmas, embora tenha procurado contemplar as mesmas dimensões em ambas as pesquisas (mesmo operacionalizadas de maneira diferente). Sendo assim, apresento aqui a operacionalização da segunda dimensão (ou a única dimensão contemplada), a *situação biográfica ou a posição na estrutura social*, e as suas subdimensões: a) o capital cultural, b) o capital social, c) e c) o capital econômico.

O *capital cultural* estará representado por três indicadores que expressam diferentes aspectos de acesso ao capital cultural: a *escolaridade do entrevistado*, no seu estado institucionalizado; e, no seu estado incorporado, a *escolaridade da mãe*, para indicar a acumulação iniciada pelos membros da família dotados de um capital cultural, sendo uma forma de transmissão hereditária do capital cultural (BOURDIEU, 1998:73-79)¹⁰⁴, a *utilização de meios de informação de uma maneira mais geral*, e a *utilização de meios de informação sobre o assunto abordado(política)*.

O *capital social* estará representado por indicadores que expressam as redes de interação e as práticas socialmente reconhecidas (ações instituídas), como experiência de vida relacionada ao campo de investigação deste objeto de pesquisa que é a política e a experiência relacionada diretamente com o objeto abordado. O indicador para as redes de interação institucionalizada é o *associativismo e a participação política*. O indicador para as práticas socialmente reconhecidas é a *ação política de uma maneira geral*. E o indicador de experiência relacionada diretamente com o objeto abordado é a *participação no OP*.

Por último, o *capital econômico* sintetizando diversos aspectos das *condições econômicas do domicílio* como a renda, a propriedade da casa, o acesso à rede esgoto e a posse de bens de consumo. O indicador das condições econômicas do domicílio está disponibilizado no banco de dados da PRMBH/2002 tendo sido produzido a partir do constructo denominado de nível sócioeconômico (NSE) como

¹⁰⁴ Também considerando que o efeito da escolaridade da mãe na escolarização dos filhos é considerado maior que o do pai (BUCHMANN, 2002).

alternativa à medida de status ocupacional que é possível somente para os entrevistados que têm ocupação¹⁰⁵ (Veja resumo no Quadro 6).

Quadro 6 – Variáveis independentes disponíveis/utilizadas no questionário da PRMBH/2002

DIMENSÕES		VARIÁVEIS INDEPENDENTES
Situação biográfica ou Posição na estrutura social	Capital cultural	Escolaridade (E6, E7, E8, E10, E11, E12)
		Escolaridade da mãe (E21)
		Informação em geral: Lê livros (Q13c) e Lê jornais (Q14)
		Informação sobre política: (A12)
	Capital social	Associativismo e participação política (P1)
	Experiências/ Práticas sociais	Ação política (V4)
		Participação no OP (A18)
Capital econômico	Índice Sócio Econômico (T23, E25, E34, E26, E24, E30)	

Seleção de variáveis, de responsabilidade da autora deste trabalho, a partir do questionário da PRMBH/2002.

7.5.3.1. Capital cultural

O indicador de capital cultural “institucionalizado”, a *escolaridade do entrevistado*, foi construído em anos de escolaridade a partir de uma série de perguntas sobre série/ano de estudo e grau (Veja no questionário em Anexo D, Volume II, perguntas E6, E7, E8, E10, E11, E12). O perfil dos entrevistados segundo o seu grau de escolaridade tem uma distribuição em torno de 30% para os grupos de

¹⁰⁵ O indicador foi produzido por Maria Teresa Gonzaga Alves que na oportunidade de seu estágio de pós-doutorado no Departamento de Sociologia da UFMG (2006-2007) realizou o trabalho com orientação e concepção da Professora Neuma de Figueiredo Aguiar, então vinculada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFMG, e do Professor José Francisco Soares ex-membro do Departamento de Estatística da UFMG e atualmente do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação, do Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais (GAME)-UFMG e colaborador do Curso de Metodologia Quantitativa em Ciências Humanas do mesmo programa de doutorado. Como referência ver ALVES, M. T. G. e SOARES, J. F., Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional. 2009. Opinião Pública, Campinas, vol. 15, no 1, junho, p.1-30

escolaridade nunca freqüentou a escola ou completou a 4ª série, 8ª série completa ou incompleta, e segundo grau completo ou incompleto. Já o grupo de respondentes com escolaridade superior representa em torno de 12% (Tabela 43).

Tabela 43 - Grau de escolaridade do entrevistado

Grau de escolaridade do entrevistado	(%)
Nunca freqüentou a escola ou Primeiro grau até 4ª série completa ou incompleta	29,1
Primeiro grau até 5ª a 8ª série completo ou incompleto	24,4
Segundo grau completo ou incompleto	33,9
Superior completo ou incompleto	12,6
Total	100,00 (N=1029)

Fonte: PRMBH/2002.

O primeiro indicador de capital incorporado, a *escolaridade da mãe*, foi construída como variável contínua a partir do registro do grau de escolaridade completo ou incompleto da mãe como mostra a Tabela 43 (Veja no questionário em Anexo D, Volume II, pergunta E21). O perfil da mãe do respondente quanto a sua escolaridade caracteriza-se por níveis mais baixos de escolaridade em relação ao próprio respondente: em torno de 70% nunca freqüentou a escola ou têm até 4ª série completa (Tabela 44).

Tabela 44 - Grau de escolaridade da mãe

Grau de escolaridade da mãe	(%)
Nunca freqüentou a escola	24,1
Primeiro grau, de 1ª a 4ª série incompleto	24,0
Primeiro grau, 1ª a 4ª completo	21,3
Primeiro grau, de 5ª a 8ª série incompleto	8,0
Primeiro grau, de 5ª a 8ª série completo	4,2
Segundo grau (1º ao 3º ano) incompleto	0,9
Segundo grau (1º ao 3º ano) completo	6,5
Superior (universitário) incompleto	0,7
Superior (universitário) completo	2,7
NR	0,1
NS	7,4
Total	100,00 (N=1028)

Fonte: PRMBH/2002.

O segundo indicador de capital cultural “incorporado”, a *utilização dos meios de informação de uma maneira geral*, foi construído a partir da soma da frequência com que se lê jornal e livros/revistas para se informar de uma maneira geral. As categorias de respostas utilizadas na pergunta sobre a frequência com que se lê jornal foram: “diariamente ou quase todos os dias”, “algumas vezes por semana” “quase nunca”, ou “nunca”. As categorias de respostas utilizadas na pergunta sobre a frequência com que lê livros e revistas foram: “sempre”, “às vezes”, “raramente”, ou “nunca” (Veja no questionário em Anexo D, Volume II, perguntas Q14 e Q13c). A conversão dos valores para a construção dos índices foi: 2 para “diariamente ou quase todos os dias”, 1 para “algumas vezes por semana”, 0 para “quase nunca” e “nunca”, 2 para “sempre”, 1 para “às vezes”, 0 para “raramente” e “nunca”. A leitura de livros ou revistas é maior entre os entrevistados do que a leitura de jornal (Tabela 45 e 46).

Tabela 45 - Freqüência de leitura de livros e/ou revistas

Freqüência de leitura de livros e/ou revistas	(%)
Sempre	37,6
Às vezes	25,6
Raramente	14,7
Nunca	22,2
Total	100,00 (N=1025)

Fonte: PRMBH/2002.

Tabela 46 - Freqüência de leitura de jornal

Freqüência de leitura de jornal	(%)
Diariamente ou quase todos os dias	20,3
Algumas vezes por semana	33,3
Quase nunca	21,7
Não lê jornal	24,7
Total	100,00 (N=1026)

Fonte: PRMBH/2002.

O terceiro indicador de capital cultural “incorporado”, *informação sobre política*, foi construído a partir da soma de quatro diferentes maneiras de se adquirir informação sobre a política em geral: “assiste noticiário na televisão”; “lê sobre política nos jornais”; “conversa sobre política com os amigos”; e “participa de reuniões para discutir questões políticas”. As categorias de respostas utilizadas foram: “sempre”, “às vezes”, “raramente”, ou “nunca” (Veja no questionário em Anexo D, Volume II, pergunta A12). A conversão dos valores para a construção dos índices foi: 2 para “sempre”, 1 para “às vezes”, 0 para “raramente” e “nunca”. A maneira para adquirir informação sobre política mais utilizada pelos entrevistados é o “noticiário na televisão”, e a menos utilizada é “participar de reuniões para discutir política” (Tabela 47).

Tabela 47 - Freqüência com que se informa sobre política

Freqüência	Assiste noticiário na televisão	Lê sobre notícias nos jornais	Conversa sobre política com os amigos	Participa de reuniões para discutir política
Sempre	70,6	21,0	23,0	3,2
Às vezes	21,5	24,6	29,2	6,8
Raramente	4,9	17,1	18,9	8,9
Nunca	3,1	37,0	28,7	80,5
NR	-	-	-	0,4
NS	-	0,2	0,2	0,2
Total	100,0 (N=1026)	100,0 (N=1012)	100,0 (N=1026)	100,0 (N=1024)

Fonte: PRMBH/2002.

7.5.3.2. Capital social

O primeiro indicador de capital social, o associativismo e a participação política, foi construído a partir da soma (“sim”) para a participação em diversas entidades, associações ou grupos, apresentados em lista: “Entidade beneficente ou de caridade”, “Entidade/associação recreativa e/ou esportiva”, “Entidade/associação ligada à defesa dos direitos (mulheres/crianças/homossexuais)”, “Entidade/associação ligada à defesa dos consumidores”, “Associação religiosa e/ou igreja”, “Grupo de jovens”, “Associação comunitária”, “Partido político”, “Entidade/associação ligadas a questões específicas (saúde, educação, moradia, meio ambiente, cultura, etc.)”, “Entidades empresariais e patronais”, “Entidade estudantil”, “Grupo de auto-ajuda”, “Sindicato de trabalhadores”, e “Associação profissional” (Veja no questionário em Anexo D, Volume II, pergunta A1). A maior parte dos respondentes não participa de nenhum um tipo de entidade (Tabela 48).

Tabela 48 - Associativismo e Participação

Associativismo e participação	(%)
Não participa de nenhuma entidade	60,3
Participa de apenas uma entidade	22,7
Participa de 2 entidades	10,2
Participa de 3 ou mais entidades	6,7
Total	100,0 (N=1029)

Fonte: PRMBH/2002.

7.5.3.3. Experiências/Práticas sociais

O indicador de práticas sociais instituídas, como expressão de práticas socialmente reconhecidas é a *ação política* de uma maneira geral. Este indicador foi construído através da soma dos diversos tipos de ações políticas praticadas pelos entrevistados, na categoria de resposta “já fez” sendo: “Assinar um manifesto (abaixo assinado)”, “Participar de boicote (por exemplo, deixar de comprar produto de determinada marca como forma de protesto)”, “Participar de manifestações ou passeatas”, “Participar de greves”, e “Ocupar prédios, fábricas, lotes, escolas” (Veja no questionário em Anexo D, Volume II, pergunta V4). A ação política praticada pela maior parte dos entrevistados foi “Assinar um manifesto”, e a ação política menos praticada pelos entrevistados foi “Ocupar prédios, fábricas, lotes, escolas” (Tabela 49).

Tabela 49 - Ação política

Ação política	Já fez (%)
Assinar um manifesto	57,0
Participar de boicote	23,0
Participar de manifestações ou passeatas	25,1
Participar de greves	20,5
Ocupar prédios, fábricas, lotes, escolas.	2,6

Fonte: PRMBH/2002.

O indicador de experiência está diretamente relacionado com o *OP*, ou seja, a *participação de reuniões do OP*. Para os respondentes que avaliaram o *OP* foi perguntada sobre sua participação no *OP*. A maior parte dos respondentes nunca participaram de reuniões do *OP* (Tabela 50).

Tabela 50 - Participação em reuniões do *OP*

Participação em reuniões do <i>OP</i>	(%)
Sim	15,5
Não	84,5
Total	100,0
(N=485)	

Fonte: PRMBH/2002.

7.5.3.4. Capital Econômico

Por último, o indicador de capital econômico construído através do índice NSE partiu dos diversos aspectos das *condições econômicas do domicílio*, utilizando a “Teoria de Resposta ao Item” (TRI), sintetizando as seguintes informações: a renda familiar, o número de banheiros, o estado de conservação, a qualidade do piso (a partir da informação sobre o tipo de piso), número de cômodos por morador (dados da amostra); e os bens de consumo; automóvel, telefone fixo, geladeira, máquina de lavar roupa ou tanquinho, Televisão a cores, Vídeo ou DVD, TV a cabo, computador, e computador ligado à internet (Veja no questionário em Anexo D, Volume II, perguntas T23, E25, E34, E26, E24, E30). Para efeito de uma exposição descritiva do perfil do domicílio, a seguir, faço resumidamente uma apresentação das variáveis utilizadas no índice. O perfil para a maioria dos entrevistados através das suas condições econômicas do domicílio é: renda até cinco salários mínimos, com um banheiro em casa, domicílio com bom ou regular estado de conservação, com piso tipo cerâmica, com até 10 cômodos, e com até quatro moradores. E em relação aos bens de consumo a maioria: não têm computador, não tem automóvel, mas tem máquina de lavar roupa ou tanquinho, uma geladeira, telefone fixo, e televisão (Tabelas 51, 52, 53, 54, 55, 56 e 57).

Tabela 51 - Renda familiar

Renda familiar	(%)
Até um salário mínimo	6,4
Mais de um a três salários mínimos	29,8
Mais de três a cinco salários mínimos	19,8
Mais de cinco a dez salários mínimos	22,3
Mais de dez a vinte salários mínimos	11,6
Acima de vinte salários mínimos	6,6
NR	3,5
Total	100,0 (N=1029)

Fonte: PRMBH/2002.

Tabela 52 - Número de banheiros

Número de banheiros	(%)
Nenhum banheiro	0,3
1 banheiro	60,9
2 a 3 banheiros	34,7
4 ou mais	4,1
Total	100,0 (N=1029)

Fonte: PRMBH/2002.

Tabela 53 - Estado de conservação do domicílio

Estado de conservação do domicílio	(%)
Excelente	16,6
Bom	36,4
Regular	32,2
Ruim	13,3
Péssimo	1,0
Total	100,0 (N=995)

Fonte: PRMBH/2002.

Tabela 54 - Tipo de piso

Tipo de piso	(%)
Chão batido	3,5
Cimento	21,2
Carpete	1,0
Cerâmica	53,3
Lajota	1,1
Ardósia	15,1
Granito	2,3
Taco	25,2
Tábua corrida	9,7

Fonte: PRMBH/2002.

Tabela 55 - Número de cômodos

Número de cômodos	(%)
1 a 3 cômodos	4,6
4 e 5 cômodos	25,1
6 a 10 cômodos	58,2
11 a 28 cômodos	12,1
Total	100,0 (N=1029)

Fonte: PRMBH/2002.

Tabela 56 - Número de moradores

Número de moradores	(%)
1 morador	4,3
2 moradores	13,0
3 moradores	21,4
4 moradores	24,3
5 moradores	21,9
6 ou mais moradores	15,1
Total	100,0 (N=1029)

Fonte: PRMBH/2002.

Tabela 57 - Número de bens domésticos

Bens	Nenhum (%)	1 (%)	2 (%)	3 (%)	4 (%)	5 ou mais (%)	NR	Total
Automóvel	54,7	33,0	9,3	2,3	0,7	0,1	0,2	100,0 (N=1029)
Telefone fixo	18,3	73,7	6,8	0,8	0,3	-	0,1	100,0 (N=1029)
Geladeira	2,7	85,9	10,4	0,7	0,1	-	0,3	100,0 (N=1029)
Máquina de lavar roupa/tanquinho	51,5	46,5	1,6	-	-	-	0,4	100,0 (N=1029)
Televisão	3,6	46,8	33,5	11,6	3,3	1,1	0,2	100,0 (N=1029)
Computador	71,3	25,0	2,5	0,8	0,1	-	0,2	100,0 (N=1029)

Fonte: PRMBH/2002.

7.5.4. Análise dos resultados: Oferecer ou não o “Não sei” e as condições sociais dos respondentes susceptíveis aos efeitos nas respostas

Após a apresentação dos indicadores de cada aspecto da dimensão *situação biográfica ou a posição na estrutura social*, passo agora à apresentação do modelo de análise utilizado para verificar o poder explicativo de cada um dos aspectos considerados sobre o tipo de variação nas respostas identificada com os chamados *efeitos nas respostas*, quando *oferecemos ou não o não sei*. Para o experimento sobre *oferecer ou não o “NS”* a variável dependente *efeito nas respostas* é então identificada com os tipos de respostas dadas, *“NS espontâneo” ou “NS oferecido”* em relação aos outros tipos de respostas; sendo que a variação nas respostas, incluindo as categorias de respostas substantivas, pode estar identificada com o “falso positivo” e o “falso negativo” (GILLJAM, GRANBERG, 1993).

Na “versão A – NS espontâneo” espera-se uma declaração de “NS espontâneo” mais próximo do seu significado substantivo (verdadeiro), ou seja, realmente “não sei responder” por falta de opinião ou conhecimento sobre o assunto. Este tipo de pergunta - não oferece o “NS” como opção de resposta - está mais susceptível a respostas positivas (“falso positivo”), ou seja, há uma maior chance de pessoas que não têm opinião ou conhecimento sobre o assunto declararem algum

tipo de resposta substantiva (na pergunta em análise: “aumentou”, “diminuiu”, e “continua igual”). Sendo que na “versão B” pode-se esperar que o “NS oferecido” leve a uma maior proporção de declarações do “NS” no seu significado substantivo (verdadeiro). Contudo, pode ser também como uma maneira instituída e facilitadora para se negar uma escolha de resposta substantiva (verdadeira). Ou seja, o respondente tem uma opinião ou conhecimento sobre o assunto, mas diante da opção “NS oferecida” aumenta suas chances declarar “NS” (“não conheço o suficiente para dar opinião”) como uma saída mais fácil (o “falso negativo”); por não estar disposto a emitir opinião ou por uma interpretação diante opção “NS oferecida” como uma “sugestão” de que a tarefa seja difícil.

As variáveis dependentes referem-se às chances de uma pessoa responder “NS espontâneo” ou “NS oferecido” (“não conhece o suficiente para opinar”) em relação a outros tipos de respostas (“aumentou”, “diminuiu”, e “continua igual”). São quatro perguntas para cada versão do experimento, “versão A – NS espontâneo”, e “versão B – NS oferecido”, o que implica em oito modelos de regressão logística binária diferentes¹⁰⁶. Os modelos comparativos A e B são os seguintes:

1) Poder da população de decidir sobre obras na cidade – “NS espontâneo” – versão A

X

Poder da população de decidir sobre obras na cidade – “NS oferecido” – versão B

2) Prestação de contas da prefeitura junto à população – “NS espontâneo” – versão A

X

Prestação de contas da prefeitura junto à população – “NS oferecido” – versão B

3) Atenção às demandas populares – “NS espontâneo” – versão A

X

Atenção às demandas populares – “NS oferecido” – versão B

¹⁰⁶ Descrição do modelo de análise no Capítulo 7 (Análise de Dados), item 7.3. Metodologia

4) Poder dos vereadores – “NS espontâneo” – versão A

X

Poder dos vereadores – “NS oferecido” – versão B

A estrutura da variável dependente para o modelo de regressão é a seguinte: 1 para respostas “NS espontâneo” e para o “NS oferecido”, e 0 para outros tipos de respostas. A expressão da equação dos modelos é: $\text{Ln} [P(y=1)/1-P(y=1)] = \beta_0 + \beta_1$ (escolaridade) + β_2 (escolaridade da mãe) + β_3 (informação em geral) + β_4 (índice de informação política) + β_5 (índice de associativismo e participação política) + β_6 (índice de comportamento político) + β_7 (participou do OP) + β_8 (NSE) + ε .

As tabelas apresentam a significância para cada variável explicativa e a seu poder explicativo (ou incremento = Exponencial de Beta transformado em percentual; a razão de chance multiplicada por 100: $[\text{Exp}(B) - 1] \times 100$), em relação a chance de responder “NS espontâneo” (Versão A) e “NS oferecido” (Versão B) para cada uma das quatro perguntas avaliativas sobre o OP.

Os modelos A e B estão bem ajustados, dado pela comparação do qui-quadrado (χ^2) com o qui-quadrado crítico, obtido pela tabela de distribuição do qui-quadrado. Os modelos apresentam 8 graus de liberdade, assim, levando-se em conta um nível de significância de 95%, o qui-quadrado crítico é de 15,507. Todos os valores do qui-quadrado (χ^2) estão acima do qui-quadrado crítico, conforme as tabelas apresentadas para cada modelo de análise.

No Modelo A - Poder da população de decidir sobre obras na cidade – “NS espontâneo”, controlando-se todas as variáveis, encontramos que nenhuma covariável apresentou efeito significativo sobre a variável dependente nesse modelo (Tabela 58).

Tabela 58 - Modelo Versão A – Poder da população de decidir sobre obras na cidade - “NS espontâneo”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento (%)****
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	-0,17	0,09	0,85	15,2
	Escolaridade da mãe	-0,05	0,77	0,95	4,6
	Informação em geral	-0,44	0,09	0,65	35,4
	Informação sobre política	0,17	0,22	1,19	19
Capital social	Associativismo e participação política	-0,35	0,32	0,70	29,8
	Comportamento político	-0,07	0,78	0,94	6,5
	Participação no OP	-18,94	1,00	0,00	100
Capital econômico	Nível socioeconômico (NSE)	0,04	0,08	1,04	4,1
	Constante	-0,73	0,35	0,48	51,6
				χ ²	21,162
				Pseudo R2 - Cox & Snell	0,095
				Pseudo R2 - Nagelkerke	0,211
				N	216

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados PRMBH/2002

No Modelo B - Poder da população de decidir sobre obras na cidade – “NS oferecido”, controlando-se todas as variáveis, encontramos que também nenhuma covariável apresentou efeito significativo sobre as variáveis dependentes neste modelo (Tabela 59).

Tabela 59 - Modelo Versão B – Poder da população de decidir sobre obras na cidade - “NS oferecido”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento (%)****
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	0,08	0,17	1,08	7,80
	Escolaridade da mãe	-0,08	0,32	0,93	7,33
	Informação em geral	-0,11	0,42	0,90	10,17
	Informação sobre política	-0,13	0,10	0,88	11,82
Capital social	Associativismo e participação política	0,16	0,25	1,18	17,52
	Comportamento político	-0,22	0,09	0,80	19,81
	Participação no OP	-0,84	0,08	0,43	56,62
Capital econômico	Nível socioeconômico (NSE)	-0,01	0,30	0,99	1,36
	Constante	0,77	0,16	2,15	115,00
				χ ²	19,783
				Pseudo R2 - Cox & Snell	0,096
				Pseudo R2 - Nagelkerke	0,128
				N	205

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados PRMBH/2002

No Modelo A - Prestação de contas da prefeitura junto à população – “NS espontâneo”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances de responder “NS espontâneo” do que outros tipos de respostas são **maiores (positivas)** em (Tabela 60):

- 5,8%, para cada ponto no *nível socioeconômico* (NSE);

e **menores (negativas)**, em:

- 22,7%, para cada ano de *escolaridade do entrevistado*.

Tabela 60 - Modelo Versão A – Prestação de contas da prefeitura junto à população - “NS espontâneo”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento (%)****
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	-0,26	0,00	0,77	22,7
	Escolaridade da mãe	-0,15	0,23	0,86	14,1
	Informação em geral	0,07	0,72	1,08	7,5
	Informação sobre política	0,07	0,53	1,07	7,5
Capital social	Associativismo e participação política	-0,14	0,55	0,87	12,7
	Comportamento político	0,32	0,08	1,37	37,5
	Participação no OP	-19,94	1,00	0,00	100,0
Capital econômico	Nível socioeconômico (NSE)	0,06	0,00	1,06	5,8
	Constante	-0,10	0,88	0,90	9,6
				χ ²	35,695
				Pseudo R ² - Cox & Snell	0,153
				Pseudo R ² - Nagelkerke	0,265
				N	219

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados PRMBH/2002

No Modelo B - Prestação de contas da prefeitura junto à população – “NS oferecido”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances de responder “não conhece o suficiente para opinar” do que outros tipos de combinação de respostas são **menores (negativas)** em (Tabela 61):

- 83,4%, para *aqueles que participaram do OP*;
- 24,5%, para cada ponto no *índice de informação sobre política*;
- 2,7%, para cada ponto no *nível socioeconômico (NSE)*.

Tabela 61 - Modelo Versão B – Prestação de contas da prefeitura junto à população - “NS oferecido”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento (%)****
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	0,03	0,55	1,03	3,4
	Escolaridade da mãe	-0,01	0,94	0,99	0,6
	Informação em geral	0,13	0,35	1,14	13,7
	Informação sobre política	-0,28	0,00	0,76	24,5
Capital social	Associativismo e participação política	0,26	0,11	1,29	29,3
	Comportamento político	-0,17	0,21	0,84	15,7
	Participação no OP	-1,80	0,00	0,17	83,4
Capital econômico	Nível socioeconômico (NSE)	-0,03	0,05	0,97	2,7
	Constante	1,65	0,00	5,21	421,4
	χ^2			39,938	
	Pseudo R2 - Cox & Snell			0,183	
	Pseudo R2 - Nagelkerke			0,244	
	N			206	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados PRMBH/2002

No Modelo A - Atenção às demandas populares – “NS espontâneo”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances de responder “NS espontâneo” do que outros tipos de respostas são: **maiores (positivas)** em (Tabela 62):

- 5,0%, para cada ponto no *nível socioeconômico* (NSE);

e **menores (negativas)** em:

- 21,9%, para cada ano de *escolaridade do entrevistado*.

Tabela 62 - Modelo Versão A – Atenção às demanda populares - “NS espontâneo”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento (%)****
	Escolaridade do entrevistado	-0,25	0,00	0,78	21,9
Capital cultural	Escolaridade da mãe	0,06	0,64	1,06	6,1
	Informação em geral	-0,15	0,50	0,86	13,9
	Informação sobre política	0,08	0,50	1,08	8,5
	Associativismo e participação política	-0,09	0,71	0,92	8,3
Capital social	Comportamento político	0,25	0,19	1,29	28,6
	Participação no OP	-1,40	0,23	0,25	75,3
	Nível socioeconômico (NSE)	0,05	0,02	1,05	5,0
Capital econômico	Constante	-0,62	0,37	0,54	46,3
	χ^2			17,975	
	Pseudo R2 - Cox & Snell			0,08	
	Pseudo R2 - Nagelkerke			0,159	
	N			220	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados PRMBH/2002

No Modelo B - Atenção às demanda populares – “NS oferecido”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances de responder “não conhece o suficiente para opinar” do que outros tipos de combinação de respostas são **menores (negativas)** em (Tabela 63):

- 76,4% para *aqueles que participaram do OP*;
- 28,0%, para cada ponto no *índice de comportamento político*;
- 14,9% para cada ponto no *índice de informação sobre política*;
- 2,7% para cada ponto no *nível socioeconômico (NSE)*.

Tabela 63 - Modelo Versão B – Atenção às demanda populares - “NS oferecido”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento (%)****
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	0,05	0,36	1,05	5,1
	Escolaridade da mãe	0,00	0,97	1,00	0,3
	Informação em geral	0,05	0,70	1,05	5,5
	Informação sobre política	-0,16	0,04	0,85	14,9
Capital social	Associativismo e participação política	0,06	0,62	1,06	6,3
	Comportamento político	-0,33	0,02	0,72	28,0
	Participação no OP	-1,44	0,01	0,24	76,4
Capital econômico	Nível socioeconômico (NSE)	-0,03	0,05	0,97	2,7
	Constante	0,95	0,08	2,60	159,6
	χ^2			33,253	
	Pseudo R2 - Cox & Snell			0,154	
	Pseudo R2 - Nagelkerke			0,207	
	N			207	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados PRMBH/2002

No Modelo A - Poder dos vereadores – “NS espontâneo”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances de responder “NS” do que outros tipos de respostas são **menores (negativas)** em (Tabela 64):

- 15,6%, para cada ano de *escolaridade do entrevistado*.

Tabela 64 - Modelo Versão A – Poder dos vereadores - “NS espontâneo”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento (%)****
	Escolaridade do entrevistado	-0,17	0,02	0,84	15,6
Capital cultural	Escolaridade da mãe	0,07	0,49	1,08	7,7
	Informação em geral	0,15	0,39	1,16	16,0
	Informação sobre política	-0,05	0,58	0,95	5,1
	Associativismo e participação política	-0,37	0,08	0,69	30,6
Capital social	Comportamento político	0,27	0,08	1,31	31,2
	Participação no OP	-0,53	0,47	0,59	41,3
Capital econômico	Nível socioeconômico (NSE)	0,01	0,42	1,01	1,3
	Constante	-0,19	0,75	0,83	17,3
				χ ²	13,479
				Pseudo R2 - Cox & Snell	0,061
				Pseudo R2 - Nagelkerke	0,098
				N	218

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: Análise autoral, base de dados PRMBH/2002

No Modelo B - Poder dos vereadores – “NS oferecido”, controlando-se pelas outras variáveis, encontramos que as chances de responder “não conhece o suficiente para opinar” do que outros tipos de combinação de respostas são **menores (negativas)** em (Tabela 65):

- 75,0% para *aqueles que participaram do OP*;
- 46,9%, para cada ponto no *índice de comportamento político*.

Tabela 65 - Modelo Versão B – Poder dos vereadores - “NS oferecido”

Dimensões	Co-variáveis	B*	Sig.**	Exp(B)***	Incremento (%)****
Capital cultural	Escolaridade do entrevistado	0,04	0,46	1,04	4,4
	Escolaridade da mãe	0,06	0,45	1,07	6,5
	Informação em geral	-0,26	0,08	0,77	23,0
	Informação sobre política	-0,11	0,19	0,90	10,4
Capital social	Associativismo e participação política	0,13	0,39	1,14	14,1
	Comportamento político	-0,63	0,00	0,53	46,9
	Participação no OP	-1,39	0,01	0,25	75,0
Capital econômico	Nível socioeconômico (NSE)	-0,01	0,62	0,99	0,7
	Constante	2,09	0,00	8,09	709,1
χ^2				54,059	
Pseudo R2 - Cox & Snell				0,241	
Pseudo R2 - Nagelkerke				0,324	
N				205	

* Beta

** Significância no teste unilateral a 95% de confiabilidade (P<0,05)

*** Exponencial de Beta

**** Exponencial de Beta transformado em percentual = a razão de chance multiplicada por 100: [Exp(B) - 1] x 100

Fonte: PRMBH/2002

Embora neste modelo de análise não tenha sido contemplada a dimensão que expressa às *disposições ou atitudes em relação ao assunto* abordado na pergunta a ser analisada, os resultados são importantes e contribuem, mesmo assim, para a compreensão dos aspectos relevantes para explicar os efeitos nas respostas – aqui especificamente os efeitos nas respostas decorrentes da opção de oferecer ou não o “NS” dentre as alternativas de respostas como semi-filtro. De qualquer maneira, os aspectos mais objetivos relacionados à *situação biográfica ou a posição na estrutura social* dos respondentes se mostraram significativos em outros experimentos, tanto os presentes na literatura sobre os efeitos nas respostas (SCHUMAN, PRESSER, 1981; NARAYAN, KROSNICK, 1996), quanto na análise de dados da pesquisa do GOES nesse estudo. Dentre as variáveis disponíveis e selecionadas na PRMBH/2002 que expressam a *situação biográfica ou a posição na estrutura social*, as que se mostraram significativas foram: para a “versão A - NS espontâneo”, *escolaridade* e o *nível sócio-econômico (NSE)*; e para a “versão B – NS oferecido”, *informação sobre política, comportamento político, participação no OP*, e o *nível sócio-econômico (NSE)*.

Do ponto de vista dos diversos aspectos considerados, a *escolaridade* se destaca como variável significativa relacionada ao “NS espontâneo”, exclusivamente na “versão A – NS espontâneo”. A *escolaridade* se mostrou significativa em três das quatro perguntas relacionadas negativamente às chances de dizer “NS espontâneo”, ou seja, a cada ano a mais de escolaridade menores são as chances de dizer “NS espontâneo”, com um incremento em torno de 15 a 22%. O *nível sócio-econômico (NSE)* se mostrou significativo positivamente em duas das quatro perguntas para as chances de responder o “NS espontâneo”.

O *nível sócio-econômico (NSE)* aparece significativo para a “versão A – NS espontâneo”, mas com um percentual de incremento bem menor, ou seja, a cada ponto no índice sócioeconômico maiores são, em torno de 5%, as chances de dizer “NS espontâneo”. Como suspeita esta direção da relação com o *nível sócio-econômico (NSE)* poderia estar refletindo o tipo de usuário predominante do OP. Ou seja, a população com maior *nível sócio-econômico (NSE)* não seria o tipo predominante do OP e por isso existe uma parcela desta, que embora detenha conhecimento de uma maneira geral, tem menor proximidade com o OP. Na direção contrária, o *nível sócio-econômico (NSE)* aparece associado negativamente às chances de dizer “NS oferecido” em proporções baixas de 2,7% em duas das perguntas da “versão B – NS oferecido”, ou seja, a cada ponto no *nível sócio-econômico (NSE)* menores as chances e responder o “NS oferecido”.

As variáveis, *informação sobre política, comportamento político, participação no OP* se destacaram exclusivamente como significativas na “versão B – NS oferecido”. Entre elas, hierarquicamente, a *participação no OP* se mostra com maior poder explicativo, com um incremento de 75% a 83% a menos de chances para quem participou do OP, em três das quatro perguntas da “versão B – NS oferecido”. Em segundo lugar, destaca-se a variável *comportamento político* que se mostrou significativa negativamente, com um incremento de 28% a 46% de chances de responder “NS oferecido” em duas das quatro perguntas da “versão B – NS oferecido”, ou seja, a cada ponto na escala de *comportamento político*, menores são as chances de dizer “NS oferecido”. E por último, destaca-se a variável *informação sobre política* que se mostrou significativa negativamente, com um incremento de 15% a 24% de chances de responder “NS oferecido” em duas das quatro perguntas

da “versão B – NS oferecido”, ou seja, a cada ponto na escala de *informação sobre política* menor as chances de dizer “NS oferecido”.

Em resumo, os resultados claramente relacionados à *maior susceptibilidade* ao efeito de “oferecer o NS” identificam o seguinte perfil de respondentes: *menor informação sobre política; menor prática social como a ausência de ações politicamente orientadas; e ausência de uma experiência direta com o OP.*

Outro destaque diz respeito à relação das variáveis com os diferentes tipos de perguntas. Para a primeira pergunta (“poder da população para decidir sobre obras”) nenhuma relação foi significativa nas duas versões. Na “versão A – NS espontâneo” a variável *escolaridade* se mostra significativa para as três outras perguntas (“prestação de contas da Prefeitura”, “atenção que a prefeitura dá as demandas da população”, e “poder dos vereadores”), e o *nível sócio-econômico (NSE)* para duas delas (“prestação de contas da Prefeitura”, “atenção que a prefeitura dá as demandas da população”). Para a “versão B – NS oferecido” a variável *participação no OP* se destaca nas três outras perguntas, o *comportamento político* em duas perguntas (“atenção que a prefeitura dá as demandas da população”, e “poder dos vereadores”), a *informação sobre política* e o *nível sócio-econômico (NSE)* também em duas perguntas (“prestação de contas da Prefeitura”, “atenção que a prefeitura dá as demandas da população”). Além de se mostrar significativa em três das quatro perguntas, a variável *participação no OP* apresenta um maior poder de explicação dos efeitos nas respostas com um incremento de, respectivamente, 83,4%, 76,4% e 75,0% de chances de responder “NS” quando oferecido, em relação àqueles que não participaram do OP.

As variáveis que, em momento algum, se mostraram significativas no modelo explicativo sobre o “oferecer ou não o NS” foram: *escolaridade da mãe*, como expressão do capital cultural transmitidos pela familiar; *o acesso à informação de uma maneira em geral*, como expressão do capital cultural incorporado; e o *associativismo e a participação política* como expressão de um dos aspectos do capital social, não se mostram significativos no modelo proposto para explicar os efeitos nas respostas.

Abaixo, o Quadro 7 apresenta os resultados significativos para cada tipo de resposta considerada nos modelos de análise:

Quadro 7 - Variáveis explicativas dos efeitos nas respostas – oferecer ou não o “NS” – e os resultados significativos, e seus incrementos em percentual, para cada tipo de resposta considerada nos modelos de análise.

Variáveis Independentes	Poder da população para decidir sobre obras		Prestação de contas da Prefeitura		Atenção que a prefeitura dá às demandas da população		Poder dos vereadores	
	NS Espontâneo	NS Oferecido	NS Espontâneo	NS Oferecido	NS Espontâneo	NS Oferecido	NS Espontâneo	NS Oferecido
Escolaridade do entrevistado	-	-	-22,7%	-	-21,9%	-	-15,6%	-
Escolaridade da mãe	-	-	-	-	-	-	-	-
Informação geral	-	-	-	-	-	-	-	-
Informação sobre política	-	-	-	-24,5%	-	-14,9%	-	-
Associativismo e Participação	-	-	-	-	-	-	-	-
Ação política	-	-	-	-	-	-28,0%	-	-46,0%
Participação no OP	-	-	-	-83,4%	-	-76,4%	-	-75,0%
NSE	-	-	+5,8%	-2,7%	+5,0%	-2,7%	-	-

Fonte: Análise autoral, base de dados PRMBH/2002

7.5.5. Conclusões

Embora os dados da PRMBH 2002 não possibilitassem uma verificação, no conjunto de variáveis, do impacto da dimensão atitudinal sobre os efeitos nas respostas, quando oferecemos ou não a opção de resposta “Não sei”, os resultados reforçam a importância das condições sociais objetivas, representadas por diferentes aspectos, pelas quais os respondentes se encontram. Estas condições estão representadas pelo *capital cultural incorporado, a trajetória e as experiências vividas,*

especificamente com a *experiência direta com o objeto abordado – o Orçamento Participativo*.

De uma maneira geral, a representação que se tem a respeito do questionário no senso comum é a de que se trata de um teste e que devo demonstrar o melhor desempenho pessoal e *cooperar* com quem me escuta dando informações relevantes e informativas, e que um “Não sei” pode não “satisfazê-lo”. Esse *esquema interpretativo* se aproxima da “versão A” desse experimento quando não oferecemos o “Não sei”. Ao disponibilizar uma lista de opções de respostas, sem oferecer o “Não sei”, esta sugere uma saída fácil para quem não tem familiaridade ou conhecimento sobre o assunto, um custo menor, e uma apresentação *positiva* da sua própria imagem, pressupondo que o “outro” (o pesquisador quem elaborou a pergunta) gostaria que “eu” escolhesse uma dentre as opções de respostas apresentadas. A própria natureza do questionário, que pressupõe a produção de uma matriz de dados objetivamente codificados, contribui para esta representação de um roteiro de perguntas que deve ser *ritualisticamente* respondido no esquema de escolher uma resposta dentre as previstas. As regras da padronização e a linguagem especializada de comunicação contribuem para esta definição da situação de interação da entrevista de *survey*.

Nas medidas atitudinais, especificamente aquelas que demandam maior familiaridade e conhecimento, e que objetivamente se caracterizam como medidas de conhecimento, o dilema do *falso positivo* permanece variando no grau desta mesma condição. Quanto maior a demanda por familiaridade e conhecimento maiores as chances do falso positivo ocorrer. Esta confirmação é possível com a relação entre as diferentes perguntas avaliativas do OP. O “Poder da população decidir sobre obras” e a “Atenção às demandas da população” são perguntas que tratam de aspectos mais abrangentes e visíveis para o entrevistado e que envolvem a população (e o entrevistado) mais diretamente, e por isso, o “Não Sei” é menor nestas perguntas, para as duas versões A e B, enquanto a “Prestação de contas da prefeitura” e o “Poder dos vereadores” são perguntas com percentuais maiores na categoria “Não sei” nas duas versões A e B.

Na verificação empírica para a “versão A” destaca-se a *escolaridade do entrevistado* com significância estatística, e com incremento em maiores proporções, para falar da propensão a responder “Não sei” espontaneamente. Quanto *maior a escolaridade, menor chance de dizer “Não sei” espontaneamente*. A maior escolaridade poderia, de certa maneira, aumentar as chances do *falso positivo*? A maior escolaridade poderia estar assim relacionada ao maior constrangimento de dizer “Não sei” espontaneamente, ao *esquema interpretativo* de que deve haver uma cooperação eficiente informativa e relevante, mas não verdadeira, ou seja, aqueles com menor escolaridade, embora dissessem que “já ouvi falar do OP”, têm maior chance de assumir “verdadeiramente” a ausência de opinião sobre o assunto.

Na “versão B”, quando oferecemos o “Não sei” estamos lidando mais fortemente com o *falso negativo* (se referem àqueles que optam pela resposta “Não sei” quando oferecida, mas que escolheriam alguma outra resposta substantiva se o “Não sei” não fosse oferecido). Além disso, esta categoria pode ser uma opção de resposta para aqueles que verdadeiramente não tem opinião. Ao oferecer o “Não sei” estamos legitimando a possibilidade da opção “Não sei” ser declarada como resposta, de ser escolhida, já que estamos em um esquema de escolhas de opções previstas. Quando oferecemos o “Não sei” estamos permitindo que aqueles que não têm opinião escolham esta opção, mas também possibilitando àqueles que têm uma opinião, mas por algum constrangimento ou por considerar a tarefa cognitiva difícil, escolhem o caminho mais fácil do “Não sei”. Como grupo heterogêneo, como distinguir quanto às diferentes motivações das respostas “Não sei”?

Quando oferecemos o “Não sei” procuramos legitimar essa escolha diante de uma demanda de familiaridade e conhecimento pelo assunto abordado na pergunta. Na verificação empírica para a “versão B” se destaca, com significância estatística, e com incrementos em maiores proporções, a *informação sobre política, a ação política e a participação no OP* principalmente para a *participação no OP* para falar da propensão (negativa) de responder “Não sei” quando oferecido; *quanto maior informação sobre política, ação política e participação no OP menores são as chances de dizer “Não sei” oferecido*. Tomando esta relação por pressuposto, nesta situação de pergunta (oferecer o “Não sei” como resposta), estaríamos esperando que as opiniões substantivas estivessem relacionadas àqueles que realmente têm

informação sobre o objeto abordado, ativismo político e experiência com o objeto abordado.

Sendo assim, os aspectos (características) sociais dos respondentes que têm poder explicativo sobre os efeitos nas respostas quando oferecemos ou não o “Não sei” estão relacionados com os processos de *incorporação de capital cultural* (no aspecto da informação mais especializada) e as *experiências adquiridas pelos respondentes em relação ao objeto específico*. A *escolaridade do entrevistado* como capital cultural institucionalizado, o *background familiar* (escolaridade da mãe) ou a *informação mais generalizada*, o capital social (associativismo), e as *condições sócio-econômicas* não são suficientes para especificar as condições pelas quais os respondentes tornam-se susceptíveis aos efeitos nas respostas. Ou seja, as dimensões explicativas dos efeitos nas respostas quando oferecemos ou não o “Não sei” estão relacionadas aos aspectos socialmente adquiridos e às práticas sociais instituídas no campo específico o qual se estrutura as relações.

Diante das hipóteses consideradas, e que orientaram este estudo sobre as características sociais relacionadas aos efeitos nas respostas quando “oferecemos ou não o NS”, os resultados apresentados apontam para:

- 1) Destacar a importância dos *aspectos objetivos e socialmente adquiridos* no “campo” do objeto abordado relacionados com a *informação especializada sobre o objeto abordado (política)*, as *práticas politicamente orientadas (ação política)*, e, especificamente, com a *experiência direta com o objeto abordado (OP)*.
- 2) Especificar a variável *escolaridade do entrevistado* (o capital cultural institucionalizado) para caracterizar os respondentes da categoria “NS quando oferecidas”.
- 3) Apoiar a relevância do aspecto multidimensional das características dos respondentes, quanto a sua situação biográfica e posição na estrutura social, para diferenciar os tipos de efeitos nas respostas relacionados com o significado da opção da resposta “Não sei” em cada situação de perguntas,

oferecendo ou não o “Não sei” como resposta (que disponibiliza diferentes esquemas interpretativos). Assim, a *escolaridade do respondente* se destacou significativamente para a versão A (NS espontâneo) e as *informações, as ações e as experiências específicas sobre o objeto abordado* se destacaram significativamente para a versão B (NS oferecido). Além disso, no contexto da pesquisa sobre o OP, uma variação relacionada ao conteúdo das perguntas, os diferentes aspectos abordados na avaliação do OP, (“Poder da população decidir sobre obras”, “Prestação de contas da prefeitura”, “Atenção às demandas da população”, “Poder dos vereadores”) também acarreta efeitos nas respostas devido ao diferente grau de familiaridade e conhecimento demandados por cada aspecto do OP a ser avaliado.

8. CONCLUSÕES FINAIS

Esta tese tem por objetivo central trazer contribuições conceituais – a partir da sociologia - e metodológicas – a partir da análise de experimentos tipo *split ballots* - para a compreensão das condições relevantes a serem considerados no processo de elaboração do questionário de *survey* e no processo de análise e interpretação dos dados a partir de um melhor entendimento sobre os efeitos nas respostas.

Para isso, procurei desenvolver as possibilidades de uma contribuição a partir da perspectiva sociológica - juntamente com a psicologia social, da psicolingüística e da metodologia de *survey* - para uma abordagem da entrevista de *survey* como interação social, focalizando os atores: o *questionário* e o *respondente*. Partindo desse foco da interação, busquei destacar as condições sociais significativas pelas quais os respondentes de um questionário se tornam susceptíveis aos efeitos nas repostas, como nas diferentes situações de *sequência de perguntas* e de *oferecer ou não a opção “Não Sei”* como resposta.

O pressuposto da interação social está fundamentado teoricamente através de noções como intersubjetividade, interação face a face, reciprocidade de expectativas, esquema interpretativo, situação biográfica e posição na estrutura social, dentre outras, que são parte dos pressupostos teóricos das diferentes abordagens da sociologia interpretativa e da sociologia integradora das dimensões como ação/estrutura.

A escolha das correntes sociológicas utilizadas definiu-se dentro da perspectiva específica da minha tese e de uma perspectiva pessoal. Certamente, outros autores, de mesmas correntes teóricas utilizadas ou não, também se dedicaram ao estudo da interação social. A minha escolha nesse contexto teórico foi partir da perspectiva fenomenológica de Schutz, que estabeleceu conceitos fundamentais para compreender a ação social e a interação na vida diária, e outros autores da sociologia interpretativa que buscaram desdobramentos importantes para esta discussão, alguns deles abordados neste estudo como Garfinkel, Gofman, Cicourel e Zimmerman. Além disso, Bourdieu, Giddens e Elias foram referências para uma discussão sobre a articulação das dimensões ação e estrutura.

A operacionalização dos conceitos foi realizada utilizando os dados da Pesquisa sobre Meio Ambiente em Minas Gerais (GOES-Minas) e da Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PRMBH-2002). O instrumento metodológico utilizado para a verificação dos efeitos nas respostas são os experimentos chamados *split ballots* que fazem parte das respectivas pesquisas. Esse é o instrumento central utilizado pelo campo de estudo para avaliar os efeitos nas respostas. Na concepção dos experimentos utilizados neste estudo procurou-se aplicar essa metodologia clássica como o plano amostral probabilístico e o controle da formulação das perguntas em versões diferenciadas apenas pela variável “teste”, ou seja, mantendo todas as condições iguais, os resultados decorrem da variável a ser testada: 1) a *sequência de perguntas (efeito contextual)* e 2) *oferecer ou não o “Não sei”*.

Na referência clássica dos estudos de Shuman e Presser (1981) estes pesquisadores analisaram as diferenças dos resultados de duas amostras destacando uma direção a ser analisada, ao selecionar uma das categorias de respostas. Neste estudo, procurei analisar os resultados em várias direções apresentadas pelas opções de respostas, adotando como pressuposto que para qualquer direção de respostas deverá haver um entendimento sobre as situações e os efeitos possíveis envolvidos.

Quanto à utilização da metodologia dos experimentos *split ballots* e dos experimentos concebidos no GOES e na PRMBH, procurei aplicar os seus pressupostos referidos, mas também foi de minha responsabilidade a interpretação dos resultados e a tentativa de buscar novas estratégias teóricas e metodológicas, que acrescentassem, de alguma maneira, elementos importantes para este campo de estudo. Esta tese procura desenvolver, a partir do contexto de pesquisa brasileira, o uso desse tipo de experimento metodológico e coloca em discussão as possibilidades alcançadas e também as insuficiências apresentadas. Desta maneira, empregando as estratégias propostas, indiquei algumas possibilidades de análise e interpretação dos resultados, que, certamente, não são as únicas, mas tive a pretensão de ser rigorosa teórica e metodologicamente dentro das condições demarcadas.

No experimento sobre *efeito contextual*, comparando as direções classificadas, a partir do entendimento sobre a ativação de esquemas interpretativos e aplicação da regra de reciprocidade (busca da consistência normativa), procurei destacar, em cada situação de sequência de perguntas, aquelas às quais são tipicamente resultados dos chamados efeitos nas respostas. Neste caso, os tipos de respostas que tipicamente carregam efeitos nas suas repostas são: 1) “Uso da floresta amazônica tratado em acordos internacionais – Versão A” – por sua relação mais direta com o esquema interpretativo ativado na primeira pergunta sobre a questão ambiental americana (que tende ao ambientalismo em relação ao “outro”), e 2) Uso de energia nos EUA tratado como assunto interno – Versão B” – por sua relação mais direta com o esquema interpretativo ativado na primeira pergunta sobre a questão ambiental brasileira (tendendo ao nacionalismo aplicado ao “outro” pela busca de consistência normativa).

No segundo experimento analisado, comparando os resultados para a categoria de resposta “Não sei” – espontâneo ou oferecido –, entende-se que se trata de situações diferentes e que levam a resultados distintos. Não necessariamente pode-se dizer que uma situação acarreta menor efeito nas repostas do que em outra situação; a questão é a natureza e a direção dos efeitos nas respostas. Assim, a noção de *falso positivo* e *falso negativo* nos coloca um dilema que deve ser entendido e aplicado a cada situação específica, ou a cada tipo de estudo e assunto abordado (e, especificamente o conteúdo/significado das perguntas e respostas).

A seleção de variáveis explicativas dos efeitos nas respostas (características sociais dos respondentes) nesses bancos de dados considerou a relevância de algumas delas já destacadas na literatura sobre as variáveis explicativas dos efeitos nas respostas e, principalmente, a partir das dimensões sociológicas salientadas no recorte teórico deste estudo. De uma maneira geral, procurei identificar e justificar as medidas disponíveis e selecionadas com as perspectiva sociológica proposta. Certamente, em outra condição de produção de dados para a investigação dos efeitos nas respostas, outros tipos de medidas poderiam ser testados a partir de uma concepção voltada exclusivamente para esse propósito. Apesar dessa limitação,

procurei apresentar as medidas utilizadas para que essas possam ser avaliadas também quanto aos seus méritos para o propósito deste trabalho.

A partir da lógica da análise multivariada (regressão logística binária) foi possível testar diversas características sociais dos respondentes que teoricamente poderiam estar relacionadas aos efeitos nas respostas (a chance de responder determinada categoria de resposta – variável dependente). A variável independente principal é a situação da pergunta especificada - a *sequência de perguntas (efeito contextual)* e *oferecer ou não o “Não sei”* – e as características dos respondentes são variáveis especificadoras das condições pelas quais os respondentes se tornam susceptíveis aos efeitos nas respostas. Esse modelo analítico multivariado procurou avançar em relação à grande maioria das análises que utilizaram o modelo bivariado para testar a significância de determinada característica dos respondentes, por exemplo, no clássico estudo de Shuman e Presser (1981), em que a variável escolaridade foi a mais utilizada como variável especificadora dos efeitos nas respostas.

O conjunto de características sociais dos respondentes proposto procurou refletir a clássica discussão nas ciências sociais sobre a relação entre as dimensões atitudinais e as condições objetivas socialmente estruturadas. Nessa perspectiva, este estudo também procurou contribuir com uma análise conjunta dessas diferentes dimensões para compreender suas relações e poder explicativo. Na literatura de referência, essas dimensões foram investigadas, na maioria das vezes, separadamente. A possibilidade de contar com certa diversidade dessas variáveis trouxeram resultados significativos para a análise das características sociais dos respondentes relacionadas aos tipos de repostas.

A análise do experimento com a sequência das perguntas (GOES-Minas/2001), por exemplo, destacou a significância para variáveis *atitudinais* (disposições em relação ao objeto) que podem ser consideradas medidas menos abstratas do que outras, como o destaque para a *Atenção às notícias sobre meio ambiente* e a *Importância da política partidária para o voto*, enquanto a clássica medida atitudinal de *Interesse pela questão ambiental* em nenhuma situação se apresentou significativa.

Dentre as subdimensões da *situação biográfica ou posição na estrutura social*, o *capital cultural*, as *experiências/práticas sociais* e a *socialização* se apresentaram significativas em relação ao *contexto-ambiente* e ao *capital econômico*. Nessas diferentes subdimensões as variáveis que se mostraram significativas nos trazem resultados relevantes. Na subdimensão capital cultural, a escolaridade do entrevistado (institucionalizado) se apresenta significativa em certo tipo efeito nas respostas de mesma natureza, enquanto os outros aspectos do capital cultural (adquirido), principalmente o *Conhecimento sobre a questão ambiental*, se apresentam significativos na versão comparativa. No experimento com a sequência das perguntas (GOES-Minas/2001), a *escolaridade do entrevistado* é significativa nas categorias de respostas tipificadas como a mais propensa aos efeitos do ambientalismo desejável ao “outro” e do nacionalismo aplicado ao “outro”. No experimento com o “Não sei” (PRMBH/2002), a *escolaridade do entrevistado* está significativamente relacionada à situação de pergunta quando o “Não sei” é espontâneo, enquanto outro aspecto do capital cultural, a *Informação sobre o assunto abordado (política)*, está relacionada à situação de pergunta quando o “Não sei” é oferecido.

Em relação às *experiências sociais*, a *ação política* (ou comportamento político), medida idêntica utilizada pelas duas pesquisas, se mostrou significativa em ambos os experimentos. No experimento com a sequência das perguntas (GOES-Minas/2001), o *comportamento político* está relacionado positivamente à categoria de respostas do tipo atitude ambientalista convicta. No experimento com o “Não sei” (PRMBH/2002), o mesmo *comportamento político* está relacionado negativamente com as chances de responder a opção “Não sei” quando oferecida. Quanto às medidas de *comportamento consumidor*, os resultados revelaram a sua complexidade em termos dos seus significados do ponto de vista do impacto para a questão ambiental e do ponto de vista de quem pratica quando as motivações não são de natureza ambientalista (mas econômica, no caso daqueles que procuram economizar energia).

A *socialização*, também trouxe resultados relevantes, principalmente em relação à medida de *socialização na infância junto à natureza*. Esta medida se revelou consistente com o pressuposto nas pesquisas sobre meio ambiente: sua

relação com o ambientalismo, ou sua relação negativa com o nacionalismo aplicado ao “outro” (o tipo de resposta mais susceptível ao esquema interpretativo nacionalista).

A identificação das características sociais dos respondentes e suas diferentes relações com os tipos de efeitos nas respostas são importantes como um conhecimento relevante a ser utilizado no momento da elaboração do questionário e na interpretação dos resultados. Conhecendo o público alvo da pesquisa pretendida e os possíveis esquemas interpretativos produzidos pela relação entre os conteúdos e as situações de perguntas (formatos, redação, contexto). O conhecimento dessas condições nos coloca atentos à vigilância epistemológica, ao exercício de sempre buscar as possíveis fontes de produção de efeitos nas respostas.

Este estudo destaca a relevância do uso de experimentos, como os *split ballots* (com amostras comparativas), de natureza quantitativa com planejamento probalístico, como condição para se buscar a validade externa, ou seja, a possibilidade de generalização dos resultados. Principalmente no Brasil, a utilização desse tipo de experimento é cara e rara, e, somando-se a esta condição, a ausência de uma maior preocupação com o entedimento sobre os efeitos nas repostas, a possibilidade de verificação dos efeitos nas respostas fica restrita aos pré-testes tradicionais (e simplificados) dos questionários. Além da utilização de experimentos para a verificação dos possíveis efeitos nas respostas, na metodologia de *survey* o pré-teste do questionário com técnicas mais avançadas (como a entrevista cognitiva) torna-se imprescindível como instrumento capaz de revelar possíveis fontes de efeitos nas respostas. Embora o uso dessas técnicas mais avançadas de pré-teste não tenha sido abordado com profundidade neste estudo, ambas as pesquisas aqui utilizadas verificaram importantes avanços na elaboração de medidas mais confiáveis e válidas a partir das informações geradas pelo pré-teste do questionário. As experiências do GOES e da PRMBH trouxeram para a pesquisa de *survey* no Brasil uma importante inovação e renovação dos parâmetros de rigor metodológico.

Apesar de todas as experiências e conhecimentos que possamos acumular para contribuir com uma maior validade e confiabilidade das medidas de *survey* precisamos estar certos de que tais medidas, na maioria das situações, acarretam

efeitos nas respostas. Sendo assim, deveremos estar atentos às limitações do questionário aplicado ao *survey*, pois:

Even after years of experience, no expert can write a perfect questionnaire (Sudman, Bradburn, 1982, p. 283).

E de que fundamentalmente:

If you do not have the resources to pilot-test your questionnaire, don't do the study (Sudman, Bradburn, 1982, p. 283).

9. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, N., SIMÕES, S., PEREIRA, M. A. M., SOUZA, M. F. Diagnóstico da situação brasileira em métodos quantitativos para as ciências sociais e estratégias de correção por intermédio do Programa de Metodologia Quantitativa aplicado às Ciências Sociais. *Manuscrito não publicado*, 2004.

ALEXANDER, J. C. O novo movimento teórico. *RBCS*, vol.2, nº 4, 1987.

ALMEIDA, A. C. O efeito do contexto e posição da pergunta no questionário sobre o resultado da medição. Campinas: *Opinião Pública*, vol. VIII, no. 1, p. 328-340, 2002.

ALMEIDA, A. C. *Erros nas Pesquisas Eleitorais e de Opinião*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ANASTASIA, F.; AVRITZER, L.; EISENBERG, J. Inovações institucionais e a participação política: a democracia em Belo Horizonte. *Projeto apresentado ao Curso de Doutorado em ciências humanas: Sociologia e Política para a PRMBH-2002*. BH: 2000.

BEATTY, P. Understanding the standardized/non-standardized interviewing controversy. *Journal of Official Statistics*, vol. 11, p. 147-160, 1995.

BENNEY, M.; HUGHES E. C. Of Sociology and the Interview: Editorial Preface. *American Journal of Sociology*, vol. 62, 1956.

BISHOP, G. F. Experiments with the middle response alternative in *survey* questions. *Public Opinion Quarterly*, American Association for Public Opinion Research, University of Chicago Press, vol. 51. p. 220-232, 1987.

BISHOP, G. F. Issue involvement and response e effects in public opinion *surveys*. *Public Opinion Quarterly*, American Association for Public Opinion Research. The University of Chicago Press, vol. 54, 1990.

BISHOP, G. F.; OLDEMDICK, R. W.; TUCHFARBER, A.J. Effects of filter questions in public opinion *surveys*. *Public Opinion Quarterly*, vol.47, p. 528-546, 1983.

BIZER, G. Y.; VISSER, P. S.; BERENT, M. K.; KROSNICK, J. A. Importance, knowledge, and accessibility: exploring the dimensionality of strength-related attitude properties. In: SARIS, W. E.; SNIDERMAN, P. M. (Eds). *Studies in Public Opinion: Attitudes, Nonattitudes, Measurement Error, and Change*. New Jersey: Princeton University Press, p. 215-241, 2004.

BLUMER, H. Sociological analysis and the variable. *American Sociological Review*, vol. 21, p. 683-690, 1956.

BLUMER, H. *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, Inc., 1969.

BOGART, L. No opinion, don't know, and maybe no answers. *Public Opinion Quarterly*, vol. 31, p. 331-345, 1967.

BORGIDA, E.; HOWARD-PITNEY, B. Personal involvement and the robustness of perceptual salience effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 45, 1983.

BOURDIEU, P. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, Michel. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. Editora Polis, 1985, parte II, Textos selecionados, p. 137-151, Extraído de Les Temp Modernes, no. 318, p. 1292-1304, 1973.

BOURDIEU, P. *Pierre Bourdieu: sociologia*. ORTIZ, Renato (Org.), SP: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. RJ: Bertrand Brasil, 1989/2007.

BRADBURN, N. M.; MASON, W. M. The Effect of Question Order on Response. *Journal of Marketing Research*, vol. 1, p. 57-69, 1964.

BRAUN, M. Communication and social cognition. In: HARKNESS, J. A.; VIJVER, Fons J. R.; MOHLER, P. (Eds.) *Cross-Cultural Survey Methods*. New Jersey: Wiley Interscience, Wiley Series in Survey Methodology, 2003.

BRENT, E.; GRANBERG, D. Subjective agreement and the presidential candidates of 1976 and 1980. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 42, 1982.

CANTRIL, H. *Gauging Public Opinion*. New York: Princeton University Press, 1944.

CARMINES, E. G.; ZELLER, R. A. *Reliability and Validity Assessment*. Series Quantitative Applications in the Social Sciences, Beverly Hills: Sage Publications, Inc., 1979.

CECI, S. J. How Much Does Schooling Influence General Intelligence and its Cognitive Components? A Reassessment of the Evidence. *Developmental Psychology*, vol. 27, p. 703-722, 1991.

CHAIKEN, S.; BALDWIN, M. W. Affective-cognitive consistency and the effect of salient behavioral information on the self-perception of attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 41, 1981.

CICOUREL, A. V. *Method and measurement in sociology*. NY: The Free Press of Glencoe, A Division of the Macmillan Company, 1964.

CICOUREL, A. V. Language as a variable in social research, *Sociological Focus*, vol.3, p. 43-52, 1969-70.

CICOUREL, A. V. *Cognitive sociology: language and meaning in social interaction*. London: Penguin Education, 1973.

CICOUREL, A. V. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, Alba (Org.) *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1980.

CLARK, H. H.; SCHOBBER, M. F. Asking questions and influencing answers. In: TANUR, J. M. (Ed.), *Questions About Questions: Inquiries into the Cognitive Bases of Surveys*. New York: Russel Gage Foundation, p.15-48, 1992.

CONVERSE, J. M.; PRESSER, S. *Survey Questions: Handcrafting the Standardized Questionnaire*. Beverly Hills: Sage, 1986.

CONVERSE, P. E. The nature of belief Systems in mass publics. In: APTER, David (Ed.), *Ideology in Discontent.*, New York: Free Press, p. 206-261, 1964.

CONVERSE, P. E. Attitude and non-attitude: continuation of a dialogue. In: TUFFE, E. R. (Ed.) *The Quantitative Analysis of Social Problems*. Reading, MA: Addison-Wesley, p.168-189, 1970.

CONVERSE, P. E. Comment: The status of nonattitude. *American Political Science Review*, vol. 68, p. 650-660, 1974.

DAHRENDORF, R. *Class and Class Conflict in Industrial Society*. Stanford, California: Stanford University Press, 1959.

DEUTSCHER, I. *What We Say What We Do: Sentiments & acts*. Scott, Illinois: Foresman and Company, 1973.

DUNLAP, R.; Gallup Jr. G. H.; Gallup, A. M. Of Global Concern: Results of the Health of the Planet Survey. *Environment: Science and Policy for Sustainable Development*, vol. 35, p. 7-39, 1993.

DUPAGNE, M.; SALWEN, M. B.; PAUL, B. Impact of Question Order on the Third-Person Effects. *International Journal of Public Opinion Research*, World Association for Public Opinion Research. vol. 11, no. 4, 1999.

DURKHEIM, E. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

DURKHEIM, E. *O Suicídio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

EAGLY, A. H.; CHAIKEN, S. *The Psychology of attitudes*. Harcourt Brace Jovanovich, 1993.

ECHEGARAY, F. O papel das pesquisas de opinião pública na consolidação da democracia: a experiência latino-americana. *Revista Opinião Pública*, vol. VII, no. 1, p. 60-74, 2001.

ELIAS, N. *O processo civilizador*, Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*, São Paulo: Ed. Zahar, 1994.

ESTER, P.; VINKEN, H.; SIMÕES, S.; AOYAGI-USUI, M. *Culture and Sustainability: A Cross-national Study of Cultural Diversity and Environmental Priorities among Mass Public and Decision Makers*. Amsterdam: Dutch University Press, 2003.

EWING, T. N. A study of certain factors involved in changes of opinion. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 16, 1942.

FABRIGAR, L. R.; KROSNICK, J. A.; MACDOUGALL, B. L. Attitude Measurement: Techniques for Measuring the Unobservable. In: BROCK, T. C.; GREEN, M. C. (Eds.). *Persuasion: Psychological Insights and Perspectives* (2nd Edition, Chapter 2). Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

FAZIO, R. H. How do attitudes guide behavior? In: SORRENTINO, R. M.; HIGGINS, E. T. (Eds.) *Handbooks of motivation and cognition*. New York: Guilford, 1986.

FELDMAN, S.; ZALLER, J. The Political Culture of Ambivalence: Ideological Responses to the Welfare State. *American Journal of Political Science*, vol. 36, no. 1, p. 268-307, 1992.

FERES JR., J.; EISENBERG, J. Dormindo com o inimigo: uma crítica analítica do conceito de confiança. Rio de Janeiro: Dados – Revista de Ciências Sociais, vol. 49, no. 3, p. 457-481, 2006.

FINE, B. J. Conclusion-drawing, communicator credibility, and anxiety as factors in opinion change. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 54, 1957,

FOWLER, F. J. *Improving Survey Questions: Design and Evaluation*. Sage Publications, Applied Social Research Methods Series, vol 38, 1995.

FOWLER, F. J.; MANGIONE, T. W. *Standardized Survey Interviewing: Minimizing Interviewer-Related Error*. Sage Publications, Applied Social Research Methods Series, vol 18, 1990.

GARFINKEL, H. *Studies in Ethnomethodology*. New Jersey: Prentice-Hall, 1967.

GARFINKEL, H. *Seeing Sociologically: The Routine Grounds of Social Action*. London: Paradigm Publishers, 2006.

GEER, J. G. What do open-ended questions measure? *Public Opinion Quarterly*, vol. 52, 1988.

GELMAN, A.; HILL, J. *Data analysis using regression and multilevel/hierarchical models*. Cambridge University Press, 2007.

GIDDENS, A. *Novas Regras do Método Sociológico*, Biblioteca de Ciências Sociais, Zahar, 1978.

GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*, São Paulo: Ed. Unesp, 1990.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

GOFFMAN, E. *Encounters: two studies in the sociology of interaction*. New York: Bobbs Merrill, 1961.

GOFFMAN, E. *A Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GRICE, P. Logic and Conversation. In: COLE, P. (Ed.), *Syntax and semantic, Speech acts*, New York: Academic Press, vol. 3, p. 41-58, 1975.

GROVES, R. M.; FOLWER, F. J.; COUPER, M. P.; LEPKOWSKI, J. M.; SINGER, E.; TOURANGEAU, R. *Survey Methodology*. Wiley Interscience. Series in Survey Methodology, 2004.

GUJARATI, D. N. *Econometria básica*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2006.

HAIR, M. Using an Individual Differences Perspective to Investigate Context Effects in *Surveys: A Test of the Belief-Sampling Model*. *International Journal of Public Opinion Research*, World Association for Public Opinion Research, vol. 17, no. 2, 2005.

HARKNESS, J. A.; VIJVER, Fons J. R.; MOHLER, Peter Ph. (Eds.) *Cross-Cultural Survey Methods*. New Jersey: Wiley Interscience, Wiley Series in Survey Methodology, 2003.

HEINICH, N. *A sociologia de Norbert Elias*. São Paulo: Edusc, 2001

HIPPLER, H. J; SCHWARZ, N. No opinion – filters: A cognitive perspective. *International Journal of Public Opinion Research*, World Association for Public Opinion Research, vol. 1, no. 1, 1989.

HOINVILLE, G.; JOWELL, R. *Survey Research Practice*. London: Heinemann Educational Books, 1978.

HOSMER, D.; LEMESHOW, S. *Applied Logistic Regression*. Ed. John Wiley, 1989.

HOUTKOOP-STEENSTRA, H. *Interaction and the Standardized Survey Interview: The Living Questionnaire*. New York: Cambridge University Press, 2000.

IANNI, O. *Sociologia da Sociologia: O pensamento sociológico brasileiro*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.

INGLEHART, R. *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. Princeton: Princeton University Press, 1997.

JACKMAN, M. Prejudice, tolerance, and attitudes toward ethnic groups. *Social Science Research*, vol. 6, 1977.

JUDD, C. M.; KROSNICK, J. A. The structural bases of consistency among political attitudes: Effects of political expertise and attitude importance. In: PRATKANIS, A. R.; BRECKLER, S. J.; GREENWAL, A. G. (Eds.), *Attitude Structure and Function*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1989.

JUDD, C. M.; SMITH, E. R.; KIDDER, L. H. *Research Methods in Social Relations*. Florida: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1951/1991.

KATZ, D. Three criteria: Knowledge, conviction, and significance. *Public Opinion Quarterly*, vol. 4, 1940.

KISH, L. A Procedure of Objective Respondent Selection within the Household. *Journal of the American Statistical Association*, p. 380–387, 1949.

KNÄUPER, B. The Impact of Age and Education on Response Order Effects in Attitude Measurement. *Public Opinion Quarterly*, American for Public Opinion Research, vol. 63, p. 347-370, 1999.

KNÄUPER, B.; BELLI, Robert F.; HILL, Daniel H.; HERZOG A. Regula, Question Difficulty and Respondents' Cognitive Ability: The Impact on Data Quality. *HRS/AHEAD Working Paper Series*, no. 96, p. 38, 1996.

KNOWER, F. H. Experimental studies of changes in attitude-III: Some incidence of attitude changes. *Journal Applied Psychology*, vol. 20, 1936.

KROSNICK, J. A. Response Strategies for Coping with the Cognitive Demands of Attitude Measures in Surveys. *Applied Cognitive Psychology*, vol. 5, p. 213-236, 1991.

KROSNICK, J. A.; ABELSON R. P. The case for measuring attitude strength in surveys. In: SWARTZ, N., SUDMAN, S. (Eds.) *Answering Questions*. New York: Russel Sage, p. 177-223, 1992.

KROSNICK, J.; ALWIN, D. An Evaluation of a Cognitive of Response-Order, Effects in Survey Measurement. *Public Opinion Quarterly*, vol. 51, p. 201-219, 1987.

KROSNICK, J. A.; SHUMAN, A. Attitude Intensity, Importance, and Certainty and Susceptibility to Response Effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, American Psychological Association, vol 54, no. 6, 1988.

LAVINE, H.; HUFF, J. W.; WAGNER, S. H.; SWEENEY, D. The moderating influence of attitude strength on the susceptibility to context effects in attitude survey. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 75, p. 359-373, 1998.

LAZARSELD, P. F. The controversy over detailed interviews – An offer for negotiation. *Public Opinion Quarterly*, vol. 8, p. 38-60, 1944.

LAZARSELD, P. F. *On Social Research and its Language*. Chicago: The University of Chaicago Press, 1993.

LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambrigde, UK: Cambridge University Press, 1983.

LOOSVELDT, G. Interaction Characteristics of the Difficult-To-Interview Respondents. *International Journal of Public Opinion*, vol. 9. no. 4, 1997.

LUNDÄSEN, S. Podemos confiar nas medidas de confiança? *Revista Opinião Pública*, vol. VIII, no. 1, p. 304-327, 2002.

MARX, K. “O questionário de 1880”. In: THIOLENT, Michel. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. Editora Polis, parte II, p. 249-256, 1985.

MARQUES, R. M.; BERQUÓ, E. S. Seleção da Unidade de Informação em Estudos de Tipo *Survey*. Um método para a construção das tabelas de sorteio. *Revista Brasileira de Estatística*, vol. 37, no. 145, p. 81-92, 1976.

MARSH, C. *The Survey Method: The Contribution of Survey to Sociological Explanation*. London: George Allen & Unwin Publishers Ltd, 1982.

MATTEDI, M. *Sociologia e Conhecimento: Introdução a uma abordagem sociológica do problema do conhecimento*. Chapecó: Arcos Editora Universitária, 2006.

MAYNARD, D. W.; HOUTKOOP-STEENSTRA, H.; SCHAEFFER, N. C.; VAN DER ZOUWE, J. (Eds.). *Standardization and Tacit Knowledge: Interaction and Practice in the Survey Interview*. New Your: John Willey & Sons, Inc, 2002.

McCANN, C. D.; HIGGINS, E. T. Personal and contextual factors in communication: A review of the “communication game”. In: SEMIN, G. R.; FIEDLER, K. (Eds.), *Language, Interaction, and Social Cognition*. Newbury Park, CA: Sage, p. 144-172, 1992.

McCLENDON, M. J. Unanticipated effects of no opinion filters on attitudes and attitude strength. *Sociological Perspectives, Pacific Sociological Assn*, vol.3, no. 3, p. 379-395, 1986.

McCLENDON, M. J.; ALWIN, Duane. No-opinion filters and attitude measurement reliability. *Sociological Methods and Research*, vol. 2, no. 4, p. 438-464, 1993.

McCLENDON, M. J.; O'BRIEN, D. J. Questions-Order Effects on the Determinants of Subjective Well-Being. *Public Opinion Quarterly*, American Association for Public Opinion Research, vol. 52, p. 351-364, 1988.

McGRAW, K. M. Contributions of the Cognitive Approach to Political Psychology. *Political Psychology*, vol. 21, no. 4, p. 805-832, 2000.

MEAD, G. H. *Mind Self and Society*, 1934.

MILLER, J. M.; PETERSON, D. A. M. Theoretical and Empirical Implications of Attitude Strength, *The Journal of Politics*, vol. 66, no. 3, p. 847-867, 2004.

MILLS, C. W. *A Imaginação Sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1959/1972.

NARAYAN, S.; KROSNICK, J. A. Education Moderates some Response Effects in Attitude Measurement. *Public Opinion Quarterly*, American Association for Public Opinion Research, vol. 6, 1996.

OKSENBURG, L.; CANNELL, C.; KALTON, G. New Strategies for Pretesting Survey Questions. *Journal of Official Statistics*, vol. 3, 1991.

PAIXÃO, A. L. A Teoria Geral da Ação e a Arte da Controvérsia. *RBCS*, no. 11, vol. 4, 1989.

PARSONS, T. *The Social System*, 1951.

PARSONS, T. *Hacia una Teoría General de la Acción*, Buenos Aires: Ed. Kapelusz, 1968.

PARSONS, T. *O Sistema das Sociedades Modernas*, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1974.

PAYNE, S. L. *The art of Asking Questions*. Princeton University Press, 1951.

PHILLIPS, D. L. *Knowledge from What: Theories and Methods in Social Research*. Chicago: Rand McNally and Co., 1971.

PHILLIPS, D. L. *Abandoning Method: Sociological Studies in Methodology*, London: Jossey-Bass, 1973.

PRESSER, S.; ROTHGEB, J. M.; COUPER, M. P.; LESSLER, J. T.; MARTIN, E.; MARTIN, J.; SINGER, E. (Eds.). *Methods for Testing and Evaluating Survey Questionnaires*. John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, New Jersey: Wiley Interscience, Wiley Series en Survey Methodology, 2004.

PRICE, V.; TEWKSBURY, D. *International Journal of Public Opinion Research*, World Association for Public Opinion Research, vol. 8 no. 2, 1996.

REIS, F. W. O tebelão e a lupa: teoria, método generalizante e idiografia no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 16, 1991.

REIS, B. P. W. Capital social e confiança. *Revista de Sociologia e Política*, vol. 21, p. 35-49, 2003.

REIS, F. W. Minas e as ciências sociais: Evocação e alguma polêmica. *Teoria e Sociedade*. Número especial, BH: UFMG, 2004.

- RITZER, G. *Teoría Sociológica Clásica*, Madri: McGraw-Hill, 2001.
- RITZER, G. *Teoría Sociológica Moderna*. Madri: McGraw-Hill, 2002.
- ROSENTHAL, R. *Meta-Analytic Procedures for Social Research*. Beverly Hills, Sage, 1984.
- RUGG, D.; ANDERSON A. The wording of questions. In: CANTRIL, H. (Ed.) *Gauging Public Opinion*. Princeton University Press, 1944.
- SARIS, W. E.; SNIDERMAN, P. M. (Eds.) *Studies in Public Opinion: Attitudes, Nonattitudes, Measurement Error, and Change*, New Jersey: Princeton University Press, 2004.
- SCHUMAN, H.; PRESSER, S. *Questions and Answers in Attitude Surveys: Experiments on Questions Form, Wording, and Context*. New York: Academic Press, New copyright by Sage Publications, Thousand Oaks, CA, 1981.
- SCHUTZ, A. Concept and theory formation in the social sciences. *Journal of Philosophy*, 1954.
- SCHUTZ, A. *Fenomenología del Mundo Social: introducción a la sociología comprensiva*. Buenos Aires: Paidós, 1972.
- SCHUTZ, A. *Fenomenologia e Relações Sociais: Textos Escolhidos de Alfred Schutz*, Rio de Janeiro: Zahar, 1970/1979.
- SCHWARZ, N. BLESS, H. Constructing Reality and its Alternatives: Assimilation and Contrast Effects in Social Judgments. In: MARTIN L. L.; TESSER, A. (Eds.) *The Construction of Social Judgments*, Hillsdale, New York: Erlbaum, p.217-245, 1992.
- SCHWARZ, N., HIPPLER, H. J. Subsequent Questions May Influence Answers to Preceding Questions in Mail Surveys. *Public Opinion Quarterly*, American Association for Public Opinion Research, vol. 59, p. 93-97, 1995.
- SCHWARZ, N., PARK, D., KNAUPER, B., SUDMAN, S., (Eds.). *Aging, cognition, and context effects*. Philadelphia: Psychology Press, 1999.
- SCHWARZ, N.; SUDMAN, S. *Context Effects in Social and Psychology Research*. (Eds.) New York: Springer-Verlag, 1992.
- SCHWARZ, N.; STRACK, F.; MAI, H. P. Assimilation and Contrast Effects in Part-Whole Question Sequences: A Conversational Logic Analysis. *Public Opinion Quarterly*, American Association for Public Opinion Research, vol. 55, p.2-23, 1991.

SIMÕES, S. Description and explanation of the greening of the world: a methodological and theoretical challenge for *survey* methodology (as illustrated by research in Brazil and México). In: DUNN, W. N.; HISSCHEMOLLER, M.; HOPPE, R.; RAVETZ, J. (Eds.) *Policy Studies Annual Review*, special issue "Knowledge, Power and Participation in Environmental Policy", 2001.

SIMÕES, S. How Green are Brazilians? Environmental Values, Attitudes and Behavior in Brazil. In: HOGAN, Daniel; TOLMASQUIM, Maurício T. (Eds.). *Human Dimensions of Global Environmental Change: Brazilian Perspectives*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2001.

SIMÕES, S.; PEREIRA, M. A. M.. A Arte e a Ciência de Fazer Perguntas: Aspectos cognitivos da metodologia de *survey* e a construção do questionário. In: AGUIAR, N. (Org.). *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SIRKEN, M. G.; HERRMANN, D. J.; SCHECHTER, S.; SCHWARZ, N.; TANUR, J. M.; TOURANGEAU, R. *Cognition and Survey Research*. John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, New York: Wiley Series in Probability and Statistics, 1999.

SIVACECK, J.; CRANO W. D. Vested interest as a moderator of attitude-behavior consistency. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol 43, 1982.

SMITH, T. W. *Attitude constraint as a function of non-affective dimensions* (General Social Survey Tech. Rep. no. 39) Chicago: National Opinion Research Center, 1982.

STERN, P. C.; DIETZ, T.; KALOF, L.; GUAGNANO, G. A. *A Brief Inventory of Values*, unpublished manuscript, 1996.

STRACK, F. "Order Effects" in *Survey Research: Activation and Information Functions of Preceding Questions*. In: SCHWARZ, N.; SUDMAN, S. (Eds) *Context Effects in Social and Psychology Research*. New York: Springer-Verlag, 1992.

STRACK, F.; MARTIN, L. Thinking, judging and communicating: A process account of context effects in attitude *surveys*. In: HIPPLER H. J.; SCHWARZ, N.; SUDMAN, S. (Eds.) *Social information processing and survey methodology*. New York: Springer Verlag, 1987.

SUCHMAN, L.; JORDAN, B.. International Troubles in Face-to-Face Interviews. *Journal of the American Statistical Association*", vol. 85, p. 232-241, 1990.

SUCHMAN, L.; JORDAN, B. Validity and the Collaborative Construction of Meaning in Face-to-Face *Surveys*. In: TANUR, Judith M. *Questions About Questions: Inquiries into the Cognitive Bases of Surveys*. New York: Russell Sage Foundation, 1994.

SUDMAN, S.; BRADBURN, N. M. *Response Effects in surveys: A review and synthesis*. Chicago: Aldine, 1974.

SUDMAN, S.; BRADBURN, N. M. *Asking questions: A practical guide to questionnaire design*. San Francisco: Jossey-Bass, 1982.

SUDMAN, S.; BRADBURN, N. M.; SCHWARZ, N. *Thinking about Answers: The application of cognitive processes to survey methodology*. San Francisco: Jossey-Bass, 1996.

SUYAMA, E.; FERNANDES, R. A. Planejamento da amostra, seleção das unidades amostrais e sistema de ponderação da Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: AGUIAR, N. (Org.). *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

TEDESCO, J. C. *Paradigmas do Cotidiano: Introdução à constituição de um campo de análise social*. 2ª Ed, co-edição: Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz Editora (Edunisc) e Universidade de Passo Fundo Editora (UPF), 2003.

TOURANGEAU, R. Cognitive aspects of *survey* measurement and mismeasurement. *International Journal of Public Opinion Research*, World Association for Public Opinion Research, vol.15 no. 1, 2003.

TOURANGEAU, R.; RASINSKI, K. A. Cognitive Process underlying Context Effects in Attitude Measurement. *Psychological Bulletin*, vol. 113, p. 299-324, 1988.

TOURANGEAU, R.; RASINSKI, K. A.; BRADBURN, N.; D'ANDRADE, R. Carryover Effects in Attitude *Surveys*. *Public Opinion Quarterly*. American Association for Public Opinion Research, vol. 53, p. 495-524, 1989.

TOURANGEAU, R.; RASINSKI, K. A.; BRADBURN, N. Measuring Happiness in *Survey*: A Test of the Subtraction Hypothesis. *Public Opinion Quarterly*, American Association for Public Opinion Research, vol. 55, p. 255-266, 1991.

TOURANGEAU, R.; RIPS, L. J.; RASINSKI, K. A. *The Psychology of Survey Response*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

TRIOLA, M. F. *Introdução à estatística*, RJ: LTC Editora, 1999.

VAUS, D. A. *Survey in Social Research*. London: Allen & Unwin Pty Ltd., 1991.

VIOLA, E. A Globalização da Política Ambiental no Brasil 1990-98. In: AGUIAR, D.; PINTO, J. B. (Eds.). *Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Economia e*

Sociologia Rural, O Agronegócio do Mercosul e a sua Inserção na Economia Mundial, Brasília:SOBER, p. 83-97, 1999.

VAILLANCOURT, J. G. Sociologie de l'environnement: de l'écologie humaine à l'écosociologie. In Robert Tessier e Jean-Guy Vaillancourt (org.), *La Recherche Sociale en Environnement: nouveaux paradigms*. Montréal Les Presses de L'Université de Montreal, 1996.

VINKEN, H., AOYAGI-USUI, M. Building on the environmental research legacy. The construction of GOES. In: ESTER, P.; VINKEN, H.; SIMÕES, S.; AOYAGI-USUI, M. *Culture and Sustainability: A Cross-national Study of Cultural Diversity and Environmental Priorities among Mass Public and Decision Makers*. Amsterdam: Dutch University Press, 2003.

VISSER, P. S.; BIZER, G. Y.; KROSNICK, J. A., Exploring the latent structure of strength-related attitude attributes. *Manuscript no publishes*, 2004.

VISSER, P. S.; KROSNICK, J. A.; SIMMONS, J. P. Distinguishing the cognitive and behavioral consequences of attitude importance and certainty: A new approach to testing the common-factor hypothesis. *Journal of Experimental Social Psychology*, Academic Press, p. 118-141, 2003.

WEBER, M. A "Objetividade" do Conhecimento nas Ciências Sociais. São Paulo: Ática, 2006.

WILLIS, G. B. *Cognitive Interviewing: A Tool for Improving Questionnaire Design*. CA: Sage Publications, 2005.

WILLITS, F. K. Part-Whole Question Order Effects: Views of Rurality. *Public Opinion Quarterly*, by the American Association for Public Opinion Research. vol. 59, p. 392-403, 1995.

WILSON, T. P. Qualitative versus Quantitative methods in social research, *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, vol. 34, 1982.

WITHERSPOON, S. The Greening of Britain: Romance and Rationality. *British Social Attitudes: the 11th Report*, edited by Jowell, Curtice, Brook and Ahrendt. Aldershot, G. B: Darthmonth Press, 1994.

WITHERSPOON, S.; MARTIN, J. What do we mean by green?. In: *Bristish Social Attitudes – the 11th Resort (SPCR)*. Eds: Aldershot, GB: Dartmouth Press, 1992.

WITHERSPOON, S.; MOHLER, P. Research into Environmental Attitudes and Perceptions (The REAP project). In: *Annual Meeting of European Consortium for Political Research*, 1994.

YANKELOVICH, D., SKELLY, F. & WHITE, A. The mushiness index: A refinement in public policy polling techniques. *Unpublished manuscript*, New York, 1981.

ZALLER, J. R. *The Nature and Origins of Mass Opinion*. Cambridge University Press, 1992.

ZALLER, J.; FELDMAN, S. A Simple Theory of the Survey Response: Answering Questions versus Revealing Preferences. *American Journal of Political Science*, vol. 36, no. 3, p. 579-616, 1992.

ZIMMERMAN, D. The conversation: The conversation Analytic Perspective. In: *Communication Yearbook*, vol. 11, p. 406-432, 1988.

ZOUWEN, J. V. D. Why study interaction in the survey interview? Response from a survey research. In: MAYNARD, D. W. *Standardization and Tacit Knowledge: Interaction and Practice in the Survey Interview*. New York: Wiley Interscience, Wiley Series in Probability and Statistics, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS HUMANAS:
SOCIOLOGIA E POLÍTICA

***“A ENTREVISTA DE SURVEY COMO INTERAÇÃO SOCIAL:
atitudes e posição na estrutura social dos respondentes como fatores
explicativos da susceptibilidade aos efeitos nas respostas”***

(VOLUME II)

Maria Aparecida Machado Pereira

Belo Horizonte

2010

SUMÁRIO

ANEXO A.....	3
O questionário de Marx de 1880	3
ANEXO B	8
Ilustração do modelo de Relatório do Pré-teste da PRMBH	8
ANEXO C	40
Questionário do GOES-Minas/2001	40
ANEXO D	83
Questionário da PRMBH/2002.....	83
APÊNDICE A.....	145
Análise de componentes principais - Comportamento consumidor pró-ambiental- GOES Minas/2001	145
APÊNDICE B.....	153
Análise de componentes principais - Situação de infra-estrutura e ausência de serviços urbanos - GOES Minas/2001	153
APÊNDICE C	156
Análise de componentes principais – Condições econômicas do domicílio – GOES/2001.....	156

ANEXO A
O questionário de Marx de 1880

Anexo 1

O Questionário de 1880

Karl Marx

Nenhum governo (monárquico ou republicano-burguês) ousou fazer uma investigação séria a respeito da situação da classe operária na França. Mas, por outro lado, muitas pesquisas já foram feitas a respeito das crises agrárias, financeiras, industriais, comerciais ou políticas.

A infâmia da exploração capitalista, evidenciada pelas investigações oficiais do governo inglês, e as conseqüências legais dessas revelações (limitação da jornada legal de trabalho a dez horas, leis sobre o trabalho da mulher e da criança, etc.) só serviram para aumentar o temor da burguesia francesa aos perigos que poderiam ser acarretados por uma indagação sistemática imparcial.

Com os escassos meios de que dispomos, iniciaremos por nossa conta esta indagação, acreditando que, com isso, possamos talvez animar o governo republicano da França a seguir o exemplo do governo monárquico inglês. Confiamos contar, para isso, com a ajuda de todos os operários da cidade e do campo, conscientes de que apenas eles podem descrever, com todo conhecimento de causa, os males que suportam, e de que só eles, e não os salvadores providenciais, podem energicamente remediar as misérias sociais que sofrem. E contamos, também, com os socialistas de todas as escolas, que, aspirando a uma reforma social, devem, necessariamente, desejar adquirir o conhecimento mais exato e fiel possível a respeito das condições em que vive e trabalha a classe operária, a classe à qual pertence o porvir.

Estes cadernos do trabalho constituem o primeiro passo que a democracia socialista tem que dar para abrir caminho à renovação social.

As cem perguntas contidas no questionário são da mais alta importância. As respostas deverão conter o número de ordem da pergunta correspondente. Não é necessário responder a todas as per-

guntas, mas recomendamos que as respostas sejam as mais amplas e detalhadas possíveis. Não se publicará o nome da operária ou operário que enviar a resposta, a não ser que haja expressa autorização para isso; entretanto, cada remetente deverá indicar seu nome e endereço, de modo a permitir, se for o caso, entrar em contato com ele.

As respostas devem ser dirigidas ao administrador da *Revue Socialiste*, M. Lécluse, 28, rue Royale, Saint-Cloud, Paris.

As respostas serão classificadas e servirão de base para uma série de monografias especiais, que serão publicadas na *Revue Socialiste*, e, mais tarde, reunidas em um volume.

I

- 1) Qual é o seu ofício?
- 2) A fábrica em que você trabalha pertence a um capitalista ou a uma sociedade anônima? Dê os nomes dos patrões capitalistas ou dos diretores da empresa.
- 3) Declare o número de trabalhadores da empresa.
- 4) Declare a idade e o sexo destes trabalhadores.
- 5) Qual a idade mínima em que as crianças (meninos ou meninas) começam a trabalhar?
- 6) Qual o número de fiscais ou outros empregados na fábrica que não são assalariados comuns?
- 7) Há aprendizes? Quantos?
- 8) Existem, além dos operários empregados regular e usualmente, outros que são empregados de tempos em tempos?
- 9) A indústria do seu empregador trabalha exclusiva ou principalmente para o mercado local, para o mercado nacional ou para a exportação?
- 10) A fábrica em que você trabalha está no campo ou na cidade? Indicar o lugar em que ela está situada.
- 11) Se a fábrica funciona no campo, diga se seu trabalho industrial lhe basta para cobrir suas necessidades ou se o combina com algum trabalho agrícola.
- 12) Seu trabalho é feito à mão ou com auxílio de máquinas?
- 13) Dar detalhes a respeito de como é a divisão do trabalho em sua indústria.
- 14) Emprega-se o vapor como força motriz?
- 15) Indique o número de edifícios ou locais em que funcionam os diferentes ramos da indústria. Descreva a especialidade em que você trabalha, referindo-se não apenas à parte técnica como também à fadiga muscular e nervosa que o trabalho lhe impõe, e de como repercute, em geral, sobre a saúde do operário.

16) Descreva as condições higiênicas da fábrica: tamanho das instalações e lugar destinado a cada operário; ventilação, temperatura, caiação das paredes; condições em que se encontram os sanitários; limpeza em geral; ruído das máquinas, pó do metal, umidade, etc.

17) O município ou o governo vigiam as condições de higiene da fábrica?

18) Em sua indústria há emanações nocivas que provoquem enfermidades específicas entre os operários?

19) A fábrica está abarrotada de máquinas?

20) A força motriz, os mecanismos de transmissão e as máquinas estão protegidas para a prevenção de qualquer acidente?

21) Enumerar os acidentes de trabalho ocorridos durante o tempo em que você trabalha na fábrica.

22) Se o lugar de trabalho for uma mina, enumerar as medidas preventivas adotadas pelo patrão para assegurar a ventilação e impedir as explosões e outros acidentes perigosos.

23) Se trabalha em uma fábrica de produtos químicos, em altos-fornos, em metalúrgica ou qualquer outra indústria em que haja perigos especiais, enumerar as medidas de precaução adotadas pelo patrão.

24) Que tipo de combustível se emprega na fábrica (gás, petróleo, etc.)?

25) Em caso de incêndio, dispõe a fábrica de saídas em quantidade suficiente?

26) Em caso de acidente, o patrão está legalmente obrigado a indenizar o operário ou a sua família?

27) Se não é obrigado, ele já tem pago indenização àqueles que sofreram acidentes enquanto trabalhavam para enriquecê-lo?

28) Existe algum serviço médico na fábrica?

29) Se você trabalha em casa, descreva as condições da sua sala de trabalho. Trabalha somente com ferramentas ou emprega pequenas máquinas? Você tem como auxiliares seus filhos ou outras pessoas (adultos ou menores, homens ou mulheres)? Trabalha para clientes particulares ou para uma empresa? Você trata diretamente com estes ou através de um intermediário?

II

30) Indicar as horas de trabalho por dia e os dias de trabalho na semana.

31) Indicar os dias de festa durante o ano.

32) Pense que existem durante a jornada de trabalho...

33) Os trabalhadores de sua fábrica comem a intervalos determinados ou irregularmente? Comem dentro ou fora da fábrica?

34) Trabalha-se durante as horas das refeições?

35) Se é utilizada a força do vapor, quando se abre o vapor e quando se fecha?

36) Trabalha-se à noite?

37) Indicar as horas em que trabalham os meninos e os menores de 16 anos.

38) Dizer se há turnos de meninos e menores, que se substituem mutuamente durante as horas de trabalho.

39) O governo ou o município encarrega-se de pôr em prática as leis vigentes sobre o trabalho infantil? E submetem-se a elas os patrões?

40) Existem escolas para os meninos ou menores que trabalham nesse ofício? Se existem, a que horas funcionam? Quem a dirige? Que se ensina nelas?

41) Se há trabalho diurno e noturno, que sistema de turnos se aplica?

42) Qual é o número habitual de horas extraordinárias durante os períodos de maior atividade industrial?

43) As máquinas são limpas por operários especialmente designados para isto ou são gratuitamente limpas pelos operários que trabalham com elas durante o dia?

44) Quais são as normas e penalidades por atraso? A que horas começa o dia de trabalho, e a que horas recomeça após as refeições?

45) Quanto tempo você gasta na ida para o trabalho e no regresso à casa?

III

46) Que espécie de contrato você tem com seu patrão? Você é contratado por dia, semana, mês, etc.?

47) Quais são as condições estabelecidas para dar ou receber aviso prévio?

48) No caso de o contrato ser rompido e o empregador estar errado, a que penalidade ele deve se submeter?

49) E quando o operário está errado, que penalidade deve sofrer?

50) Se existem aprendizes, em que condições são eles empregados?

51) Trabalham de modo permanente ou com interrupção?

52) No seu ramo de atividade, o trabalho é sazonal ou é regularmente distribuído no transcorrer de todo o ano? Se o seu trabalho é sazonal, como é que você vive nos períodos em que não há trabalho?

53) Você recebe por tempo ou por tarefa?

54) Se você é pago à base de tempo, seu pagamento é por hora ou por dia?

55) Paga-se salário adicional pelo trabalho extra? Em caso afirmativo, qual o salário?

56) Se o salário que você cobra é por tarefa, como se regula? Se você trabalha num lugar em que o trabalho executado se mede por quantidade ou por peso, como acontece nas minas, diga se o patrão ou seus representantes recorrem a truques para escamotear-lhe uma parte de seus ganhos.

57) Se você é pago por tarefa, usa-se o pretexto da qualidade do artigo para enganá-lo, reduzindo seu salário?

58) Quer seja por tarefa ou por tempo, quando o trabalho é pago? Em outras palavras, durante quanto tempo você credita a seu patrão antes de receber o preço do trabalho efetuado? Você é pago após um mês? uma semana? etc.?"

59) Você observou que, ao lhe pagarem com atraso, obrigam-no, freqüentemente, a recorrer à casa de penhores na qual você deve depositar uma taxa de juros alta e despojar-se de coisas que lhe são necessárias? Você observou que isso o obriga a endividar-se junto aos comerciantes e a tornar-se devedor deles? Conhece casos em que operários perderam seus salários por causa da falência ou da bancarrota de seus patrões?

60) Os salários são pagos diretamente pelo patrão ou há intermediários no pagamento (agentes comerciais, etc.)?

61) Se os salários são pagos por meio de intermediários, quais são as cláusulas do contrato?

62) Qual é a quantia que você recebe em dinheiro, por dia e por semana?

63) Que salários recebem as mulheres e as crianças que trabalham com você na mesma fábrica?

64) Qual foi, em sua fábrica, o mais alto salário por dia, durante o mês anterior?

65) Qual foi o mais alto salário por tarefa, durante o mês anterior?

66) Que salário você recebeu no mesmo período, e, caso tenha família, quanto ganharam sua mulher e seus filhos?

67) Os salários são pagos totalmente em dinheiro ou de outro modo?

68) Caso o patrão lhe alugue a casa em que vive, em que condições é feito esse aluguel? Ele desconta o aluguel do salário?

69) Quais são os preços dos artigos de primeira necessidade, tais como: (a) aluguel da moradia, indicando as condições do contrato; número de cômodos e de pessoas que os ocupam; gastos com reparos e seguros; compra e manutenção dos móveis, calefação, ilu-

tidos. Eles podem fazer greve, etc.? É possível para eles serem algo mais do que humildes servidores de seus patrões?

100) Quais são, em geral, as condições físicas, intelectuais e morais em que vivem os operários e operárias que trabalham em seu ofício?

101) Observações gerais.

Anexo 2

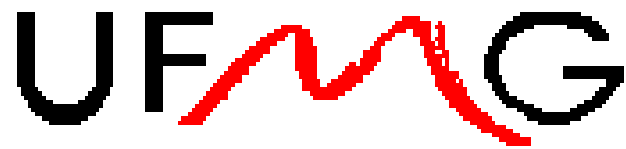
Pesquisa sobre a Consciência de Classe

Bruno Trentin

Na Itália foram realizadas muitas pesquisas sobre o movimento operário, principalmente da região industrial de Turim, cuja concepção privilegia uma dimensão ativa e coletiva desconhecida da sociologia convencional. Um levantamento completo de tais pesquisas, fora de nosso alcance, seria de maior relevância para termos acesso a novas orientações metodológicas. A título de exemplo mencionaremos uma pesquisa realizada por um grupo dirigido por Giulio Girardi, a partir de 1975, sobre o tema "Consciência de classe dos trabalhadores em Turim e no Piemonte", a pedido da FLM (Federação dos Trabalhadores da Metalurgia). Esta entidade deixou ao coletivo de pesquisa inteira autonomia no que diz respeito aos assuntos e aos métodos da investigação a ser conduzida em ligação com as lutas e as "estruturas de base onde se exprime a maior autonomia dos trabalhadores, tais como os conselhos de fábrica, os comitês de zona ou de bairro, etc." Comentando esta mesma pesquisa, Bruno Trentin, secretário da FLM, nos dá certas indicações de grande importância metodológica e política. Eis aqui um trecho de sua conferência, publicada em *Rinascita*, nº 10, de 5 de março de 1976, e na revista *Politique Aujourd'hui*, nº 9/10, 1976, p. 73-85, sob o título: "Partido e sindicato: uma nova síntese".

ANEXO B

Ilustração do modelo de Relatório do Pré-teste da PRMBH



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PESQUISA DA REGIÃO

METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

RELATÓRIO DO PRÉ-TESTE

MÓDULO LAÇOS FRACOS

Julho/2008

1. APRESENTAÇÃO

O pré-teste da **PRMBH 2008** foi conduzido como um componente do curso de Aspectos Cognitivos da Metodologia de Survey do Curso de Metodologia Quantitativa em Ciências Humanas ministrado pela professora Solange Simões.

É importante ressaltar o incrível empenho e a imensa contribuição prática e intelectual dada pelos alunos desta disciplina e pela equipe de pesquisadores da PRMBH / CEPEQCS (Centro de Pesquisas Quantitativas em Ciências Sociais).

O relatório apresentado a seguir busca resumir e sistematizar as avaliações e sugestões apresentadas de maneira cuidadosa, detalhada e inteligente pelos nossos estudantes, a quem, sem dúvida alguma, devemos a alta qualidade deste pré-teste.

MÓDULOS TEMÁTICOS

Os módulos envolvidos neste pré-teste são:

- Laços Fracos
- Acesso à Justiça
- Religião
- Raça
- Gênero
- Cultura Política
- Prestígio Ocupacional

Os objetivos e contextos teóricos das versões dos módulos que compuseram o pré-teste foram apresentados pelos professores proponentes aos alunos do Curso de Aspectos Cognitivos da Metodologia de Survey.

OBJETIVOS GERAIS

O objetivo geral do pré-teste da PRMBH 2008 foi testar o compartilhamento de significados entre os pesquisadores e os entrevistados, a validade e confiabilidade dos dados produzidos pelas questões. Para isto buscamos detectar “efeitos na resposta”, produzidos por:

1. Compreensão da terminologia
2. Problemas com o enunciado (longo, ambíguo, incompleto, etc.).
3. Formatos de questões (ordenação, escala Likert, lista de alternativas)
4. Tipos e número de pontos de escalas (Likert, diagramática, semântica)
5. Efeitos da situação de entrevista ou da relação entrevistado/entrevistador
6. Receptividade e interesse por parte dos entrevistados
7. Instruções para o entrevistador
8. Layout e codificação
9. Caderno de respostas
10. Questões a serem desenvolvidas para o Manual de Questão por Questão

Foram utilizados os seguintes instrumentos de avaliação do questionário:

1. **Barra de Probes:** Permitiu a computação do número de ocorrências de repetição dos enunciados, repetição das alternativas de resposta, solicitação do significado do enunciado, solicitação do significado das alternativas de resposta e compreensão das escalas.
2. **Codificação do comportamento:** Permitiu registrar o comportamento do entrevistador e do entrevistado no decorrer da entrevista. Em relação ao entrevistador se: a) Leu a questão de maneira exata; b) Pequenas mudanças na leitura; c) Grandes mudanças na leitura; d) *Probes* (Qual?). Em relação ao entrevistado se: a) Pediu para repetir a questão; b) Pediu esclarecimentos; c) Interrompeu a leitura; d) Demonstrou dúvida entre as opções ou formato; e) Resposta não condizente com as opções ou formato; f) Mudou de resposta; g) Ficou irritado; h) Não soube responder; i) Recusou responder.
3. **Roteiro de Avaliação da Entrevista:** Permitiu a sistematização da avaliação e dos comentários dos entrevistadores em relação ao entendimento das questões e outras dificuldades enfrentadas durante a condução da entrevista pelos entrevistados e pelos próprios entrevistadores. O Roteiro de Avaliação da Entrevista funcionou como uma sessão de *debriefing* mais estruturada, e permitiu que as avaliações detalhadas de todos os entrevistadores fossem registradas e computadas (como os “Tipos de Dificuldades por Questão”, “Problemas” e “Sugestões”, além do “Grau de Interesse por Módulo”, “Grau de Dificuldade por Módulo”, “Comportamento do entrevistado em relação à entrevista” e “ao tempo de duração da entrevista”).
4. **Entrevistas Cognitivas.** Este instrumento nos possibilitou investigar as quatro etapas do processo de compreensão da pergunta e produção da resposta: entendimento do enunciado, *retrieval* (busca na memória de informações necessárias ou relevantes para a resposta), julgamento, e edição da resposta.

A literatura em metodologia de survey mostra que os “efeitos na resposta” tendem a ser mais acentuados entre pessoas de menor escolaridade e nível de informação. Isto nos levou a escolher “escolaridade” como a variável para estratificação da amostra para o pré-teste. A amostra foi dividida em dois subgrupos: o primeiro sendo composto por entrevistados analfabetos ou até primário, e o segundo por entrevistados de 5ª série ou mais. Cada estudante realizou duas entrevistas e observou outras duas da PRMBH.

ESTRUTURA DO RELATÓRIO

Os resultados do pré-teste foram organizados por módulo e por questão, obedecendo a seguinte ordem de apresentação:

1. Questão
2. Distribuição de Frequência
3. Frequência da Barra de Probes
4. Frequência da Codificação do Comportamento do Entrevistador e do Entrevistado
5. Frequência dos Tipos de Dificuldades das Questões
6. Questões Cognitivas
7. Problemas e Sugestões
8. Grau de Dificuldade do Módulo
9. Grau de Interesse pelo Módulo
10. Avaliação Comparativa dos Módulos
11. Tempo de Duração Total da Entrevista
12. Comportamento do Entrevistado Quanto ao Tempo de Duração da Entrevista
13. Comportamento do Entrevistado em Relação à Entrevista
14. Módulos em Que os Entrevistados se Mostraram Impacientes

EQUIPE DA PRMBH 2008:**Coordenação geral:**

Neuma Aguiar

Levantamento dos Dados

Solange Simões (Pesquisadora responsável pelo levantamento dos dados, desenho do questionário e instrumentos de pré-teste e de campo)

Supervisão do levantamento de dados, da amostragem e do processamento dos dados

Maria Aparecida Machado Pereira

Assistentes de pesquisa:

Márcio Ferreira de Souza

Arnaldo Lôpo Mont'Alvão Neto

Adriana Moura Caciquinho

Professores/Pesquisadores participantes da PRMBH 2008

Alexandre Cardoso - UFMG

Antônio Augusto P. Prates – UFMG

Corinne Davis – UFMG

Mário Fucks - UFMG

Neuma Aguiar – UFMG

Solange Simões – Eastern Michigan University / University of Michigan

Alunos do Curso de Aspectos Cognitivos da Metodologia de Survey – Curso de Metodologia Quantitativa em Ciências Humanas 2008:

Andréa Aguiar Azevedo

Adriano Athayde

Breno DA Silva Carvalho

Carlos R. G. Júnior

Catherine K. Ornelas

Daniel Toledo

Daniela Azevedo

Daniela Sampaio

Danilo Cersosimo

Eduarda Lippo

Eliane Castro Vilassanti

Fernanda Lima de Melo

Fernanda Loureiro dos Santos

Francisco Jorge Mello

Izabel Costa da Fonseca

Leon Victor de Queiroz

Luciana M. N. Croitor

Luiz Flávio Neubert

Mariana Santos Felisbino Mendes

Marisa Lacerda

Nathália Assis P. M. Farias

Olívia Perez

Pedro Santos

Rafael Antunes Almeida

Ranulfo Paranhos

Rosier Custódio

Tatiana Géa Horta

Tatiana Whately de Moura

Thaís Joi Martins

Sabrina Mendes Ferraz

2. RESULTADOS POR QUESTÃO

EXEMPLO 1:

QUESTÃO LF1

LF1. Você costuma procurar a Regional da Prefeitura ou a Urbel quando necessita de alguma ajuda para resolver problemas relacionados ao lugar onde mora?

1. Sim
2. Não
7. NR
9. NS

FREQUÊNCIA

If1 If1. Você costuma procurar a Regional da Prefeitura ou a Urbel quando necessita de alguma ajuda para resolver problemas relacionados ao lugar onde mora?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	21	35,6	35,6	35,6
	2 Não	38	64,4	64,4	100,0
	Total	59	100,0	100,0	

BARRA DE PROBES

Barra Probe	Frequência	Total
Repetiu enunciado	3	59
Repetiu opções	-	59
Significado enunciado	2	59
Significado opção	-	59

TIPOS DE DIFICULDADES NA QUESTÃO LF1

Tipos de Dificuldade	Frequência	Total
Enunciado	-	59
Difícil compreensão	3	59
Terminologia	-	59
Termos difíceis	1	59
Terminologia nas Opções de Resposta	-	59
Termos ambíguos	1	59
Opções de resposta	-	59
Lista pequena (a lista de opções está curta, faltam opções)	1	59
Dificuldade com a ordenação	1	59
Escala: Distinção dos pontos (categorias de respostas não excludentes)	2	59
Escala: Adequação da escala ao objetivo da questão	1	59
Desconhecimento do assunto	2	59
Outras	1	59

CODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO DURANTE A ENTREVISTA

Comportamento do entrevistador	Frequência	Total
a1. Leu a questão de maneira exata	50	59
b1. Pequenas mudanças na leitura	1	59
d1. Probes	11	59

Comportamento do entrevistado	Frequência	Total
f1. Pediu esclarecimentos	2	59
h1. Demonstrou dúvida entre as opções ou formato	1	59
i1. Resposta não-condizente com as opções ou formato	1	59
j1. Mudou de resposta	1	59
l1. Não soube responder	1	59
n1. Outras observações	3	59

COMENTÁRIOS

Relatórios Finais

A questão tem mais pertinência em comunidades com menor poder aquisitivo.

PROBLEMAS LF1

Relatórios Finais

Não compreensão do termo URBEL.

Em função do termo “costuma”, pessoas que já procuraram esses órgãos públicos, mas não o fazem habitualmente, podem responder não a esta pergunta.

SUGESTÕES LF1

Relatórios Finais

URBEL é um órgão presente apenas na cidade de Belo Horizonte, para as cidades da Região Metropolitana deverá ser lido órgão equivalente em versões de questões específicas para cada cidade ou simplesmente omitir a leitura do termo.

Sugerimos inserir os pronomes de tratamento Sr e Sra, tal formalidade poderá ser posta de lado se o entrevistado abrir mão de tal tratamento.

Deve-se prever a possibilidade de marcar “não sei” caso o entrevistado o disser espontaneamente.

Sugestão de reformulação: Quando o (a) Sr(a) necessita de alguma ajuda para resolver problemas relacionados ao lugar onde mora, o (a) Sr(a) procura a Regional da Prefeitura ou a Urbel (Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte)?

Relatórios por Questionário

Questionário 003

Colocar o significado de Urbel.

Questionário 027

No enunciado, trocar “você costuma procurar” por “se você tem um problema...você procura...?”

Questionário 004

Colocar significado da sigla Urbel.

Questionário 015

Não há como modificar, pois o interesse é testar o conhecimento no assunto.

Questionário 036

Não soube o que significa Urbel.

Questionário 038

Urbel não é uma boa menção pois só serve para BH e a pesquisa é para RMBH. Substituir talvez por companhia de saneamento, com orientação no MQQ para explicar o que é isso.

Questionário 053

Você costuma procurar algum setor da prefeitura quando...?

Questionário 061

Colocar o que significa Urbel entre parênteses.

QUESTÃO LF3

LF3. A Associação do seu bairro ou vila tem contatos com pessoas influentes na política ou na prefeitura que a ajudam na solução de problemas do bairro ou da vila?

1. Sim
2. Não
7. NR
9. NS

FREQÜÊNCIA

If3 If3.A associação do seu bairro ou vila tem contatos com pessoas influentes na política ou na prefeitura que a ajudem na solução de problemas do bairro ou da vila?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	30	50,8	71,4	71,4
	2 Não	12	20,3	28,6	100,0
	Total	42	71,2	100,0	
Missing	7 NR	1	1,7		
	9 NS	16	27,1		
	Total	17	28,8		
Total		59	100,0		

BARRA DE PROBES

Barra Probe	Frequência	Total
Repetiu enunciado	7	59
Repetiu opções	-	59
Significado enunciado	-	59
Significado opção	-	59

TIPOS DE DIFICULDADES NA QUESTÃO LF3

Tipos de Dificuldade	Frequência	Total
Enunciado	-	59
Difícil compreensão	1	59
Longo	1	59
Outro problema	3	59
Terminologia	-	59
Termos ambíguos	1	59
Opções de resposta	-	59
Lista pequena (a lista de opções está curta, faltam opções)	2	59
Desconhecimento do assunto	5	59
Entendimento dos temas	1	59

lf3e1.4.1 lf3 Outro problema (qual?)

	Frequency	Total
SI	1	59
O bairro não possui associação	1	59
O bairro não possuía associação	1	59

CODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO DURANTE A ENTREVISTA

Comportamento do entrevistador	Frequência	Total
a3. Leu a questão de maneira exata	52	59
b3. Pequenas mudanças na leitura	1	59
d3. Probes	2	59

Comportamento do entrevistado	Frequência	Total
e3. Pediu para repetir a questão	3	59
f3. Pediu esclarecimentos	1	59
g3. Interrompeu a leitura do quadro	1	59
h3. Demonstrou dúvida entre as opções ou formato	2	59
i3. Resposta não-condizente com as opções ou formato	4	59
j3. Mudou de resposta	4	59
l3. Não soube responder	6	59
n3. Outras observações	4	59

RESPOSTAS ÀS QUESTÕES COGNITIVAS LF3

COGNITIVA 1: *Você poderia dar alguns exemplos de associações existentes em seu bairro?*

Questionário 001

Não tenho exemplo.

Questionário 003

Não.

Questionário 005

Eu não estou entendendo a pergunta.

Questionário 006

Você me pegou. Moro lá há um ano. Moro no bairro Silveira tem lá o povo que articula segurança, paga as coisas.... Eu não me envolvo, mas eu vejo a faixa com o nome do político.

Questionário 007

Comunidade Santa Rosa, Associação da Comunidade Aeroporto, Jaraguá e Adjacências.

Questionário 008

Sociedade São Vicente de Paulo

Questionário 009

Não sabe

Questionário 010

Associação de Moradores

Questionário 011

Não tem associação. Bairro Vale das Acácias, Ribeirão das Neves.

Questionário 012

Não conhece nem participa, mas sabe que tem.

Questionário 013

Não

Questionário 014

No hipercentro não tem a noção de bairro. Estou há pouco tempo aqui no hipercentro e é difícil ter uma noção de bairro. Moro aqui há pouco tempo.

Questionário 015

Não.

Questionário 016

Não.

Questionário 017

NAF/NEAF

Questionário 018

Tem uma associação dos moradores da Serra e alguns vereadores apóiam.

Questionário 019

Nafe da Prefeitura e a Regional.

Questionário 020

Associação dos Moradores do Bairro Castelo.

Questionário 021

José Fausto.

Questionário 022

Associação Comunitária do Bairro Canaã.

Questionário 023

Associação ligada à Igreja Católica (Grupo da 3ª. Idade).

Questionário 024

Getsêmani, Santa Catarina e Centro Espírita.

Questionário 025

Associação de Moradores do Sion na Rua Astolfo Pereira Rezende. Que eu saiba é a única.

Questionário 026

NAF - É relacionado com a Prefeitura e qualquer coisa que tem que resolver a gente procura eles.

Questionário 027

Que tem lá é a da Irene, que ela que mexe com associação lá, mas eu não sei te falar o nome não.

Questionário 028

Associação lá tem, mas não faz nada. Eles falam que tem, mas nem lugar mesmo para ter tem.

Questionário 029

Tem algum lá que fala que vai fazer algo pela gente quando vai ser eleito alguma coisa aí.

Questionário 030

Clube esportivo, clube de lazer, associação religiosa, condomínios, associação de moradores.

Questionário 031

Não conheço nenhum.

Questionário 032

Não conheço. Só conheço o líder.

Questionário 033

Lá no bairro tem aquelas pessoas que tomam os problemas e vão até a Prefeitura, "o presidente da Vila".

Questionário 034

Lá tem uma associação de um vereador, tem jornal...

Questionário 035

Associação de moradores.

Questionário 036

Associação do Bairro.

Questionário 037

Não.

Questionário 039

Associação de bairro mesmo, associação que pega as pessoas mais carentes.

Questionário 040

Não. Não frequento.

Questionário 041

Não.

Questionário 042

Associação dos moradores, fazem levantamento do que o bairro precisa.

Questionário 043

NAF –Instituição que tem cursos de digitação de graça e ajuda a arrumar empregos aos adolescentes e ajuda o pessoal da terceira idade com reuniões e cesta básica. NAF é da prefeitura. Não sei o significado da sigla.

Questionário 044

Que eu conheça só a Paróquia. Ali em cima tem alguma coisa do Centro Espírita, ali na Rua Leopoldina e que faz um trabalho social. E os Maristas. Acho que eles têm um trabalho numa casa ali na Rua Viçosa que a vizinhança ficou muito puta quando eles a [...].

Questionário 045

Não há associações.

Questionário 046

Não.

Questionário 048

Tem, mas eu não sei o nome.

Questionário 051

Não sei nem se existe associação.

Questionário 052

Não tenho gravado, não posso fazer isso agora.

Questionário 053

Só sei a associação da igreja Boa Viagem.

Questionário 054

Associação da Igreja.

Questionário 055

Não.

Questionário 056

Não sei.

Questionário 057

Não sabe informar.

Questionário 058

ONG's? É um tipo de associação?

Questionário 059

Só conheço o aqui do lado.

Questionário 060

Conheço. Tem uma associação, mas ela mexe com Conselho Tutelar.

Questionário 061

Não tem.

Questionário 062

Nesse bairro tem só a associação espírita, a ligada aos vicentinos. Eu não sei de uma associação do bairro para resolver problemas gerais não.

COGNITIVA 2: *Você poderia dar alguns exemplos de pessoas influentes na política com as quais a associação do seu bairro tem contato?*

Questionário 001

Não

Questionário 003

Não.

Questionário 005

Seria do meu bairro Goiânia? Não sei.

Questionário 006

Eu vejo muito lá uma ligação com a Ana Pascoal.

Questionário 007

Vinícius Dantas – vereador.

Questionário 008

Vereador Betão

Questionário 010

Não sabe.

Questionário 011

Não.

Questionário 012

Dois vereadores que moram no bairro.

Questionário 013

Não.

Questionário 015

Não.

Questionário 016

Vizinho, funcionário da Prefeitura.

Questionário 017

Não Sei.

Questionário 018

Tem um vereador, mas não sei o nome.

Questionário 019

Não sei. Nem aqui, nem em outro bairro que eu morava.

Questionário 020

Vereador Preto. Vítório Medioli (já foi Deputado Federal).

Questionário 021

Vereador Ticaca.

Questionário 022

Betão – vereador.

Questionário 023

Não saberia responder.

Questionário 024

Agídio. Tem diversos.

Questionário 025

Desconheço.

Questionário 024

Sempre vai uns vereadores lá, mas eu não sei o nome deles.

Questionário 028

Não.

Questionário 030

Não me lembro o nome.

Questionário 029

Que tem está mexendo com política? Tem gente lá que faz isso. Pede voto para fazer algo pela gente.

Questionário 032

O líder. Fui na reunião uma vez.

Questionário 033

Cabo Júlio, Geraldo Félix, Irani Barbosa.

Questionário 034

Vereador Geraldo Félix e Wellington Magalhães.

Questionário 035

Geraldo Félix, vereador.

Questionário 036

Nelson (a entrevistada não soube lembrar o nome exato).

Questionário 037

Não.

Questionário 039

Pelo que sei tem o Miguel Corrêa, que dá uma moral pro pessoal. Ele é deputado.

Questionário 040

Vinícius. Ele é vereador (obs. Ela não estava lembrando o nome do vereador e perguntou à filha).

Questionário 041

Não.

Questionário 042

Não frequenta a associação do bairro.

Questionário 043

A creche. O dono da creche Paulo Mutum que é associado à Prefeitura.

Questionário 044

Não sei.

Questionário 045

Não.

Questionário 046

Somente com funcionários da Prefeitura.

Questionário 048

Vinícius Dantas – vereador.

Questionário 051

Nome não tenho aqui.

Questionário 053

Não.

Questionário 054

Não.

Questionário 057

Não sabe dar exemplos.

Questionário 058

Deputado Miguel Correia Júnior.

Questionário 061

Os dois vereadores que moram aqui perto.

Questionário 062

Não porque não acho que eles tenham contato.

COGNITIVA 3: *Você pode dar exemplos de pessoas influentes na prefeitura com as quais a associação do seu bairro tem contato?*

Questionário 001

Não.

Questionário 004

Não.

Questionário 005

Não sei. Não estou sabendo responder essa pergunta.

Questionário 006

Não

Questionário 007

Não sei

Questionário 008

Não sei

Questionário 010

Não sabe.

Questionário 011

Não.

Questionário 012

Não tenho os nomes.

Questionário 013

Regional – Tininha, Maciônio, Professor Ramon. Pessoalmente procura a Prefeitura.

Questionário 015

Não.

Questionário 016

Vizinho.

Questionário 018

Não. Não sabe dizer.

Questionário 019

Não sei. Aqui não tem associação. Acabou tudo.

Questionário 020

Dorgival Roberto.

Questionário 021

Não sei.

Questionário 022

Não conhece.

Questionário 024

Segurança, Saúde.

Questionário 026

Natalício, vai candidatar a vereador. Tem outro que eu conheço pelo apelido de "Joinha".

Questionário 024

Que ela sempre fala o nome lá, que ela liga é o Fernando Pimentel, Patrus Ananias.

Questionário 028

Não.

Questionário 029

Não.

Questionário 030

Não me lembro o nome.

Questionário 033

Com esses mesmos (referindo-se à resposta anterior Cabo Júlio, Geraldo Félix, Irani Barbosa).

Questionário 034

Não lembro o nome. Eu conheço José Aparecido que mexe com coleta seletiva na Prefeitura.

Questionário 035

Não sei.

Questionário 036

Não.

Questionário 037

Não.

Questionário 041

Não conhece ninguém.

Questionário 042

Não sabe.

Questionário 045

Apenas com o NAF.

Questionário 048

Não.

Questionário 051

Secretário do Gabinete do Prefeito.

Questionário 053

Não.

Questionário 054

Não.

Questionário 058

Não.

Questionário 061

Não tem associação. Só os dois políticos.

PROBLEMAS LF3**Relatórios Finais**

A formulação da questão está pouco fluente.

As alternativas oferecidas não condizem totalmente com todas as possibilidades de resposta, falta dar a opção “não existe Associação de Moradores no Bairro”.

3. AVALIAÇÃO POR MÓDULO

3.1. GRAU DE DIFICULDADE

3.2. GRAU DE INTERESSE

3.1. GRAU DE DIFICULDADE DO MÓDULO LAÇOS FRACOS

Statistics

rav3.1 rav3.1. Numa escala de 0 a 10, sendo 0 nenhuma dificuldade e 10 muita dificuldade, qual o grau de dificuldade do módulo "laços fracos"?

N	Valid	56
	Missing	2
Mean		2,91
Median		2,00
Mode		1
Std. Deviation		2,778

rav3.1 rav3.1. Numa escala de 0 a 10, sendo 0 nenhuma dificuldade e 10 muita dificuldade, qual o grau de dificuldade do módulo "laços fracos"?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0 Nenhuma dificuldade	10	17,2	17,9	17,9
	1	13	22,4	23,2	41,1
	2	9	15,5	16,1	57,1
	3	9	15,5	16,1	73,2
	4	1	1,7	1,8	75,0
	5	2	3,4	3,6	78,6
	6	2	3,4	3,6	82,1
	7	4	6,9	7,1	89,3
	8	3	5,2	5,4	94,6
	9	3	5,2	5,4	100,0
	Total	56	96,6	100,0	
Missing	55 SI	2	3,4		
Total		58	100,0		

3.2. GRAU DE INTERESSE PELO MÓDULO LAÇOS FRACOS

Statistics

rav4a.1 rav4a.1. Classificação do grau de interesse do entrevistado em uma escala de 0 a 10, sendo 0 nenhum interesse e 10 muito interessado no módulo "laços fracos":

N	Valid	55
	Missing	3
Mean		5,25
Median		5,00
Mode		5
Std. Deviation		2,654

rav4a.1 rav4a.1. Classificação do grau de interesse do entrevistado em uma escala de 0 a 10, sendo 0 nenhum interesse e 10 muito interessado no módulo "laços fracos":

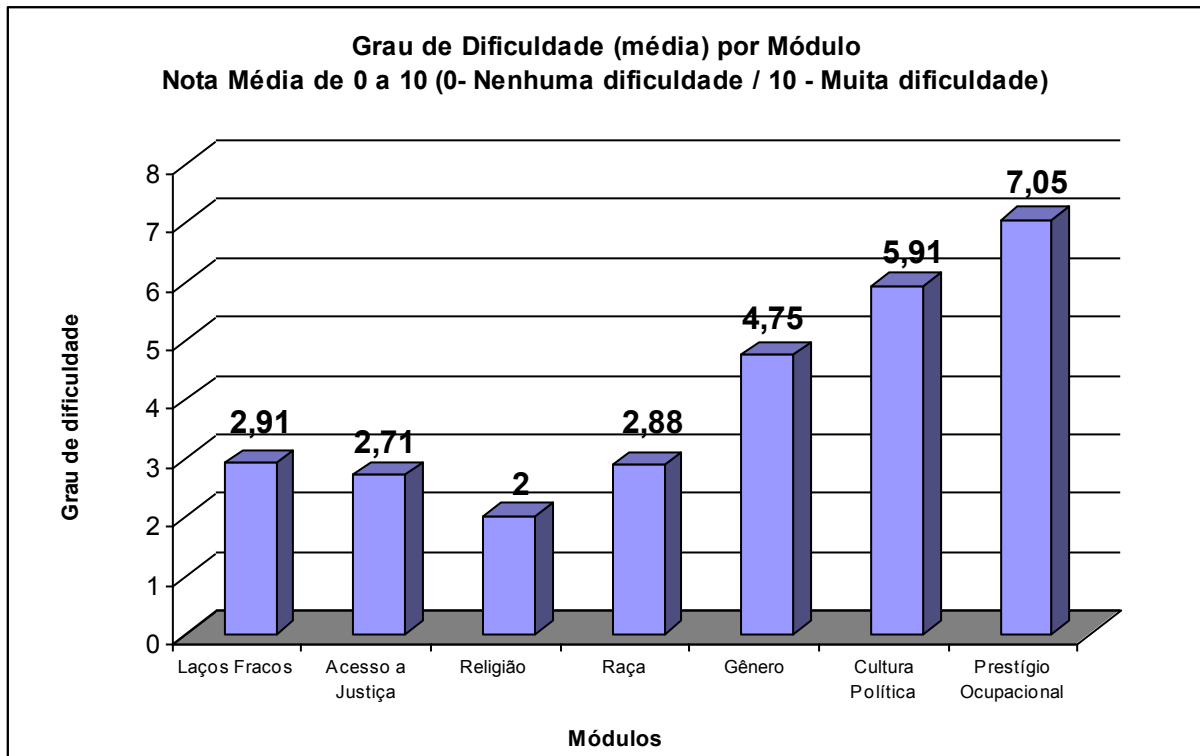
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0 Nenhum interesse	2	3,4	3,6	3,6
	1	3	5,2	5,5	9,1
	2	3	5,2	5,5	14,5
	3	5	8,6	9,1	23,6
	4	9	15,5	16,4	40,0
	5	12	20,7	21,8	61,8
	6	1	1,7	1,8	63,6
	7	9	15,5	16,4	80,0
	8	4	6,9	7,3	87,3
	9	2	3,4	3,6	90,9
	10 Muito interessado	5	8,6	9,1	100,0
	Total	55	94,8	100,0	
Missing	55 SI	3	5,2		
Total		58	100,0		

4. AVALIAÇÃO COMPARATIVA DOS MÓDULOS

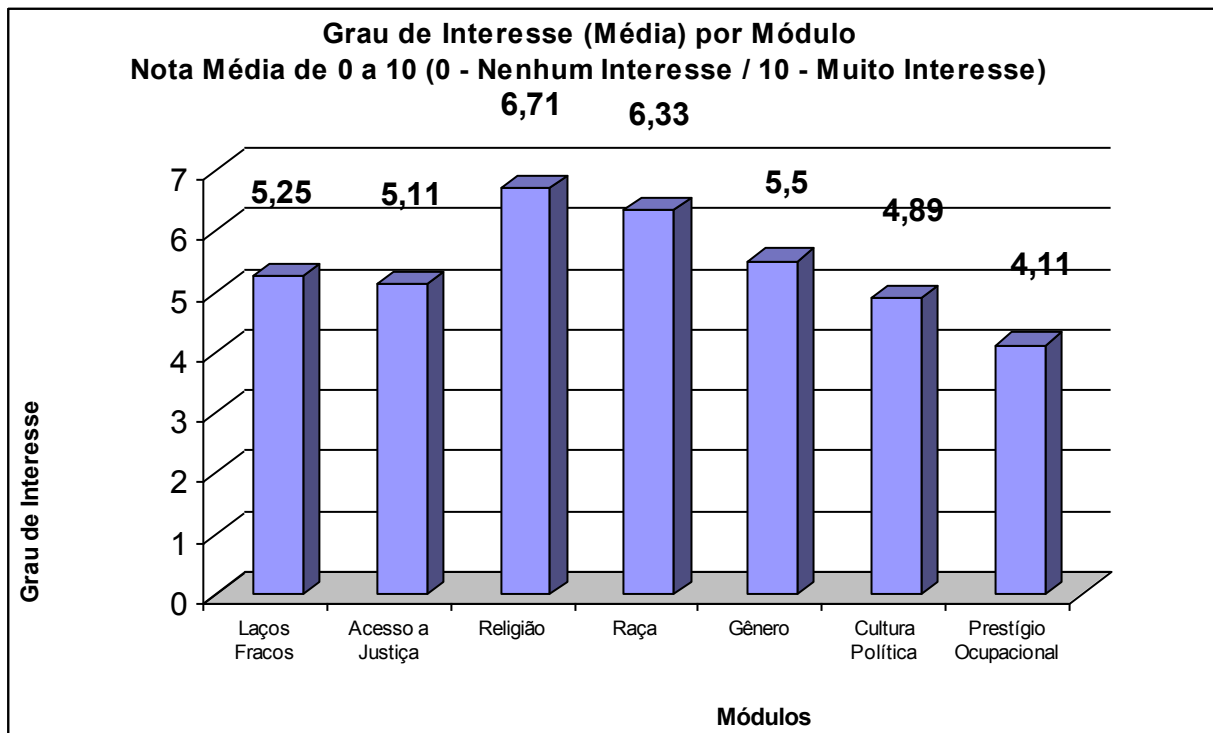
4.1. GRAU DE DIFICULDADE

4.2. GRAU DE INTERESSE

4.1. GRAU DE DIFICULDADE POR MÓDULO



4.2. GRAU DE INTERESSE POR MÓDULO



5. AVALIAÇÃO DA ENTREVISTA

5.1. TEMPO DE DURAÇÃO TOTAL DA ENTREVISTA

5.2. COMPORTAMENTO DO ENTREVISTADO QUANTO AO TEMPO DE DURAÇÃO DA ENTREVISTA

5.3. COMPORTAMENTO DO ENTREVISTADO EM RELAÇÃO À ENTREVISTA

5.1. TEMPO DE DURAÇÃO TOTAL DA ENTREVISTA

Statistics

h3min h3min.Tempo de duração da entrevista		
N	Valid	59
	Missing	0
Mean		49,63
Median		50,00
Mode		40 ^a
Std. Deviation		10,746

^a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

h3min h3min.Tempo de duração da entrevista						
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
Valid	27	1	1,7	1,7	1,7	
	30	1	1,7	1,7	3,4	
	35	1	1,7	1,7	5,1	
	37	2	3,4	3,4	8,5	
	38	1	1,7	1,7	10,2	
	39	2	3,4	3,4	13,6	
	40	8	13,6	13,6	27,1	
	41	1	1,7	1,7	28,8	
	42	1	1,7	1,7	30,5	
	44	2	3,4	3,4	33,9	
	45	3	5,1	5,1	39,0	
	46	3	5,1	5,1	44,1	
	47	1	1,7	1,7	45,8	
	48	1	1,7	1,7	47,5	
	50	8	13,6	13,6	61,0	
	51	2	3,4	3,4	64,4	
	53	2	3,4	3,4	67,8	
	55	4	6,8	6,8	74,6	
	56	1	1,7	1,7	76,3	
	57	1	1,7	1,7	78,0	
	58	1	1,7	1,7	79,7	
	60	1	1,7	1,7	81,4	
	61	1	1,7	1,7	83,1	
	62	4	6,8	6,8	89,8	
	65	3	5,1	5,1	94,9	
	69	1	1,7	1,7	96,6	
	72	1	1,7	1,7	98,3	
	83	1	1,7	1,7	100,0	
	Total		59	100,0	100,0	

5.2. COMPORTAMENTO DO ENTREVISTADO QUANTO AO TEMPO DE DURAÇÃO DA ENTREVISTA

Statistics

rav4b rav4b. Grau de impaciência ou paciência do entrevistado em uma escala de 0 a 10, sendo 0 muito impaciente e 10 muito paciente:

N	Valid	54
	Missing	4
Mean		8,28
Median		9,00
Mode		10
Std. Deviation		2,158

rav4b rav4b. Grau de impaciência ou paciência do entrevistado em uma escala de 0 a 10, sendo 0 muito impaciente e 10 muito paciente:

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0 Muito impaciente	1	1,7	1,9	1,9
	4	2	3,4	3,7	5,6
	5	3	5,2	5,6	11,1
	6	5	8,6	9,3	20,4
	7	5	8,6	9,3	29,6
	8	7	12,1	13,0	42,6
	9	7	12,1	13,0	55,6
	10 Muito paciente	24	41,4	44,4	100,0
	Total	54	93,1	100,0	
Missing	55 SI	4	6,9		
Total		58	100,0		

5.3. COMPORTAMENTO DO ENTREVISTADO EM RELAÇÃO À ENTREVISTA

rav4c.1 rav4c.1. O comportamento do entrevistado em relação à entrevista foi "muito interessado"

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	8	13,8	15,1	15,1
	2 Não	45	77,6	84,9	100,0
	Total	53	91,4	100,0	
Missing	0 SI	5	8,6		
Total		58	100,0		

rav4c.2 rav4c.2. O comportamento do entrevistado em relação à entrevista foi "interessado"

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	25	43,1	47,2	47,2
	2 Não	28	48,3	52,8	100,0
	Total	53	91,4	100,0	
Missing	0 SI	5	8,6		
Total		58	100,0		

rav4c.3 rav4c.3. O comportamento do entrevistado em relação à entrevista foi "pouco interessado"

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	5	8,6	9,4	9,4
	2 Não	48	82,8	90,6	100,0
	Total	53	91,4	100,0	
Missing	0 SI	5	8,6		
Total		58	100,0		

rav4c.4 rav4c.4. O comportamento do entrevistado em relação à entrevista foi "receptivo, cooperativo"

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	38	65,5	71,7	71,7
	2 Não	15	25,9	28,3	100,0
	Total	53	91,4	100,0	
Missing	0 SI	5	8,6		
Total		58	100,0		

rav4c.5 rav4c.5. O comportamento do entrevistado em relação à entrevista foi "muito impaciente, hostil"

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	1	1,7	1,9	1,9
	2 Não	53	91,4	98,1	100,0
	Total	54	93,1	100,0	
Missing	0 SI	4	6,9		
Total		58	100,0		

rav4c.6 rav4c.6. O comportamento do entrevistado em relação à entrevista foi "impaciente com o tamanho do questionário"

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	3	5,2	5,6	5,6
	2 Não	51	87,9	94,4	100,0
	Total	54	93,1	100,0	
Missing	0 SI	4	6,9		
Total		58	100,0		

rav4c.7 rav4c.7. O comportamento do entrevistado em relação à entrevista foi "impaciente após a segunda metade da entrevista"

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	1	1,7	1,9	1,9
	2 Não	52	89,7	98,1	100,0
	Total	53	91,4	100,0	
Missing	0 SI	5	8,6		
Total		58	100,0		

rav4c.8 rav4c.8. O comportamento do entrevistado em relação à entrevista foi "impaciente em alguns módulos"

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	4	6,9	7,5	7,5
	2 Não	49	84,5	92,5	100,0
	Total	53	91,4	100,0	
Missing	0 SI	5	8,6		
Total		58	100,0		

rav4c.9 rav4c.9. O comportamento do entrevistado em relação à entrevista foi "impaciente nos momentos finais (cansado e disperso no final)"

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	12	20,7	22,6	22,6
	2 Não	41	70,7	77,4	100,0
	Total	53	91,4	100,0	
Missing	0 SI	5	8,6		
Total		58	100,0		

rav4c.10 rav4c.10. O comportamento do entrevistado em relação à entrevista foi "constrangido por não saber responder, constrangido por achar que está sendo testado"

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Sim	18	31,0	33,3	33,3
	2 Não	36	62,1	66,7	100,0
	Total	54	93,1	100,0	
Missing	0 SI	4	6,9		
Total		58	100,0		

ANEXO C
Questionário do GOES-Minas/2001

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE:
(LER PARA TODOS OS ENTREVISTADOS):**

“Esta entrevista é completamente voluntária. Se houver alguma questão que você não queira responder, por favor, diga e passarei para a questão seguinte. Suas respostas são confidenciais e o seu nome não será associado a elas.”

HORA EXATA DE INÍCIO: _____

SEÇÃO A : INTRODUÇÃO

Para garantir que estamos ouvindo as opiniões das mais diferentes pessoas, gostaria de iniciar com algumas perguntas sobre o sr. (a).

S1. Você (LER OPÇÕES 1 A 6)

1. É casado(a) - civil e/ou religioso,
2. Mora junto sem ser casado(a),
3. Desquitado(a),
4. Divorciado(a),
5. Solteiro(a) ou
6. Viúvo(a)?
7. NR
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

S2. Até que série você cursou a escola? (NÃO LER OPÇÕES)

1. Nunca frequentou a escola
2. Primeiro grau, de 1° à 4° série incompleto
3. Primeiro grau, de 1° à 4° série completo
4. Primeiro grau, de 5° à 8° série incompleto
5. Primeiro grau, de 5° à 8° série completo
6. Segundo grau (1° ao 3° ano) incompleto
7. Segundo grau (1° ao 3° ano) completo
8. Superior(universitário) incompleto
9. Superior (universitário) completo
77. NR
99. NS

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

VERIFIQUE A ESCOLARIDADE DO ENTREVISTADO E ENTREGUE O CADERNO DO ENTREVISTADO A TODOS, COM EXCEÇÃO DOS ANALFABETOS.

A) SE RESPONDEU DE 1 A 3 (NUNCA FREQUENTOU ESCOLA OU APENAS ATÉ A 4ª SÉRIE COMPLETA) DIGA:

“Este é um caderno que mostra alternativas de respostas para diversas perguntas que eu estarei fazendo, mas se você achar melhor eu poderei ler para você”.

B) SE RESPONDEU DE 4 A 9, DIGA APENAS:

“Este é um caderno que mostra alternativas de respostas para diversas perguntas que eu estarei fazendo.”

C) DIGA A TODOS QUE USAREM O CADERNO:

“Para que a condução da entrevista seja mais rápida e agradável, por favor, não folheie o caderno e espere que eu lhe indique quando usá-lo, e qual a página você deve ler”.

S2a. CODIFICAÇÃO SOBRE O USO DO CADERNO DO ENTREVISTADO:

1. O ENTREVISTADO OPTOU POR LER AS OPÇÕES DE RESPOSTAS.
2. O ENTREVISTADO PEDIU QUE O ENTREVISTADOR LESSE AS OPÇÕES DE RESPOSTAS.

SEÇÃO B : VALORES E ORIENTAÇÕES POLÍTICAS

B1. [Vou ler - O caderno de resposta lista] algumas metas que as pessoas acreditam que deveriam ser prioridade do governo para o país. (C.E., p.1)

Se você tivesse que escolher, qual delas você diria que é a **mais importante**?
(LER OPÇÕES a-d E MARCAR A MAIS IMPORTANTE)

E qual delas você diria que é a **segunda mais importante**?
(LER OPÇÕES a-d E MARCAR A SEGUNDA MAIS IMPORTANTE)

	Mais importante	Segunda mais importante	NR	NS
a. Garantir um alto nível de crescimento econômico	1	1	7	9
b. Garantir que o país tenha Forças Armadas (Exército) capazes de defender o Brasil	2	2	7	9
c. Garantir que as pessoas tenham direito de participar nas decisões sobre como as coisas são feitas em seu trabalho e em sua comunidade	3	3	7	9
d. Proteger a natureza nas cidades e nos campos	4	4	7	9

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B2. Se você tivesse que escolher nesta outra lista, qual delas você diria que é a **mais importante**?

(C.E., p 2) (LER OPÇÕES a-d E MARCAR A MAIS IMPORTANTE)

E qual delas você diria que é a **segunda mais importante**?

(LER OPÇÕES a-d E MARCAR A SEGUNDA MAIS IMPORTANTE)

	Mais importante	Segunda mais importante	NR	NS
a. Manter a ordem no país	1	1	7	9
b. Aumentar a participação das pessoas em decisões importantes do governo	2	2	7	9
c. Combater a inflação	3	3	7	9
d. Proteger a liberdade de expressão (o direito das pessoas dizerem o que pensam sem censura do governo)	4	4	7	9

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B3. E nesta outra lista, se você tivesse que escolher, qual delas você diria que é a **mais importante**?

(C.E., p 3)

(LER OPÇÕES a-d E MARCAR A MAIS IMPORTANTE)

E qual delas você diria que é a **segunda mais importante**?

(LER OPÇÕES a-d E MARCAR A SEGUNDA MAIS IMPORTANTE)

	Mais importante	Segunda mais importante	NR	NS
a. Ter uma economia estável	1	2	7	9
b. Ser uma sociedade mais humana e solidária, menos individualista	2	2	7	9
c. Construir uma sociedade onde as idéias (e a criatividade) contam mais do que o dinheiro	3	3	7	9
d. Combater o crime	4	4	7	9

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

Agora eu vou ler uma série de afirmativas.

B4. Qual destas afirmativas se aproxima mais do seu ponto de vista?

(C.E., p 4) (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. O governo ainda precisa desempenhar um papel importante na economia.

-OU-

2. A economia deveria ser controlada apenas pelo mercado e pelo setor privado.

6. Prefere não opinar (PARA ENTREVISTADOS ANALFABETOS OU COM MUITA DIFICULDADE DE ENTENDIMENTO)

7. NR

8. NS (ESPONTÂNEO)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B5. E entre estas, qual se aproxima mais do seu ponto de vista?
(C.E., p. 5) (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. Para proteger os interesses da comunidade é preciso que o governo coloque limites no uso de propriedades privadas.

-ou-

2. Os proprietários têm o direito de usar suas propriedades como acharem melhor.

6. Prefere não opinar (PARA ENTREVISTADOS ANALFABETOS OU COM MUITA DIFICULDADE DE ENTENDIMENTO)

7. NR

9. NS (ESPONTÂNEO)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B6. E entre estas afirmativas, qual se aproxima mais do seu ponto de vista?
(C.E., p 6) (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. A sociedade deveria ser mais rápida em adotar novas idéias e novas maneiras de fazer as coisas.

-ou-

2. É melhor ficar do jeito que estamos do que tentar algo novo que não conhecemos bem.

6. Prefere não opinar (PARA ENTREVISTADOS ANALFABETOS OU COM MUITA DIFICULDADE DE ENTENDIMENTO)

7. NR

9. NS (ESPONTÂNEO)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B7. Agora outras afirmativas, qual delas se aproxima mais do seu ponto de vista? (C.E., p 7) (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. Cada um de nós deveria ser responsável para que todas as pessoas na sociedade tenham sua sobrevivência garantida .

-ou-

2. Cada um de nós deveria ser responsável pela própria sobrevivência sem contar com a sociedade ou o governo

6. Prefere não opinar (PARA ENTREVISTADOS ANALFABETOS OU COM MUITA DIFICULDADE DE ENTENDIMENTO)

7. NR

9. NS (ESPONTÂNEO)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B8. E qual destas afirmativas se aproxima mais do seu ponto de vista? (C.E., p 8) (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. Nós não podemos depender da ciência e tecnologia para resolver nossos problemas.

-OU-

2. Avanços na ciência e tecnologia irão resolver a maioria dos nossos problemas.

6. Prefere não opinar (PARA ENTREVISTADOS ANALFABETOS OU COM MUITA DIFICULDADE DE ENTENDIMENTO)

7. NR

9. NS (ESPONTÂNEO)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B9. E qual destas afirmativas se aproxima mais do seu ponto de vista?(C.E., p 9) (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. Os benefícios do rápido crescimento econômico compensam as conseqüências negativas.

-OU-

2. O rápido crescimento econômico geralmente cria mais problemas do que benefícios.

6. Prefere não opinar (PARA ENTREVISTADOS ANALFABETOS OU COM MUITA DIFICULDADE DE ENTENDIMENTO)

7. NR

9. NS (ESPONTÂNEO)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B10. E entre estas afirmativas, qual se aproxima mais do seu ponto de vista?
(C.E., p 10) (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. Os recursos naturais são limitados e nós teremos que reduzir o nosso nível de consumo.

-OU-

2. Os recursos naturais são mais do que suficientes e sabendo usá-los não precisaremos reduzir o nosso nível de consumo.

6. Prefere não opinar (PARA ENTREVISTADOS ANALFABETOS OU COM MUITA DIFICULDADE DE ENTENDIMENTO)

7. NR

9. NS (ESPONTÂNEO)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B11. E qual destas afirmativas se aproxima mais do seu ponto de vista? (C.E., p 11) (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. O governo deveria dar prioridade ao crescimento econômico.

-ou-

2. O governo deveria dar prioridade aos programas sociais (de saúde, educação, habitação e outros).

6. Prefere não opinar (PARA ENTREVISTADOS ANALFABETOS OU COM MUITA DIFICULDADE DE ENTENDIMENTO)

7. NR

10. NS (ESPONTÂNEO)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B12. Agora, eu tenho algumas questões sobre outro tema. Em geral, você diria que **nos últimos 20 anos** a diferença entre ricos e pobres no Brasil.... (LER OPÇÕES 1 A 3)

1. Diminuiu,

2. Ficou na mesma, ou

3. Aumentou?

7. NR

9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B13. E **nos próximos 20 anos**, em que medida é importante para você diminuir a diferença entre ricos e pobres no Brasil ? Você diria que é

(C.E., p 12) (LER OPÇÕES 1 A 4)

1. Muito importante,

2. Mais ou menos importante,

3. Pouco importante, ou

4. Não é importante?

7. NR

9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B14. Eu gostaria que você olhasse esta lista de problemas e os numerasse de acordo com a prioridade que você acha que o governo deveria dar a eles. O número 1 seria o problema ao qual você acha que o governo deveria dar a maior prioridade, o número 2 seria a segunda maior prioridade, e assim por diante.

(ENTREGAR CARTÃO 1) (LER OPÇÕES a - h) (ANEXAR O CARTÃO RESPONDIDO AO QUESTIONÁRIO)

- _____ a. Melhorar o sistema educacional do país (educação)
- _____ b. Diminuir a diferença entre ricos e pobres no Brasil
- _____ c. Adotar medidas de proteção à economia do país (economia)
- _____ d. Melhorar e proteger o meio ambiente (meio ambiente)
- _____ e. Reduzir a taxa de criminalidade (crime)
- _____ f. Resolver o problema de drogas no país (droga)
- _____ g. Melhorar o atendimento de saúde pública (saúde)
- _____ h. Proteger as fronteiras do país contra ataque de estrangeiros (proteger o Brasil)

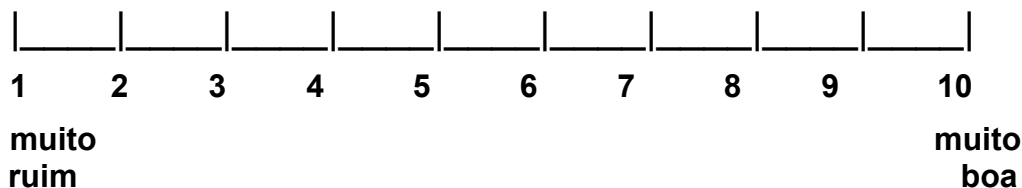
77. NR

99. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B15. Gostaria de saber agora como você avalia sua qualidade de vida. Em uma escala onde **1 significa “muito ruim” e 10 significa “muito boa”**, de uma maneira geral, que nota você daria para sua qualidade de vida hoje?

(C. E. p 13)



77. NR

99. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

B16. Para avaliar a sua qualidade de vida, em que você pensou? (ANOTAR)

77. NR

99. NS

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

APLICAR PELO MENOS UM DENTRE OS PROBES:

1. O que mais você poderia acrescentar?
2. Você poderia me falar um pouco mais sobre isto...
3. O que você quer dizer com isso?
4. Você poderia dar um exemplo?
5. Outro (ANOTAR)_____

SEÇÃO C : DIMENSÕES DO CONCEITO DE MEIO AMBIENTE

(QUESTIONÁRIO A)

C1. De tempos em tempos nós ouvimos as pessoas falarem sobre a necessidade de proteger o **meio ambiente** da ação humana. Em que você pensa quando ouve a expressão “**meio ambiente**”?

77. NR

99. NS

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

APLICAR PELO MENOS UM DENTRE OS PROBES:

1. O que mais você poderia acrescentar?
2. Você poderia me falar um pouco mais sobre isto...
3. O que você quer dizer com isso?
4. Você poderia dar um exemplo?
5. Outro (ANOTAR) _____

C2. . [Destá - Vou ler uma] lista de coisas, quais itens você considera parte do **meio ambiente**?

(C. E., p.14) (LER OPÇÕES a - g)

	Sim	Não	NR	NS
a. Fazendas	1	2	7	9
b. Seres Humanos	1	2	7	9
c. Cidades	1	2	7	9
d. Ar	1	2	7	9
e. Parques (reservas naturais com áreas de lazer, como o Parque das Mangabeiras ou...)	1	2	7	9
f. Prédios	1	2	7	9
g. Animais	1	2	7	9

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C3. E quais são os **problemas ambientais, se há algum**, com os quais você está **pessoalmente** mais preocupado(a)?

(ANOTAR ATÉ 3 PROBLEMAS)

1) _____

2) _____

3) _____

7. NR

9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C4. Eu vou ler uma lista de problemas ambientais que podem ou não serem problemas no Brasil. Para cada um deles, eu gostaria que você me dissesse se você o considera muito grave, grave, não muito grave, ou não é um problema no Brasil.

(C. E. p 15) (LER OPÇÕES 1 A 4)

	Muito grave	Grave	Pouco grave	Não é problema	NR	NS
a. Superpopulação	1	2	3	4	7	9
b. Poluição do ar	1	2	3	4	7	9
c. Poluição da água	1	2	3	4	7	9
d. Erosão do solo	1	2	3	4	7	9
e. Lixo industrial	1	2	3	4	7	9
f. Extinção de animais e plantas (perda da biodiversidade)	1	2	3	4	7	9
g. Aquecimento global (efeito estufa)	1	2	3	4	7	9
h. Desmatamento (desertificação)	1	2	3	4	7	9
i. Saneamento	1	2	3	4	7	9

j. Outros problemas muito graves ou graves

(ESPECIFICAR) _____

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C5. [Desta mesma - Vou ler uma] lista de problemas ambientais [eu – e] gostaria que você os numerasse de acordo com a importância de cada um para você. O número 1 seria o problema com o qual você está mais preocupado(a), o número 2 seria o problema com o qual você está preocupado(a) em segundo lugar, e assim por diante.

(MOSTRAR CARTÃO 2) (LER OPÇÕES a - j)

- _____ a. Superpopulação
- _____ b. Poluição do ar
- _____ c. Poluição da água
- _____ e. Erosão do solo
- _____ f. Falta de saneamento (rede de esgoto, coleta de lixo, água tratada)
- _____ g. Extinção de animais e plantas (perda da biodiversidade)
- _____ h. Aquecimento global (efeito estufa)
- _____ i. Desmatamento
- _____ j. Lixo industrial

7. NR

9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C6. Quando você pensa em problemas **ambientais**, você **geralmente** tem em mente:

(C.E., p 16) (LER OPÇÕES 1 A 4)?

1. O seu bairro,
2. A sua cidade (MENCIONAR A CIDADE),
3. O Brasil, ou
4. O mundo?
5. Todas as opções (SE ESPONTÂNEA)

7. NR

9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C7. Voltando à mesma lista de problemas ambientais, quais [deles – daqueles que eu vou ler] podem afetar, direta ou indiretamente, a sua saúde e qualidade de vida, ou a saúde e qualidade de vida da sua família?

(C. E., p. 17) (LER OPÇÕES 1 A 9) (MARQUE TODAS QUE SE APLICAM)

	Sim	Não	NR	NS
01. Superpopulação	1	2	7	9
02. Poluição do ar	1	2	7	9
03. Poluição da água	1	2	7	9
04. Erosão do solo	1	2	7	9
05. Lixo industrial	1	2	7	9
06. Extinção de animais e plantas (perda da biodiversidade)	1	2	7	9
07. Aquecimento global (efeito estufa)	1	2	7	9
08. Desmatamento	1	2	7	9
09. Falta de saneamento (rede de esgoto, coleta de lixo, água tratada)	1	2	7	9
10. Outro (ANOTAR) _____				

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

C8. Qual das seguintes afirmativas sobre o meio ambiente e a economia se aproxima mais do seu ponto de vista? (C.E., p 18) (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. Proteger o meio ambiente deve ser prioridade, mesmo com o risco de diminuir o crescimento da economia.

-ou-

2. O crescimento da economia deve ser prioridade mesmo que o meio ambiente seja prejudicado.

7. NR

9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

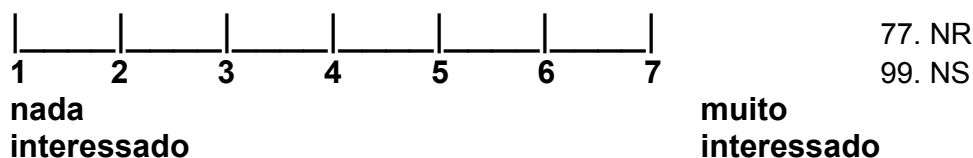
C9. Ao responder a esta última pergunta, o que **primeiro** lhe veio à cabeça (em que você pensou primeiro) quando falamos em **crescimento econômico**? (ANOTAR A PRIMEIRA) (NÃO APLICAR PROBE)

77. NR

99. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C10. Veja, por favor, a escala do caderno de respostas na página 19. Nesta escala **1 significa “nada interessado” e 7 significa “muito interessado”**. Por favor, indique o número da escala que representa em que medida você é **pessoalmente** interessado em questões ambientais. (C.E., p. 19)



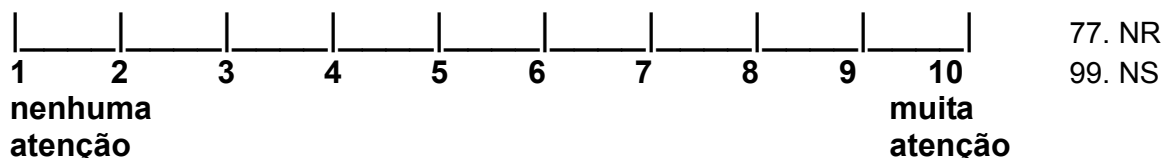
1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C11. Como você obtém a maior parte das suas informações sobre o meio ambiente?
(NÃO LER OPÇÕES) (MARCAR TODAS QUE SE APLICAM)

	Sim	Não	NR	NS
1. Conversa com amigos, colegas de trabalho, vizinhos, familiares	1	2	7	9
2. Na igreja ou em suas atividades religiosas	1	2	7	9
3. Através de grupos comunitários ou entidades das quais você participa	1	2	7	9
4. Através de cartazes, folhetos	1	2	7	9
5. Televisão	1	2	7	9
6. Jornais	1	2	7	9
7. Rádio	1	2	7	9
8. Pessoas que vão até sua casa para discutir problemas locais (Quem por exemplo?) (ANOTAR)	1	2	7	9
9. Internet	1	2	7	9
10. Revistas	1	2	7	9
11. Outros (ESPECIFICAR) _____	1	2	7	9

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C12. Veja agora a escala do caderno de respostas na página 20, onde **1 significa “nenhuma atenção” e 10 significa “muita atenção”**. Por favor, indique o número da escala que representa a atenção que você dá às notícias ou informações sobre o meio ambiente. (C.E., p.20)



1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C13. Você se considera uma pessoa que sempre procura defender ou pensar no meio ambiente?

1. Sim (VÁ PARA C15)
2. Não
7. NR
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C14. Você simpatiza, é neutro(a) ou não simpatiza com as pessoas que defendem o meio ambiente?

1. Simpatiza
2. Neutro(a) (VÁ PARA D1)
3. Não simpatiza (VÁ PARA D1)
7. NR (VÁ PARA D1)
9. NS (VÁ PARA D1)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

C15. Que acontecimentos ou experiências de vida o levaram [(C13) a defender o meio ambiente - (C14) a simpatizar com as pessoas que defendem o meio ambiente]?

1) _____

2) _____

3) _____

77. NR
99. NS

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

APLICAR PELO MENOS UM DENTRE OS PROBES:

1. O que mais você poderia acrescentar?
2. Você poderia me falar um pouco mais sobre isto...
3. Você poderia dar um exemplo?

SEÇÃO D : QUALIDADE DO LOCAL DE RESIDÊNCIA ATUAL E NA INFÂNCIA

D1. Há quanto tempo você vive neste endereço?

a) _____ ANOS OU

b) _____ MESES

77. NR
99. NS

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

D2. Ha quanto tempo você vive em (CITAR NOME DA CIDADE)?

a) _____ ANOS OU

b) _____ MESES

77. NR

99. NS

1. R. E.

3. Sig. Q.

<p style="text-align: center;">ATENÇÃO ENTREVISTADOR: SE A CIDADE FOR BH VÁ PARA D4 PARA AS CIDADES DO INTERIOR DE MINAS GERAIS NÃO MENCIONAR A OPÇÃO 2 (“Como sendo parte de uma cidade ou região metropolitana”)</p>
--

D3. Você descreveria (CITAR NOME DA CIDADE) como: (LER OPÇÕES QUE SE APLICAM)

1. Uma cidade grande, ou
2. Como sendo parte de uma cidade ou região metropolitana, ou
3. Uma cidade de porte médio, ou
4. Um cidade pequena?

5. Outro (ESPECIFICAR) _____

77. NR

99. NS

1. R. E.

2. R. Op.

3. Sig. Q.

4. Sig. Op.

D4. Eu vou ler uma lista de problemas ambientais que podem ocorrer ou não **no seu bairro**.
(C.E, p. 21) (LER OPÇÕES 1 A 4)

	Muito grave	Grave	Pouco grave	Não é problema	NR	NS
a. Mau cheiro e odores? É um problema...	.1	2	3	4	7	9
b. A falta de árvores ou outra vegetação?	1	2	3	4	7	9
c. E quanto ao barulho no seu bairro?	1	2	3	4	7	9
d. Casas ou lotes abandonados?	1	2	3	4	7	9
e. Problemas com lixo no seu bairro?	1	2	3	4	7	9
f. E quanto a ratos ou insetos?	1	2	3	4	7	9
g. Crimes e drogas no seu bairro ?	1	2	3	4	7	9

1. R. E.

2. R. Op.

3. Sig. Q.

4. Sig. Op.

D5. Eu vou ler uma lista de problemas ambientais que podem ocorrer ou não nos lugares onde você passou a maior parte da sua infância. (C.E, p. 21) (LER OPÇÕES 1 A 4)

	Muito grave	Grave	Pouco grave	Não é problema	NR	NS
a. Mau cheiro e odores? Era um problema...1		2	3	4	7	9
b. A falta de árvores ou outra vegetação?	1	2	3	4	7	9
c. E quanto ao barulho?	1	2	3	4	7	9
d. Casas ou lotes abandonados?	1	2	3	4	7	9
e. Problemas com lixo?	1	2	3	4	7	9
f. E quanto a ratos ou insetos?	1	2	3	4	7	9
g. Crimes e drogas ?	1	2	3	4	7	9

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

D6. Na sua infância, com que frequência você, sozinho ou com amigos ou com sua família, fazia passeios ou outra atividade para estar junto à natureza:

(C.E., p. 22) (LER OPÇÕES 1 A 4)

1. Sempre,
2. Quase sempre,
3. De vez em quando, ou
4. Nunca?
7. NR
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

SEÇÃO E: CONSUMO AMBIENTAL

E1. Existem muitas escolhas que as pessoas podem fazer quando elas compram alguma coisa. [Na seguinte - Vou ler uma] lista eu gostaria que você [marcasse - dissesse] com que frequência você faz cada uma dessas escolhas ou se ela não é disponível ou possível (por exemplo: difícil de achar em supermercados ou lojas). (ENTREGAR CARTÃO 3) (LER OPÇÕES 1 A 5)

	Sempre	Quase sempre	De vez em quando	Nunca	Não é disponível	NR	NS
a. Conserta as coisas quebradas ao invés de comprar novas	1	2	3	4	5	7	9
b. Desliga as luzes para economizar energia	1	2	3	4	5	7	9
c. Ao comprar aparelhos eletrodomésticos escolhe produtos que gastam menos energia	1	2	3	4	5	7	9
d. Escolhe comprar alimentos que são cultivados organicamente (sem pesticidas ou químicos)	1	2	3	4	5	7	9
e. Separa material para reciclagem	1	2	3	4	5	7	9
f. Escolhe algum produto porque acha que é melhor para o meio ambiente do que outras marcas	1	2	3	4	5	7	9
g. Escolhe comprar produtos feitos de material reciclado	1	2	3	4	5	7	9

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

E2. [Eu gostaria que você olhasse esta - Vou ler uma] outra lista de hábitos de consumo e gostaria que você dissesse se os pratica sempre, com muita frequência, raramente, nunca, ou isto não é disponível (por exemplo: difícil de achar em supermercados ou lojas). (ENTREGAR CARTÃO 4) (LER OPÇÕES)

	Sempre	Com muita frequência	Raramente	Nunca	Não é disponível	NR	NS
a. Comprar produtos que venham em embalagens recicláveis	1	2	3	4	5	7	9
b. Comprar produtos que as embalagens não são de isopor ou plástico	1	2	3	4	5	7	9
c. Comprar ovos e carne de frango alimentado sem hormônios e ração industrializada	1	2	3	4	5	7	9
d. Comprar lâmpadas que gastam menos energia	1	2	3	4	5	7	9
e. Comprar água mineral ou purificada engarrafada	1	2	3	4	5	7	9
f. Escolher entre produtos semelhantes, um que não agrida o meio ambiente, mesmo que custe mais caro	1	2	3	4	5	7	9

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

SEÇÃO F: JUSTIÇA AMBIENTAL**(SE O ENTREVISTADOR SOUBER LER)**

F1. Agora eu vou ler algumas afirmativas e gostaria que você me dissesse em que medida você concorda ou discorda. (C.E., p. 23) (LER OPÇÕES):

1. Concorda totalmente,
2. Tende a concordar,
3. Não concorda nem discorda,
4. Tende a discordar,
5. Discorda totalmente, ou
6. Nunca pensou sobre o assunto e não tem opinião?

(SE O ENTREVISTADO NÃO SOUBER LER: FAZER ESCALA DE 3 PONTOS)

F1. Agora eu vou ler algumas afirmativas e gostaria que você me dissesse em medida você concorda ou discorda. (LER OPÇÕES):

- Concorda,
3. Não concorda nem discorda,
- . Discorda, ou
6. Nunca pensou sobre o assunto e não tem opinião?

(SE CONCORDA, PERGUNTAR): 1. Concorda totalmente
2. Concorda em parte

(SE DISCORDA, PERGUNTAR): 4. Discorda em parte
5. Discorda totalmente

	Concorda totalmente	Tende a concordar (concorda em parte)	Não concorda, nem discorda	Tende a discordar (discorda em parte)	Discorda totalmente	Nunca pensou sobre o assunto (NS)	NR
F1a. É um direito humano viver em um ambiente limpo, saudável e seguro.	1	2	3	4	5	6	7
F1b. É melhor deixar as decisões sobre o meio ambiente para os cientistas e governantes.	1	2	3	4	5	6	7
F1c. Para manter a economia do nosso país e nosso nível de consumo, precisamos conviver com as consequências da poluição.	1	2	3	4	5	6	7
F1d. O índio tem o direito de usar as suas terras e florestas, mesmo que isso prejudique a natureza.	1	2	3	4	5	6	7

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

SEÇÃO G: DISPOSIÇÃO PARA A ADOÇÃO DE COMPORTAMENTO POLÍTICO PRO-AMBIENTAL E APOIO A POLÍTICAS PÚBLICAS

G1. Agora eu gostaria de saber sobre algumas ações que você poderia ter feito. Da seguinte lista, o que você fez ou não fez em relação a algum problema local, estadual ou nacional, que o preocupou nos últimos 12 meses (desde o mês de abril de 2001)? (C.E., p. 24)
(LER LISTA DE AÇÕES, MARCAR TODAS QUE SE APLICAM, E EM SEGUIDA PERGUNTAR):

G2. Com que objetivo você fez isso? (ANOTAR)

	G1. AÇÃO			G2. MOTIVAÇÃO		
	Sim	Não	NR	PARA CADA AÇÃO REALIZADA PERGUNTAR:	NR	NS
G1a. Você foi à prefeitura, ou procurou algum político ou outra pessoa de influência para expressar suas opiniões?	1	2	7	G2a. Com que objetivo você fez isso? (ANOTAR)	7	9
G1b. Participou de reunião para resolver algum problema? (em associação de bairro, sindicatos, etc)	1	2	7	G2b. Com que objetivo você fez isso? (ANOTAR)	7	9
G1c. Trabalhou para algum partido político ou candidato ou algum outro grupo ou organização preocupada com algum problema?	1	2	7	G2c. Com que objetivo você fez isso? (ANOTAR)	7	9
G1d. Contribuiu com dinheiro para algum partido político ou candidato ou algum outro grupo ou organização?	1	2	7	G2d. Com que objetivo você fez isso? (ANOTAR)	7	9
G1e. Participou de alguma manifestação ou protesto?	1	2	7	G2e. Com que objetivo você fez isso? (ANOTAR)	7	9
G1f. Alguma outra ação não mencionada?(ANOTAR)	1	2	7	G2f. Com que objetivo você fez isso? (ANOTAR)	7	9

1. R. E. 2. R. Op. 3. Sig. Q. 4. Sig. Op.

G3. Que ações você acredita que as pessoas possam fazer, individualmente ou em grupo, para ajudar a resolver **problemas ambientais**? (ANOTAR)

1) _____

2) _____

3) _____

7. NR

9. NS

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

APLICAR PELO MENOS UM DENTRE OS PROBES:

1. O que mais você poderia acrescentar?
2. Você poderia me falar um pouco mais sobre isto...
3. O que você quer dizer com isso?
4. Você poderia dar um exemplo?
5. Outro (ANOTAR) _____

Gostaria de falar agora sobre algumas coisas que as pessoas podem fazer para proteger e melhorar o meio ambiente e sua qualidade de vida.

(SE O ENTREVISTADO SOUBER LER: FAZER ESCALA DE 5 PONTOS)

G4. Para cada afirmativa que eu vou ler, por favor me diga em que medida você concorda ou discorda. A primeira afirmativa é.... (C.E., p.25)

- (LER OPÇÕES):
1. Concorda totalmente,
 2. Tende a concordar,
 3. Não concorda nem discorda,
 4. Tende a discordar,
 5. Discorda totalmente, ou
 6. Nunca pensou sobre o assunto e não tem opinião?

(SE O ENTREVISTADO NÃO SOUBER LER: FAZER ESCALA DE 3 PONTOS)

G4. Para cada afirmativa que eu vou ler, por favor me diga em que medida você concorda ou discorda. A primeira afirmativa é....

- (LER OPÇÕES):
 3. Não concorda nem discorda,
 . Discorda, ou
 6. Nunca pensou sobre o assunto e não tem opinião?"

(SE CONCORDA, PERGUNTAR): 1. Concorda totalmente
 2. Concorda em parte

(SE DISCORDA, PERGUNTAR): 4. Discorda em parte
 5. Discorda totalmente

	Concorda totalmente	Tende a concordar (concorda em parte)	Não concorda, nem discorda	Tende a discordar (discorda em parte)	Discorda totalmente	Nunca pensou sobre o assunto (NS)	NR
G4a. Se você tentar economizar energia já ajudará muito a proteger o meio ambiente.	1	2	3	4	5	6	7
G4b. Se você usar o transporte público, ao invés de usar o carro, já ajudará muito a proteger o meio ambiente.	1	2	3	4	5	6	7

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

G5. De qual dessas associações, se há alguma, você **mais** gostaria de se tornar membro ou contribuir com dinheiro ou trabalho?

(C. E. p 26) (LER OPÇÕES 1 A 4) (ANOTAR)
 E em segundo lugar?
 (LER OPÇÕES 1 A 4) (ANOTAR)

a. Em primeiro lugar: _____

b. Em segundo lugar: _____

1. Uma associação que defende a conservação das florestas e os animais em perigo de extinção
2. Uma associação que defende a melhoria do saneamento e coleta de lixo nos bairros
3. Uma associação que defende a despoluição dos rios e mares
4. Uma associação que promove a reciclagem do lixo
5. Nenhuma dessas (SE ESPONTÂNEO)
6. Outra: (ANOTAR) _____
7. NR
9. NS

(SE O ENTREVISTADO SOUBER LER: FAZER ESCALA DE 5 PONTOS)

G6. Há várias maneiras do governo tentar fazer com que as pessoas gastem menos energia em suas casas, para proteger o meio ambiente. Para cada uma delas, por favor me diga se você é a favor ou contra.

- (C. E., p. 27) (LER OPÇÕES):
1. Totalmente a favor,
 2. Um pouco a favor,
 3. Não é a favor nem contra,
 4. Um pouco contra,
 5. Totalmente contra, ou
 6. Nunca pensou sobre o assunto e não tem opinião?

(SE O ENTREVISTADO NÃO SOUBER LER: FAZER DE ESCALA DE 3 PONTOS)

G6. Há várias maneiras do governo tentar fazer com que as pessoas gastem menos energia em suas casas, para proteger o meio ambiente. Para cada uma delas, por favor me diga se você é a favor.

- (LER OPÇÕES):
- A favor,
 3. Não é a favor nem contra,
 - . Contra,
 6. Nunca pensou sobre o assunto e não tem opinião?

- (SE A FAVOR, PERGUNTAR):
1. Totalmente a favor
 2. Um pouco a favor

- (SE CONTRA, PERGUNTAR):
4. Um pouco contra
 5. Totalmente contra

	Totalmente a favor	Um pouco a favor	Não é a favor nem contra	Um pouco contra	Totalmente contra	Nunca pensou sobre o assunto (NS)	NR
G7a. Para proteger o meio ambiente, o governo deveria gastar seu dinheiro em campanhas para convencer as pessoas a gastarem menos energia.	1	2	3	4	5	6	
G7b. Para proteger o meio ambiente, o governo deveria aumentar as taxas sobre a energia para fazer com as pessoas gastem menos energia.	1	2	3	4	5	6	
G7c. Para proteger o meio ambiente, o governo deveria reduzir ou racionar o consumo de energia em cada residência para diminuir o seu uso.	1	2	3	4	5	6	

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
FAZER AS DIVERSAS PERGUNTAS E APLICAR PROBES CONFORME NECESSÁRIO
PARA ESCLARECER A SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO SOBRE O RACIONAMENTO DE
ENERGIA**

G8a. Durante o racionamento de energia no Brasil, foi estabelecida uma cota de consumo de energia para a sua casa?

(SE FOI ESTABELECIDADA UMA COTA) Na sua casa vocês conseguiram cumprir exatamente a cota estabelecida, foi abaixo da cota ou acima da cota ou não procurou economizar?

(SE NÃO TEVE COTA ESTABELECIDADA): Mesmo sem cota estabelecida para a sua casa você e sua família procuraram economizar energia?

-
1. Procurou economizar energia, mesmo não sendo obrigado (a) a participar do racionamento (PERGUNTAR TODAS AS QUESTÕES SEGUINTEs)
 2. Procurou economizar energia abaixo da cota estabelecida para sua casa (PERGUNTAR TODAS AS QUESTÕES SEGUINTEs)
 3. Economizou energia cumprindo a cota estabelecida para sua casa (VÁ PARA G9)
 4. Mesmo economizando, gastou mais energia do que a cota estabelecida para sua casa (VÁ PARA G9)
 5. Não economizou energia, porque não teve uma cota estabelecida para a sua casa (porque não foi obrigado(a) a fazer o racionamento) (VÁ PARA G9d)
 6. Não procurou economizar energia mesmo tendo uma cota estabelecida (mesmo sendo obrigado(a) a participar do racionamento) (VÁ PARA G9d)
 7. NR
 9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

G8b. Por que você procurou economizar? (ANOTAR)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

G8c. (SÓ PARA OS QUE ESCOLHERAM A OPÇÃO 1) Você recebeu o bônus na sua conta de luz?

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

G9. Agora que o racionamento de energia no Brasil acabou, você.....

G9a. Continua economizando energia?

1. Sim
2. Não (VÁ PARA PRÓXIMA SEÇÃO - SEÇÃO H)
7. NR

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

G9b. E você passou a economizar outras coisas?

1. Sim
2. Não (VÁ PARA A PRÓXIMA SEÇÃO - SEÇÃO H)
7. NR

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

G9c. O que você passou a economizar? (ANOTAR)

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
FAZER A PRÓXIMA PERGUNTA APENAS PARA AQUELES QUE SE IDENTIFICARAM COM
A OPÇÃO 5 OU 6 (“NÃO PROCUROU ECONOMIZAR”)**

G9d. Por que você não procurou economizar energia?

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

SEÇÃO H : MODERNIZAÇÃO ECOLÓGICA

H1. Na sua opinião, qual das seguintes coisas contribui mais para os problemas ambientais globais (mundiais)? (C. E., p 28) (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. As nações industrializadas consumirem em excesso os recursos naturais do mundo.

-ou-

2. A superpopulação em alguns países em desenvolvimento aumentar o consumo de recursos naturais do mundo.

7. NR

9.NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

(QUESTIONÁRIO A)

Vou ler agora algumas afirmativas sobre problemas ambientais e gostaria de saber sua opinião sobre elas.

H2. O uso de energia nos Estados Unidos produz cerca de 1/5 (um quinto) dos gases que contribuem para o aquecimento global. Os Estados Unidos são, portanto, o país que mais contribui para o efeito estufa. Você acha que as decisões sobre o uso de energia nos Estados Unidos deveriam ser um assunto interno dos americanos ou uma questão a ser tratada em acordos internacionais para a proteção do meio ambiente?

(SE NÃO SOUBER LER: DAR UMA PAUSA E ACRESCENTAR):

Ou você não ouviu o bastante sobre o assunto e prefere não opinar?

1. Um assunto interno dos americanos

2. Uma questão a ser tratada em acordos internacionais para a proteção do meio ambiente?

7. NR

9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

H3. Quase um 1/3 (um terço) das florestas tropicais do mundo, as quais contêm a grande maioria das espécies de plantas e animais, está localizado no Brasil. O Brasil tem, portanto, um papel crucial na preservação da fauna e flora (animais e plantas) no mundo. Você acha que as decisões sobre o corte de madeira e o desenvolvimento econômico da floresta tropical brasileira deveriam ser um assunto interno dos brasileiros ou ser uma questão a ser tratada em acordos internacionais para a proteção do meio ambiente?

(SE NÃO SOUBER LER: DAR UMA PAUSA E ACRESCENTAR):

Ou você não ouviu o bastante sobre o assunto e prefere não opinar?

1. Um assunto interno dos brasileiros

2. Uma questão a ser tratada em acordos internacionais para a proteção do meio ambiente?

7. NR

9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

H4. [Desta - Vou ler uma] lista de afirmativas que as pessoas fazem quando discutem as relações entre os seres humanos e a natureza, qual se aproxima mais do seu ponto de vista?
(C. E., p 29) (LER OPÇÕES 1 A 3)

1. A natureza é sagrada e os homens não devem interferir nela.
2. Para sobreviver os seres humanos precisam viver em harmonia com a natureza.
3. A natureza existe principalmente para servir os homens.
7. NR
9. NS

(SE O ENTREVISTADO SOUBER LER):

H5. Agora eu vou ler algumas afirmativas e gostaria que você me dissesse em que medida você concorda ou discorda com cada uma delas.

- (C.E., p. 30) (LER OPÇÕES):
1. Concorda totalmente,
 2. Tende a concordar,
 3. Não concorda nem discorda,
 4. Tende a discordar,
 5. Discorda totalmente, ou
 6. Nunca pensou sobre o assunto e não tem opinião?

(SE O ENTREVISTADO NÃO SOUBER LER: FAZER ESCALA DE 3 PONTOS):

H5. Agora eu vou ler algumas afirmativas e gostaria que você me dissesse em que medida você concorda ou discorda com cada uma delas.

- (LER OPÇÕES):
1. Concorda,
 3. Não concorda nem discorda,
 5. Discorda, ou
 6. Nunca pensou sobre o assunto e não tem opinião?

- (SE CONCORDA, PERGUNTAR):
1. Concorda totalmente
 2. Concorda em parte

- (SE DISCORDA, PERGUNTAR):
4. Discorda em parte
 5. Discorda totalmente

	Concorda totalmente	Tende a concordar (concorda em parte)	Não concorda, nem discorda	Tende a discordar (discorda em parte)	Discorda totalmente	Nunca pensou sobre o assunto (NS)	NR
H5a. As indústrias podem desenvolver modos de produzir as coisas de maneira a não prejudicar o meio ambiente, se de fato se dispuserem a fazer isso.	1	2	3	4	5	6	
H5b. Mesmo com avanços científicos será impossível desenvolver tecnologias que não prejudiquem em nada o meio ambiente.	1	2	3	4	5	6	
H5c. As indústrias podem ter lucro e proteger o meio ambiente ao mesmo tempo.	1	2	3	4	5	6	
H5d. Quando se trata de proteger o meio ambiente, os representantes do governo, os industriais e os ambientalistas nunca chegarão a um acordo.	1	2	3	4	5	6	
H5e. Todas as espécies de plantas e animais têm valor próprio, mesmo que não tenham um uso para os seres humanos.	1	2	3	4	5	6	
H5f. Acredito que proteger a natureza é importante por razões religiosas ou espirituais.	1	2	3	4	5	6	
H5g. Não se pode esperar que pessoas pobres se preocupem com questões ambientais.	1	2	3	4	5	6	
H5h. Nós temos que proteger o meio ambiente para as futuras gerações, mesmo que isso signifique reduzir nossos níveis de consumo.	1	2	3	4	5	6	

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

H6. [Agora, na seguinte lista - Vou ler uma lista e] gostaria que você me dissesse de quais desses assuntos você já ouviu falar?

(C.E, p 31) (LER OPÇÕES DE 1 A 3)

(PARA OS ANALFABETOS OU AQUELES COM DIFICULDADES DE ENTENDIMENTO, ACRESCENTAR A **OPÇÃO 4**):

“ou você não se lembra?”

1. Desenvolvimento sustentável
2. Agenda 21
3. Aquecimento do planeta ou efeito estufa
4. Não se lembra
7. NR
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
SÓ PERGUNTAR H7 E H8 SE O ENTREVISTADO MARCAR A OPÇÃO 3 NA
QUESTÃO H6,
SE NÃO VÁ PARA QUESTÃO S3 (SEÇÃO SEGUINTE)**

H7. Em que medida você está pessoalmente preocupado(a) ou não com o aquecimento global ou efeito estufa? Você está....(C. E. p. 32) (LER OPÇÕES 1 A 4)

1. Extremamente preocupado(a),
2. Muito preocupado(a),
3. Um pouco preocupado(a), ou
4. Não está preocupado(a)?
7. NR
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

H8. Qual das seguintes alternativas melhor expressa sua opinião sobre este problema ..?(C. E. p. 33) (LER OPÇÕES 1 A 3)

1. O aquecimento do planeta, também chamado de efeito estufa, ocorre devido às mudanças nas estações do ano,
2. O efeito estufa está ocorrendo porque o planeta Terra está se aproximando do sol, ou
3. O efeito estufa acontece devido às mudanças nos gases da atmosfera?
7. NR
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

SEÇÃO I: SÓCIO-DEMOGRÁFICAS

Finalmente, eu gostaria de saber algumas informações sobre você e sua família.

S3. (CODIFIQUE - NÃO PERGUNTE) SEXO:

1. Masculino
2. Feminino

S4. Em que ano você nasceu?

(ANOTAR) _____

S5. E qual é a sua idade ?

(ANOTAR) _____ ANOS

S6. Você tem filhos? (SE SIM): Quantos filhos você tem?

(ANOTAR) _____ FILHOS
60. Não tem filhos (VÁ PARA S9)
77. NR (VÁ PARA S9)

S7. Algum dos filhos que moram com o sr(a) tem menos de 12 anos? (SE SIM): Quantos?

(ANOTAR) _____ FILHOS menores de 12 anos
60. Não tem filhos menores de 12 anos
77. NR

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

S8. E o sr(a) tem filhos entre 12 a 18 anos? (SE SIM): Quantos?

(ANOTAR) _____ FILHOS entre 12 a 18 anos
60. Não tem filhos entre 12 e 18 anos
77. NR

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

S9. Qual é a sua atual situação de trabalho? O sr(a) (C.E., p. 34) (LER OPÇÕES 1 A 7)

1. Está trabalhando,
2. Está de licença, por motivo de saúde ou maternidade,
3. Desempregado, (VÁ PARA 15)
4. É aposentado, (VÁ PARA 15)
5. É aposentado por invalidez, (VÁ PARA 15)
6. É dona de casa, ou (VÁ PARA 15)
7. É estudante? (VÁ PARA 15)
8. Outro (ESPECIFICAR) _____
77. NR

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

S10. Qual é a sua principal ocupação (trabalho)?

(NO CASO DE MAIS DE UM TRABALHO, DESCREVER AQUELE EM QUE TRABALHA MAIS HORAS)

USE PROBES PARA OBTER UMA RESPOSTA COMPLETA QUE POSSA SER POSTERIORMENTE CODIFICADA DE ACORDO COM OS CÓDIGOS ABAIXO

ANOTAR: _____

1. Gerência, administração, e ocupações financeiras
2. Autônomo, técnico, e ocupações relacionadas
3. Prestação de serviços
4. Trabalha com vendas
5. Serviços administrativos e de suporte em escritório
6. Trabalhos em fazendas, trabalhos florestais, e de pesca
7. Construção e extração de minerais ou outras matéria primas
8. Serviços de instalação, manutenção, e conserto
9. Trabalho de produção, chão de fábrica.
10. Serviço de transporte e remoção de materiais
11. Serviços militares específicos
12. Professor
77. NR
99. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

S11. Agora eu gostaria de saber em que tipo de lugar você trabalha. O que a empresa ou firma para a qual você trabalha faz ou produz? Que tipo de lugar é a sua firma? O que você (sua firma ou empresa) faz ou produz?

(NO CASO DE MAIS DE UM TRABALHO, DESCREVER AQUELE EM QUE TRABALHA MAIS HORAS)

USE PROBES PARA OBTENHA UMA RESPOSTA COMPLETA QUE POSSA SER POSTERIORMENTE CODIFICADA DE ACORDO COM OS CÓDIGOS ABAIXO

ANOTAR: _____

-
1. Agricultura, caça e florestal
 2. Pesca
 3. Mineração e pedreira
 4. Manufatura
 5. Suprimento de eletricidade, gás e água
 6. Construção
 7. Venda e conserto de veículos
 8. Hotéis e restaurantes
 9. Transporte, armazéns e comunicações
 10. Intermediação financeira
 11. Venda de imóveis, aluguéis e atividades de negócios
 12. Administração e defesa pública
 13. Educação
 14. Trabalho social ou com saúde
 15. Outras atividades de serviços comunitários, sociais e ou pessoais
 16. Prestação de serviços de domésticos
 17. Organizações internacionais
 77. NR
 99. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

S12. Quantas horas, em média, você trabalha por semana em suas atividades (remuneradas, pagas)?

(ANOTAR) _____ HORAS POR SEMANA

77. NR
99. NS

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

S13. Em que medida é difícil para você tirar algum tempo durante os dias de trabalho para cuidar de assuntos pessoais e familiares: (C. E. p. 35) (LER OPÇÕES 1 A 4)

1. É muito difícil,
2. É difícil,
3. É um pouco difícil, ou
4. Não é difícil?
7. NR
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

S14. Nos dias úteis da semana (de segunda a sábado) - (sem considerar o tempo que você passa dormindo, trabalhando, comendo, ou fazendo serviços domésticos) - quantas horas você geralmente tem livres, para fazer algo como relaxar ou passar algum tempo com a família ou amigos, ou ver TV, ler praticar esportes ou ir ao cinema?

_____ HORAS

77. NR

99. NS

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

S15. Veja o seguinte cartão e, por favor marque o número do grupo de renda que corresponde aproximadamente a renda da sua família, incluindo todos os membros da família, e somando todas as fontes, como salários, aluguéis, bicos, aposentadorias, poupança, etc. (CARTÃO 3)

1. Até 1 salário mínimo (até 200,00 reais)
2. Mais de 1 salário mínimo até 3 salários mínimos (de 201,01 a 600,00 reais)
3. Mais de 3 salários mínimos até 5 salários mínimos (de 600,01 a 1.000,00 reais)
4. Mais de 5 salários mínimos até 10 salários mínimos (de 1.000,01 a 2.000,00 reais)
5. Mais de 10 salários mínimos até 20 salários mínimos (de 2.000,01 a 4.000,00 reais)
6. Acima de 20 salários mínimos (acima de 4.000,01 reais)
7. NR
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

Também é muito importante para nosso estudo, saber o tipo de transporte que as pessoas usam.

T1. Você ou algum outro membro de sua casa tem automóvel, motocicleta, caminhão ou outro veículo motorizado?

1. Não (VÁ PARA QUESTÃO T3)
2. Sim
7. NR

1. R. E.	3. Sig. Q.
----------	------------

T2. Quantos veículos estão disponíveis para uso regular em sua casa?

(ANOTAR) _____ veículos

88. NSA

1. R. Q	3. Sig. Q.
---------	------------

T3. Quais os meios de transporte, se algum, você mais utiliza para ir ao trabalho?
 (NAO LER OPÇÕES) (MARCAR TODAS QUE SE APLICAM)
 (SE O ENTREVISTADO NÃO TRABALHA OU TRABALHA EM CASA, MARCAR "NA" PARA TODAS)

	Sim	Não	NR	NA	
a. Carro próprio		1	2	7	8
b. Ônibus coletivo		1	2	7	8
c. Táxi ou moto táxi		1	2	7	8
d. Metro		1	2	7	8
e. Moto		1	2	7	8
f. Combi/van/perua		1	2	7	8
g. Bicicleta		1	2	7	8
h. À pé		1	2	7	8
i. Outro (ESPECIFICAR)		1	2	7	8

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

R1. Você se considera...(LER OPÇÕES):

1. Uma pessoa religiosa ou espiritualista;
2. Não tem religião; (VÁ PARA P1)
3. Ou entre uma coisa e outra?

7. NR

9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

R2. Qual religião você pertence (qual é a sua religião)? (MARCAR TODAS QUE SE APLICAM)

01. espírita
02. evangélico(a)
03. católico (a) praticante
04. católico (a) não praticante
05. religião dos orixás
06. não tem religião
07. outra (ANOTAR) _____
77. NR
99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

R3. A sua (igreja, sinagoga, mesquita, templo) o incentiva a participar de causas sociais ou políticas?

1. Sim
2. Não

7. NR

9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

P1. Agora nós gostaríamos de saber sobre os tipos de grupos ou organizações as quais você pertence. Eu gostaria que você olhasses esta lista e [marcasse / me dissesse] aquelas às quais você pertence, se alguma delas. (CARTÃO 6)

	Sim	Não	NR	NS
a. Organizações religiosas, ou grupos de igrejas, templos, mesquitas ou sinagogas.	1	2	7	9
b. Partido político	1	2	7	9
c. Associação de bairro	1	2	7	9
d. Sindicato, associações profissionais	1	2	7	9
e. Organizações esportivas ou de recreação.	1	2	7	9
f. Organizações ou grupos que tratam de problemas de poluição, saneamento, ou outros problemas no seu bairro.	1	2	7	9

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

P1g. Existe algum grupo ou organização ao qual você pertence que não está nesta lista? (ESPECIFICAR) _____

66. Nenhum
77. NR

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

P2. Pensando nas próximas eleições nacionais, qual a importância que as políticas pró-ambientais (em defesa da natureza e do meio ambiente) de um partido teriam na decisão do seu voto? (C.E. p. 36) (LER OPÇÕES 1 A 5)

1. Absolutamente crucial,
2. Muito importante,
3. Moderadamente (mais ou menos) importante,
4. Pouco importante
5. Totalmente sem importância?
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

P3a. Você já ouviu falar nos termos esquerda e direita na política? (SE SIM): Em uma escala onde **1 é esquerda e 10 é direita** onde você se posicionaria? (C. E., p. 37)

ESQUERDA 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 DIREITA
99. NS
00. Nunca escutou as expressões direita ou esquerda.

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

P3b. Você é membro ou simpatiza com algum partido político?

1. É membro
2. Simpatiza
3. Não é membro nem simpatiza

7. NR
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

Nós também estamos interessados em saber como as pessoas se classificam quando o assunto é a cor ou raça dos brasileiros.

RC1. Quando alguém lhe pergunta “qual é a sua raça?”, o que você responde?

(ANOTAR) _____

77. NR
99. NS

1. R. Q	3. Sig. Q.
---------	------------

RC2. E se lhe pedisse para você se classificar em uma dessas categorias em qual você se situaria?
(CE, p. 38) (LER OPÇÕES 1 A 5)

1. Branco
2. Preto
3. Pardo
4. Amarelo
5. Indígena
6. Outras: _____

77. NR
99. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

S16. O sr(a) ou sua família possuem casa própria (apartamento, etc.) ou alugam?

1. Possui casa própria
2. Alugam
3. Outro (ESPECIFICAR) _____
7. NR
9. NS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

S17. Quanto cômodos tem a sua casa?

(ANOTAR) _____ CÔMODOS

1. R. Q	3. Sig. Q.
---------	------------

S19. Na sua casa tem eletricidade?

1. Sim
2. Não
7. NR

1. R. Q	3. Sig. Q.
---------	------------

S19. Na sua casa tem água encanada?

1. Sim
2. Não
7. NR

1. R. Q	3. Sig. Q.
---------	------------

S20. E a sua casa está ligada a rede de esgoto ou tem fossa séptica?

1. Tem sistema de esgoto
2. Fossa séptica
3. Outra (ESPECIFICAR) _____
7. NR
9. NS

1. R. Q	3. Sig. Q.
---------	------------

S21. Como você joga fora o lixo da sua casa? Você .. (C. E., p. 39) (LER OPÇÕES)
 (MARCAR TODAS QUE SE APLICAM)
 (MQQ. DEFINIÇÃO DE LIXO DOMÉSTICO – LIXO/RESTOS E RECICLÁVEIS)

	Sim	Não	NR	NS
a. Joga o lixo de qualquer jeito porque não há coleta de lixo na sua casa, ou lugar estabelecido pela prefeitura para depositar o lixo?	1	2	7	9
b. Queima-o?	1	2	7	9
c. Coloca na caçamba (ou lugar designado para lixo)?	1	2	7	9
d. Coloca o lixo reciclável (latas, garrafas, jornais, etc.) em lixeiras de coleta seletiva?	1	2	7	9
e. Tem coleta doméstica (caminhão do lixo pega na porta de casa)?	1	2	7	9
f. Outro (ESPECIFICAR) _____				

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

S22. Agora vou ler uma lista de bens e gostaria de saber quais o sr(a) e as pessoas que moram neste domicílio possuem e a quantidade de cada um deles.

	Quantos?					NR	NS	
a. carro	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
b. motocicleta	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
c. máquina de lavar roupas/tanquinho	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
d. máquina de lavar louças	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
e. forno de microondas	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
f. geladeira	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
g. televisão	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
h. microcomputador	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
i. vídeo-cassete	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
j. rádio	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
k. aspirador de pó	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
l. telefone fixo	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
m. telefone celular	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9
n. banheiro	0	1	2	3	4	5 ou +	7	9

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

S23. CODIFICAÇÃO DO ENTREVISTADOR:

1. O RESPONDENTE LEU O CADERNO DE RESPOSTA
2. O ENTREVISTADOR TEVE QUE LER OU AJUDAR O RESPONDENTE

HORA EXATO DE TÉRMINO: _____

OBRIGADO PELO TEMPO E COOPERAÇÃO EM NOS RESPONDER!

O1. Em geral, o entrevistado foi:

1. Amigável e interessado
2. Cooperativo, mas não muito interessado
3. Impaciente
4. Hostil

Outra (ANOTAR): _____

OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS SOBRE A ENTREVISTA

Anote os comentários sobre os entrevistados que possam ajudar a entender melhor as respostas dadas ou recusas às questões. Comente também as situações da situação de entrevista (como outras pessoas presentes, interrupções etc.).

SEÇÃO J: OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR

01. VIZINHANÇA: Olhe em volta do quarteirão e das proximidades da casa do entrevistado e veja quantos itens abaixo existem nele. (MARQUE TODOS QUE SE APLICAM).

	SIM	NÃO
1. Estruturas comerciais ou industriais	1	2
2. Parques	1	2
3. Prédios abandonados	1	2
4. Árvores	1	2
5. Jardins	1	2
6. Praças	1	2
7. Lotes vagos	1	2
8. Ourtos (ANOTAR) _____		

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

02. Como está a conservação das calçadas e jardins da vizinhança?

1. Muito boa
2. Boa o suficiente
3. Empobrecidas
4. Muito empobrecidas

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

05. Dos seguintes itens, quais se aplicam a vizinhança? (MARQUE TODOS QUE SE APLICAM).

	SIM	NÃO
1. Lixo nas calçadas ou ruas	1	2
2. Mau cheiro ou outros odores	1	2
3. Pixação	1	2
4. Esgoto a céu aberto	1	2
5. Fábricas	1	2
6. Casas amontoadas	1	2
7. Boca de lobo	1	2
8. Outro (ANOTAR) _____		

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

O6. Como é o trânsito na vizinhança?

1. Tem muito (é intenso?)
2. Tem algum
3. Tem muito pouco
4. Quase não tem ou não tem

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

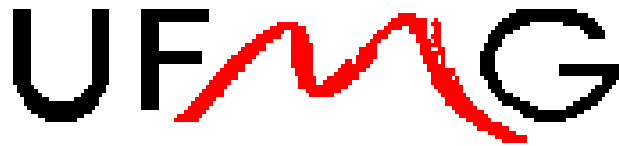
O7. Como é o barulho na vizinhança?

1. Tem muito (é intenso?)
2. Tem algum
3. Tem muito pouco
5. Não tem

From 1990 DAS

1. R. E.	2. R. Op.	3. Sig. Q.	4. Sig. Op.
----------	-----------	------------	-------------

ANEXO D
Questionário da PRMBH/2002



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS HUMANAS:
SOCIOLOGIA E POLÍTICA

PESQUISA DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE 2002 QUESTIONÁRIO

NOME DO ENTREVISTADOR(A): _____ N° _____

CIDADE: _____

SETOR CENSITÁRIO: |____|____|____|____|

TIPO DE QUESTIONÁRIO: **A**

N° DO QUESTIONÁRIO : |____|____|____|

DATA DA APLICAÇÃO: ____ / ____ / 2002

TEMPO DE DURAÇÃO DA ENTREVISTA : _____

Esta entrevista é completamente voluntária. Por favor, diga se houver alguma questão que você não queira responder, e eu passarei para a questão seguinte. Suas respostas são sigilosas e o seu nome não será associado a elas.

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

A) DIZER A TODOS:

“Este é um caderno de alternativas de respostas para diversas perguntas que eu estarei fazendo”.

(PAUSA) (SE NECESSÁRIO, NO CASO DE ANALFABETOS OU TEM DIFICULDADES PARA LER, DIGA):

“Mas se você achar melhor eu poderei ler para você”.

B) DIZER A TODOS QUE USAREM O CADERNO:

“Para que a condução da entrevista seja mais rápida e agradável, por favor, não folheie o caderno e espere que eu lhe indique quando usá-lo, e qual a página você deve ler”.

ENTREVISTADOR:

S2a. CODIFICAÇÃO SOBRE O USO DO CADERNO DE RESPOSTAS:

3. O ENTREVISTADO OPTOU POR LER AS OPÇÕES DE RESPOSTAS.

4. O ENTREVISTADO PEDIU QUE O ENTREVISTADOR LESSE AS OPÇÕES DE RESPOSTAS.

HORA EXATA DE INÍCIO: _____ HORAS _____ MINUTOS

Esta entrevista está sendo realizada com as pessoas que moram na Região Metropolitana de Belo Horizonte. A pesquisa é sobre o que as pessoas pensam e como se sentem em relação à vida em suas cidades. A Região Metropolitana de Belo Horizonte inclui os municípios que aparecem neste mapa (**MOSTRAR O MAPA NO CADERNO DE RESPOSTA**)

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
NÃO PERGUNTAR A QUESTÃO I.1 PARA
MORADORES DE BELO HORIZONTE
(SEGUNDO A AMOSTRA): VÁ PARA I.2.**

I.1. Quando você se encontra com pessoas de outros estados ou regiões e elas lhe perguntam “Onde você mora?”, você normalmente diz: (**CITAR O NOME DA CIDADE DO ENTREVISTADO**), na Região Metropolitana de Belo Horizonte, perto de Belo Horizonte, ou outro nome?

1. NOME DA CIDADE: _____

2. Região Metropolitana de Belo Horizonte

3. Perto de Belo Horizonte

4. Outro nome (ANOTAR) _____ (MQQ)

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

I.2. Há quanto tempo você mora nesta (casa / apartamento), ou você mora nesta (casa / apartamento) desde que nasceu?

(ANOTAR)

_____ meses

_____ ano(s)

OU

Desde _____

OU

666. DESDE QUE NASCEU (VÁ PARA Q1)

777. NR

1. R. Enun.

3. Sig. Enun.

ATENÇÃO ENTREVISTADOR: SE “DESDE QUE NASCEU”, VÁ PARA Q1.
--

I.3. E em **(NOME DA CIDADE DO ENTREVISTADO)**, por quantos anos você morou aqui ou você mora aqui desde que nasceu? **(PAUSA)**

(MQQ) (CHECAR A RESPOSTA DO ENTREVISTADO SEGUNDO OS OBJETIVOS DA QUESTÃO NO MQQ):

Eu gostaria de saber, aproximadamente, o número total de anos que você residiu em **(NOME DA CIDADE DO ENTREVISTADO)**, descontando os anos que morou em outras cidades.
(ANOTAR)

_____ meses

_____ anos

OU

Desde _____

666. DESDE QUE NASCEU (VÁ PARA Q1)

777. NR

888. NA

999. NS

1. R. Enun.

3. Sig. Enun.

I.4. Antes de se mudar para esta cidade, você morou em algum outro lugar da Região Metropolitana de Belo Horizonte? Lembre-se de que a Região Metropolitana de Belo Horizonte contém os municípios que aparecem neste mapa **(MOSTRAR O MAPA)**.

(MQQ)

1. Se sim, qual? **(ANOTAR UM OU MAIS)** _____

2. Não

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.

3. Sig. Enun.

I.5. E você já morou em algum outro lugar **fora** da Região Metropolitana de Belo Horizonte? **(MQQ)**

1. Sim. **(PERGUNTAR)**: Onde? **(ANOTAR UM OU MAIS)** _____

2. Não

77. NR 88. NA 99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

I.6. Há várias razões que levam as pessoas a se mudarem para determinada cidade. Qual foi a **principal** razão que o (a) levou a se mudar para **(CIDADE DO ENTREVISTADO)?(ANOTAR) (NÃO LER OPÇÕES)**

E em segundo lugar? **(ANOTAR) (NÃO LER OPÇÕES)**
(USAR PROBE PARA ESCLARECIMENTO E DETALHAMENTO DAS RESPOSTAS)

(MQQ)

I. 6.a. Em **primeiro** lugar **(ANOTAR LITERALMENTE)**: _____

I.6.b. E em **segundo** lugar **(ANOTAR LITERALMENTE)**: _____

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
AS CATEGORIAS ABAIXO SÃO PARA CODIFICAÇÃO POSTERIOR, UTILIZE-AS APENAS PARA VERIFICAR SE A RESPOSTA É CLARA E COMPLETA.

1. Oportunidade de trabalho
2. Escolas (melhores, mais vagas, qualificação em nível técnico e superior)
3. Moradia mais barata
4. Tamanho da cidade (por ser uma cidade menor)
5. Tamanho da cidade (por ser uma cidade maior)
6. Facilidade de transporte
7. Vida mais tranqüila (menos violência, crime)
8. Vida mais tranqüila (menos trânsito, barulho)
9. Perto de amigos ou parentes
10. Parques ou áreas verdes
11. Vida cultural
12. Porque se mudou, quando criança, com a família
13. Do campo para a cidade (por exemplo: porque era pequeno proprietário rural ou posseiro e perdeu a terra)
14. Outra (ANOTAR): _____

77. NR 88. NA 99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

MÓDULO QUALIDADE DE VIDA COMUNITÁRIA E CAPITAL SOCIAL
--

Q1. Gostaria de falar agora sobre a (qualidade de vida / vida) em **(MENCIONAR A CIDADE DO ENTREVISTADO)**. De maneira geral, você acha que a (qualidade de vida / vida) aqui é boa ou ruim?

(SE BOA, PERGUNTAR): Você acha que ela é muito boa ou boa?

1. Muito boa
2. Boa

3. Regular **(SE VOLUNTARIAMENTE)**

(SE RUIM, PERGUNTAR): Você acha que ela é ruim ou muito ruim?

4. Ruim
5. Muito ruim
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q2. E no/na seu/sua (bairro/vila)? De maneira geral, você acha que a (qualidade de vida / vida) aqui é boa ou ruim?

(SE BOA, PERGUNTAR): Você acha que ela é muito boa ou boa?

1. Muito boa
2. Boa

3. Regular **(SE VOLUNTARIAMENTE)**

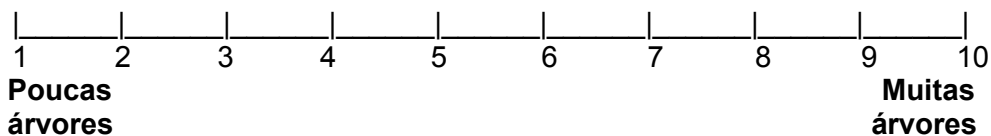
(SE RUIM, PERGUNTAR): Você acha que ela é ruim ou muito ruim?

4. Ruim
5. Muito ruim
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q3. Agora vamos falar sobre a situação do **meio ambiente** no/na seu/sua (bairro/vila).

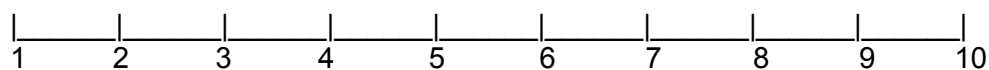
Q3.a. (C.R., p. 1) Em uma escala de 1 a 10, onde 1 quer dizer poucas árvores e 10 muitas árvores, que nota você dá para a quantidade de árvores no/na seu/sua (bairro/vila) você diria que ela é...?



77. NR
99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q3.b. (C.R., p. 1) Em uma escala onde 1 quer dizer que as/os (ruas / becos) são mal conservados (as) (com buracos, sem bueiros, sem boca de lobo), e 10 quer dizer que as (ruas / becos) são bem conservados, que nota você dá á conservação das (ruas/becos) no/na seu/sua (bairro/vila)?



(Ruas / Becos)
mal conservados (as)

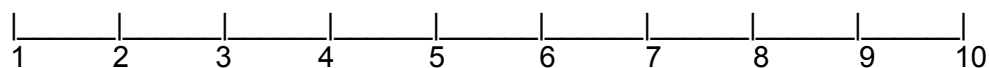
(Ruas/ Becos)
bem conservados(as)

77. NR

99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q3.c. (C.R., p. 1) Em uma escala onde 1 quer dizer muito trânsito e 10 pouco trânsito, que nota você dá para o trânsito no/na seu/sua (bairro/vila)?



Muito
trânsito

Pouco
trânsito

77. NR

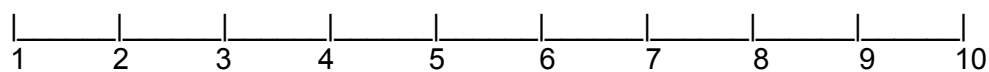
99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q3.d. (C.R., p. 1) No/na seu/sua (bairro/vila) há córregos ou lagoas próximos?

(SE SIM, PERGUNTAR):

Em uma escala onde 1 quer dizer muita poluição dos córregos ou lagoas, e 10 não há poluição dos córregos ou lagoas, qual é a qualidade da água dos córregos ou lagoas próximos ao/à seu/sua (bairro/vila)?



Muita poluição
dos córregos
ou lagoas

Não há poluição
dos córregos
ou lagoas

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q4. (C.R., p. 2) Agora vamos falar sobre a situação dos seguintes **serviços** no/na seu/sua (bairro/vila). **(LER UMA OPÇÃO POR VEZ)**é um problema muito grave, é um problema grave, é um problema pouco grave, ou não é um problema?

	Problema muito grave	Problema grave	Problema pouco grave	Não é problema	NR	NS
a. No/na seu/sua (bairro / vila) a falta de vagas em escolas ou creches é ...	1	2	3	4	7	9
b. A falta de comércio ou serviços (bancos supermercados, agência de correio) é ...	1	2	3	4	7	9
c. O lixo (a coleta de lixo, o lixo nas ruas) é	1	2	3	4	7	9
d. No/na seu/sua (bairro / vila) o saneamento (a falta de esgoto, esgoto a céu aberto) é ...	1	2	3	4	7	9
e. A falta de policiamento é ...	1	2	3	4	7	9
f. A falta de áreas de lazer (como praças, quadras esportivas, parques etc) é ...	1	2	3	4	7	9
g. No/na seu/sua (bairro / vila) o transporte público (os horários, os preços da passagem, ônibus cheios) é ...	1	2	3	4	7	9
h. A falta de hospitais ou postos de saúde etc é ...	1	2	3	4	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q5. São várias as coisas que as pessoas podem fazer para resolver problemas no/a seu/sua (bairro / vila) ou vizinhança. **Nos últimos doze meses**, você participou de alguma reunião com representantes da Prefeitura, (nas regionais, conselhos) ou secretarias municipais para resolver problemas do/a seu/sua (bairro / vila) ou de **(MENCIONAR A CIDADE DO ENTREVISTADO)**?

1. Sim
2. Não
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

Q6. **Nos últimos doze meses**, você se reuniu com vizinhos para discutir problemas do/da (bairro / vila)?

1. Sim
2. Não
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

Q7. (C.R., p. 3) Agora vamos falar um pouco sobre a sua vizinhança. Para você a sua vizinhança é: **(LER OPÇÕES 1 A 4)**

1. A região ou (bairros / vilas) próximo(a)s,
2. Apenas o seu(sua) (bairro / vila),
3. As casas ou prédios próximos da sua casa, ou
4. Apenas (as casas ao lado / apartamentos do mesmo prédio)?
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q8. Com qual dessas afirmativas você concorda? **(LER OPÇÕES 1 A 3) (PROBE PX.)**

1. Você se sente em casa neste/a (bairro / vila),
2. Este/a (bairro / vila) é apenas um lugar para morar, ou
3. Se pudesse, você mudaria deste/a (bairro / vila)?
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q9. Você tem amigos na sua vizinhança ou na região próxima à sua casa?

1. Sim
2. Não **(VÁ PARA Q11)**
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

Q10. (C.R., p. 4) Com que frequência você conversa com eles? **(LER OPÇÕES 1 A 4)**

1. Todos os dias ou quase todos os dias,
2. Toda semana (semanalmente),
3. Todo mês (mensalmente), ou
4. Quase nunca?
7. NR
8. NA
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q11. (C.R., p. 5) Com que frequência você e os seus vizinhos fazem favor uns aos outros? Por **fazer um favor**, quero dizer coisas como cuidar dos filhos, emprestar mantimentos, levar filhos para a escola, ou outro tipo de ajuda. Isto acontece ... **(LER OPÇÕES 1 A 4)**

1. Sempre,
2. Às vezes,
3. Raramente, ou
4. Nunca?
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Agora vou ler uma série de afirmativas e gostaria de saber se você concorda ou discorda de cada uma delas.

Q12.a. Pode-se confiar nas pessoas que moram neste/nesta (bairro / vila). Você concorda ou discorda?

(SE CONCORDA, PERGUNTAR): Concorda totalmente ou concorda em parte?

1. Concorda totalmente
2. Concorda em parte

(SE DISCORDA, PERGUNTAR): Discorda em parte ou discorda totalmente?

3. Discorda em parte
4. Discorda totalmente
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q12.b. Os vizinhos neste/nesta (bairro / vila) são pessoas muito prestativas. Você concorda ou discorda?

(SE CONCORDA, PERGUNTE): Concorda totalmente ou concorda em parte?

1. Concorda totalmente
2. Concorda em parte

(SE DISCORDA, PERGUNTE): Discorda em parte ou discorda totalmente?

3. Discorda em parte
4. Discorda totalmente
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q13. (C.R., p. 5) Vou apresentar algumas atividades que você pode fazer durante o seu tempo livre ou de lazer. Eu gostaria de saber se você **(LER UMA OPÇÃO POR VEZ)**sempre, às vezes, raramente ou nunca?

	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	NR	NS
a. Visita amigos e parentes	1	2	3	4	7	9
b. Vai a bares ou restaurantes	1	2	3	4	7	9
c. Lê revistas ou livros	1	2	3	4	7	9
d. Vai ao cinema	1	2	3	4	7	9
e. Vai a festas (de amigos, parentes, de igreja, de associações, etc)	1	2	3	4	7	9
e. Passeia em praças	1	2	3	4	7	9
f. Passeia em cachoeiras, reservas naturais	1	2	3	4	7	9
g. Pratica esportes ou fazer exercícios	1	2	3	4	7	9
h. Vai ao estádio de futebol	1	2	3	4	7	9
i. Vai à Igreja	1	2	3	4	7	9
j. Fica em casa	1	2	3	4	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q14. (C.R., p. 6) Agora eu gostaria de saber sobre o uso que você faz de meios de comunicação como jornal, rádio e televisão. Com que frequência você lê jornal: **(LER OPÇÕES 1 A 4)**

1. Diariamente ou quase todos os dias,
2. Algumas vezes por semana,
3. Quase nunca, ou
4. Você não lê jornal?
7. NR
8. NA (não sabe ler)
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Q15. (C.R., p. 7) Com que frequência você assiste televisão? Você assiste diariamente, algumas vezes por semana, quase nunca ou você não assiste televisão? (MQQ)

(SE DIARIAMENTE): Aproximadamente: **(LER OPÇÕES 1 A 4)**

1. Acima de 8 horas,
2. De 5 a 8 horas,
3. De 2 a 5 horas, ou
4. Até 2 horas?
5. Algumas vezes por semana
6. Quase nunca
7. Você não assiste televisão
77. NR
99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

Q16. (C.R., p. 8) Com que frequência você escuta rádio? Você escuta rádio diariamente, algumas vezes por semana, quase nunca ou você não escuta rádio? (MQQ)

(SE DIARIAMENTE): Aproximadamente: **(LER OPÇÕES 1 A 4)**

1. Acima de 8 horas,
2. De 5 a 8 horas,
3. De 2 a 5 horas, ou
4. Até 2 horas?
5. Algumas vezes por semana
6. Quase nunca
7. Você não escuta rádio
77. NR
99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

Q17. Apesar de sabermos que o uso da Internet ainda é pequeno na RMBH, gostaríamos de lhe perguntar se você já usa a Internet?

1. Sim
2. Não **(VÁ PARA A1)**
7. NR
9. NS **(NÃO SABE O QUE É) (VÁ PARA A1)**

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

Q18. (C.R., p. 9) Você usa a internet para.... **(LER UMA OPÇÃO POR VEZ DE a A h)**

	Sim	Não	NR	NA	NS
a. Ler as notícias do dia	1	2	7	8	9
b. Fazer amigos	1	2	7	8	9
c. Comunicar-se com amigos ou parentes	1	2	7	8	9
d. Trabalhar, estudar ou pesquisar	1	2	7	8	9
e. Fazer compras	1	2	7	8	9
f. Trocar idéias ou participar de grupo de atividade que lhe interessa (esporte, política, religião, etc)	1	2	7	8	9
g. Para jogos, programa de música, etc	1	2	7	8	9
h. Algum outro? (ANOTAR): _____					

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

QUESTÃO AUTO-APLICADA PARA AQUELES QUE SABEM LER

A1. (PARA OS QUE SABEM LER, ENTREGUE O CARTÃO 1): Agora eu gostaria de saber sobre as entidades, partidos, associações ou grupos dos quais você participa formalmente (é membro, filiado, associado, sócio, etc) e também aqueles das quais você participa somente de atividades (ou seja, participa informalmente). Por favor, assinale com um x neste cartão as entidades das quais você participa formalmente ou informalmente. **(MQQ)**

A2. (SE PARTICIPA DE ALGUMA): Qual o nome da Entidade?

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

**SE NÃO PARTICIPA DE NENHUMA ENTIDADE,
VÁ PARA A7**

ASSIM QUE O ENTREVISTADO TERMINAR DE RESPONDER, RECOLHA O CARTÃO 1 E PERGUNTE SOBRE TODAS AS ENTIDADES/GRUPOS ASSINALADOS:

A3. Você é membro ou somente participa de atividades? (CITAR CADA ENTIDADE ASSINALADA)

A4. De quais atividades você participa? (PARA CADA ENTIDADE ASSINALADA)

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

**SE PARTICIPA SOMENTE DE UMA ENTIDADE,
VÁ PARA A6**

A1. (PARA OS QUE NÃO SABEM LER): Agora eu gostaria de saber sobre as entidades, partidos, associações ou grupos dos quais você participa formalmente (é membro, filiado, associado, sócio, etc) e também sobre aqueles dos quais você participa somente de atividades (ou seja, participa informalmente). Você participa de**(CITAR ENTIDADE)?**

A2. (SE PARTICIPA DE ALGUMA): Qual o nome da Entidade?

A3. Você é membro ou somente participa de atividades? (CITAR ENTIDADE ASSINALADA)

A4. De quais atividades você participa? (PARA CADA ENTIDADE ASSINALADA)

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

**SE NÃO PARTICIPA DE NENHUMA ENTIDADE,
VÁ PARA A7**

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

**SE PARTICIPA SOMENTE DE UMA ENTIDADE,
VÁ PARA A6**

ENTIDADES/ASSOCIAÇÕES/PARTIDOS A1. Você participa de	A1.		A3.		A4.
	1. Participa	2. Não participa	1. É membro, participa formalmente	2. Ou somente participa de atividades, informalmente	De quais atividades você participa?
A2. Qual o nome da entidade?					
A1.a. Entidade beneficente ou de caridade (cujo principal objetivo é o de ajudar o outro e não o de promover o interesse ou a identidade do próprio participante) A2.a. Qual? _____	1	2	1	2	
A1.b. Entidade/Associação recreativa e/ou esportiva A2.b. Qual? _____	1	2	1	2	
A1.c. Entidade/Associação ligada à defesa dos direitos humanos tais como:					
A2.c1. Mulheres. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.c2. Crianças e adolescentes. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.c3. Idosos. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.c4. Homossexuais. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.c5. Negros. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.c6. Portadores de deficiências. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.c7. Outra. Qual? _____	1	2	1	2	
A1.d. Entidade/Associação ligada à defesa dos consumidores A2.d. Qual? _____	1	2	1	2	

ENTIDADES/ASSOCIAÇÕES/PARTIDOS A1. Você participa de?	A1.		A3.		A4.
	1. Participa	2. Não participa	1. É membro, participa formalmente	2. Ou somente participa de atividades, informalmente	De quais atividades você participa?
A2. Qual o nome da entidade?					
A1.e. Associação religiosa e/ou igreja tais como:					
A2.e1. Grupos de Fé e Política. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.e2. Grupos de Jovens. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.e3. Grupos de Casais. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.e4. Outra. Qual? _____	1	2	1	2	
A1.f. Associação comunitária (ligada a questões de moradia, melhoramentos urbanos, etc). A2.f.Qual? _____	1	2	1	2	
A1.g. Partido político Qual? _____	1	2	1	2	
A1.h. Entidade/Associação ligadas a questões específicas tais como:					
A2.h1. Saúde. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.h2. Educação. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.h3. Meio ambiente. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.h4. Cultura. Qual? _____	1	2	1	2	
A2.h5. Outra. Qual? _____	1	2	1	2	

ENTIDADES/ASSOCIAÇÕES/PARTIDOS A1. Você participa de?	A1.		A3.		A4.
	1. Participa	2. Não participa	1. É membro, participa formalmente	2. Ou somente participa de atividades, informalmente	De quais atividades você participa?
A1.i. Entidades empresariais e patronais A2.i.Qual? _____	1	2	1	2	
A1.j. Entidade estudantil A2.j.Qual? _____	1	2	1	2	
A1.k. Associação de auto-ajuda A2.k.Qual? _____	1	2	1	2	
A1.l. Sindicato de trabalhadores A2.l.Qual? _____	1	2	1	2	
A1.m. Associação profissional A2.m.Qual? _____	1	2	1	2	

A1.

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

A2.

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

A3.

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

A4.

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

**SE PARTICIPA SOMENTE DE UMA ENTIDADE,
VÁ PARA A6**

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

**SE NÃO PARTICIPA DE NENHUMA ENTIDADE,
VÁ PARA A7**

A5. Dentre essas entidades, grupos ou partidos, de qual você participa **mais**?

(NÃO LER OPÇÕES)

1. Entidade beneficente ou de caridade
2. Entidade/associação recreativa e/ou esportiva
3. Entidade/associação ligada à defesa dos direitos (humanos/mulheres/crianças/ homossexuais)
4. Entidade/associação ligada à defesa dos consumidores
5. Associação religiosa e/ou igreja
6. Grupo de jovens
7. Associação comunitária
8. Partido político
9. Entidade/associação ligadas a questões específicas (saúde, educação, moradia, meio ambiente, cultura, etc.)
10. Entidades empresariais e patronais
11. Entidade estudantil
12. Grupo de auto-ajuda
13. Sindicato de trabalhadores
14. Associação profissional
66. Participa de maneira igual em todas
77. NR
88. NA
99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

A6. (C.R., p.10) O principal motivo que a/o levou a participar da/do (MENCIONAR A ENTIDADE DA QUAL PARTICIPA MAIS) foi... (LER OPÇÕES 1 A 5) (MARCAR APENAS UMA)

1. Vontade de ajudar os outros (as crianças, os idosos, os pobres, os doentes, outros),
2. Cooperar com o seu grupo (de vizinhos, colegas de trabalho, étnico, de mulheres, etc.) na busca de melhorias,
3. Cooperar na busca de melhorias coletivas para a sua cidade, país ou mundo,
4. Porque lhe beneficiava (ajudava) de alguma maneira, ou para
5. Defender as idéias nas quais você acredita, ou o que você acha justo.
6. Outro motivo. Qual? _____

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

ATENÇÃO ENTREVISTADOR: VÁ PARA A8
--

A7. (C.R., p.11) (APENAS PARA OS QUE NÃO PARTICIPAM DE NENHUMA ENTIDADE ATUALMENTE)

Para nosso estudo também é importante saber os motivos pelos quais as pessoas não participam de grupos, associações ou partidos. Qual é o **principal motivo** porque você não participa? Você não participa porque.... **(LER OPÇÕES 1 A 8 - MARQUE APENAS UMA)**

1. Não tem interesse em participar
2. Não tem tempo
3. Não tem recursos (dinheiro, informação, habilidades, etc)
4. Não adianta/ não resolve nada
5. Não precisa (não tem necessidade)
6. Outros participam e resolvem o assunto
7. Prefere resolver sozinho os próprios assuntos
8. Espera que o governo resolva o(s) problema(s)
9. Outro motivo **(ANOTAR)** _____
77. NR
88. NA
99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

A8. (PARA OS QUE SABEM LER, ENTREGUE O CARTÃO 2): Por favor, agora gostaria que você assinalasse com um x neste cartão as entidades, partidos, associações ou grupos dos quais você **participou** como membro ou somente **participou** de atividades **nos últimos 5 anos, mas não participa mais.**

A9. (SE PARTICIPA DE ALGUMA): Qual o nome da entidade? **(MQQ)**

ASSIM QUE O ENTREVISTADO TERMINAR DE RESPONDER, RECOLHA O CARTÃO 2 E PERGUNTE SOBRE TODAS AS ENTIDADES/GRUPOS ASSINALADOS:

A10. Você foi membro ou somente **participou** de atividades? **(CITAR ENTIDADE ASSINALADA)**

A11. De quais atividades você **participou**? **(PARA CADA ENTIDADE ASSINALADA)**

A8. (PARA OS QUE NÃO SABEM LER): Agora eu gostaria de saber sobre as entidades, partidos, associações ou grupos dos quais você **participou** como membro ou somente **participou** de atividades **nos últimos 5 anos e não participa mais.** Você **participou** de**(CITAR ENTIDADE)?**

A9. (SE PARTICIPA DE ALGUMA) Qual o nome da entidade?

A10. Você foi membro ou somente **participou** de atividades? **(CITAR ENTIDADE ASSINALADA)**

A11. De quais atividades você **participou**? **(PARA CADA ENTIDADE ASSINALADA)**

ENTIDADES/ASSOCIAÇÕES/PARTIDOS A8. Você participou de?	A8.		A10.		A11.
A9. Qual o nome da entidade?	1. Participou	2. Não participou	1. Foi membro, participou formalmente	2. Ou somente participou de atividades, informalmente	De quais atividades você participou?
A8a. Entidade beneficente ou de caridade (cujo principal objetivo é o de ajudar o outro e não o de promover o interesse ou a identidade do próprio participante) A9.a. Qual? _____	1	2	1	2	
A8b. Entidade/Associação recreativa e/ou esportiva A9.b.Qual? _____	1	2	1	2	
A8c. Entidade/Associação ligada à defesa dos direitos humanos tais como:					
A9. c1. Mulheres. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.c2. Crianças e adolescentes. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.c3. Idosos. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.c4. Homossexuais. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.c5. Negros. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.c6. Portadores de deficiências. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.c7. Outra. Qual? _____	1	2	1	2	
A8d. Entidade/Associação ligada à defesa dos consumidores A9.d.Qual? _____	1	2	1	2	

ENTIDADES/ASSOCIAÇÕES/PARTIDOS A8. Você participou de	A8.		A10.		A11.
	1. Participou	2. Não participou	1. Foi membro, participou formalmente	2. Ou somente participou de atividades, informalmente	De quais atividades você participou?
A8e. Associação religiosa e/ou igreja tais como:					
	1	2	1	2	
A9.e1. Grupos de Fé e Política. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.e2. Grupos de Jovens. Qual? _____	1	2	1	2	
A9. e3. Grupos de Casais. Qual? _____	1	2	1	2	
A9. e4. Outra. Qual? _____	1	2	1	2	
A8f. Associação comunitária (ligada a questões de moradia, melhoramentos urbanos, etc). A9.f.Qual? _____	1	2	1	2	
A8g. Partido político A9.gQual? _____	1	2	1	2	
A8h. Entidade/Associação ligadas a questões específicas tais como:					
A9.h1. Saúde. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.h2. Educação. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.h3. Meio ambiente. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.h4. Cultura. Qual? _____	1	2	1	2	
A9.h5. Outra. Qual? _____	1	2	1	2	

ENTIDADES/ASSOCIAÇÕES/PARTIDOS A8.Você participou de?	A8.		A10.		A11.
	1. Participou	2. Não participou	1. Foi membro, participou formalmente	2. Ou somente participou de atividades, informalmente	De quais atividades você participou?
A8i. Entidades empresariais e patronais A9.i.Qual? _____	1	2	1	2	
A8j. Entidade estudantil A9.j.Qual? _____	1	2	1	2	
A8k. Associação de auto-ajuda A9.k.Qual? _____	1	2	1	2	
A8l. Sindicato de trabalhadores A9.l.Qual? _____	1	2	1	2	
A8m. Associação profissional A9.m.Qual? _____	1	2	1	2	

A8.

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

A9.

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

A10.

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

A11.

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

QUESTIONÁRIO A

A12. (C. R. p.12) Vou ler uma lista de atividades e gostaria de saber com qual frequência você as faz. Com que frequência você ... **(LER UMA OPÇÃO POR VEZ)** sempre, às vezes, raramente ou nunca?.

	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	NR	NA	NS
a. Assiste noticiário na televisão	1	2	3	4	7	8	9
b. Lê sobre política nos jornais	1	2	3	4	7	8	9
c. Conversa sobre política com os amigos	1	2	3	4	7	8	9
d. Participa de reuniões para discutir questões políticas	1	2	3	4	7	8	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
QUESTÕES A13 A A21
SOMENTE PARA A POPULAÇÃO DE BELO HORIZONTE E BETIM**

A13. Você já ouviu falar no Orçamento Participativo?

1. Sim
2. Não **(VÁ PARA V1)**
7. NR
8. NA **(MORA FORA DE BELO HORIZONTE E BETIM)**
9. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

A14. Na sua opinião, com o Orçamento Participativo, **o poder** da população de (Belo Horizonte / Betim) de decidir sobre as obras na cidade aumentou, diminuiu, ou continua igual?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
8. NA **(MORA FORA DE BELO HORIZONTE E BETIM)**
9. NS **(SE VOLUNTARIAMENTE)**

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

A15. Na sua opinião, com o Orçamento Participativo, a **prestação de contas da Prefeitura** junto à população aumentou, diminuiu, ou continua igual?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
- 8. NA (MORA FORA DE BELO HORIZONTE E BETIM)**
- 9. NS (SE VOLUNTARIAMENTE)**

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

A16. Com o Orçamento Participativo, a **atenção que a Prefeitura dá às demandas da população** aumentou, diminuiu, ou continua igual?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
- 8. NA (MORA FORA DE BELO HORIZONTE E BETIM)**
- 9. NS (SE VOLUNTARIAMENTE)**

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

A17. Com o Orçamento Participativo, o **poder dos vereadores** aumentou, diminuiu, ou continua igual?

1. Aumentou
2. Diminuiu
3. Continua igual
7. NR
- 8. NA (MORA FORA DE BELO HORIZONTE E BETIM)**
- 9. NS (SE VOLUNTARIAMENTE)**

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

A18. Você já participou de alguma reunião do Orçamento Participativo em (Belo Horizonte / Betim)?

1. Sim (**VÁ PARA A19 (BH) OU A20 (BETIM)**)
2. Não (**VÁ PARA V1**)
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

ATENÇÃO ENTREVISTADOR: PARA OS ENTREVISTADOS QUE MORAM EM BELO HORIZONTE, VÁ PARA A19 PARA OS QUE MORAM EM BETIM, VÁ PARA A20
--

A19. (SE MORA EM BELO HORIZONTE) (CR. p. 13) Em que período você participou? Você participou...
...(LER OPÇÕES 1 A 3) (MARCAR UMA OU MAIS)

	Sim	Não	NR	NA	NS
1. Entre 93 e 96 (governo Patrus),	1	2	7	8	9
2. Entre 97 e 2000 (governo Célio de Castro)	1	2	7	8	9
3. A partir de 2001 até hoje (governo Célio de Castro e Fernando Pimentel)	1	2	7	8	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

ATENÇÃO ENTREVISTADOR: VÁ PARA A21

A20. (SE MORA EM BETIM) (CR. p.14) Em que período você participou? Você participou...
(LER OPÇÕES 1 A 3) (MARCAR UMA OU MAIS)

	Sim	Não	NR	NA	NS
1. Entre 93 e 96 (governo Maria do Carmo)	1	2	7	8	9
2. Entre 97 e 2000 (governo Jésus)	1	2	7	8	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

A21. (CR. p.15) Na sua opinião, a **organização** do Orçamento Participativo tem sido:
(LER OPÇÕES 1 A 4)

1. Muito democrática,
2. Democrática,
3. Pouco democrática, ou
4. Nada democrática?
7. NR
8. NA
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

MÓDULO VALORES

QUESTIONÁRIO A

Para nosso estudo também é importante falar um pouco de seus sentimentos em relação à vida e das suas opiniões sobre algumas questões muito debatidas hoje em dia.

V1. (C.R., p.16) De maneira geral, você diria que é: **(LER OPÇÕES 1 A 4)**

1. Muito feliz
2. Feliz
3. Não muito feliz
4. Nada feliz?
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

V2A. De maneira geral, você diria que podemos confiar na maioria das pessoas, ou você acha que cuidado nunca é demais?

1. Podemos confiar na maioria das pessoas
2. Cuidado nunca é demais
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

V3. (C.R., p.17) Eu vou ler uma lista de coisas que podem ser importantes para ensinarmos às crianças em casa. Dentre essas coisas, quais são as duas que você considera **mais** importantes? **(LER OPÇÕES a A d) (MARCAR DUAS OPÇÕES)**

	Mencionou	Não mencionou	NR	NS
a. Ser independente,	1	2	7	9
b. Ser obediente,	1	2	7	9
c. Ter determinação, força de vontade, ou	1	2	7	9
d. Ter religião?	1	2	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

V4. (C.R., p.18) Vou ler algumas diferentes formas de ação política que as pessoas podem adotar. Gostaria que você dissesse se já fez alguma dessas ações, se você poderia fazê-las, ou se nunca, em nenhuma circunstância, o faria. **(MARCAR APENAS UMA OPÇÃO)(MQQ)**

	Já fez	Poderia fazer	Nunca Faria	NR	NS
a. Assinar um manifesto (abaixo assinado).	1	2	3	7	9
b. Participar de boicote (por ex., deixar de comprar produto de determinada marca como forma de protesto).	1	2	3	7	9
c. Participar de manifestações ou passeatas.	1	2	3	7	9
d. Participar de greves.	1	2	3	7	9
e. Ocupar prédios, fábricas, lotes, escolas.	1	2	3	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

V5. (C.R., p. 19) Se você tivesse que escolher, qual dessas coisas você diria que é a mais importante? **(LER OPÇÕES 1 A 4) (MARCAR OPÇÃO)**

E qual seria a segunda mais importante? **(MARCAR OPÇÃO)**

	a. Mais importante	b. Segunda mais importante
1. Manter a ordem no país	1	1
2. Aumentar a participação das pessoas em decisões importantes do governo	2	2
3. Combater a inflação (alta de preços)	3	3
4. Proteger a liberdade de expressão (o direito das pessoas de dizerem o que pensam sem censura do governo)	4	4
7. NR	7	7
9. NS (SE VOLUNTARIAMENTE)	9	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

V6. (C.R., p.20) Agora eu vou ler uma lista de várias mudanças que podem acontecer em nosso modo de vida em um futuro próximo. Você acha que... **(LER UMA OPÇÃO POR VEZ)**...seria uma coisa boa, uma coisa ruim, ou não faria diferença para você?

	Boa	Ruim	Não faria diferença	NR	NS
a. Se as pessoas vierem a dar menos importância ao dinheiro e as posses materiais.	2	3	7	9	
b. Se o trabalho deixar de ser a coisa mais importante na vida das pessoas.	2	3	7	9	
c. Se as pessoas vierem a ter mais respeito pela autoridade. (MQQ)	2	3	7	9	

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

V7. (C.R., p.21) Agora você poderia falar sobre a importância de Deus em sua vida? Por favor, use esta escala para indicar : 1 significa nada importante e 10 significa muito importante.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	NR. 77
Nada importante					Muito importante					NS. 99

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

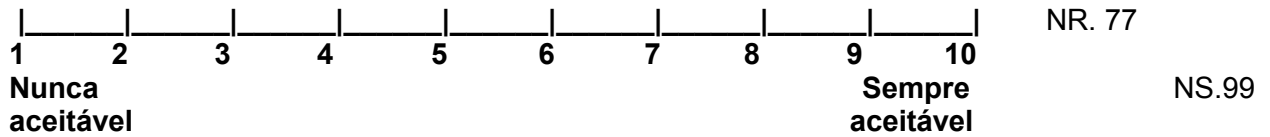
Gostaríamos que você nos desse opiniões sobre outros assuntos.

V8. (C.R., p.22) Você pensa que a homossexualidade é sempre aceitável, nunca é aceitável, ou você tem alguma opinião intermediária? Nesta escala de resposta, 1 significa nunca aceitável e 10 sempre aceitável. **(MQQ)**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	NR. 77
Nunca aceitável					Sempre aceitável					NS.99

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

V9. (C.R., p.22) E em relação ao aborto? Você pensa que o aborto é sempre aceitável, nunca é aceitável, ou você tem alguma opinião intermediária? Nesta escala de resposta, 1 significa nunca aceitável e 10 sempre aceitável. **(MQQ)**



1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

V10. (C.R., p.23) E em relação a ser brasileiro(a)? Como você se considera? **(LER OPÇÕES 1 A 4)**

1. Muito orgulhoso (a)
2. Orgulhoso (a)
3. Não muito orgulhoso (a)
4. Nada orgulhoso (a) de ser brasileiro (a)
7. NR
8. **NA (NÃO É BRASILEIRO(A))**
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

V11. (C.R., p.24) O que você pensa de cada uma dessas maneiras de governar um país? Você acha que **(LER UMA OPÇÃO POR VEZ)** é uma maneira muito boa, boa, ruim ou muito ruim de governar um país?

	Muito boa	Boa	Ruim	Muito ruim	NR	NS
a. Ter um líder forte e com poder, que não tenha que se preocupar com o Congresso e com as eleições.	1	2	3	4	7	9
b. Ter técnicos especialistas, e não os políticos tomando as decisões.	1	2	3	4	7	9
c. Ter um governo militar.	1	2	3	4	7	9
d. Ter um regime político democrático.	1	2	3	4	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

MÓDULO RELIGIÃO

Para nosso estudo também é muito importante saber em que as pessoas acreditam.

R1. Você acredita em... (LER OPÇÕES DE PERGUNTA a A j / NÃO LER ESCALA)

	Acredita	Em termos/ mais ou menos	Não acredita	NR	NS
a. Horóscopo	1	2	3	7	9
b. Feitiço	1	2	3	7	9
c. Seres extra-terrestres	1	2	3	7	9
d. Espíritos	1	2	3	7	9
e. Demônio (poder do mal)	1	2	3	7	9
f. Poder das orações	1	2	3	7	9
g. Santos	1	2	3	7	9
h. Deus	1	2	3	7	9
i. Bíblia (MQQ)	1	2	3	7	9
j. Nossa Senhora	1	2	3	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

R2a. (CR. p.25) Você vai à missa? (MQQ)

1. Sim, vai à missa

(SE NÃO VAI A MISSA, PERGUNTAR:)

Você **já foi** à missa, **poderia ir** ou **nunca iria** à missa?

(MARCAR UMA OU MAIS OPÇÕES SE VOLUNTARIAMENTE)

2. Já foi à missa

3. Poderia ir

4. Nunca iria à missa

5. **(SE VOLUNTARIAMENTE)**: Em ocasiões especiais: casamentos, batizados, comemorações, etc)

7. NR

9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

R2b. (CR. p.26) Você vai ao culto evangélico?

1. Sim, vai ao culto evangélico

(SE NÃO PARTICIPA, PERGUNTAR:)

Você **já foi**, **poderia ir** ou **nunca iria** a culto evangélico?

(MARCAR UMA OU MAIS OPÇÕES SE VOLUNTARIAMENTE)

2. Já foi

3. Poderia ir

4. Nunca iria

7. NR

9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

R2c. (CR. p. 27) Você está cumprindo promessa religiosa?

1. Sim, está cumprindo

(SE NÃO ESTÁ CUMPRINDO, PERGUNTAR:)

Você **já cumpriu**, **poderia cumprir** ou **nunca cumpriria** promessa religiosa?

(MARCAR UMA OU MAIS OPÇÕES SE VOLUNTARIAMENTE)

2. Já cumpriu

3. Poderia cumprir

4. Nunca cumpriria

7. NR

9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

R2d. (CR. p. 28) Você participa de reunião espírita?

1. Sim, participa de reunião espírita

(SE NÃO PARTICIPA, PERGUNTAR:)

Você **já participou**, **poderia participar** ou **nunca participaria** de reunião espírita?

(MARCAR UMA OU MAIS OPÇÕES SE VOLUNTARIAMENTE)

2. Já participou

3. Poderia participar

4. Nunca participaria

7. NR

9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

R2e. (CR. p. 29) Você consulta astrólogo (**PAUSA**), ou cartomante, (**PAUSA**) ou mãe de santo, (**PAUSA**) ou algum tipo de vidente?

1. Sim, consulta astrólogo/cartomante/mãe de santo/vidente
(**SE NÃO CONSULTA, PERGUNTAR:**)

Você **já consultou**, **poderia consultar** ou **nunca consultaria** um astrólogo, (**PAUSA**), ou cartomante, (**PAUSA**) ou mãe de santo, (**PAUSA**) ou algum outro tipo de vidente?

(MARCAR UMA OU MAIS OPÇÕES SE VOLUNTARIAMENTE)

- 2. Já consultou
- 3. Poderia consultar
- 4. Nunca consultaria
- 7. NR
- 9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

R3. Quais destes dons você acredita possuir? (LER OPÇÕES a - d)

	Sim	Não	NR	NS
a . Premonição ou sexto sentido (saber ou pressentir o que vai acontecer)	1	2	7	9
b. Mediunidade	1	2	7	9
c. Fé	1	2	7	9
d. Algum outro? (ANOTAR)	1	2	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

R4. (C.R.,p.30) Vou ler agora uma lista de religiões e gostaria de saber a qual delas você pertence. Você é.....
(**LER OPÇÕES 1 a 7) (MARCAR APENAS UMA)**

- 1. Espírita
- 2. Evangélico(a) (VÁ PARA R6)
- 3. Católico (a) (VÁ PARA R5)
- 4. Católico (a) não praticante
- 5. Da religião dos Orixás
- 6. Ou não tem religião?
- 7. Outra (ANOTAR) _____
- 77. NR 99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
CASO TENHA MARCADO CATÓLICO (A) NA R4, PERGUNTAR R5.
CASO TENHA MARCADO EVANGÉLICO, PERGUNTAR R6
PARA AS DEMAIS VÁ PARA RC1.**

R5. (CASO CATÓLICO/A) Você participa de algum movimento na Igreja Católica? Você participa de ... (LER UMA OPÇÃO POR VEZ de a a e)

	Participa	Não participa	NR	NA	NS
a. Renovação Carismática	1	2	7	8	9
b. Pastorais	1	2	7	8	9
c. Comunidades de base	1	2	7	8	9
d. Devoção a Nossa Senhora	1	2	7	8	9
e. Algum outro? (PERGUNTAR E ANOTAR) _____	1	2	7	8	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

R6. (CASO EVANGÉLICO) (CR. p. 31) Agora eu vou ler uma lista de igrejas evangélicas e gostaria de saber de qual você participa? Você participa da Igreja.....(LER OPÇÕES 1 a 6) (MARQUE APENAS UMA) (MQQ)

1. Batista
2. Universal do Reino de Deus
3. Renascer em Cristo
4. Assembléia de Deus
5. Metodista ou
6. Outra (ANOTAR)? _____
7. NR
8. NA
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

MÓDULO RAÇA E COR

Nós também estamos interessados em saber como as pessoas se identificam quando o assunto é a raça dos entrevistados.

RC1. Pensando em raça, como você se define? **(ANOTAR)**

7. NR 9. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

RC2. Ao se definir enquanto **(CITAR RESPOSTA A QUESTÃO RC1)**, o que você levou em consideração? **(ANOTAR RESPOSTA – UMA OU MAIS) (ANOTAR)**

7. NR 9. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

RC3a. Para você, cor e raça são coisas diferentes ou são a mesma coisa?

- 1. Coisas diferentes
- 2. A mesma coisa
- 7. NR
- 9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

RC3b. Por quê? **(ANOTAR)**

7. NR 9. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

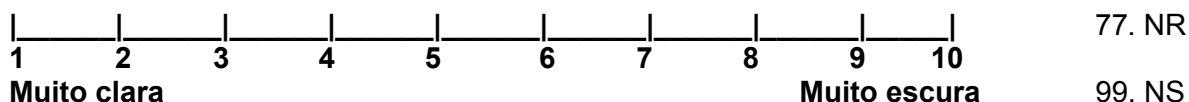
QUESTIONÁRIO A

RC4. (CARTÃO 3A) Usando agora as opções nesta lista, você diria que é:
(LER OPÇÕES 1 A 5) (MARCAR APENAS UMA)

1. Branco (a),
2. Preto (a),
3. Pardo (a),
4. Amarelo (a), ou
5. Indígena?
6. Outro (ANOTAR) _____
77. NR
99. NS

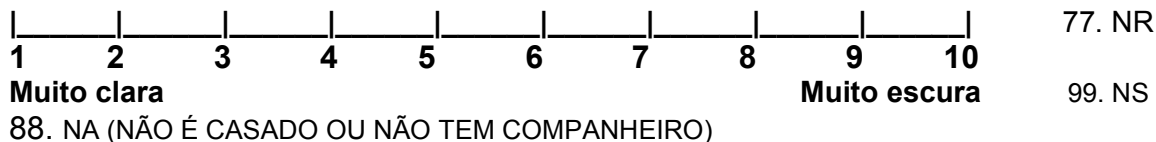
1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

RC5. (C.R. p.32) E qual é a cor da sua pele? Nesta escala, 1 quer dizer muito clara, e 10, muito escura.



1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

RC6. (C.R. p. 32) Você é casado(a) ou tem companheiro(a)? **(SE SIM, PERGUNTAR):** Qual é a cor da pele de (sua esposa, seu marido, parceira, parceiro)? Nesta escala, 1 quer dizer muito clara, e 10, muito escura.



1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

RC7. (C.R. p.33) Como você descreveria o seu cabelo? Você diria que seu cabelo é....
(LER OPÇÕES 1 A 4)

1. Liso,
2. Ondulado,
3. Anelado, ou
4. Crespo?
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

ATENÇÃO ENTREVISTADOR: PERGUNTAR A QUESTÃO RC8 SOMENTE PARA AQUELES QUE RESPONDERAM QUE SE DEFINEM COMO “preto(a)”/”negro(a)” NA QUESTÃO RC4. QUALQUER OUTRA DEFINIÇÃO, VÁ PARA RC9
--

RC8. (C.R. p.34) O que você diria que é mais importante para você: ser **(preto/negro)** ou ser brasileiro (a), ou as duas coisas são igualmente importantes, ou nenhuma das coisas é importante para você?

1. Ser preto/negro
2. Brasileiro (a)
3. Ambos igualmente
4. Nenhum das duas é importante
5. Outra (ANOTAR): _____
77. NR
99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

RC9. (C.R. p.35) Pensando nos seus antepassados (bisavós, avós, pais), de que raças você é descendente? Você é descendente de brancos, negros, índios, asiáticos, ou de algum outro grupo? **(PAUSA)** Ou você não saberia dizer?**(MARCAR UMA OU MAIS)**

	Sim	Não	NR	NS
a. Brancos	1	2	7	9
b. Negros	1	2	7	9
c. Índios	1	2	7	9
d. Asiáticos (chineses, japoneses, etc.)	1	2	7	9
e. Outra (ANOTAR) _____	1	2	7	9
77. NR				
99. NS				

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

QUESTIONÁRIO A

RC10. (CARTÃO 3A) Falando agora apenas no **seu pai**, você diria que ele é branco, preto, pardo, amarelo ou indígena? **(MARCAR APENAS UMA)**

1. Branco
2. Preto
3. Pardo
4. Amarelo
5. Indígena
6. Outro (ANOTAR) _____
77. NR
88. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

**RC11. (CARTÃO 3A) E sua mãe? Você diria que sua mãe é branca, preta, parda, amarela ou indígena?
(MARCAR APENAS UMA)**

1. Branca
2. Preta
3. Parda
4. Amarela
5. Indígena
6. Outra (ANOTAR) _____
77. NR
99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
QUESTÕES RC12/RC13/RC14:
AUTO-APLICADAS PARA AS PESSOAS QUE SABEM LER.
SE ANALFABETOS, LER AS QUESTÕES**

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
QUESTÕES RC12 E RC13:
PARA AQUELES QUE SE DEFINIRAM COMO NEGROS NA RC4,
VÁ PARA QUESTÃO RC12 (ENTREGAR CARTÃO 4).
QUALQUER OUTRA RESPOSTA, VÁ PARA QUESTÃO RC13 (ENTREGAR CARTÃO 5).**

(PARA AS PESSOAS QUE SABEM LER) (ENTREGAR O CARTÃO 4 (RC12) OU CARTÃO 5 (RC13))

Hoje em dia há muita discussão sobre a existência ou não de preconceitos em nossa sociedade. Este também é um tema muito importante para a nossa pesquisa. Para garantir que todos se sintam à vontade para responder às próximas questões, nós estamos pedindo aos entrevistados para responder sozinhos às próximas questões. Ao final da entrevista, por favor, coloque o cartão no envelope. Apenas a coordenação da pesquisa terá acesso a suas respostas, que serão mantidas separadas em sigilo.

(NÃO LER ENUNCIADO E ESCALA)

Gostaria que você respondesse agora a questão **(RC12/RC13)**.

(PARA OS QUE NÃO SABEM LER):

Hoje em dia há muita discussão sobre a existência ou não de preconceitos em nossa sociedade. Este também é um tema muito importante para a nossa pesquisa.

(LER ENUNCIADO E ESCALA DE RESPOSTAS)

RC12. (SE DEFINIRAM COMO NEGROS) (CARTÃO 4A) Falando em família, como você se sentiria se.....(LER UMA OPÇÃO POR VEZ) Você apoiaria totalmente, tenderia a apoiar, tenderia a se opor ou se oporia totalmente?

	Apoiaria totalmente	Tenderia a apoiar	Tenderia a se opor	Se oporia totalmente	NR	NA	NS
a. Uma pessoa da sua família se casasse com uma pessoa branca?	1	2	3	4	7	8	9
b. Um filho/filha seu/sua se casasse com uma pessoa branca?	1	2	3	4	7	8	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

RC13. (PARA TODAS AS OUTRAS DEFINIÇÕES DE) (CARTÃO 5A) Falando em família, como você se sentiria se.....(LER UMA OPÇÃO POR VEZ) Você apoiaria totalmente, tenderia a apoiar, tenderia a se opor ou se oporia totalmente?

	Apoiaria totalmente	Tenderia a apoiar	Tenderia a se opor	Se oporia totalmente	NR	NA	NS
a. Uma pessoa da sua família se casasse com uma pessoa negra?	1	2	3	4	7	8	9
b. Um filho/filha seu/sua se casasse com uma pessoa negra?	1	2	3	4	7	8	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

QUESTIONÁRIO A

RC14. (LER PARA TODOS) (MOSTRAR CARTÃO 6A): Hoje em dia é muito comum que as pessoas que moram nos centros urbanos sofram com a falta de gentileza e até mesmo com o preconceito das outras pessoas. Gostaria de saber se no seu dia-a-dia alguma das seguintes situações que vou ler já ocorreu com você. Com que frequência você **(LER UMA OPÇÃO POR VEZ):** freqüentemente, às vezes, raramente ou nunca?

	Frequen - temente	Às vezes	Raram ente	Nunca	NR	NA	NS
a. Você é tratado (a) com menos respeito do que outras pessoas?	1	2	3	4	7	8	9
b. Você não é tão bem atendido (a) em restaurantes e lojas como outras pessoas?	1	2	3	4	7	8	9
c. As pessoas agem como se elas tivessem medo de você?	1	2	3	4	7	8	9
d. As pessoas agem como se elas fossem melhores do que você?	1	2	3	4	7	8	9
e. Você é vigiado (a) ou seguido em lojas?	1	2	3	4	7	8	9
f. Você é tratado (a) de maneira diferente (pior) por causa da cor da sua pele?	1	2	3	4	7	8	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

MÓDULO POLÍCIA E CRIMINALIDADE

É muito importante para nós sabermos como você se sente em relação à segurança na sua vizinhança.

C1. Como você se sente ao andar **de dia** nas ruas da sua vizinhança? Você se sente seguro (a) ou inseguro (a)?

(SE “SEGURO(A)” PERGUNTAR:) Você se sente muito seguro (a) ou seguro (a)?

1. Muito seguro(a)
2. Seguro(a)

(SE “INSEGURO(A)” PERGUNTAR:) Você se sente inseguro (a) ou muito inseguro(a)?

3. Inseguro(a)
4. Muito inseguro(a)
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

C2. Como você se sente ao andar **à noite** nas ruas da sua vizinhança? Você se sente seguro (a) ou inseguro (a)?

(SE “SEGURO(A)” PERGUNTAR:) Você se sente muito seguro (a) ou seguro(a)?

1. Muito seguro(a)
2. Seguro(a)

(SE “INSEGURO(A)” PERGUNTAR:) Você se sente inseguro (a) ou muito inseguro(a)?

3. Inseguro(a)
4. Muito inseguro(a)
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

C3. (CR, p. 36) Agora eu vou ler uma lista de problemas que podem ocorrer na sua vizinhança. Para cada um deles, diga se esse é um problema muito grave, é um problema grave, é um problema pouco grave ou não é um problema. **(LER UMA OPÇÃO DE CADA VEZ de a A d) (E REPETIR ESCALA 1 A 3)**

	Problema muito grave	Problema grave	Problema pouco grave	Não é problema	NR	NS
a. Meninos de rua (meninos abandonados, que vivem nas ruas)	1	2	3	4	7	9
b. Gangues	1	2	3	4	7	9
c. Tráfico de drogas	1	2	3	4	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

C4. (CR, p. 37) Pensando nas coisas que você faz e nos lugares por onde passa no seu dia-a-dia, você acha que o risco de... **(LER UMA OPÇÃO POR VEZ) (E REPETIR ESCALA DE 1 A 5)**

	Muito grande	Grande	Médio	Pequeno	Muito pequeno	NR	NS
a. Ser roubado(a) ou ameaçado(a) de roubo na sua vizinhança é...	1	2	3	4	5	7	9
b. Ser roubado(a) ou ameaçado(a) de roubo em outros locais de (MENCIONAR CIDADE DO ENTREVISTADO) é...	1	2	3	4	5	7	9
c. Ser agredido(a) ou ameaçado(a) de agressão na sua vizinhança é...	1	2	3	4	5	7	9
d. Ser agredido(a) ou ameaçado(a) de agressão em outros locais de (MENCIONAR CIDADE DO ENTREVISTADO) é...	1	2	3	4	5	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

C5. Falando agora sobre **Policiais Militares trabalhando em sua vizinhança**, você os vê trabalhando, somente sabe da existência deles, ou você acha que não existem policiais trabalhando em sua vizinhança?

1. Você os vê trabalhando
2. Somente sabe da existência deles
3. Acha que não existem policiais militares trabalhando na vizinhança **(VÁ PARA C8)**
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

C6. (CR. p.38) Pensando na atuação da **Polícia Militar (PM)** em **sua vizinhança**, você ...
(LER OPÇÕES 1 A 4)

1. Confia muito,
2. Confia,
3. Confia pouco, ou
4. Não confia na atuação da Polícia Militar na sua vizinhança?
7. NR
8. NA
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

C7. (CR. p.39) Pensando na **resolução de problemas de violência em sua vizinhança**, você diria que a **Polícia Militar (PM)** é ...**(LER OPÇÕES 1 A 4)**

1. Muito eficiente,
2. Eficiente,
3. Pouco eficiente, ou
4. Nada eficiente?
7. NR
8. NA
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

C8. (CR. p.40) Você acha que, em geral, a **população de (CITAR CIDADE DO ENTREVISTADO)** tem...
(LER OPÇÕES)

1. Muito medo da PM,
2. Um medo razoável da PM,
3. Pouco medo da PM, ou
4. Não tem medo da PM?
7. NR
8. NA
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

C9. (CR. p.41) Você acha que em **(CITAR CIDADE DO ENTREVISTADO)** existe um número grande de policiais militares corruptos (desonestos), um número razoável, um número pequeno, ou não existem policiais militares corruptos (desonestos)?

1. Um número grande de policiais militares corruptos
2. Um número razoável de policiais militares corruptos
3. Um número pequeno de policiais militares corruptos
4. Não existem policiais militares corruptos
7. NR
8. NA
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

C10. (CR. p.42) Você acha que, em **(CITAR CIDADE DO ENTREVISTADO)**, o modo como a **Polícia Militar** trata as **pessoas ricas** é muito melhor, é um pouco melhor, é do mesmo jeito, é um pouco pior ou é muito pior do que o modo como ela trata as **pessoas pobres**?

1. Muito melhor
2. Um pouco melhor
3. Do mesmo jeito
4. Um pouco pior
5. Muito pior
7. NR
8. NA
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

MÓDULO TRABALHO

T1. Vamos falar agora sobre suas atividades, ocupações e trabalho. Qual ou quais são as suas ocupações / trabalhos) (remuneradas / pagos)? Por favor, descreva as atividades que você normalmente faz esse(s) seu(s) trabalho(s):

(ANOTAR) a:

(ANOTAR) b.

(ANOTAR) c.

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

T2. Atualmente você é ...? (**LER OPÇÕES DE a A i**) (**MARCAR UMA OU MAIS**) (**PROBE:** Mais alguma?) (**MQQ**)

	Sim	Não	NR	NS
a. Empregado	1	2	7	9
b. Empregador (dez ou mais empregados)	1	2	7	9
c. Empregador (menos de dez empregados)	1	2	7	9
d. Trabalhador por conta própria (SE SIM, PERGUNTAR:)	1	2	7	9
d.1. de nível superior (profissional liberal)	1	2	7	9
d.2. de nível técnico (2º. grau ou curso de especialização)	1	2	7	9
d.3. especializado (bombeiro, eletricista)	1	2	7	9
d.4. sem especialização (camelô, etc)	1	2	7	9
e. Ajudante/ estagiário (remunerados)/bolsista	1	2	7	9
f. Estudante (SE EXCLUSIVAMENTE, VÁ PARA T12)	1	2	7	9
g. Dona de casa (SE EXCLUSIVAMENTE, VÁ PARA T12)	1	2	7	9
h. Aposentado/Pensionista (SE EXCLUSIVAMENTE, VÁ PARA T12)	1	2	7	9
i. Desempregado (VÁ PARA T12)	1	2	7	9
j. Outro. (ANOTAR) _____				

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

T3. Dentre as suas atividades (remunerada, paga) qual é a principal?
("O trabalho (remunerado, pago) que você considera como mais importante.")

(ANOTAR) _____

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

T4. (CR, p. 43) Qual é sua situação nesse trabalho? Você é ... **(LER OPÇÕES 1 A 8)**

1. Empregado (a) com carteira assinada
2. Empregado (a) sem carteira assinada
3. Funcionário (a) público (a) municipal, estadual, federal
4. Trabalhador (a) autônomo (a) ou por conta própria.
5. Empregador (a) (dez ou mais empregados)
6. Empregador (a) (menos de dez empregados)
7. Participante de cooperativas
8. Ajudante/ estagiário (remunerados)/ bolsista
9. Outros (ANOTAR) : _____

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

T5. (CR, p.44) Em que ramo de atividade você trabalha? (LER SOMENTE PARA AS PESSOAS QUE NÃO ESTÃO ACOMPANHANDO A ENTREVISTA NO CADERNO DE REPOSTAS)

(ANOTAR) _____

1. Mineração/ Agricultura/ Criação de animais
2. Indústria
3. Comércio
4. Serviços de Utilidade Pública (Copasa, Cemig, DNER, BHTRANS, etc.)
5. Construção Civil
6. Transporte e Comunicações
7. Hotelaria/ Restaurante
8. Bancos/ Instituições Financeiras/ Agências de Crédito/
9. Saúde
10. Educação
11. Administração Pública (funcionários públicos em geral)
12. Serviços Domésticos (trabalhadores domiciliares fixos)
13. Prestação de Serviços Diversos (manicure, encanador, diarista, mecânico, jardineiro, etc.) . Qual? _____
14. Outro (ANOTAR) _____

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

T6. Neste trabalho você exerce a função de: (LER OPÇÕES 1 E 2)

1. Diretor/ administrador/gerente, ou
2. Chefe de seção/ supervisor(a) ou?
3. Você não exerce nenhuma função de chefia ou supervisão? (VÁ PARA T8)

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

QUESTIONÁRIO A

T7. Neste trabalho você: **(LER UMA OPÇÃO POR VEZ)**

	Sim	Não	NR	NA	NS
a. Participa de decisões sobre investimentos?	1	2	7	8	9
b. Tem poder de demitir ou contratar pessoas?	1	2	7	8	9
c. Supervisiona tarefas?	1	2	7	8	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

T8. Quantas horas você cumpriu nesse trabalho, incluindo horas extras, na última semana trabalhada?

(ANOTAR) _____ Horas

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

T9. (PARA AS PESSOAS QUE SABEM LER) (AUTO-APLICADA) (ENTREGUE CARTÃO 7A) Para garantir que os entrevistados se sintam a vontade, gostaria que você respondesse a questão T9, anotando a resposta neste cartão e em seguida coloque no envelope.

T9. (PARA AS PESSOAS QUE NÃO SABEM LER) Quanto você recebeu (em rendimento bruto, sem descontos) por este trabalho no último mês?

(ANOTAR) _____ reais

77777. NR

88888. NA

99999. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

T10. Esse trabalho é realizado em quais municípios? (NÃO LER OPÇÕES) (MARCAR UMA OU MAIS):

	Sim	Não	NR	NA	NS
1. Belo Horizonte	1	2	7	8	9
2. Baldim	1	2	7	8	9
3. Betim	1	2	7	8	9
4. Brumadinho	1	2	7	8	9
5. Caete	1	2	7	8	9
6. Capim Branco	1	2	7	8	9
7. Confins	1	2	7	8	9
8. Contagem	1	2	7	8	9
9. Esmeraldas	1	2	7	8	9
10. Florestal	1	2	7	8	9
11. Ibirité	1	2	7	8	9
12. Itaguara	1	2	7	8	9
13. Igarapé	1	2	7	8	9
14. Jaboticatubas	1	2	7	8	9
15. Juatuba	1	2	7	8	9
16. Lagoa Santa	1	2	7	8	9
17. Matozinhos	1	2	7	8	9
18. Mário Campos	1	2	7	8	9
19. Mateus Leme	1	2	7	8	9
20. Nova Lima	1	2	7	8	9
21. Nova União	1	2	7	8	9
22. Pedro Leopoldo	1	2	7	8	9
23. Raposos	1	2	7	8	9
24. Ribeirão das Neves	1	2	7	8	9
25. Rio Acima	1	2	7	8	9
26. Rio Manso	1	2	7	8	9
27. Sabará	1	2	7	8	9
28. Santa Luzia	1	2	7	8	9
29. S. J. da Lapa	1	2	7	8	9
30. S. J. de Bicas	1	2	7	8	9
31. Sarzedo	1	2	7	8	9
32. Taquaraçu de Minas	1	2	7	8	9
33. Vespasiano	1	2	7	8	9
34.. Em outro município fora da Região Metropolitana de BH	1	2	7	8	9

1. R. Enun. 3. Sig. Enun.

T11. Quanto tempo você gasta para chegar a este trabalho? (ANOTAR)

a. _____ horas b. _____ minutos

c. Trabalha no próprio domicílio

7777. NSA 8888. NS 9999. NR

1. R. Enun. 3. Sig. Enun.

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
PERGUNTAR A TODOS**

T12. Qual foi sua(seu) (ocupação / trabalho) (remunerada(o) / paga(o)) anterior a essa (esse) atual?
(ANOTAR) _____

Por favor, descreva as atividades que você normalmente fazia nesse seu trabalho:

77. NR 88. NA 99. NS
1. R. Enun. 3. Sig. Enun.

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
SE NUNCA TRABALHOU OU SE A OCUPAÇÃO ANTERIOR
FOI A PRIMEIRA NA VIDA, VÁ PARA T14**

T13. E qual foi a **primeira** ocupação (trabalho) (remunerada(o) / paga(o)) na sua vida?
(ANOTAR) _____

Por favor, descreva as atividades que você normalmente fazia nesse seu trabalho:

77. NR 88. NA 99. NS
1. R. Enun. 3. Sig. Enun.

T14. Nos últimos 30 dias, você fez algum trabalho na sua casa para ganhar algum dinheiro?
**(NO CASO DO TRABALHO PRINCIPAL SER REALIZADO EM CASA, PERGUNTAR SE HÁ UM
SEGUNDO TRABALHO EM CASA)**

1. Sim
2. Não (**VÁ PARA T17a**)
7. NR 8. NA 9. NS

1. R. Enun. 3. Sig. Enun.

T15. Qual foi esse trabalho?

(ANOTAR) _____

77. NR 88. NA 99. NR
1. R. Enun. 3. Sig. Enun.

T16. Quanto você recebeu por este trabalho, ou vai receber?

(ANOTAR) _____ reais

77777. NR 88888. NA 99999. NS

1. R. Enun. 3. Sig. Enun.

Agora gostaria de falar sobre tarefas domésticas.

T17a. Das pessoas em sua casa, quais fazem ou participam das tarefas domésticas?
(NÃO LER OPÇÕES) (MARCAR UMA OU MAIS) (MQQ)

	Sim	Não	NR	NS
a. Você mesmo(a)	1	2	7	9
b. Seu esposo	1	2	7	9
c Sua esposa	1	2	7	9
d. Seu pai	1	2	7	9
e. Sua mãe	1	2	7	9
f. Seu(s) filho(s)	1	2	7	9
g. Sua(s) filha(s)	1	2	7	9
h. Empregada/ faxineira/ babá	1	2	7	9
i. Outro (ANOTAR) _____	1	2	7	9

1. R. Enun. 2. R. Op. 3. Sig. Enun. 4. Sig. Op.

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
SE MORA SOZINHO, VÁ PARA T19**

T17b. E dentre estas pessoas, qual é a **principal** responsável (quem mais faz as) pelas tarefas domésticas? (NÃO LER OPÇÕES) (MARCAR UMA OU MAIS)

	Sim	Não	NR	NS
a. Você mesmo(a)	1	2	7	9
b. Seu esposo	1	2	7	9
c Sua esposa	1	2	7	9
d. Seu pai	1	2	7	9
e. Sua mãe	1	2	7	9
f. Seu(s) filho(s)	1	2	7	9
g. Sua(s) filha(s)	1	2	7	9
h. Empregada/ faxineira/ babá	1	2	7	9
i. Outro (ANOTAR) _____	1	2	7	9

1. R. Enun. 2. R. Op. 3. Sig. Enun. 4. Sig. Op.

T18. (CR, p.45) Na sua opinião, a atual divisão de tarefas domésticas em sua casa é muito justa, razoavelmente justa, um pouco injusta, ou muito injusta?

1. Muito justa
2. Razoavelmente justa
3. Um pouco injusta
4. Muito injusta
7. NR 8. NA 9. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

T19. Além dos alimentos que você compra em supermercados, padarias ou mercearias, na sua casa você também consome alimentos provenientes de: **(LER OPÇÕES DE a A e)**

	Sim	Não	NR	NS
a. Cesta básica fornecida pelo empregador	1	2	7	9
b. Cesta básica doada por instituição ou outra pessoa	1	2	7	9
c. Horta ou galinheiro em casa	1	2	7	9
d. Sítio ou fazenda	1	2	7	9
e. Ou fora de estabelecimento comercial (comprados de vizinhos ou outros)	1	2	7	9
h. Outro (ANOTAR) _____				

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

Agora eu gostaria de falar sobre outras fontes de rendimentos que você possa ter.

T20. Nos últimos 30 dias, você recebeu rendimentos provenientes de: **(LER OPÇÕES a A f)**

	Sim	Não	NR	NS
a. Aluguel?	1	2	7	9
b. Mesada?	1	2	7	9
c. Pensão?	1	2	7	9
d. Aposentadoria?	1	2	7	9
e. Investimentos financeiros (poupança, fundos de investimentos, etc.)?	1	2	7	9
f. Gratificações (produtividade, biênios/ quinquênios, etc.)?	1	2	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

**ATENÇÃO ENTREVISTADOR:
SE NENHUM RENDIMENTO, VÁ PARA T22**

T21. Somando todos esses **rendimentos (MENCIONAR OS ITENS CITADOS NA RESPOSTA ANTERIOR)**, quanto você ganhou, aproximadamente, nos últimos 30 dias?

(ANOTAR) _____ reais

777777. NR 888888. NA 999999. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

T22. Nos últimos 30 dias, você recebeu pagamentos em benefícios tais como: **(MQQ)**

	Sim	Não	NR	NS
a. Moradia	1	2	7	9
b. Alimentação	1	2	7	9
c. Educação	1	2	7	9
d. Vestuário	1	2	7	9
e. Assistência à saúde	1	2	7	9
f. Transporte	1	2	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.	5. MQQ
-------------	-----------	---------------	-------------	--------

T23. (CR. p.46) Qual é aproximadamente, a renda total mensal de todas as pessoas que moram neste domicílio somando todas as fontes como aposentadoria, salários, bicos, etc?

(PARA AS PESSOAS QUE SABEM LER, MOSTRAR O CADERNO DE RESPOSTA E NÃO LER OPÇÕES) (PARA ANALFABETOS, LER AS OPÇÕES)

1. Até 1 salário mínimo (SM) (até R\$ 200,00)
2. Mais de 1 SM a 2 SM (de R\$ 200,01 a R\$ 400,00)
3. Mais de 2 SM a 3 SM (de R\$ 400,01 a R\$ 600,00)
4. Mais de 3 SM a 4 SM (de R\$ 600,01 a R\$ 800,00)
5. Mais de 4 SM a 5 SM (de R\$ 800,01 a R\$ 1.000,00)
6. Mais de 5 SM a 7 SM (de R\$ 1.000,01 a R\$ 1.400,00)
7. Mais de 7 SM a 10 SM (de R\$ 1.400,01 a R\$ 2.000,00)
8. Mais de 10 SM a 20 SM (de R\$ 2.000,01 a R\$ 4.000,00)
9. Acima de 20 SM (acima de R\$ 4.000,01)
77. NR
99. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

T24. Você procurou algum trabalho (remunerado, pago) nos últimos 30 dias?

- 1. Sim
- 2. Não (VÁ PARA E1)
- 7. NR
- 8. NA
- 9. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

T25. O que você fez para tentar conseguir este trabalho (remunerado, pago)?

	Sim	Não	NR	NA	NS
a. Consultou parente, amigo ou colega?	1	2	7	8	9
b. Consultou agência de emprego (SINE, AGIT, NOT, etc.)	1	2	7	8	9
c. Colocou ou respondeu anúncios de jornais?	1	2	7	8	9
d. Procurou vaga em empresas/ estabelecimentos?	1	2	7	8	9
e. Enviou currículo para empresas?	1	2	7	8	9
f. Inscreveu-se ou fez concurso?	1	2	7	8	9
g. Tomou medida para iniciar negócio?	1	2	7	8	9
h. Outra: (ANOTAR) _____					

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

MÓDULO ESTRATIFICAÇÃO - CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

E1. SEXO DO ENTREVISTADO (NÃO PERGUNTAR)

1. Homem
2. Mulher

E2. Qual é a sua idade?

(ANOTAR) _____ ANOS
99. NR

E3. Isso quer dizer que você nasceu em que ano?

(ANOTAR) ANO 19 _____
88. NS 99. NR

E4. (C. R. p.47) Você é... (LER OPÇÕES 1 A 7)

1. Solteiro(a),
 2. Casado(a) no civil e no religioso,
 3. Casado(a) só no civil,
 4. Casado(a) só no religioso,
 5. A união é consensual (vive junto sem ser casado(a)),
 6. Desquitado(a)/ divorciado(a)/separado(a) judicialmente,
 7. Viúvo(a)?
77. NR

2. R. Op.	4. Sig. Op.
-----------	-------------

E5. Você tem filhos?

1. Sim: Quantos?(ANOTAR) _____
2. Não
7. NR

Também é muito importante para nosso estudo saber sobre a escolaridade dos habitantes da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

E6. Em primeiro lugar, gostaria de saber se atualmente você frequenta escola como aluno? (MQQ)

1. Sim
2. Não (VÁ PARA E10)
7. NR

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E7. Qual é o curso que você frequenta? (NÃO LER OPÇÕES) (MQQ)

1. Regular de 1º Grau
 2. Regular de 2º Grau
 3. Supletivo de 1º Grau
 4. Supletivo de 2º Grau
 5. Técnico
 6. Universidade/Superior
 7. Alfabetização de adultos
 8. Pré-vestibular
 9. Especialização
 10. Pós-graduação mestrado ou doutorado
77. NR 88. NA 99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E8. Qual é a(o) (série/ano/período) que você frequenta? (NÃO LER OPÇÕES)

1. 1ª série/ano/período
 2. 2ª série/ano/período
 3. 3ª série/ano/período
 4. 4ª série/ano/período
 5. 5ª série/ano/período
 6. 6ª série/ano/período
 7. 7ª série/ano/período
 8. 8ª série/ano/período
 9. O curso não é organizado em séries: (ANOTAR): _____
77. NR 88. NA 99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E9. Quantos anos você tinha quando entrou na escola (1ª série do regular de 1º grau)?

(ANOTAR): _____ ANOS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

77. NR

99. NS

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

PARA QUEM FREQUENTA ESCOLA ATUALMENTE, VÁ PARA E18

E10. Anteriormente, você frequentou escola?

1. Sim
2. Não (**VÁ PARA E18**)
7. NR

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E11. Quantos anos você tinha quando entrou na escola (1ª série do regular de 1º grau)?

(ANOTAR): _____ ANOS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

77. NR

99. NS

E12. Qual foi o grau mais alto que você frequentou? (**NÃO LER OPÇÕES**)

1. Regular de 1º grau
2. Regular de 2º grau
3. Supletivo de 1º grau
4. Supletivo de 2º grau
5. Técnico
6. Universidade/Superior
7. Alfabetização de adultos
8. Pré-vestibular
9. Especialização
10. Pós-graduação mestrado ou doutorado

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E13. Você completou este grau?

66. Sim

(SE NÃO COMPLETOU O GRAU, PERGUNTAR):

Qual foi a última (série, ano, período) que completou neste grau?

1. 1ª série/ano/período
2. 2ª série/ano/período
3. 3ª série/ano/período
4. 4ª série/ano/período
5. 5ª série/ano/período
6. 6ª série/ano/período
7. 7ª série/ano/período
8. 8ª série/ano/período
9. O curso não é organizado em séries

(ANOTAR):

77. NR

88. NA

99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E14. Com que idade você completou esta série/ano/período/grau?

(ANOTAR) _____ ANOS

77. NR

99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

ATENÇÃO ENTREVISTADOR:

PARA QUEM CONCLUIU PÓS-GRADUAÇÃO, VÁ PARA E18

E15. Você gostaria de ter continuado na escola após ter concluído esta(e) (série/período/ano)?

1. Sim
2. Não (**VÁ PARA E17**)
7. NR

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E16. Até qual (série/período/ano) você gostaria de ter concluído?

(ANOTAR) _____

77. NR
99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E17. Qual foi o **principal** motivo para você não ter continuado na escola? (**NÃO LER OPÇÕES**)

(ANOTAR) _____

1. Cheguei até o nível (período) escolar que queria
2. Não tinha escola perto da minha casa
3. Me casei
4. Tive filhos
5. Minha família estava sem condições financeiras
6. Eu queria ou precisava trabalhar e a escola dificultava
7. Eu queria começar a procurar trabalho
8. Tinha que ajudar minha família nos afazeres domésticos
9. Os professores não eram bons
10. Tinha muita violência na minha escola
11. Eu não tinha mais interesse na escola
12. Meus pais não deixaram que eu continuasse
13. Fiquei doente
14. Outra:(ANOTAR) _____

77. NR 88. NA 99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

Gostaria agora de falar um pouco sobre seus pais

E18. Até que série seu pai cursou a escola? (**NÃO LER OPÇÕES**)

1. Nunca frequentou a escola
2. Primeiro grau, de 1^a. à 4^a. série incompleto
3. Primeiro grau, de 1^a. à 4^a. série completo
4. Primeiro grau, de 5^a. à 8^a. série incompleto
5. Primeiro grau, de 5^a. à 8^a. série completo
6. Segundo grau (1^o. ao 3^o. ano) incompleto
7. Segundo grau (1^o. ao 3^o. ano) completo
8. Superior (universitário) incompleto
9. Superior (universitário) completo

77. NR 99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E19. Qual era a(o) **principal** (ocupação / trabalho) (remunerada / paga) do seu pai quando você tinha 15 anos, ou ele não trabalhava? Por favor, descreva as atividades que ele fazia nesse trabalho:

-
-
- 68. Aposentado/Pensionista (**VÁ PARA E21**)
 - 69. Desempregado (**VÁ PARA E21**)
 - 77. NR
 - 88. NA (AOS 15 ANOS O PAI JÁ HAVIA FALECIDO) (**VÁ PARA E21**)
 - 99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E20. Nesta ocupação **principal** ele era: (**LER OPÇÕES 1 A 3**)

- 1. Empregado,
- 2. Trabalhava por conta própria, ou
- 3. Empregador?
- 7. NR
- 8. NA
- 9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

E21. Até que série sua mãe cursou a escola? (**NÃO LER OPÇÕES**)

- 1. Nunca freqüentou a escola
- 2. Primeiro grau, de 1^a. à 4^a. série incompleto
- 3. Primeiro grau, de 1^a. à 4^a. série completo
- 4. Primeiro grau, de 5^a. à 8^a. série incompleto
- 5. Primeiro grau, de 5^a. à 8^a. série completo
- 6. Segundo grau (1^o. ao 3^o. ano) incompleto
- 7. Segundo grau (1^o. ao 3^o. ano) completo
- 8. Superior (universitário) incompleto
- 9. Superior (universitário) completo
- 77. NR
- 99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E22. Qual era a(o) (ocupação / trabalho) (remunerada / paga) **principal** da sua mãe quando você tinha 15 anos, ou ela não trabalhava? Por favor, descreva as atividades que ela fazia nesse trabalho:
(**NÃO LER OPÇÕES**)

-
-
- 67. Dona de Casa (SE EXCLUSIVAMENTE) (**VÁ PARA E24**)
 - 68. Aposentada/Pensionista (**VÁ PARA E24**)
 - 69. Desempregada (**VÁ PARA E24**)
 - 77. NR (**VÁ PARA E24**)
 - 88. NA (AOS 15 ANOS A MÃE JÁ HAVIA FALECIDO) (**VÁ PARA E24**)
 - 99. NS

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E23. Nesta ocupação **principal** ela era: **(LER OPÇÕES 1 A 3)**

1. Empregada,
2. Trabalhava por conta própria, ou
3. Empregadora?
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

As próximas questões são sobre sua/seu (casa / apartamento) e visam conhecer melhor as condições de moradia dos habitantes da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

E24. Qual é o total de cômodos em sua casa (inclusive cozinha e banheiros)?

(ANOTAR) _____

77. NR

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E25. Quantos banheiros existem em sua casa?

(ANOTAR) _____

77. NR

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E26. Qual é o tipo de piso predominante em sua casa?
(NÃO LER OPÇÕES) (MARCAR UMA OU MAIS)

	Sim	Não	NR
1. Chão batido	1	2	7
2. Cimento	1	2	7
3. Carpete	1	2	7
4. Cerâmica	1	2	7
5. Lajota	1	2	7
6. Ardósia	1	2	7
7. Granito	1	2	7
8. Taco	1	2	7
9. Tábua corrida	1	2	7
10. Outro (ANOTAR): _____	1	2	7

1. R. Enun.	3. Sig. Enun.
-------------	---------------

E27. Este domicílio é... **(LER OPÇÕES 1 A 5)**

1. Alugado, **(VÁ PARA E28)**
2. Próprio, ainda não quitado, **(VÁ PARA E28)**
3. Próprio já pago, **(VÁ PARA E29)**
4. Cedido, ou **(VÁ PARA E29)**
5. Outra situação? (ANOTAR): _____ **(VÁ PARA E29)**
7. NR
9. NS

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

E28. Qual é o valor do/da (aluguel / prestação) que você paga mensalmente?
(ANOTAR): _____ reais

7777. NR	8888. NA	9999. NS
1. R. Enun.	3. Sig. Enun.	

E29. (C.R, p. 48) Como você joga fora o lixo da sua casa? Você ..
(LER OPÇÕES) (MARCAR UMA OU MAIS)

	Sim	Não	NR	NS
a. Queima-o?	1	2	7	9
b. Coloca na caçamba (ou lugar designado para lixo)?	1	2	7	9
c. Coloca o lixo reciclável (latas, garrafas, jornais, etc) em lixeiras de coleta seletiva?	1	2	7	9
d. Tem coleta doméstica (caminhão do lixo pega na porta de casa) ou	1	2	7	9
e. Não tem nenhum tipo de coleta na porta de casa ou lugar estabelecido pela Prefeitura para depositar o lixo (ESPECIFICAR: Como você joga o lixo fora?) _____	1	2	7	9

1. R. Enun.	2. R. Op.	3. Sig. Enun.	4. Sig. Op.
-------------	-----------	---------------	-------------

E30. Agora vou ler uma lista de bens e gostaria de saber quais (você, as pessoas que moram neste domicílio) (possui, possuem) e a quantidade de cada um deles...

	Quantos?						NS	NR
a. Automóvel	0	1	2	3	4	5 ou +	NS	NR
b. Microcomputador	0	1	2	3	4	5 ou +	NS	NR
c. Telefone fixo	0	1	2	3	4	5 ou +	NS	NR
d. Telefone celular	0	1	2	3	4	5 ou +	NS	NR
e. Geladeira	0	1	2	3	4	5 ou +	NS	NR
f. Máquina de lavar	0	1	2	3	4	5 ou +	NS	NR
g. Tanquinho	0	1	2	3	4	5 ou +	NS	NR
h. TV a cores	0	1	2	3	4	5 ou +	NS	NR

1. R. Enun. 3. Sig. Enun.

HORA EXATA DO TÉRMINO: _____ HORAS _____ MINUTOS

TEMPO DE DURAÇÃO DA ENTREVISTA: _____ **HORA** _____ **MINUTOS**

OBRIGADO(A) PELO TEMPO E COOPERAÇÃO EM NOS RESPONDER!

E31. ENTREVISTADOR:

CODIFICAÇÃO SOBRE O USO DO CADERNO DE RESPOSTA:

1. O RESPONDENTE LEU E ACOMPANHOU A ENTREVISTA ATRAVÉS DO CADERNO DE RESPOSTA
2. O ENTREVISTADOR TEVE QUE LER AS RESPOSTAS PARA O RESPONDENTE DURANTE A ENTREVISTA

FINAL DA ENTREVISTA – OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR SOBRE O DOMICÍLIO

E32. Este domicílio é do tipo...

1. Casa
2. Apartamento
3. Quarto/cômodo
4. Barraco
5. Outro tipo: (ANOTAR) _____

E34. Qual o estado de conservação do domicílio (em relação às paredes, piso, telhado, etc):

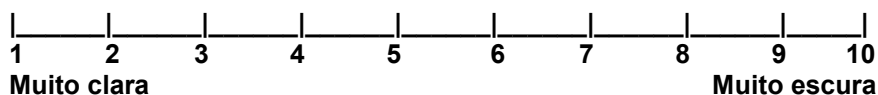
1. Excelente
2. Bom
3. Regular
4. Ruim
5. Péssimo

E35. A área onde se localiza o domicílio é: (MARCAR UMA OU MAIS)

1. Ruas asfaltadas
2. Ruas de paralelepípedos
3. Ruas de terra
4. Não há ruas abertas, só caminhos de terra
5. Becos
6. Existem lotes vagos cercados
7. Existem lotes vagos com matagal e não cercados
8. Outro (ANOTAR) _____

OBSERVAÇÕES DO(A) ENTREVISTADOR(A) (ANOTADAS LOGO APÓS A ENTREVISTA)

RC15. Como você classificaria a cor da pele do entrevistado(a)?



RC16. Usando agora as opções nesta lista, como você classificaria o entrevistado(a)?

01. Branco (a)
02. Preto (a)
03. Pardo (a)
04. Amarelo (a)
05. Indígena

AE4. Houve interrupções no decorrer da entrevista?

1. Não houve interrupções
(SE SIM, CLASSIFIQUE):
2. Telefonemas
3. Visitas
4. Campanha/interfone para motivos diversos
5. Moradores da própria casa
6. Cansaço
7. Compromisso com horários
8. Outro (ANOTAR): _____

AE5. Outros comentários sobre as atitudes dos entrevistados em relação à entrevista:

AE6. Durante a entrevista, havia presença de outras pessoas?

1. Não havia presença de outras pessoas
(SE SIM, QUEM?)
2. Sim, marido da entrevistada
3. Sim, mulher do entrevistado
4. Sim, pai ou mãe do entrevistado
5. Sim, filhos do entrevistado
6. Sim, outros (ANOTAR): _____

AE7. Onde foi realizada a entrevista?

1. Na residência do entrevistado, dentro de casa
2. Na residência do entrevistado, parte externa da casa/em frente à casa/na varanda/na calçada
3. No trabalho
4. Outro: (ANOTAR): _____

AE8. Comentários sobre a situação sócio-econômica do entrevistado, da sua família e vizinhança/bairro:

APÊNDICE A

**Análise de componentes principais - Comportamento consumidor
pró-ambiental- GOES Minas/2001**

Correlation Matrix

	e1a2C onse ta Coisas Consumidor - Con se ta co is as	e1b2Des liga Luzes Consumidor - Des liga as lu zes	e1c2 Eletrodome sticos Consumidor - Es co l he e le t ro do me sticos que gas tam me nos en e r g ia	e1d2A l i me n to s O r g a n c i o s Consumidor - Es co l he a l i me n to s o r g a n i c o s	e1e2R e c i c l a g e m Consu midor - S e p a a m a t e r i a l p a r a r e c i c l a g e m	e1f2P ro d u to s C o r e to s Consumidor - Es co l he p ro d u to s m e l h o r p a r a o m e i o a m b i e n t e	e1g2P ro d u to s R e c i c l a v e i s Consumidor - Es co l he p ro d u to f e i to s d e m a t e r i a l r e c i c l a d o	e2a2 E m b a l a g e n s R e c i c l a v e i s Consumidor - C o m p r a p ro d u to s e m e m b a l a g e n s r e c i c l a v e i s	e2b2E v i t a o p a r e P l a s t i c o Consumidor - C o m p r a p ro d u to s e m e m b a l a g e n s q u e n a o i s o p o r o u p l a s t i c o	e2c2O v o s e C a m e s O r g a n i c a s Consumidor - C o m p r a o v o s o u c a m e s o r g a n i c o s	e2d2L a m p a d a s E c o n o m i c a s Consumidor - C o m p r a L a m p a d a s q u e g a s t a m m e n o s e n e r g i a	e2e2A g u a e n g a r a f a d a Consumidor - C o m p r a a g u a m i n e r a l o u p u n f i c a d a e n g a r a f a d a	e2f2P ro d u to s C o r e to s C a r o s Consumidor - Es co l he p ro d u to q u e n a o a g e d e o m e i o a m b i e n t e m e s m o q u e m a i s c a r o
Correlation	1,000	,109	,208	,049	,058	,082	,214	,123	,044	,176	,240	,120	,085
	,109	1,000	,185	,069	,205	-,051	,093	,032	-,030	,112	,179	,128	,044
	,208	,185	1,000	,246	,176	,321	,251	,167	-,098	,216	,344	,017	,171
	,049	,069	,246	1,000	,198	,383	,246	,188	,126	,211	,066	,184	,249
	,058	,205	,176	,198	1,000	,298	,442	,291	,091	,120	,228	,264	,273
	,082	-,051	,321	,383	,298	1,000	,405	,231	,095	,183	,148	,236	,377
	,214	,093	,251	,246	,442	,405	1,000	,492	,157	,232	,282	,225	,283
	,123	,032	,167	,188	,291	,231	,492	1,000	,206	,118	,199	,172	,234
	,044	-,030	-,098	,126	,091	,095	,157	,206	1,000	,186	,013	,125	,116
	,176	,112	,216	,211	,120	,183	,232	,118	,186	1,000	,185	,059	,259
	,240	,179	,344	,066	,228	,148	,282	,199	,013	,185	1,000	,153	,141
	,120	,128	,017	,184	,264	,236	,225	,172	,125	,059	,153	1,000	,274
	,085	,044	,171	,249	,273	,377	,283	,234	,116	,259	,141	,274	1,000
Sig. (1-tailed)	,002	,002	,000	,097	,061	,015	,000	,001	,121	,000	,000	,001	,012
	,002	,000	,034	,000	,000	,088	,007	,194	,214	,001	,000	,000	,120
	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,005	,000	,000	,329	,000
	,097	,034	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,039	,000	,000
	,061	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,008	,001	,000	,000	,000
	,015	,088	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,006	,000	,000	,000	,000
	,000	,007	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	,001	,194	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000
	,121	,214	,005	,000	,008	,006	,000	,000	,000	,000	,364	,000	,001
	,000	,001	,000	,000	,001	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,058	,000
	,000	,000	,000	,039	,000	,000	,000	,000	,364	,000	,000	,000	,000
	,001	,000	,329	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,058	,000	,000	,000
	,012	,120	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		
		,775
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	1492,780
	df	78
	Sig.	,000

Communalities

	Initial	Extraction
e1a2ConsertaCoisas Consumidor - Conserta coisas	1,000	,486
e1b2DesligaLuzes Consumidor - Desliga as luzes	1,000	,725
e1c2Eletrodomésticos Consumidor - Escolhe eletrodomésticos que gastam menos energia	1,000	,691
e1d2AlimentosOrgânicos Consumidor - Escolhe alimentos orgânicos	1,000	,545
e1e2Reciclagem Consumidor - Separa material para reciclagem	1,000	,578
e1f2ProdutosCorretos Consumidor - Escolhe produtos melhor para o meio ambiente	1,000	,663
e1g2ProdutosRecicláveis Consumidor - Escolhe produtos feitos de material reciclado	1,000	,670
e2a2EmbalagensRecicláveis Consumidor - Compra produtos em embalagens recicláveis	1,000	,639
e2b2EvitaSoparePlástico Consumidor - Compra produtos em embalagens que não isopor ou plástico	1,000	,711
e2c2OvosCarnesOrgânicos Consumidor - Compra ovos ou carnes orgânicos	1,000	,663
e2d2LâmpadasEconômicas Consumidor - Compra Lâmpadas que gastam menos energia	1,000	,529
e2e2Águaengarrafada Consumidor - Compra água mineral ou purificada engarrafada	1,000	,548
e2f2ProdutosCorretosCaros Consumidor - Escolhe produto que não agride o meio ambiente mesmo que mais caro	1,000	,463

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	3,321	25,547	25,547	3,321	25,547	25,547	1,982	15,245	15,245
2	1,379	10,605	36,152	1,379	10,605	36,152	1,838	14,136	29,382
3	1,128	8,677	44,829	1,128	8,677	44,829	1,634	12,566	41,948
4	1,080	8,305	53,133	1,080	8,305	53,133	1,271	9,779	51,727
5	1,003	7,715	60,848	1,003	7,715	60,848	1,186	9,121	60,848
6	,895	6,887	67,735						
7	,784	6,029	73,764						
8	,715	5,501	79,265						
9	,646	4,969	84,235						
10	,609	4,682	88,917						
11	,551	4,237	93,153						
12	,489	3,761	96,914						
13	,401	3,086	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Component Matrix^a

	Component				
	1	2	3	4	5
e1a2ConsertaCoisas Consumidor - Conserta coisas	,334	,417	,177	,403	-,080
e1b2DesligaLuzes Consumidor - Desliga as luzes	,238	,499	,304	-,231	,523
e1c2Eletrodomésticos Consumidor - Escolhe eletrodomésticos que gastam menos energia	,504	,493	-,423	-,006	-,122
e1d2AlimentosOrgânicos Consumidor - Escolhe alimentos orgânicos	,512	-,211	-,423	-,018	,245
e1e2Reciclagem Consumidor - Separa material para reciclagem	,601	-,051	,242	-,395	-,015
e1f2ProdutosCorretos Consumidor - Escolhe produtos melhor para o meio ambiente	,636	-,239	-,421	-,129	-,088
e1g2ProdutosRecicláveis Consumidor - Escolhe produto feitos de material reciclado	,728	-,069	,162	-,025	-,329
e2a2EmbalagensRecicláveis Consumidor - Compra produtos em embalagens recicláveis	,569	-,184	,285	,040	-,446
e2b2EvitaIsoparePlástico Consumidor - Compra produtos em embalagens que não isopor ou plástico	,250	-,465	,362	,527	,155
e2c2OvoeCarnesOrgânicas Consumidor - Compra ovos ou carnes orgânicos	,447	,093	-,156	,563	,336
e2d2LâmpadasEconômicas Consumidor - Compra Lâmpadas que gastam menos energia	,480	,498	,152	,046	-,156
e2e2Águaengarrafada Consumidor - Compra água mineral ou purificada engarrafada	,444	-,200	,314	-,300	,350
e2f2ProdutosCorretosCaros Consumidor - Escolhe produto que não agride o meio ambiente mesmo que mais caro	,573	-,241	-,161	-,045	,222

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 5 components extracted.

Rotated Component Matrix^a

	Component				
	1	2	3	4	5
e1a2ConsertaCoisas Consumidor - Conserta coisas	-,070	,136	,664	,022	,147
e1b2DesligaLuzes Consumidor - Desliga as luzes	-,051	-,145	,333	,761	-,104
e1c2Eletrodomésticos Consumidor - Escolhe eletrodomésticos que gastam menos energia	,417	,103	,578	-,032	-,414
e1d2AlimentosOrgânicos Consumidor - Escolhe alimentos orgânicos	,732	,031	,030	,075	,047
e1e2Reciclagem Consumidor - Separa material para reciclagem	,233	,548	,012	,465	-,081
e1f2ProdutosCorretos Consumidor - Escolhe produtos melhor para o meio ambiente	,726	,349	,019	-,053	-,099
e1g2ProdutosRecicláveis Consumidor - Escolhe produto feitos de material reciclado	,272	,721	,255	,082	,067
e2a2EmbalagensRecicláveis Consumidor - Compra produtos em embalagens recicláveis	,090	,762	,142	-,035	,169
e2b2EvitaIsoporePlástico Consumidor - Compra produtos em embalagens que não isopor ou plástico	,076	,176	,021	,007	,821
e2c2OvoeCarnesOrgânicas Consumidor - Compra ovos ou carnes orgânicos	,431	-,155	,527	,025	,420
e2d2LâmpadasEconômicas Consumidor - Compra Lâmpadas que gastam menos energia	,003	,319	,605	,191	-,155
e2e2Águaengarrafada Consumidor - Compra água mineral ou purificada engarrafada	,231	,262	-,133	,613	,181
e2f2ProdutosCorretosCaros Consumidor - Escolhe produto que não agreda o meio ambiente mesmo que mais caro	,598	,194	,022	,211	,153

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 8 iterations.

Component Transformation Matrix

Component	1	2	3	4	5
1	,620	,585	,415	,299	,108
2	-,296	-,224	,750	,195	-,512
3	-,671	,381	,009	,480	,417
4	-,032	-,212	,513	-,476	,681
5	,279	-,646	-,047	,644	,297

Extraction Method: Principal Component Analysis.
 Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	708,00	100,0
	Excluded ^a	,00	,0
	Total	708,00	100,0

Weighted by the variable pfinal

^a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,744	13

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
e1a2	17,8819	48,317	,245	,741
e1b2	16,8102	50,674	,178	,745
e1c2	17,4318	45,474	,368	,728
e1d2	17,8061	44,820	,377	,727
e1e2	18,3508	44,231	,445	,719
e1f2	17,8504	44,013	,481	,715
e1g2	18,5457	43,620	,582	,705
e2a2	18,0533	45,126	,418	,722
e2b2	18,3879	49,245	,172	,749
e2c2	18,3430	46,227	,342	,731
e2d2	17,4986	45,620	,358	,730
e2e2	18,4763	46,168	,324	,734
e2f2	18,1119	44,689	,434	,720

APÊNDICE B
Análise de componentes principais - Situação de
infra-estrutura e ausência de serviços urbanos - GOES Minas/2001

Correlation Matrix

		j01ac05ef somatório j01 a e c j05 e e f	j05aad j05a a d somatório
Correlation	j01ac05ef somatório j01 a e c j05 e e f	1,000	,081
	j05aad j05a a d somatório	,081	1,000

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,500
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	4,681
	df	1
	Sig.	,030

Communalities

	Initial	Extraction
j01ac05ef somatório j01 a e c j05 e e f	1,000	,541
j05aad j05a a d somatório	1,000	,541

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	1,081	54,066	54,066	1,081	54,066	54,066
2	,919	45,934	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Component Matrix ^a

	Component
	1
infra-estrutura	,735
conservação	,735

Extraction Method: Principal Component Analysis.

^a. 1 components extracted.

Rotated Component Matrix ^a

Dummy category

^a. Only one component was extracted. The solution cannot be rotated.

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	708,00	100,0
	Excluded ^a	,00	,0
Total		708,00	100,0

Weighted by the variable pfinal

^a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,150	2

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
j01ac05ef somatório j01 a e c j05 e e f	,6705	,928	,081	^a
j05aad j05a a d somatório	1,3468	1,078	,081	^a

^a. The value is negative due to a negative average covariance among items. This violates reliability model assumptions. You may want to check item codings.

APÊNDICE C
Análise de componentes principais – Condições econômicas do domicílio –
GOES/2001

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.			,500
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square		373,385
	df		1
	Sig.		,000

Communalities

	Initial	Extraction
rendarec renda familiar recombina	1,000	,823
condom condições do domicílio (somaatório s22 e esgoto)	1,000	,823

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	1,647	82,346	82,346	1,647	82,346	82,346
2	,353	17,654	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Component Matrix ^a

	Component
	1
rendarec renda familiar recombina	,907
condom condições do domicílio (somaatório s22 e esgoto)	,907

Extraction Method: Principal Component Analysis.

^a. 1 components extracted.

Rotated Component Matrix ^a

Dummy category

^a. Only one component was extracted. The solution cannot be rotated.

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	691,20	97,6
	Excluded ^a	16,80	2,4
	Total	708,00	100,0

Weighted by the variable pfinal

^a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,568	2

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
condom condições do domicílio (somatório s22 e esgoto)	1,8753	1,110	,647	^a .
rendarec renda familiar recombinada	7,9554	9,486	,647	^a .

^a. The value is negative due to a negative average covariance among items. This violates reliability model assumptions. You may want to check item codings.